



CAU  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
ILATIT  
Instituto Latino-Americano de Tecnologia,  
Infraestrutura e Território

Av. Tancredo Neves, 6731  
Foz do Iguaçu | PR  
85867-970 | Itaipu Parquetec  
Bloco Barrageiros

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM

# ARQUITETURA E URBANISMO

grau bacharelado

Foz do Iguaçu, 2025.

*Projeto Pedagógico do Curso aprovado pela Resolução COSUEN nº 28, de 10 de setembro de 2014 e alterado pela Resolução nº 2/2025/Cosuen, de 07 de março de 2025, com publicação no Boletim de Serviço nº 42, de 07 de Março de 2025.*

## REVISÃO PPC 2025 CRÉDITOS

### Gestão

Diana Araújo **Reitora**

Rodne Lima **Vice-Reitor**

Antonio Felisberto Jr. **Pró-Reitor de Graduação**

Ana Rita Uhle **Pró-Reitora Adjunta de Graduação**

Andréia Moassab **Pró-Reitora de Extensão**

Rogério Moreira **Pró-Reitor Adjunto de Extensão**

Laura Fortes **Pró-Reitora de Pesquisa**

Katia Punhagui **Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa**

Leonardo Arrieche **Diretor ILATIT**

Andréia Furtado **Vice-Diretora ILATIT**

Juliana Rammé **Coordenadora CITAD**

Sérgio Teixeira **Vice-coordenador CITAD**

Juliana Pires Frigo **Coordenadora CAU**

### Núcleo Docente Estruturante CAU UNILA<sup>1</sup>

Juliana Ramme - presidenta

Celina Felício Veríssimo – vice-presidenta

Gabriel Rodrigues da Cunha

Andréia da Silva Moassab

Juliana Pires Frigo

### Colegiado CAU UNILA<sup>2</sup>

Juliana Pires Frigo – Presidenta

#### Representação Docente

Andréia Moassab

Cecilia Machado Angileli

Celina Felício Veríssimo

Egon Vettorazzi

Gabriel Rodrigues da Cunha

Hel Graf

Juliana Rammé

Karine Queiroz

Patricia Zandonade

Selma Passos Cardoso

Tiago Bastos

### Representação Discente titulares

#### Representação discente

Julia Costa Cardim

Laura Fernanda Machado

Alexandro Domaradzki Sidor

Tamara Diaz Parada

Hong Shin

Maria Eduarda Vilela da Silva

Gabriel Henrique da Silva Leandro

#### Representação TAE

Rafael Medeiros de Lemos

### Colaboração Docentes do CAU-UNILA

Andréia Moassab

Cecilia Angileli

Celina Verissimo

Egon Vettorazzi

Gabriel Cunha

Hel Graf

Juliana Frigo

Juliana Rammé

Karine Queiroz

Leonardo Thomazini

Lúcio Flávio Gross Freitas

Marcos Vitorino

Patrícia Zandonade

Selma Passos Cardoso

Vanessa Machado

### Elaboração de Texto

Andréia Moassab

Gabriel Cunha

Juliana Rammé

<sup>1</sup> Portaria ILATIT/ILATIT nº 12/2024, com publicação no Boletim de Serviço nº 133, de 31 de julho de 2024.

<sup>2</sup> Portaria nº 9 /2022/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 86, de 13 de Maio de 2022, retificada no Boletim de Serviço nº 93, de 24 de Maio de 2022 e suas respectivas alterações: Portaria nº 14/2023/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 92, de 24 de Maio de 2023; Portaria nº 25/2023/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 159, de 01 de Setembro de 2023; Portaria nº 33/2023/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 220, de 08 de Dezembro de 2023; Portaria nº 6/2024/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 36, de 23 de Fevereiro de 2024; Portaria nº 16/2024/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 111, de 28 de Junho de 2024; e Portaria nº 24/2024/ILATIT, com publicação no Boletim de Serviço nº 148, de 21 de Agosto de 2024

## **ELABORAÇÃO 1º PPC 2013/2014**

### **CRÉDITOS**

#### **Gestão**

Josué Subrinho **Reitor**  
Nielsen Pires **Vice-Reitor**  
Marcos Xavier **Pró-Reitora de Graduação**  
Ângela Souza **Pró-Reitora de Extensão**  
Jayme Benvenuto **Pró-Reitor de Pesquisa**  
Eduardo Reimbrecht **Diretor ILATTI**  
Renata Machado **Coordenadora CITAD**  
Andréia Moassab **Coordenadora CAU**

#### **Comissão de Estruturação**

Andréia Moassab UNILA  
Hélio Lima UFPB  
Manoel Lemes PUCCAMP  
Paulo Chiesa UFPR  
Renata Machado UNILA

#### **Coordenação Geral**

Andréia Moassab UNILA

#### **Consultores**

Adriana Nascimento UFSJ  
Ana Paula do Val USP  
Bráulio Romeiro UFG

#### **Colaboração**

Clarissa Moreira UFF  
Eloísa Araújo UFF  
Ferenc Kiss UNILA  
Francieli Rebelatto UNILA  
Gabriel Girnos UFRRJ  
Hernan Venegas UNILA  
Johnny Octavio Obando UNILA  
Leonardo Name UNILA  
Manuel Jarufe UFES  
Noé Flores UNILA  
Rodrigo Bonciani UNILA  
Solange Leder UFPB

#### **Elaboração de Texto**

Andréia Moassab UNILA

#### **Revisão de Texto**

Renata Machado UNILA

#### **Elaboração da Matriz Curricular**

Andréia Moassab UNILA  
Hélio Lima UFPB  
Renata Machado UNILA

#### **Matriz Curricular Inicial do Primeiro Ano**

Paulo Chiesa UFPR

#### **Ementa Inicial na página da UNILA**

Maria Adélia Souza

#### **Planejamento de Infraestrutura e Laboratórios**

Andréia Moassab UNILA  
Bráulio Romeiro UFG  
Hélio Lima UFPB  
Manuel Jarufe UFES  
Paulo Chiesa UFPR

#### **Planilhas, Banco de Dados e Mapas**

Andréia Moassab UNILA  
Angélica Santamaría UNILA  
Fernando Kawaji UNILA  
Lucca Grzeczeczen UNILA  
Nicolas Pereyra UNILA  
Renata Machado UNILA

#### **Coordenação da Pesquisa de Apoio**

Andréia Moassab UNILA  
Renata Machado UNILA

#### **Estagiários e Estagiária**

Angélica Santamaría UNILA  
Fernando Kawaji UNILA  
Lucca Grzeczeczen UNILA  
Nicolas Pereyra UNILA

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1_DADOS DA INSTITUIÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1_Nome da IES.....	10
1.2_Lei de Criação.....	10
1.3_Missão.....	10
<b>2_DADOS DO CURSO .....</b>	<b>11</b>
2.1_Nome.....	11
2.2_Titulação / Habilitação .....	11
2.3_Forma de Ingresso.....	11
2.4_Número total de vagas.....	11
2.5_Turnos de funcionamento.....	11
2.6_Carga horária total do curso .....	11
2.7_Regime do curso.....	12
2.8_Tempo de integralização .....	12
2.9_Situação legal do curso .....	12
2.10_Endereço de funcionamento do curso .....	12
2.11_Conceito Preliminar do Curso (CPC) e Conceito de Curso (CC) .....	12
2.12_Resultado do ENADE .....	12
<b>3_HISTÓRICO.....</b>	<b>13</b>
3.1_UNILA: uma universidade para a integração solidária dos povos Latino-Americanos e Caribenhos.....	13
3.2_O Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território .....	15
3.3_O Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design.....	16
3.4_CAU UNILA: 10 anos pautando o ensino de arquitetura e urbanismo na América Latina.....	17
<b>4_EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM SÉCULO DE LUTA SOCIAL E POPULAR .....</b>	<b>22</b>
4.1_UNILA: extensão para a integração solidária da América Latina e Caribe .....	31
4.2_ATHIS e EMAUs: uma relação indiscernível entre ensino e sociedade nos cursos de arquitetura e urbanismo .....	36
4.3_Em defesa dos direitos sociais: a extensão no CAU UNILA .....	48
4.4_Como submeter uma ação extensão .....	55
<b>5_JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>57</b>
5.1.Inserção Regional e Integração Regional .....	64
<b>6_PERFIL DO CURSO .....</b>	<b>71</b>



6.1_Perfil generalista com ênfases regionais .....	77
6.2_Ações do curso no atendimento a políticas de formação .....	83
6.3_Proteção dos direitos da pessoa com transtorno mental, transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual e deficiências múltiplas.....	100
<b>7_ OBJETIVO DO CURSO .....</b>	<b>104</b>
7.1_ Objetivo Geral .....	104
7.2_ Objetivos Específicos .....	104
<b>8_PERFIL E HABILIDADES DO EGRESSO E DA EGRESSA .....</b>	<b>105</b>
<b>9_ORGANIZAÇÃO CURRICULAR .....</b>	<b>109</b>
9.1_Forma de Curricularização da Extensão .....	109
9.2_Integração ensino, pesquisa e extensão.....	112
9.3_Inserção dos conteúdos das Políticas Públicas de Educação nos Componentes.....	113
9.4 Libras .....	114
9.5_A acessibilidade .....	114
9.6_Núcleos dos Componentes Curriculares.....	115
9.7_Estrutura curricular .....	118
9.8_Matriz .....	135
<b>10_PROCEDIMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO .....</b>	<b>143</b>
10.1_Sistema de Avaliação do Processo Ensino Aprendizagem - PEA .....	143
10.2_Sistema de Avaliação do PPC .....	144
10.3_Acompanhamento dos egressos e egressas .....	156
<b>11_ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES .....</b>	<b>158</b>
<b>12_ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO .....</b>	<b>161</b>
<b>13_REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....</b>	<b>164</b>
<b>14_APOIO AO DISCENTE .....</b>	<b>167</b>
<b>15_GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO .....</b>	<b>168</b>
<b>16_INFRAESTRUTURA .....</b>	<b>169</b>
16.1 Ateliês exclusivos .....	169
16.2 Salas de aula .....	169
16.3 Biblioteca .....	170
16.4 Laboratórios próprios do CAU-UNILA.....	170
16.5 Laboratórios Compartilhados com o CAU-UNILA.....	173
<b>17_POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO .....</b>	<b>175</b>
<b>18_CORPO SOCIAL .....</b>	<b>176</b>
18.1. Docentes .....	176
18.2 Técnicos administrativos em Educação .....	177

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>180</b>
<b>ANEXO   EMENTÁRIO .....</b>	<b>184</b>
<b>_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM ESTUDOS LATINO-AMERICANOS .....</b>	<b>185</b>
<b>_EIXO DE ATELIÊ EM ARQUITETURA .....</b>	<b>207</b>
<b>_EIXO DE ATELIÊ EM PROJETO URBANO, PLANEJAMENTO E PAISAGEM.....</b>	<b>214</b>
<b>_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM LEITURA E REPRESENTAÇÃO .....</b>	<b>227</b>
<b>_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO TÉCNICA .....</b>	<b>235</b>
<b>_FUNDAMENTAÇÃO PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....</b>	<b>251</b>
<b>_DISCIPLINAS OPTATIVAS OFERTADAS PELO CAU UNILA .....</b>	<b>252</b>
<b>_DISCIPLINAS OPTATIVAS DO CAU OFERTADAS POR OUTROS CURSOS DA UNILA .....</b>	<b>274</b>

## APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta uma revisão do Projeto Político-Pedagógico do Curso – PPC de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, modalidade bacharelado, elaborado com base na Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006, aprovado pela Resolução nº 2/2025/Cosuen/UNILA, com publicação no Boletim de Serviço nº 42, de 07 de março de 2025.

Passados dez anos do início do curso, pequenos ajustes já vinham ocorrendo nos últimos anos, cuja revisão exigida pela obrigatoriedade de curricularização da extensão, foi uma oportunidade para consolidar todas as alterações e introduzir algumas mudanças, como junção de disciplinas, eliminação ou inclusão de outras, revisão de créditos e assim por diante. Há, contudo, uma forte vinculação da versão ora apresentada com o primeiro Projeto Político-Pedagógico do Curso – PPC, especialmente naquilo que diz respeito a seus princípios norteadores, suas ênfases regionais, identidade e preocupações relacionadas aos direitos humanos, nomeadamente ao direito ao território, à cidade e à moradia.

No documento atual, à semelhança do anterior, portanto, são tratados os principais eixos temáticos a guiar o curso, sua estrutura e matriz curricular. Destarte, o PPC se constitui como um instrumento que reflete a identidade e as direções de cada unidade de ensino da Universidade, balizando o planejamento de suas ações político-pedagógicas, técnico-científicas e socioculturais que visam à formação acadêmica e profissional do egresso e egressa.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA resulta de um projeto do governo federal para a integração regional (Lei 12.189/10), oriundo de um reconhecimento da “urgência de promover, por intermédio do conhecimento e da cultura, a cooperação e o intercâmbio solidários com os demais países da América

Latina” (UNILA s/d a). Por conseguinte, em 2010 a UNILA abre os primeiros cursos, na sua sede em Foz do Iguaçu/Paraná, na região fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, com a pretensão de ser referência para induzir caminhos que conduzam ao respeito mútuo, ao aprofundamento da democracia e à cultura da paz no continente<sup>3</sup> (ibidem). Entre os principais objetivos deste projeto singular estão

o fortalecimento das relações culturais e a valorização da cultura e da memória latino-americana; a promoção do intercâmbio e da cooperação respeitando as identidades culturais, religiosas e nacionais; a consolidação e aprofundamento da democracia e o maior conhecimento recíproco entre os países latino-americanos visando contribuir para a integração regional. (ibidem)

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – CAU UNILA foi criado pela Portaria UNILA n. 410, de 31 de outubro de 2011, publicada no boletim de serviço n. 26 de 11 de novembro de 2011. A regulamentação do número de vagas e do turno integral de funcionamento foi determinada pela Portaria 420, de 21 de novembro de 2011. O curso iniciou suas atividades com o ingresso da primeira turma de discentes, no primeiro semestre de 2012, sendo a segunda turma de ingressantes no primeiro semestre de 2014. Em 31 de janeiro de 2013 a resolução 001/2013 do Conselho Superior *Pro Tempore* alterou a Portaria 420/2011, diminuindo o número de vagas ofertadas no curso de 50 para 30 vagas anuais, de modo a atender ao disposto na portaria MEC n.1770/94. O CAU UNILA, portanto, é um curso de período integral e oferta 30 vagas anuais.

Tendo por base a missão da UNILA como universidade voltada para a integração regional, o CAU UNILA se propõe a ser um curso que contribua para compreender as particularidades do espaço construído e habitado latino-americano a partir de uma

---

<sup>3</sup> Optamos por designar a América Latina como "continente" por entender que os fatores históricos, políticos e culturais acabam sobrepujando a ideia de uma característica meramente geográfica na definição dos continentes. No caso da América Latina, são designados como seus países todos os que passaram por processo de colonização de nações latino-europeias. Deste modo, dos países mais ao Sul da América do Sul, como Chile e Argentina, passando por América Central, Caribe e chegando à América do Norte, a grande maioria dos países é de origem colonial latina. O território das Américas, no geral, também chamado *Abya Yala*, ou "Terra Viva", em franca tentativa de unificação da ideia de continente por parte dos povos originários (PORTO-GONÇALVES, 2015), corresponde hoje em sua maioria à América Latina. Ainda, pensadores latino-americanistas e anti-imperialistas designam este vasto território como *Nuestra América*, no caso do cubano José Martí, ou *Pátria Grande*, como cunhado pelo argentino Manuel Ugarte.

concepção da arquitetura e do urbanismo como ação política. Por conseguinte, profissionais egressos e egressas da UNILA diferenciar-se-ão pelo profundo entendimento da função social do arquiteto e arquiteta e urbanista. Deste modo, são indiscerníveis do seu projeto político-pedagógico reflexões sobre o ensino, a prática e a crítica da arquitetura e do urbanismo no mundo atual, com especial atenção para a América Latina e Caribe.

Sustentado numa compreensão do arquiteto e arquiteta e urbanista “como sujeito social” (UNILA, s/d b), conforme a ementa inicial do curso, publicada aquando de sua criação, o seu projeto coaduna, igualmente, com os anseios da Universidade, conforme expostos pelo reitor pro tempore ao afirmar que ela deve ser:

a expressão de uma sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença e de solidariedade, mas que se constitua numa instância de consciência crítica em que a coletividade encontre seu espaço para repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas (TRINDADE apud VIEIRA-ROCHA, 2011).

O curso de Arquitetura e Urbanismo tem um papel estratégico na consolidação da Universidade e na cooperação regional, pois "projetar o espaço humano, da casa às cidades" (UNILA, s/d b) exige uma profunda compreensão de seu espaço-tempo. Na medida em que tanto sua concepção político-pedagógica quanto a rica convivência entre docentes e estudantes de diversos lugares da América Latina e Caribe, imbricadas na tríade ensino-pesquisa-extensão permitem direcionar o CAU para a produção compartilhada de conhecimentos fundamentais, com o objetivo de promover ações voltadas ao desenvolvimento de espaços e espacialidades socialmente mais justos no contexto regional.

## **1\_DADOS DA INSTITUIÇÃO**

### **1.1\_Nome da IES**

Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

### **1.2\_Lei de Criação**

Lei Federal 12.189 de janeiro de 2010.

### **1.3\_Missão**

A UNILA tem por missão contribuir para a integração solidária e a construção de sociedades mais justas na América Latina e Caribe, com equidade econômica e social, por meio do conhecimento compartilhado e da geração, transmissão, difusão e aplicação de conhecimentos produzidos pelo ensino, a pesquisa e a extensão, de forma indissociada, integrados na formação de cidadãos e cidadãs para o exercício acadêmico e profissional e empenhados na busca de soluções democráticas aos problemas latino-americanos e caribenho. Para realizar sua missão, a UNILA vem desenvolvendo intercâmbio acadêmico-científico, tecnológico e cultural com instituições universitárias, centros de pesquisa, órgãos governamentais e organizações nacionais e internacionais, desde que preservada a autonomia universitária (UNILA, 2012).

## **2\_DADOS DO CURSO**

### **2.1\_Nome**

Graduação em Arquitetura e Urbanismo, grau bacharelado.

### **2.2\_Titulação / Habilitação**

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo / Arquiteto e Urbanista ou Arquiteta e Urbanista.

### **2.3\_Forma de Ingresso**

Na UNILA o ingresso é regulamentado em resoluções e normativas internas próprias, disponibilizadas no site da universidade. São formas de ingresso regulares no Curso do CAU UNILA:

- Processo Seletivo UNILA - SiSU;
- Processo Seletivo de Vagas Remanescentes UNILA;
- Processo Seletivo Internacional (PSI);
- Processo Seletivo de Indígenas (PSIN);
- Processo Seletivo de Refugiados e Portadores de Visto Humanitário (PSRH).

Além das modalidades de ingresso regular, existem outras formas de acesso ao curso pelo Processo Seletivo de Vagas Ociosas UNILA, que pode ocorrer via:

- Reopção de Curso;
- Reingresso;
- Transferência Externa;
- Aproveitamento de Diploma.

### **2.4\_Número total de vagas**

30 vagas anuais<sup>4</sup>.

### **2.5\_Turnos de funcionamento**

Integral – tarde e noite.

### **2.6\_Carga horária total do curso**

3.990 horas

---

<sup>4</sup> Regulamentadas pela Resolução 001/2013 do Conselho Superior Pro Tempore.

## **2.7\_Regime do curso**

Semestral, presencial.

## **2.8\_Tempo de integralização**

Limite mínimo: 5 anos (10 semestres).

Limite máximo: 7,5 anos (15 semestres).

## **2.9\_Situação legal do curso**

Criado pela Portaria UNILA n. 410, de 31 de outubro de 2011, publicada no boletim de serviço n. 26 de 11 de novembro de 2011. Aprovado pela Resolução COSUEN nº 28, de 10 de setembro de 2014. Reconhecido pela Portaria MEC nº 544, de 23 de setembro de 2016. Renovação de Reconhecimento do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Portaria nº 260 Seres/Mec, de 06 de janeiro de 2022, publicado no Diário Oficial da União nº 7, de 11 de janeiro de 2022.

## **2.10\_Endereço de funcionamento do curso**

Unidade Itaipu Parquetec: Av. Tancredo Neves, 6731, Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil | CEP 85867-970, estabelecido pela Resolução COSUEN nº 13, de 21 de maio de 2014.

## **2.11\_Conceito Preliminar do Curso (CPC) e Conceito de Curso (CC)**

Conceito de Curso (CC) – 4 (2015).

Conceito Preliminar de Curso (CPC) – 4 (2019).

## **2.12\_Resultado do ENADE**

Conceito – 3 (2019).



### 3\_HISTÓRICO

#### **3.1\_UNILA: uma universidade para a integração solidária dos povos Latino-Americanos e Caribenhos**

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) começou a ser estruturada em 2007, pela Comissão de Implantação, a qual foi instituída pela SESu/MEC, por meio da Portaria nº 43, de 17 de janeiro de 2008, com a proposta de criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), em convênio com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Itaipu Binacional.

O resultado dos trabalhos da Comissão foi o Projeto de Lei nº 2878/08, o qual propunha a criação da UNILA, uma universidade com vocação internacional, que contribuiria para a integração latino-americana e caribenha, com ênfase no Mercosul, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais. Foi enorme a acolhida ao projeto por todas as Comissões pela quais passou tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal, culminando na sua aprovação unânime em 16 de dezembro de 2009.

Logo nos primeiros dias de 2010, a 12 de janeiro, foi promulgada a Lei nº 12.189, pelo então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. Naquele momento, foi criado um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculado ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, tendo como compromisso central, a sociedade democrática e multicultural, visando à formação de profissionais críticos e críticas, envolvidos e envolvidas com o bem-viver e a integração solidária dos povos latino-americanos e caribenhos. Sua atuação fundamenta-se no pluralismo de ideias, no respeito à diferença e à natureza, por meio da geração compartilhada do conhecimento, respaldado no princípio constitucional de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A UNILA, enquanto universidade pública, deve prezar pelo ensino socialmente referenciado, laico, gratuito e de qualidade, compreendendo as condicionantes históricas que assinalam as disputas para o acesso e projeto de universidade em toda a América Latina, cujo marco fundante foi a Reforma de Córdoba de 1918. Na ocasião, estudantes tomaram as ruas exigindo mudanças no perfil colonial excludente que caracterizava a universidade naquele antanho. Quase um século depois, apoiada nos escritos do peruano José Mariátegui, do cubano Julio Mella, do brasileiro Paulo Freire, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana entra em funcionamento.

Consequentemente, uma das preocupações centrais da universidade é o amplo acesso e a permanência estudantil, motivo pelo qual têm sido frequentes os editais de ingresso para refugiados e refugiadas do Haiti e, mais recentemente, para a população indígenas, o que exige um esforço institucional perene em termos de acolhimento e reflexões pedagógicas. Ainda, o objetivo da UNILA é ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana e caribenha, com a integração regional solidária e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina e Caribe, especialmente na região transfronteiriça e no Cone Sul.

Para tal, a UNILA se organizou, desde 2014, em quatro Unidades Acadêmicas – os Institutos Latino-Americanos – que realizam a gestão administrativa do ensino, pesquisa e extensão. São eles: I – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História; II – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política; III – Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza; e IV – Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território, ao qual o curso de Arquitetura e Urbanismo está vinculado.

### **3.2\_ O Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território**

O Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT) é uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que atua nos domínios das Ciências: Humanas, Sociais Aplicadas, Engenharias, Tecnologias e Infraestrutura. Em adição, atua na formação de docentes, para cumprir, no campo de suas competências acadêmicas, a função de gestão administrativa do ensino, da pesquisa e da extensão. O ensino é oferecido em nível de graduação e pós-graduação, com autonomia acadêmica e administrativa, em consonância com a missão da UNILA.

As normas e regulamentações que instituíram esta Unidade Acadêmica e Administrativa são: o Estatuto da UNILA, aprovado pela Portaria nº 32, de 11 de abril de 2012, da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, do Ministério da Educação; publicada no DOU nº 71, de 12 de abril de 2012, s. 1, p. 8.; o Regimento Geral da UNILA, aprovado pela Resolução nº 6/2013/Conselho Superior Deliberativo Pro Tempore, publicada parcialmente no Boletim de Serviço nº 56, de 21 de junho de 2013, p. 3 e integralmente no Boletim de Serviço nº 92, de 12 de setembro de 2021; O Regimento interno aprovado pela Resolução nº 42/2021 do Conselho Universitário da UNILA, com publicação no Boletim de Serviço nº 144, de 08 de Dezembro de 2021.

A finalidade do ILATIT, em conformidade com o Estatuto e o Regimento Geral desta Universidade e regimento próprio, é promover as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão na graduação e na pós-graduação (Lato e Stricto Sensu), no âmbito de sua área de atuação, o que compreende formar profissionais em suas diversas áreas; desenvolver pesquisas e formar pesquisadores. Além disso, o instituto se propõe a desenvolver cursos, estudos, eventos e serviços, frente a demandas e interesses da sociedade.

A estrutura organizacional do ILATIT engloba: (i) o Conselho Superior do Instituto (CONSUNI); (ii) as Comissões Acadêmicas de Ensino, de Pesquisa e de Extensão; (iii) a Direção Colegiada, composta pelo diretor do Instituto e pelos coordenadores dos

centros interdisciplinares do ILATIT; (iv) os Centros Interdisciplinares de Tecnologia e Infraestrutura e de Território, Arquitetura e Design; (v) Cursos de Graduação; (vi) Programas de Pós-Graduação; e (vii) Setores Administrativos e Acadêmicos, compostos pelo Departamento Administrativo, a Secretaria Executiva e a Secretaria Acadêmica de Apoio às Coordenações.

Atualmente, o instituto realiza a gestão administrativa e acadêmica dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil de Infraestrutura, Engenharia de Energia, Engenharia de Materiais, Engenharia Química, Geografia (licenciatura) e Geografia (bacharelado). Em adição, possui dois programas de pós-graduação stricto sensu, a citar, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade – PPGIES, que conta com os níveis de mestrado e doutorado, e o Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil (PPGECI), com o nível de mestrado.

### **3.3\_O Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design**

O Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design (CITAD), por sua vez, é uma subunidade acadêmico-científica da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), com competência própria para o planejamento, organização e execução das atividades de ensino, pesquisa e extensão, em cooperação com outros Centros congêneres da universidade. O CITAD faz parte da estrutura organizacional do Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT), juntamente com o Centro Interdisciplinar de Tecnologia e Infraestrutura (CITI).

Estão vinculados ao CITAD, docentes das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, atuantes nos cursos de graduação de Arquitetura e Urbanismo, Geografia Bacharelado e Geografia Licenciatura. Embora os cursos de graduação e pós-graduação estejam vinculados a um único centro, eles devem colaborar com os demais centros em uma perspectiva interdisciplinar.

De acordo com o Regimento do ILATIT, os Centros Interdisciplinares são constituídos por áreas de conhecimentos e de interesses análogos e têm como funções: (i) gerir e

supervisionar o ensino de graduação e pós-graduação, para formação de profissionais aptos a atuarem em ensino, pesquisa e desenvolvimento nas áreas de sua competência; (ii) desenvolver atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação bem como ações de extensão, podendo envolver colaboração com outros Centros Interdisciplinares da UNILA ou outras universidades, laboratórios, centros de pesquisa e instituições afins no país ou no exterior; e (iii) contribuir para a realização dos objetivos da UNILA.

Além disso, são atribuições dos Centros Interdisciplinares do ILATIT: (i) planejar, coordenar, organizar e executar as atividades de ensino, pesquisa e extensão ouvidas as respectivas áreas do conhecimento; (ii) elaborar, propor e desenvolver programas e/ou ações de ensino, de pesquisa, de inovação e de extensão em concordância com os setores envolvidos, assessorados pelas respectivas comissões; (iii) gerir e controlar, isoladamente ou em conjunto com outros Centros Interdisciplinares, as ofertas de disciplinas de graduação e de pós-graduação; (iv) decidir sobre a organização interna, respeitados o Estatuto, o Regimento Geral e este Regimento; e (v) planejar e administrar os recursos humanos, orçamentários, financeiros e materiais sob sua responsabilidade.

O Centro Interdisciplinar tem como órgão máximo deliberativo e de recurso interno à subunidade em matéria administrativa e acadêmica, o Colegiado do Centro e, como órgão executivo, a Coordenação. Fazem parte do colegiado do CITAD docentes, técnicos administrativos em educação e discentes.

### **3.4\_CAU UNILA: 10 anos pautando o ensino de arquitetura e urbanismo na América Latina**

Em 2012, chegavam os primeiros e as primeiras estudantes do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, vindos e vindas de diversas partes do Brasil e vários países da América Latina, sobretudo da América do Sul: Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. Criado pela Portaria UNILA n. 410, de 31 de outubro de 2011, publicada no boletim de serviço n. 26 de 11 de novembro de 2011, o curso foi reconhecido pela Portaria MEC nº 544, de 23 de setembro de 2016.

Entre 2012 e 2024, frequentaram os corredores do curso cerca de 16 nacionalidades distintas, incluindo Haiti e Cuba, no Caribe e, ainda, Gana, na África, seguidamente por ordem numérica decrescente: Brasil (197), Paraguai (41), Peru (16), Colômbia (12), Bolívia (10), Equador (10), Venezuela (07), Argentina (06), Haiti (05), Chile (03), Uruguai (02), Honduras (02), Cuba (02), Gana (02), El Salvador (01) e Nicarágua (01). Ainda, no CAU UNILA, são 09 estudantes indígenas ingressantes a partir de 2019, dos povos Tikuna, do Brasil; Yunka, da Bolívia; Miraña, da Colômbia; Kichwa, do Equador; e Warao, da Venezuela (SECAFE, 2024).

#### CAU UNILA: ORIGEM DO CORPO DISCENTE

Turma	Brasileiro/a	Estrangeiro/a
2012	32%	68%
2014	44%	56%
2015	56%	44%
2016	46%	54%
2017	50%	50%
2018	67%	33%
2019	62%	38%
2020	75%	25%
2021	65%	35%
2022	75%	25%
2023	77%	23%
2024	67%	33%



Fonte: NDE, 2024, com base em informações da Secretaria Acadêmica do ILATIT (SAILATIT), sobre a base cartográfica do IBGE (2010).

A primeira e o primeiro docentes do curso, na ocasião, visitantes – a professora Andréia da Silva Moassab logo fez o concurso para efetiva e o professor Hélio Cavalcanti da Costa Lima se aposentou pela dade Federal da Paraíba – UFPB, postularam para a UNILA por conta da singularidade da universidade e, particularmente, pela breve ementa a apresentar o curso, no sítio web da universidade. As sementes para conceber um curso inovador estavam lançadas. Qual



o projeto para a arquitetura deste século? Como fomentar a integração solidária dos povos latino-americanos e caribenhos por meio da arquitetura? Tais perguntas guiaram a elaboração do primeiro projeto político-pedagógico do curso e todos os editais de concurso para docentes, realizados naqueles primeiros anos.

De fato, diversos trabalhos têm mostrado que o curso da UNILA aponta significativos caminhos e possibilidades possíveis, a partir da América Latina e sua gama de desafios, para arejar o campo disciplinar e seu ensino. Todavia, a hegemonia das racionalidades dominantes impõe enormes resistências, como toda a luta do último século em torno da democratização da universidade tem demonstrado, especialmente a partir da Reforma de Córdoba, em 1918. Naquele período de fortes mudanças sociais no mundo, na cidade Argentina eclodiu um movimento de projeção continental, reivindicando a transformação do caráter elitista da universidade. Entre os principais pontos levantados pelos e pelas estudantes estava a solidariedade latino-americana e internacional, materializada no projeto da UNILA; a autonomia universitária – que no Brasil entraria na Carta Magna 70 anos depois; participação estudantil nas instâncias decisórias da universidade, algo ainda muito longe de ser alcançado em nosso país; ingresso docente por concurso - o que nesse ponto, o Brasil é dos países mais avançados no América Latina e Caribe, não obstante os ataques usuais aos serviços públicos e concursos, como é o caso da Emenda Constitucional n. 95, de 2016; liberdade de cátedra; gratuidade e acesso maciço ao ensino superior; extensão universitária; integração universidade-sociedade; vinculação entre docência e pesquisa; entre outros.

A Reforma de Córdoba influenciou, desde então, o debate sobre as universidades no continente todo, com forte ressonância também nos cursos de arquitetura, décadas mais tarde. Este foi caso, do Taller Total, curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Nacional de Córdoba; da experiência “autogobierno-arquitectura”, no México, nos cursos da UNAM e na UAM/Xochimilco; no Brasil, nos cursos de arquitetura e urbanismo em São José dos Campos/SP; na UnB; e na USP (DOBRY-

PROSANTO, 2008). Todas estas experiências inovadoras e pulsantes tiveram, porém, vida curta, sendo fechadas pelos governos ditatoriais de seus países, na medida em que um ensino crítico e fortemente voltado para as demandas populares, não está a serviço das classes dominantes.

Tributário de toda a experiência que a precede no continente, o CAU UNILA compreende a relevante missão de integração solidária da América Latina e Caribe da UNILA e a valorosa função social da universidade pública e da arquitetura e urbanismo. Consequentemente, o curso se propõe a desnaturalizar a perspectiva dominante na área, sob a luz do pensamento latino-americano em educação; das teorias decoloniais, dos estudos feministas; do racismo ambiental; do Buen Vivir, Ñande Reko, Sumak Kawsay; com vistas a atuar sobre as particularidades do espaço construído e habitado latino-americano, focando na importância do ensino para fomentar a garantia permanente dos direitos humanos, em especial aqueles diretamente vinculados ao território e à moradia.

Ao formar os primeiros egressos e egressas, desde finais de 2016, é possível vislumbrar os resultados do seu plano político-pedagógico inovador. Os trabalhos de conclusão de curso já apontam rumos inovadores e instigantes no ethos da área, sobretudo no que tange à gênero, raça, espacialidades e desigualdades territoriais (MOASSAB, 2021). Além disso, é notório o impacto positivo da vinda para o curso nos rumos acadêmicos e interesses de pesquisa dos e das docentes, tanto do quadro efetivo quanto temporário (MOASSAB, 2017; 2021).

Os desígnios do projeto político-pedagógico do curso têm sido bem-sucedidos em desenvolver competências para o exercício profissional em consonância com as especificidades e problemáticas próprias dos distintos contextos latino-americanos, conforme relatam egressos e egressas (MOASSAB, 2021; MOASSAB; FONSECA; 2021). As práticas profissionais experimentadas e vivenciadas empiricamente ao longo do curso, onde o projeto da habitação e da cidade, compreendido na sua dimensão geopolítica, tratado de forma indissociável às suas dimensões sociais,



culturais, históricas, econômicas, espaciais e ambientais, se mostram ausentes no alunado. O empenho em fomentar a integração solidária dos povos latino-americanos por meio da arquitetura e urbanismo, no que respeita, nomeadamente, aos direitos ao território, a cidades e à moradia, é uma meta bastante audaciosa, que tem sido verificada, num primeiro momento, pela análise dos trabalhos de conclusão de curso – TCCs e entrevistas ao corpo docente (MOASSAB, 2017; 2021). Ainda, com bastante regularidade, egressos e egressas do curso têm participado de debates, mesas-redondas e bancas no CAU UNILA, nos permitindo, por um lado orgulho da maturidade profissional observada e, por outro lado, averiguar os resultados de nosso trabalho, sob os auspícios sempre contundentes do PPC do curso, que ora se atualiza. Ademais, integra a agenda do NDE, para breve, o acompanhamento dos e das profissionais formados pelos cursos em seus rumos laborais.

Entre os diversos trabalhos de qualidade produzidos a partir do CAU UNILA, vale registrar o amplo e permanente debate sobre ensino de arquitetura e urbanismo, que pode ser conferido no livro *Por um Ensino Insurgente em Arquitetura e Urbanismo*<sup>5</sup>, organizado por docentes do curso. Publicado pela editora da UNILA em 2020, o livro foi considerado o segundo melhor livro de 2021 no país, na área de ciência sociais aplicadas, pela ABEU – Associação Brasileira de Editoras Universitárias.

É, portanto, com base nas constantes reflexões presentes num processo de autoavaliação continuado, num diálogo permanente com estudantes e docentes, e numa inserção do CAU UNILA circuito nacional e internacional de debate sobre ensino de arquitetura e urbanismo que, desde 2022, o NDE, ao mesmo tempo em que organiza a curricularização da extensão, consolida o segundo projeto político-pedagógico do CAU UNILA.

---

<sup>5</sup> <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>.

#### 4\_EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM SÉCULO DE LUTA SOCIAL E POPULAR

Em meio a algumas insurgências populares da virada do século XIX para o XX, como a Revolução Mexicana, de 1910, começam a emergir debates sobre a Extensão e o papel das universidades para o atendimento destas demandas populares (PAULA, 2013). Aquela década, na sequência de finais do século XIX, com uma organização da crítica ao modelo capitalista de vida aparece um debate, ainda que incipiente, sobre distintas maneiras de fazer valer as demandas sociais das classes menos favorecidas pelos governos.

Nesse contexto das insurgências no mundo e na América Latina e Caribe, aquela década assistiu ao episódio mais marcante para a história da extensão no continente. Em 21 de junho de 1918, a efervescência mundial por mudanças sociais ressoava ao sul da América Latina, na Universidade de Córdoba, que ainda mantinha um perfil colonial. Naquele dia, estudantes impulsionados pelas insatisfações que se manifestavam em diferentes setores da Argentina, tomaram a decisão de se rebelar contra o conservadorismo da universidade e do lugar em que viviam. No *Manifesto Pró-Reforma Universitária*, os e as estudantes registraram fortes críticas ao modelo elitista de universidade, que atendia apenas uma pequena minoria e privilegiava os interesses das classes dominantes.

Conhecida como *Reforma de Córdoba*, o movimento de 1918 foi um marco no continente a denunciar o caráter aristocrático da universidade e, sobretudo, o encastelamento com relação à sociedade. Consequentemente, uma das principais consignas da luta estudantil de Córdoba foi a defesa de uma Universidade cuja função social fosse estudo e a resolução dos problemas dos povos e que se organizasse na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Aqueles dias foram memoráveis para a educação superior no continente, inspirando, na década seguinte, que países como Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e México também repensassem seus rumos universitários. Em Cuba, Julio Antonio Mella concebe e dirige,

em 1923, a Universidade Popular José Martí, provavelmente a maior expressão desse projeto para uma universidade destinada aos setores populares na América-Latina e Caribe. Toda esta ebulição ressoou também em terras brasileiras.

O Brasil daquele antanho, em sintonia com o resto do mundo, vivia um período de intensa efervescência por mudanças sociais, econômicas e políticas. Alguns dos movimentos populares mais combativos do período foram duramente abafados, como as Revoltas Tenentistas. Foz do Iguaçu, inclusive, foi o palco da formação da Coluna Prestes, integrante das revoltas, em 1925, que marchará por mais de 25 mil quilômetros pelo território nacional até 1927 (CARRION, 2014). Entre as reivindicações dos tenentistas estava a defesa do ensino público, a obrigatoriedade do ensino secundário para toda a população e o fim da miséria e a injustiça social no Brasil.

No ano seguinte, o peruano José Mariátegui, em seu seminal trabalho *Sete Ensaios sobre a Realidade Peruana* (2008 [1928]), destaca a importância da luta dos estudantes de Córdoba para o “nascimento de uma nova geração latino-americana”. A sua obra mostra, ademais, que as elites latino-americanas nunca estiveram comprometidas com a classe trabalhadora ou um projeto de autonomia nacional, o que estrutura a educação no Peru que em suas palavras “não tem um espírito nacional” (ibidem, p. 115). Dito de outra forma, a “modernização criolla”, é alavancada pelas elites locais que sempre ocuparam a universidade.

No mesmo ano da publicação do livro de Mariátegui, na capital federal é lançado o *Manifiesto de los Estudiantes Brasileños de Río de Janeiro* (apud SADER; GENTILI, 2008) que, com claras referências à Córdoba, reivindicava uma mudança radical na recém-implantada Universidade Federal. A extensão universitária estava mais uma vez presente entre os principais valores advogados pelos estudantes, compreendida como “la comunicación amplia y directa con la inmensa masa trabajadora”, excluída do ensino superior convertido “en monopolio de las clases privilegiadas” (ibidem, p.232). Os estudantes nacionais também exigiam um “estrechamiento de las relaciones entre estudiantes y maestros de la América Latina” (ibidem).

Apenas alguns anos depois do manifesto do Rio de Janeiro, em 1931, alguns decretos federais viriam a registrar especificamente a extensão universitária<sup>6</sup>, como o decreto nº 19.851. Embora não haja registro da relação direta entre o levante estudantil e os textos legais, é pouco provável tratar-se de coincidência, uma vez que o Rio de Janeiro era a capital federal e que o debate estava definitivamente posto na América Latina. Assim como as tensões e conflitos sociais da década anterior, de alguma maneira, delimitam o decreto.

De toda maneira, o marco legal determina a extensão como atribuição dos conselhos universitários. No art. 35, fica imputada às universidades a realização de “cursos de extensão universitária, destinados a prolongar, em benefício colectivo, a actividade technica e scientifica dos institutos universitarios”. Dito de outra forma, o marco legal atribuiu à extensão, a difusão do conhecimento produzido nas universidades, o que é uma visão ainda limitada sobre a extensão, com um viés assistencialista e de via única – o que décadas mais tardes Paulo Freire definirá de “educação bancária” (FREIRE, 2006). No entanto, o decreto inovou ao compreender a extensão como um dos pilares da vida social na universidade e que por meio dela, as universidades poderiam se vincular “intimamente com a sociedade, e contribuir [...] para o aperfeiçoamento do meio”, conforme reza o Título XIII.

Em adição, o debate sobre ensino segue amplamente, decorrente dos debates progressistas dos anos de 1920, que a despeito das represálias, acompanharam a modernização do país. Por conseguinte, no esteio do movimento constituinte do governo de Getúlio Vargas, é publicado o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, assinado pela elite intelectual brasileira, como Anísio Teixeira, que estará à frente da UnB décadas mais tarde. É inaugurado, com o manifesto, o projeto de renovação educacional do país, que propunha a elaboração de um plano geral de

---

<sup>6</sup> Há uma experiência anterior isolada no país, com a Universidade Livre de São Paulo, que institucionalizou a extensão a partir de alguns cursos, entre 1911-1915 (OLIVEIRA, 2006).

educação, defendendo uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita<sup>7</sup> (BOMENY, s/d). O documento defendia um sistema público de ensino livre e aberto, como o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais e vislumbrava na educação, a possibilidade reorganizar a sociedade brasileira (ibidem).

Na América Latina, vem do pequeno país caribenho, Cuba, uma das principais reformas universitárias do continente, em 1962. Desde as décadas anteriores, com a breve experiência da Universidad Popular Jose Martí, os e as estudantes da ilha se mobilizaram contra o regime ditatorial de Fulgêncio Batista e tiveram papel ativo nas mudanças radicais no país. No esteio da transição socialista e com protagonismo estudantil, foi possível consolidar os novos rumos da universidade, com foco na socialização, produção de conhecimento e formação de profissionais para atender as necessidades de uma sociedade não mais mediada pela mercadoria (MARIANO, 2022).

Em outras palavras, os gritos de La juventud argentina de Córdoba despoletou, na América Latina, uma trajetória em favor da extensão universitária e da luta permanente pela popularização das universidades, cujas repercussões, no Brasil, provavelmente impulsionaram as suas primeiras regulamentações. Sem mencionar que, o levante argentino influenciou enormemente o programa da União Nacional dos Estudantes e os escritos de Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, décadas mais tarde (MENON, 2021).

A despeito dos avanços iniciais, as ações de extensão eram em geral realizadas esporadicamente e até mesmo alheias às instituições universitárias. Além disso, o orçamento e valorização da extensão na carreira docente não foram enfrentados. Ao contrário da pesquisa, que nos anos de 1950 foi integrada à carreira e teve uma instituição federal de fomento – a CAPES, criada, sem equivalente para a extensão até os dias atuais.

É na década de 1960 que, impulsionada por Paulo Freire, a Universidade do Recife, como era conhecida na época a UFPE, implanta o Serviço de Extensão Cultural, do

---

<sup>7</sup> A Igreja Católica foi uma forte opositora daquela renovação, na medida em que tinha interesses doutrinários de manter sob seu controle e orientação a educação via rede privada (BOMENY, s/d).

qual foi diretor, Paulo Freire. Naquele período, o educador consegue avanços mais consistentes à extensão ao unir MEC, UNE, Universidades e Igreja católica, em torno de seu projeto de alfabetização e escolarização de adultos, aproximando Universidade às camadas populares, com o desenvolvendo instrumentos e metodologias apropriadas para tal (ASSUMPÇÃO et al., 2020). Não será casual, portanto, que a disciplina **Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo**, do eixo de instrumentação crítica, tenha por base o método freiriano.

Com a instauração da ditadura empresarial-militar em 1964, estes avanços em Recife não chegam a se concretizar como uma política de abrangência nacional. Ao mesmo tempo, é aprofundada a influência dos EUA no país e na América Latina, no âmbito da Guerra Fria e no contexto da Aliança para o Progresso, o que atinge também a educação. O consultor estadunidense Rudolph Atcon, no país desde 1951, assessorou o MEC sobre a modernização das universidades brasileiras, de 1956 a 1965, produzindo diversos documentos e relatórios que serão a base das reformulações educacionais brasileiras durante muito tempo, alinhadas aos interesses dos EUA e ao aprofundamento do capitalismo na região (LEHER, 2013; PEREIRA, 2017; SOUZA, 2015). Independente de todas as questões intrínsecas à “colaboração” estadunidense, sobretudo no que tange à soberania nacional, aquela reforma coroa uma perspectiva “tecnicista da educação, cujo maior interesse era instrumentalizar o desenvolvimento econômico” (PEREIRA, 2017: 65). Ainda, valorizava-se a educação individual, compreendida como investimento e não por sua dimensão ético-social (ibidem).

É neste contexto que é produzida a Reforma Universitária de 1968, na qual a extensão se torna obrigatória, porém enquadrada como mera propagadora de conhecimento científico à comunidade. Ainda, a obrigatoriedade da presença da comunidade na Universidade é um eufemismo para a participação direta dos círculos empresariais, conforme transparece no relatório do GT da Reforma Universitária (LEHER, 2013). Ou seja, quando a extensão é introduzida de forma obrigatória, ela perde seu lastro social originário, amadurecido desde os eventos de Córdoba, exatos 50 anos antes.

O cenário da presença estadunidense no país incorpora variáveis fundamentais para entendermos o extensionista Projeto Rondon (VERAS, 2017), que apesar de “levar a juventude universitária a conhecer a realidade brasileira”, estava subordinado à política de segurança nacional. O projeto Rondon propiciava ao universitário e à universitária experiências junto às comunidades rurais, na tentativa de criar espaços para a melhoria das condições de vida da população do meio rural (LODDI et al., 2016). Em paralelo, o projeto fornecia informações privilegiadas para o governo militar e para os EUA sobre o vasto território nacional, tendo possivelmente instrumentalizado, por exemplo, o governo militar no massacre ocorrido na região do Araguaia, no norte do Brasil. Fica evidente, destarte, a importância de compreender-se criticamente o contexto, de modo a não se instrumentalizar a extensão para fins contrários à emancipação social.

É somente nos anos de 1980, com o fim da ditadura empresarial-militar e o rico processo constituinte que, finalmente, o país registra avanços com relação à universidade pública. Em 1982, a ANDES Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior - que mais tarde se tornará um sindicato – apresenta ao MEC a *Proposta do ANDES para a Universidade Brasileira*, documento construído pela base e articulado, nos anos seguintes, com a SPBC, OAB, ABI, no qual exigia-se autonomia, gestão democrática e adequação da universidade à realidade brasileira (ANDES, 2013). Em 1987, o ANDES e a UNE se reúnem no Fórum Nacional da Educação na Constituinte, que formulou dois pontos fundamentais para o ensino superior no país: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e o da autonomia universitária.

É assim que, exatamente oitenta anos depois, o corolário do artigo 207 registra as insurgências das décadas pregressas por toda a América Latina, a partir da Reforma de Córdoba, na constituição cidadã, garantindo “autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Estas poucas linhas consagram



décadas de lutas sociais em defesa da educação pública e representam uma grande vitória da parcela progressista da educação, registrando um novo paradigma para a educação superior no país.

Se é fato a relevância do registro no marco constitucional, está longe de ser suficiente. Diversos trabalhos têm demonstrado que nessa tríade, a extensão é a ponta mais fraca e com menos recursos. Tanto o ensino quanto a pesquisa possuem pastas governamentais e agências de fomento específicas, da União e nos Estados, sem haver idêntico tratamento à extensão. Além disso, tão logo a constituição é promulgada, ela passa a sofrer pressão de grupos econômicos e ganham espaço as políticas neoliberais em detrimento dos ideais progressistas iniciais para a educação. Isto é, a vinculação ao capital da produção de conhecimento, expressa em diversas reformas educacionais nas últimas décadas, tem cada vez mais afastado a Universidade da sociedade e dos interesses populares. Num cenário de escassez de recursos e sem agência de fomento similar à CAPES, a extensão tem sido muitas vezes configurada como uma porta de acesso de verbas para a universidade, o que sorrateiramente vem caracterizando uma privatização da educação pública e seus propósitos.

Nesse contexto, vale registrar o tenso processo que levou à Lei de Diretrizes e Bases, cujo início de debate remonta ao processo constituinte, mas a promulgação se dará apenas em 1996, em pleno vigor do receituário neoliberal. Entre alguns retrocessos, “a LDB permitiu a criação de outras modalidades de IES, como Centros Universitários, onde a Pesquisa e a Extensão não são obrigatórias [retirando, assim] a obrigatoriedade do princípio de indissociabilidade de todas as IES” (ASSUMPÇÃO, 2020: 106).

A intervenção do MEC no projeto da LDB atropelou oito anos de debates democráticos para a sua construção (ANDES, 2013), que, no entanto, ficaram registrados na “Proposta da ANDES para a Universidade Brasileira”, do mesmo ano. Um dos pontos mais significativos da proposta do sindicato docente é garantir que a extensão não se submeta “a interesses de mercado ou [envolva] trabalho de adaptação tecnológica para a indústria” (ibidem: 21).



Em paralelo aos debates do ANDES e igualmente com vistas ao processo constituinte, em 1987, foi criado o Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, cujo trabalho tem colaborado para manter a função social da Universidade em pauta e para ampliar o papel da extensão universitária, atendendo ao equilíbrio da tríade ensino-pesquisa-extensão, prevista na Carta Magna. Completando 38 anos em 2025, o FORPROEX tem sido palco de discussões sobre a criação de diretrizes e ações específicas de Extensão Universitária, como parte das políticas públicas para a educação superior no país. Outra preocupação do Fórum é o fortalecimento institucional e fontes de financiamento.

### **\_definindo e implantando a extensão universitária**

Finalmente, em 1998 o FORPROEX elabora o Plano Nacional de Extensão Universitária – PNE, aprovado em 2001. Plano avança mais um passo em direção à institucionalização da extensão, prevendo na meta 23 a reserva de 10% do total de créditos para a graduação para a atuação discente em ações extensionistas. No entanto, essa meta não foi alcançada durante a vigência deste PNE. Ainda demoraria duas décadas para o mesmo Fórum avançar numa Política Nacional de Extensão Universitária, que sedimentará, enfim, em 2012, a relação universidade e sociedade e o cumprimento da tríade constitucional. **A extensão é definida na Política como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”** (FORPROEX, 2012: 15).

Por sua vez, o PNE 2014-2024 assevera, mais uma vez, na estratégia 12, que as instituições de ensino superior não apenas devem assegurar 10% do total de créditos da graduação, mas que eles sejam cumpridos em “programas e projetos de extensão universitária [orientados] prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”. Apesar do PNE ter como prazo 2024, a Resolução 07/2018/CNE/CES antecipou o prazo para implantação da creditação da extensão para 2021. Todavia, devido à

pandemia de Covid-19, o prazo foi novamente alterado, pela Resolução 01/2020/CNE/CES, para 31 de dezembro de 2022.

Ressalta-se que a curricularização é a única menção à extensão no PNE 2014-2024, o que expressa, no corpo da lei, a sua continua desvalorização frente ao ensino e à pesquisa. Semelhantemente, nota-se que nos diversos instrumentos de aferição da qualidade das universidades, a extensão é usualmente desconsiderada, como acontece, por exemplo, no censo do MEC, no qual há uma centralidade do ensino, uma desassociação deste com a pesquisa (como se esta não fosse feita pelas universidades) e um apagamento da extensão (ASSUMPÇÃO et al., 2020).

Não obstante, registrar de modo claro e inequívoco a curricularização da extensão nos projetos políticos-pedagógicos de curso, é respeitar mais de um século de luta em favor da relação entre universidade e sociedade na América Latina. Importa destacar, inclusive, que no encontro do FORPROEX em 2018, foi colocada em pauta a descolonização de saberes a partir da integração das instituições de ensino superior do Brasil com a América Latina, o que significa um potencial protagonismo da UNILA no debate do Fórum, merecendo o amplo registro e divulgação da histórica luta pela extensão no continente pela universidade.

Deve-se atentar, ademais, que a extensão universitária é uma prática em disputa tanto no tocante à sua conceituação quanto às suas práticas. Neste ponto, vale retomar a problematização de Paulo Freire sobre o próprio termo “extensão”, que pode remeter à ideia de que o conhecimento produzido na universidade será estendido à população (FREIRE, 2006). Sob tal compreensão equivocada, corre-se o risco de colocar os agentes “não universitários” no papel de objetos e não sujeitos da ação, tornando-se, a extensão um instrumento de dominação e a alienação.

É, portanto, basilar compreender **a extensão como um espaço de construção coletiva, comprometido socialmente e pautado no não-assistencialismo, de modo a possibilitar que todos os distintos atores tenham participação ativa. A extensão, assim, se configura como uma prática libertadora** para todos

envolvidos e envolvidas, estudantes, docentes e comunidade, o que vem guiar a curricularização da extensão no CAU UNILA.

#### **4.1\_UNILA: extensão para a integração solidária da América Latina e Caribe**

Na UNILA, as atividades da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, junto com as demais atividades acadêmicas, têm início em 2010, ao mesmo tempo em que eram lançados os debates em torno da extensão desejada para a nova universidade. O primeiro grande resultado daquele trabalho foi o festival cultural "Nuestra América", realizado no mesmo ano. Porém, é a partir de 2011 que as primeiras ações de extensão são registradas, com a criação do Comitê Assessor de Extensão - CAEX, órgão precursor da Comissão Superior de Extensão – COSUEX, a fim de elaborar e discutir os documentos orientadores da extensão na universidade, com a participação de representantes discentes, docentes e técnicos-administrativos.

Em 2013, a institucionalização da COSUEX conta com a participação das duas primeiras docentes efetivas do CAU UNILA, estabelecendo desde o início uma relação orgânica deste com as bases da extensão na universidade. A comissão dá continuidade aos debates já iniciados no CAEX, procurando fortalecer a participação da comunidade acadêmica no desenvolvimento dos marcos regulatórios da extensão na instituição. Por este motivo, ainda em 2013, é realizado o primeiro Seminário de Extensão da UNILA – SEUNI, um marco para a extensão, tendo em vista a ampla participação da comunidade interna e apresentação dos resultados das ações de extensão dos anos de 2012 e 2013.

No ano seguinte, a partir dos debates no II SEUNI e assente na Política Nacional de Extensão, é publicada a Política de Extensão da UNILA, um passo primordial para consolidar a extensão como grande articuladora da universidade no território, isto é, uma “ponte que liga a Universidade à Sociedade, a fim de permitir a troca de saberes, por meio da comunicação dialógica” (UNILA, 2014: 8). Ou, no sentido freiriano, trata-se de uma prática extensionista libertadora, na qual a comunicação não se estabelece como via de mão única. Pelo contrário, é fundamentada no saber ouvir os anseios da

comunidade e os conhecimentos populares, construindo coletivamente o conhecimento científico, a fim de contribuir para a transformação social.

Ademais, ao compreender a extensão como dimensão acadêmica, conforme registra a Resolução 01/2021/COSUEN, a instituição a consolida, finalmente, como processo educativo, cultural, científico e político, que articulado de modo indissociável com o ensino e a pesquisa viabiliza e media a relação dialógica entre a universidade e a sociedade. Sob esta perspectiva, a extensão na UNILA é orientada pelas seguintes diretrizes: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão; impacto na formação do e da estudante; e impacto e transformação social. As diretrizes funcionam como princípios norteadores para a prática extensionista, sendo complementares umas às outras, não havendo grau de hierarquia entre elas.

Ademais, dada a vinculação indiscernível da extensão com o território, na UNILA, a fronteira trinacional<sup>8</sup> se faz presente, como um espaço de comunicação com as diferentes culturas da região. Multidisciplinar e multiterritorial, portanto, a extensão unileira se propõe a dialogar para além das fronteiras nacionais, visando a transformação tanto da comunidade quanto da universidade e fomentando a integração regional. Assim, mais de 90 anos depois, a Política de Extensão da UNILA estabelece um diálogo com o Manifesto de los Estudiantes Brasileños de Río de Janeiro, referente ao estreitamento das relações do Brasil com a América Latina (SADER; GENTILI, 2008).

Na mesma direção, no CAU UNILA, a fronteira trinacional e a América Latina também têm sido o território prioritário de ações de extensão do curso, sejam vinculadas à PROEX ou realizadas no âmbito do próprio curso, a partir de atividades de ensino ou ainda, vinculadas a movimentos sindicais e populares da região. Este é o caso dos cursos *Direitos Humanos na América Latina* (2016), *Educação para a Ecologia e Sociedade na América Latina* (2019), *Sentidos, pensares e territórios: introdução aos saberes de Nuestra América* (2021)

---

<sup>8</sup> Optamos por usar “fronteira trinacional” porque o termo “tríplice fronteira” é a designação da região pelos órgãos da Ditadura Empresarial-Militar (1964-1984).

e *Limites e desafios das políticas habitacionais na América Latina* (2021); das palestras e cine-debates *Questões da urbanização latino-americana* (2014), *Arquitectura y ciudades em América Latina: una perspectiva a través del cine* (2015), e *Brigada Acadêmica Interdisciplinaria/México*; dos dois seminários *Comunicação, Emancipação e Integração na América Latina* (2014 e 2015); das exposições *Arquitetura e recursos naturais: tipologias construtivas na América Latina* (2013); *Arquiteturas e cidades na América Latina* (2014) e *Estado, industrialização e arquitetura na América Latina dos anos de 1920 a 1950* (2017, 2018, 2019); dos projetos de divulgação científica *Morar na barranca: Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região trinacional* (cartilha bilingue, 2019), *Ecologia e Sociedade na América Latina* (revista, 2019), *MALOCA: Comunicando Ciência a Partir da Fronteira trinacional* (website, 2021) e *MALOCA: popularização da ciência, no território da fronteira trinacional* (vídeos e podcast, 2021); e, por fim, das ações urbanas e assessorias técnicas *Design Participativo, Assessoria e Inclusão social dos "mestres de ofício" da fronteira trinacional Brasil, Argentina e Paraguai* (2015), *O Meu Olhar em Ciudad del Este, Puerto Iguázu e Foz do Iguaçu* (2015); *Paisagens urbanas: fronteira trinacional imaginada* (2015) e *Reestruturação Urbana e Social da Fronteira: Escola Popular de Planejamento da Cidade* (desde 2014).

Por sua vez, dos projetos de extensão gestados diretamente pela PROEX, merecem destaque o *Mapeamento Social* (2014-2015)<sup>9</sup>, que mapeou e segue mapeando os atores sociais da região trinacional a fim de estabelecer parcerias para as ações de extensão e o *UNILA ao Seu Alcance*, um projeto que desde 2016 percorre as escolas de ensino médio da região para mostrar o acesso ao ensino superior numa universidade pública, gratuita e de qualidade é direito de todos e todas e como os e as jovens podem entrar na UNILA. Na área cultural, o *Coral Todo Canto*, iniciado em 2015, integra o planejamento anual da pró-reitoria, atualmente com o nome de *Coral UNILA*; ainda, têm sido ofertados cursos de formação em teatro, realizados no Centro

---

<sup>9</sup> O projeto deu origem à Plataforma Umapas, que reúne atores sociais e ações de extensão da UNILA: [https://unila.edu.br/umapas/?page\\_id=257](https://unila.edu.br/umapas/?page_id=257).

de Atenção Integral ao Adolescente - CAIA, e de formação continuada para os professores e professoras do município de Foz do Iguaçu.

Em 2017, o SEUNI deu lugar ao *35º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*. Numa parceria entre UNILA, UNIOESTE, IFPR, escolas municipais da cidade e Itaipu Binacional, o evento contou com a participação de 1,5 mil extensionistas do sul do Brasil. Como sede da extensão da região sul, a UNILA pode ter um papel ativo no debate sobre a internacionalização da extensão, tema central do seminário naquele ano, o que já vinha sendo discutido na instituição devido à sua abrangência territorial e à própria vocação e missão da universidade. Nos anos seguintes, ocorreu a união dos eventos de ensino, pesquisa e extensão, na *Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão – SIEPE*, em que a comunidade acadêmica apresenta seus trabalhos científicos e também artístico-culturais.

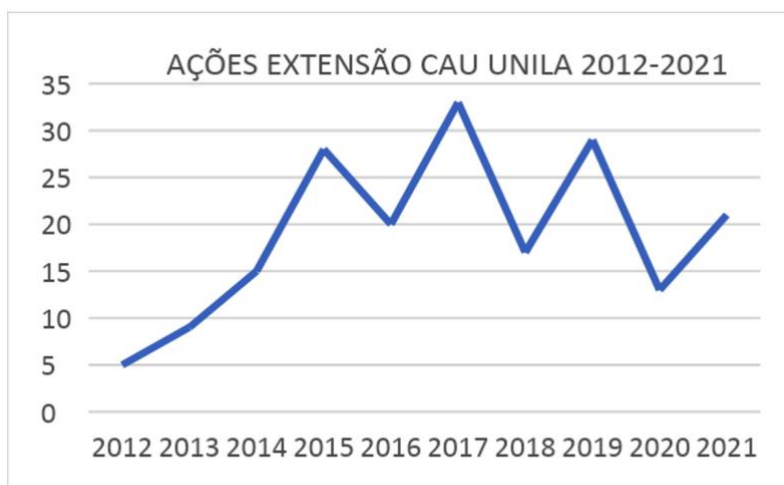
Os tempos de pandemia de Covid-19, desde 2020, têm sido desafiadores para todos os setores da Universidade, levando a uma reinvenção das ações de extensão por docentes, técnicos e discentes, para manter o caráter extensionista e, ao mesmo tempo, garantir a segurança biossanitária de todos envolvidos e envolvidas. Não obstante, quase trezentas ações foram realizadas, com a utilização de mídias digitais e ambientes virtuais de aprendizagem. Outrossim, houve ações no território, inclusive, voltadas para o enfrentamento da pandemia e de suas consequências, com destaque para o projeto “Ação Emergencial de Orientação e Assessoria Técnica Para o Conforto Ambiental e Sanitário Durante a Pandemia em Foz do Iguaçu”<sup>10</sup> desenvolvido a partir do CAU UNILA, um curso com uma história marcadamente extensionista, que desde os primeiros meses de seu funcionamento, em 2012, tem executado pelo menos cinco ações de extensão anuais, alcançando mais de trinta em 2017 e totalizando quase 200 ações no seu primeiro decênio de existência, a despeito de seu reduzido corpo docente.

---

<sup>10</sup> O projeto atuou junto às famílias mais vulneráveis, chefiadas por mulheres, no bairro Cidade Nova, um dos epicentros do início da pandemia na cidade e deu origem a um TCC.



Na UNILA, desde a implantação, em 2010, foram realizadas mais de 1,3 mil ações de extensão, com forte percentual de atividades envolvendo a região trinacional.



Fonte: NDE CAU / UNILA, 2022.

Algumas ações de abrangência internacional e regional possuem como público-alvo a população da fronteira, outras são desenvolvidas em Ciudad del Este, no Paraguai, e em Puerto Iguazú, na Argentina.

No âmbito da Resolução da curricularização da extensão num percentual equivalente a 10% da carga horária total dos cursos, desde 2016, a PROEX tem estudado sobre as formas de implementação. Participamos do 34º SEURS, ocorrido em Camboriú/SC, que teve com o tema central "A curricularização da extensão"; na UNILA, incorporamos o debate no IV SEUNI, e ainda, no mesmo ano, realizamos "O papel da Extensão na implementação de Políticas Públicas".

Todos estes eventos foram fundamentais para o encetamento um amplo e qualificado debate na instituição. Inclusive, é deste ano, o primeiro debate sobre o tema, interno ao CAU UNILA, acontecido na 18ª reunião do NDE. Naquela ocasião, houve uma longa discussão que, entre outras questões, sugeriu evitar no curso o aumento de carga horária, já que algumas disciplinas seriam facilmente "extensionalizáveis", como **Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo** e diversas outras.

A partir de 2018, é iniciado o diálogo entre a PROEX e PROGRAD, que resultou na norma a guiar a forma como os cursos de graduação podem atribuir os 10% de carga horária de extensão em seus respectivos currículos. A Resolução 01/2021 foi aprovada em março daquele ano pela COSUEN, tendo sido anteriormente analisada

e aprovada pela COSUEX. A seguir, a PROGRAD aprovou a Instrução Normativa nº 02/2021, que regulamenta a inserção da extensão dos cursos da UNILA. Desde então, considerando a inserção territorial da universidade no contexto trinacional, e com o perfil extensionista da UNILA, que o desafio está posto: curricularizar a extensão nos 29 cursos de graduação da nossa Universidade.

Faz parte desta trajetória institucional e, igualmente, de toda a luta social latino-americana em torno da extensão universitária, a própria história dos cursos de arquitetura e urbanismo e sua relação indiscernível com a função social da arquitetura, voltada para o atendimento de demandas da sociedade. Sendo a habitação um direito diretamente relacionado à área e um dos pilares centrais do PPC do CAU UNILA, vale a pena fazer um breve panorama da luta por moradia, já que é a partir da necessidade premente da população em ter onde morar que muitas escolas de arquitetura estabeleceram, há quase um século, sua principal vocação extensionista.

#### **4.2\_ATHIS e EMAUs: uma relação indiscernível entre ensino e sociedade nos cursos de arquitetura e urbanismo**

Os anos de 1920 foram particularmente significativos na história do ensino de arquitetura no mundo. Duas escolas funcionaram concomitantemente, os VKHUTEMAS e a Bauhaus. Uma integrante do processo revolucionário na URSS e outra, acompanha a curta vida da República de Weimar, ambas respondendo às profundas mudanças na técnica e tecnologia e estavam a postos para responder às demandas sociais de sua época, seja na construção de uma nova sociedade socialista, seja na reconstrução de um país devastado pela guerra. Ao longo daquela década, o contato e intercâmbio docente e discente será permanente entre estas duas escolas.

Desde o século XIX, havia uma demanda premente por moradia na Europa recém-industrializada. Sindicatos e movimentos cooperativos reivindicavam melhoras condições de moradia, dada a profunda precariedade habitacional da classe trabalhadora naquele período. Com a devastação da Europa, após a I Guerra Mundial, há urgência em suprir



a demanda por habitações, quando o desenvolvimento do concreto armado já é suficiente para uma escalada industrial da produção. Com a ascensão de governos mais voltados a questões sociais, tanto revolucionário, na Rússia, quanto reformista, na Alemanha, foi configurado um ambiente político fundamental para as primeiras experiências em moradias coletivas sob encomenda do Estado. A palavra “conjunto habitacional” – “siedlung”, na Alemanha, ou “wohnhöf”, na Áustria – até então, sequer existia. As casas comunais na URSS, igualmente, são experimentações novas sobre as possibilidades de moradia da nova família trabalhadora.

O contexto de implantação daquelas escolas de arquitetura, somado às fortes críticas do ensino na academia e o avanço tecnológico das décadas anteriores, requer uma relação inédita entre ensino e sociedade. É este, provavelmente, o momento das primeiras ações extensionistas nos cursos de arquitetura, ainda que este nome não tenha sido empregado na ocasião. Na URSS as Encomendas Sociais são uma prática do governo às universidades, inclusive, cursos de arquitetura, em que pese a ampla escassez de material para a construção civil naquela primeira década da revolução. Além disso, nos VKHUTEMAS, os exercícios projetivos, sobretudo aqueles de final de curso, deveriam apontar respostas para as necessidades do emergente Estado socialista.

No caso da Bauhaus, Hannes Meyer, ao implantar o Ateliê de arquitetura da escola, em 1927, estabelece como método projetivo, o programa de necessidades, que, por sua vez, emerge de demandas reais da sociedade. No ano seguinte, ao assumir a direção da escola, a função social da arquitetura passa a ser prioridade<sup>11</sup>. Apoiado no movimento cooperativo, na radicalidade funcional e inspirado na escola soviética, Meyer defendia que “necessidade do povo primeiro, luxo depois” (apud DROSTE, 2006). Sob a sua direção, são introduzidas na escola, disciplinas essencialmente das ciências humanas a concretas e, em particular, da sociologia “de campo”, com pesquisas junto a usuários e usuárias, estudos das cidades e dos bairros. Também

---

<sup>11</sup> O que será perdido na gestão de Mies van der Rohe (1930-1933), quando projetar volta a ser um exercício formal.

nestes poucos anos, a escola atende a encomendas de arquitetura, principalmente, dos sindicatos (PROSANTO, 2008). Vale mencionar que é essa orientação sócio-política voltada para as necessidades populares, a razão – não confessa, mas essencial – da destituição de Hannes Meyer de seu posto de diretor durante as férias de verão de 1930, já num quadro consolidado de ascensão nazista em todo o país.

Na América Latina, a despeito da Reforma de Córdoba, que altera definitivamente a relação entre universidade e sociedade no continente, ainda demoraria algumas décadas para esta questão aportar nos cursos de arquitetura e urbanismo. Nos anos de 1920 – enquanto o atendimento das demandas sociais é uma premissa naquelas duas escolas europeias, a modernização passou a ser um tema central por todo o continente, trazendo para este lado do atlântico problematizações distintas para o debate na área. É nesse período que acontecem os *Congressos Pan-Americanos de Arquitetura*: Uruguai (1920); Chile (1923); Argentina (1927); e Brasil (1930). Basicamente, os congressos debateram a regulamentação da profissão e do ensino, que, no Brasil, acontece em 1933. Ao mesmo tempo, a tecnologia do concreto armado e sua organização seriada do canteiro de obras, são introduzidos no país. Sérgio Ferro (2006), décadas mais tarde, afirmará que a regulamentação da profissão, consolida uma separação abissal entre o canteiro e o desenho, marcando uma adesão tecnocientífica incontestável da arquitetura ao modo de produção capitalista.

Neste arranjo, as escolas de arquitetura, desde a mudança curricular levada a cabo por Lucio Costa na Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, em 1931, acabam por se voltar prioritariamente a atender os anseios do país em se modernizar, o que significou, o atendimento do processo produtivo, mais do que para as necessidades sociais. Ressalte-se que o arquiteto foi nomeado por Vargas como diretor da ENBA<sup>12</sup>, não apenas sob os auspícios de modernização do país, mas especificamente, coube ao arquiteto adequar a escola de arquitetura à Reforma Universitária de 1931 (ABEA, 1977; CORDEIRO, 2015).

---

<sup>12</sup> Até hoje a data de posse de Costa é controversa, em meio ao turbilhão político do país. Há documentos que mostram o início de sua gestão sob o governo Washington Luís, apesar da posse ter sido três meses depois, pelo governo de Vargas, o que demonstra, inclusive, continuidade entre os dois governos (BOMENY, s/d).

Embora o decreto federal indicasse a introdução da extensão universitária no ensino superior, ela não será introduzida tão cedo no ensino de arquitetura e urbanismo.

Além disso, a consolidação da arquitetura moderna no Brasil ocorre pela encomenda estatal de edifícios públicos de grande porte e não pela via da habitação social, como foi o caso da Europa Central, conforme assevera Anatole Kopp (1990). Tais encomendas foram feitas a arquitetos já prestigiados ou por meio de concursos de projeto, passando ao largo das escolas de arquitetura. Em adição, o clima político não favorecia a ampliação de uma agenda social, debate, portanto, inexistente no interior das escolas naquele período. Recorde-se que nos anos de 1920, o avanço comunista e libertário foi duramente reprimido pelo governo de Artur Bernardes, culminando em prisões políticas e estado de sítio até o final daquela década. Nesta conjuntura e nos anos seguintes, a “modernização criolla”, parafraseando Mariátegui, não servirá aos desígnios do povo, como no contexto centro europeu de consolidação da arquitetura moderna.

Já sob o regime ditatorial do Estado Novo, nos anos de 1940, são criados mais dois cursos no país, a Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais e a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (ABEA, 1977). Em 1944, é fundado o Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB, dedicado a incentivar o aperfeiçoamento do ensino profissional e a fundação de novas faculdades, separadas das escolas de engenharia.

Em paralelo, havia uma necessidade de revisar a regulamentação profissional datada de 1933, cujos primeiros anos tiveram como pauta central garantir que as atividades de construção civil fossem exercidas por arquitetos, arquitetas, engenheiros e engenheiras, ao invés de construtores leigos. Na ocasião da revisão, uma década mais tarde, o principal embate ocorre em prol de um ensino autônomo, isto é, separado das escolas de engenharia, conforme defendido pelo IAB. A relação dos cursos com a sociedade ou ao menos, com as comunidades de entorno das escolas ainda passa ao largo das preocupações centrais da nossa área.

Apesar do interregno na realização dos *Congressos Pan-Americanos*, ele é realizado em Montevideu, em 1940, inserindo as questões urbanas do continente como um de seus

eixos centrais. Em 1949, em Havana, o ensino e a prática profissional voltam à cena. Em 1952, no México a habitação de interesse social, que nunca deixou de ser tema dos congressos, alça nova relevância, considerando a habitação de baixa renda sem o viés higienista que caracterizou o debate anteriormente.

Em 1960, é realizado em Buenos Aires o *X Congresso Panamericano de Arquitetos*, que tem como uma de suas resoluções que o conteúdo social seja uma condição básica no ensino de arquitetura na América Latina, tanto nos planos de estudo, quanto nos métodos (PROSANTO, 2008). No ano seguinte, no México, acontece a *II Conferencia de Escuelas y Facultades Latinoamericanas de Arquitectura*.

No Brasil, este é o período da construção de Brasília, com a implantação de uma inovadora proposta universitária na UNB, que abre seu curso de arquitetura 1962, introduzindo duas novidades fundamentais: docente a tempo integral e o Centro de Planejamento da universidade junto à escola, operado por professores e professoras do curso (FAUUSP apud ABEA, 1977). É, provavelmente, umas das primeiras escolas a instituir, no ensino, a realização de projetos profissionais, vinculados ao desenvolvimento dos edifícios da cidade universitária, o que é viabilizado pela carreira docente a tempo integral. Ainda que haja um caráter de fato extensionista naquela experiência, ele é, contudo, limitado às demandas institucionais da universidade, sem vínculos para fora de seus muros.

Ainda, no esteio da Revolução Cubana, é realizado em Havana, em 1963, o *I Encuentro Internacional de Profesores y Alumnos de Arquitectura*, que tem como mote central o dever do arquiteto e arquiteta em dispor “seus conhecimentos a serviço das amplas maiorias da sociedade” (DORFMAN, 2013: 117). O Encontro é encerrado com um discurso de Che Guevara, então Ministro de Indústrias, no qual afirma que “a técnica pode ser usada para domesticar os povos e pode ser usada a serviço dos povos para libertá-los” (apud ibidem). Em continuidade, na década seguinte mantem-se a ênfase na relação indiscernível entre arquitetura e compromisso social, tema predominante nos congressos de 1972, em São Paulo, e de 1975, no México.

Os anos de 1970 são marcados por experiências inovadoras no ensino de arquitetura o continente, tributárias dos debates das décadas anteriores. O Taller Total – TT, na Argentina, que funcionou de 1970 a 1975, é provavelmente das mais radicais escolas a relacionar arquitetura e compromisso social no continente, tendo sido encerrada repentinamente pela recém-instalada ditadura naquele país. Implantado na Universidade Nacional de Córdoba - UNC, cidade onde eclode a reforma de 1918, o TT se assenta em três premissas fundamentais: compreender a arquitetura como uma profissão de caráter prioritariamente social; seu ensino deve partir das demandas da sociedade; e a gestão da escola deve ser democrática e participativa (PROSANTO, 2008).

A experiência argentina responde, de alguma maneira, ao clima de agitação social em prol de mudanças estruturais dos anos que a antecedeu, como o *Cordobazo*, uma revolta popular contra a ditadura militar, com forte presença estudantil, ocorrida em 1968. No ano seguinte, Paulo Freire, exilado no Chile, publica “Pedagogia do Oprimido”, livro impresso pela faculdade de arquitetura e urbanismo da UNC, durante a vigência do Taller Total (ibidem)<sup>13</sup>. No México, naquele mesmo antanho, a experiência “autogobierno-arquitectura”, tanto no curso de arquitetura da UNAM (1972-1992), na capital, como na UAM, em Xochimilco (1974-presente) é seminal. A disciplina “praticanato”, na experiência da UNAM já apontava para a extensão integrada ao curriculum<sup>14</sup>.

No Brasil, aqueles anos também floresceriam propostas inovadoras para os cursos de arquitetura e urbanismo, muitos das quais rapidamente encerrados pela ditadura empresarial-militar, como aconteceu com faculdades e cursos de arquitetura e urbanismo em São José dos Campos (1970-1975) e na Universidade de Brasília (1968-1976). Ambos, de alguma maneira, direta ou indiretamente, conheciam a experiência argentina. Em

---

<sup>13</sup> Não será casual, portanto, que a plataforma que vem mapeando a ATHIS no Brasil, tenha incluído a experiência do TT em seu levantamento de práticas extensionistas e de assessoria técnica. Ver: <https://www.athis.org.br/experiencias/>

<sup>14</sup> De referir que docentes e discentes do Taller Total exilaram-se no México, com a instauração da ditadura e fechamento da escola na Argentina.

convergência, o relatório realizado pela FAUUSP a pedido da União Internacional de Arquitetos – UIA, em 1974, deixa patente que o ensino de arquitetura no país conhece os problemas decorrentes da acelerada urbanização e das condições precárias em que vive a maior parte da população (ABEA, 1977). Todavia, o documento não faz menção à extensão universitária, apesar desta questão estar presente desde o início do século no debate sobre educação no país e na América Latina. Aparentemente, os estudos sociais seriam suficientes para instrumentalizar o ou a estudante de arquitetura a lidar com os problemas da sociedade, sem necessariamente se desdobrar numa práxis social ou em ações extensionistas.

### **os caminhos da assessoria técnica gratuita**

Em paralelo aos avanços sobre a inserção das questões sociais no ensino de arquitetura e urbanismo, os anos de 1970 registram um passo importante que culminará, em 2008, na Lei de Assistência Técnica (11.888/08): o *Estudo de viabilidade de programa de assistência técnica gratuita ao projeto e construção da moradia isolada para pessoas carentes de recursos – ATMI*, que o Sindicato dos Arquitetos e Engenheiros do Rio Grande do Sul apresenta no *IX Congresso Brasileiro de Arquitetos*, que aconteceu em 1976, em São Paulo (MELLO, 2021). Um dos principais pontos do documento é a defesa da inclusão da arquitetura “no campo da previdência social, colocando a assistência técnica para habitação no mesmo nível da assistência médica, jurídica e social, já incorporadas aos programas de ação do poder público” (SAERGS, 1977 apud MELLO, 2021:4).

Assim, a extensão dos serviços profissionais chegaria à maior parte da população – configurando uma “arquitetura de massa” (MELLO, 2021), melhorando o acesso à moradia digna ao mesmo tempo em que amplia o mercado de trabalho do arquiteto e da arquiteta. No estudo está previsto, ainda, que um possível programa como esse deve envolver sindicatos, cooperativas profissionais e escolas de arquitetura (ibidem). Dito de outra forma, este documento é provavelmente um dos primeiros no país a



consolidar uma proposta de assistência técnica em arquitetura, que se tornaria projeto de lei municipal, em 1998, em Porto Alegre, e lei federal, dez anos depois.

Com o fim da ditadura empresarial-militar, diversas pautas significativas vão tomar conta do ambiente político nacional no processo constituinte. Merecem destaque tanto a participação social na elaboração do artigo 207 sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, já mencionado quanto, nos artigos 182 e 183, que garantem as funções sociais da cidade e o bem-estar de seus habitantes e no art. 5º, que estabelece a função social da propriedade e no art. 6º, que reza pelo direito à moradia. São poucas linhas e muita história de luta para a aprovação desta Carta Magna.

É desse período duas experiências fundamentais no ensino de arquitetura e urbanismo, que apesar de fugazes, mostram definitivamente possibilidades concretas para que a extensão universitária seja um dos pilares do ensino em arquitetura e do vínculo deste com as demandas sociais: a experiência do Laboratório de Habitação da Faculdade Belas-Artes (1983-1986)<sup>15</sup> e o Laboratório de Habitação da UNICAMP (1986-1999), de onde sairá o grupo de profissionais que fundará o USINA, em 1990, uma das principais assessorias técnicas a movimentos populares do país<sup>16</sup>. Por sua vez, o Laboratório de Habitação da Faculdade Belas-Artes, tem seu embrião na Cooperativa dos Sindicatos dos Arquitetos de São Paulo, mostrando a importância da organização da categoria para os avanços sociais e, neste caso, especificamente, nos embriões da convergência do debate sobre ATHIS e extensão universitária nos cursos de arquitetura e urbanismo (POMPÉIA, 2006).

Em simultâneo, nos anos de 1980, o contato entre profissionais e os movimentos sociais de moradia brasileiros e uruguaios, sobretudo com a Federación Uruguay de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mútua – FUCVAM, são primordiais para um fortalecimento da atuação política dos movimentos por moradia e para a organização de

---

<sup>15</sup> O laboratório foi fechado em virtude de uma grande crise no curso de arquitetura e urbanismo, que culminou com demissão de 92 professores. Boa parte de seu acervo e corpo docente migrou para o Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUCREDI, da UNICAMP.

<sup>16</sup> Ver <http://www.usina-ctah.org.br/>



uma atuação profissional inovadora, não pautada pela atuação liberal e autoral dos escritórios de arquitetura (BASTOS, 2019). As chamadas "assessorias técnicas" são grupos interdisciplinares de profissionais, com a predominância de arquitetos e arquitetas, além de engenheiros, engenheiras e assistentes sociais, que trabalham conjuntamente com os movimentos de luta por moradia. Estas entidades, atuantes desde o final dos anos de 1970, têm desenvolvendo práticas participativas e colaborativas com a comunidade, desde a concepção projetiva à organização do canteiro de obras, mostrando possibilidades concretas de atuação profissional sob outros moldes.

Outro fator decisivo a impulsionar a relação entre movimentos sociais e arquitetos e arquitetas, foi a eleição de administrações municipais mais progressistas que conseguiram desenvolver processos interessantes de participação popular na condução de projetos habitacionais, como exemplo, o governo de Luiza Erundina em São Paulo (1989-1992) que incorporou as Assessorias Técnicas à política oficial de habitação.

Na efervescência da redemocratização e do processo constituinte que avança debates sobre a educação pública, direto à moradia, função social da propriedade e, no esteio das experiências concretas de assessoria técnica, tanto formada por profissionais quanto aquelas dos laboratórios de habitação nas escolas de arquitetura, há ainda mais um ponto: o debate sobre os canteiros experimentais na formação do futuro arquiteto e arquiteta. A proposta de incorporar o canteiro ao ensino e à extensão aparece formalmente no documento publicado pelo MEC, no início dos anos de 1990: **Perfis da Área & Padrões de Qualidade. Expansão, Reconhecimento e Verificação Periódica dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo**, o qual até os dias atuais baliza (ou deveria balizar) os requisitos mínimos necessários à instalação dos cursos de arquitetura e urbanismo. O canteiro experimental é o espaço prioritário para a prática construtiva e a compreensão ética do trabalho e organização nos canteiros de obra, estabelecendo um diálogo estreito com a ação extensionista nas comunidades. No CAU UNILA, desde a sua implantação, o canteiro experimental integra o currículo obrigatório por cinco

semestres, estratégia elogiada por Reginaldo Ronconi, uma das vozes à frente da defesa da relação ensino-canteiros na formação em arquitetura e urbanismo<sup>17</sup>.

### **\_os EMAUs encontram a ATHIS: um desenho apropriado para o perfil extensionista dos cursos de arquitetura e urbanismo país**

Tanto as escolas mencionadas quanto as experiências em ATHIS daquele período inspiraram o movimento estudantil, por meio dos centros acadêmicos, no início dos anos 90, a montar os seus EMAUs - Escritórios Modelos em Arquitetura e Urbanismo, o local de articulação de projetos de extensão, pesquisa e ensino, voltado para o atendimento de demandas da sociedade. A finalidade dos EMAUs “não só de completar a educação universitária, mas também para afirmar um **compromisso com a realidade social** da comunidade onde a universidade está inserida” (FENEA, s/d: s/p, grifo no original).

É a partir dos anos de 1990, portanto, que o debate iniciado em Córdoba, mais de 80 anos antes, finalmente se concretiza no ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil, sobretudo pela atuação do movimento estudantil. Além de orientar estudantes e escolas a implantar os EMAUs, desde 1997 a FENEA organiza, anualmente, o *Seminário Nacional de Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo – SeNEMAU*, visando a troca de experiências e aprimoramento dos escritórios modelos.

Juntamente com os sindicatos de arquitetos, Federação Nacional de Arquitetos e IAB, a FeNEA tem participado ativamente da construção da agenda nacional em arquitetura e urbanismo. Estas entidades foram fundamentais para a criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAUBR, em 2010, demanda antiga da categoria e, particularmente, têm sido fundamentais para pautar a democratização da arquitetura via assessoria técnica gratuita, que com muita luta e debate ao longo de duas décadas, culminou com a promulgação da lei 11.888, em 2008.

---

<sup>17</sup> O elogio se deu no contexto do XXXII ENSEA, ocorrido em Goiânia, em 2013, quando a então coordenadora de curso apresentou o curriculum do CAU UNILA. Desde então, o professor tem sido um parceiro na consolidação do CAU UNILA.

A Lei de Assistência Técnica é uma conquista dos movimentos sociais e de classe. Tributária de quase um século do debate sobre formação e atuação profissional, direito à moradia e reforma urbana, tem enorme potencial de estabelecer um vínculo permanente entre universidades, poder público e comunidade. Desde a sua gênese como proposta, no documento elaborado pelo SAERGS, em 1976, o envolvimento das escolas de arquitetura está posto (MELLO, 2021). Assim, a ATHIS Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social, como tem sido designada, menciona os EMAUs como possíveis promotores dos serviços de assistência técnica e, especificamente, a extensão, em seu artigo 5º:

Com o objetivo de capacitar os profissionais e a comunidade usuária para a prestação dos serviços de assistência técnica previstos por esta Lei, podem ser firmados convênios ou termos de parceria entre o ente público responsável e as entidades promotoras de programas de capacitação profissional, residência ou extensão universitária nas áreas de arquitetura, urbanismo ou engenharia (LEI 11.888/08).

Ou seja, os EMAUs são o local prioritário para que a universidade possa prestar serviços técnicos à sociedade, num sentido dialógico, em parceria entre estudantes, docentes, técnicos e técnicas do poder público e cidadãos e cidadãos de todo o país.

No entanto, há muito o que avançar para a efetivação do marco legal. Tanto o envolvimento das universidades quanto das prefeituras ainda tem sido bastante tímido no que tange à execução da ATHIS. Desta feita, os sindicatos da categoria, a FNA, o IAB e o CAU têm formado grupos de trabalho para tratar do tema. Vale enfatizar que desde 2017, o CAUBR aprovou em plenária nacional uma diretriz que determina que 2% do orçamento do Conselho em cada regional do país deve ser destinado ao apoio de programas de assistência técnica (CAUBR, 2016).

Por sua vez, o programa Casa Fácil, proposto pelo CREA do Paraná, desde 1989, antes mesmo da lei da ATHIS, estabelece parcerias entre as entidades de classe e as prefeituras para a construção de moradias populares, sem, no entanto, envolver as universidades (CUNHA et al., 2007). Ao contrário, a prefeitura Municipal de Cataguases e a Escola de Arquitetura da UFMG, estabeleceram em parceria o programa Cataguases de Arquitetura Pública, com o objetivo de oferecer os serviços de arquitetura e urbanismo

à população de baixa renda, ao mesmo tempo em que propicia aos estudantes de arquitetura uma formação mais completa e voltada para a realidade brasileira (ibidem).

Em adição, a aprovação do Estatuto das Cidades em 2001 instituiu processos de participação para a implementação de Planos Diretores Municipais, configurando uma demanda ainda pouco explorada para os EMAUs: a educação para o território como condição fundamental para uma participação ativa da população nas decisões sobre a cidade. Uma compreensão das disputas incidentes nos territórios urbanos e não urbanos que compõem as cidades requerem um processo continuado de debate com a sociedade, não apenas nos períodos de elaboração dos planos. Só assim, as audiências públicas se constituirão de fato a arena de decisão sobre o território e não um simulacro de democracia.

É crucial, neste ponto, diferenciar a genealogia dos EMAUs, desenhada de baixo para cima, a partir da convergência entre a produção da moradia como direito, a função social da arquitetura e o papel da universidade pública, das chamadas “empresas júniores”, cuja origem remonta à ditadura empresarial-militar. As empresas júniores estão alinhadas à criação do Centro de Integração Empresa-Escola, em 1964, que por meio da persuasão tem o “objetivo de difundir um certo *ethos* educativo, afim do *espírito do capitalismo*” (LEHER, 2013: 316, grifos no original).

A capilaridade do ensino superior e o aumento do curso de arquitetura e urbanismo pelo território, pode, via extensão, melhorar a qualidade de vida das populações e o acesso a direitos – ao território, à moradia, à cidade e outros. Assim sendo, a extensão universitária em arquitetura e urbanismo se constitui “como peça fundamental para a formação de quadros qualificados para, junto às comunidades, enfrentar os desafios e consolidar melhores moradias e, conseqüentemente, melhores cidades” (LODDI et al., 2016: 11).

Finalmente, este breve panorama mostra nitidamente a interconexão histórica entre ATHIS e a extensão no ensino de arquitetura e urbanismo. Ao se apropriar das filigranas da histórica disputa política para a universidade brasileira, o CAU UNILA se posiciona em favor de um projeto popular, fazendo com que em articulação com o

poder público, os conhecimentos produzidos nas universidades alcancem a população no atendimento de seus direitos.

#### **4.3\_Em defesa dos direitos sociais: a extensão no CAU UNILA**

Desde o primeiro ano de seu funcionamento, 2012, o CAU UNILA tem realizado diversas ações de extensão, chegando quase 200 ações nesses dez anos. Um terço destas ações é desenvolvida sob o escopo da PROEX, um quinto realizado a partir de atividades de ensino ou dos grupos de pesquisa do curso e 40% das ações estão vinculadas aos movimentos sindicais e populares da cidade, o que mostra em primeiro lugar a penetração do curso no território e seu diálogo com a comunidade e local. Ademais, o caráter de muitas ações demonstra o perfil extensionista do curso que mesmo anterior à obrigatoriedade de curricularizar a extensão já vinha realizando atividades dessa natureza a partir de processos de ensino.

Muitos dos projetos dizem respeito diretamente à assessoria técnica, neste caso, todos efetivados sob a tutela da Pró-Reitoria de Extensão. Ademais, é permanente a oferta de oficinas, cursos, exposições, palestras, publicação de revistas ou textos de opinião em jornais da cidade e, ainda, a participação docente em programas locais de rádio ou jornal, sobre questões significativas para a região, como foi o caso do debate sobre a importância do Orçamento Participativo em Foz do Iguaçu ou acerca de pobreza, regularização fundiária e ocupação urbana, conforme mostra o quadro abaixo que registra todas as ações de extensão do CAU UNILA registradas na PROEX na última década:

<b>CAU UNILA: Ações de Extensão do CAU Registradas na Proex 2012-2025</b>		
<b>Ano</b>	<b>Nome da ação</b>	<b>tipo</b>
2025	Projetos de arquitetura e interiores para a loja Armazem do Campo do MST no Mercado Municipal, Vila A, Foz do Iguaçu.	ação
2025	Usina Criativa: Tecnologia e design para o câmbio climático	ação
2024	VI ELAC -Encontro Latino-americano de Arquitetura Comunitária	evento
2024	Exposição coletiva do Curso de Arquitetura e Urbanismo para receber o ELAC- Encontro Internacional de Arquitetura Comunitária	evento
2024	Introdução ao Design Computacional: Arquitetura Paramétrica para otimização de soluções arquitetônicas	curso

2024	Cores da Terra: Revitalizando Espaços com Sustentabilidade e Baixo Custo	ação
2024	ELAM - Estúdio Latino-americano de Moda	ação
2024	MALOCA: Comunicando Ciência	ação
2023	Ciclo de Palestras: Eficiência energética das edificações	evento
2023	Realização de Anteprojeto de Casa Abrigo - Parceria com ITAIPU Binacional	ação
2023	ATHIS Planejamento - Assessoria Técnica Multidisciplinar para Planejamento Comunitário	ação
2023	Modos de Morar das ruralidades não-capitalistas da América Latina: desenvolvimento de acervo iconográfico	ação
2023	ELAM - Estúdio Latino-americano de Moda	ação
2023	Doc Ambiente	ação
2023	Canteiro Escola da Unila - Arquitetura e construção popular no contexto da trílice fronteira	ação
2023	Do espaço livre ao espaço apropriado: uma proposta de requalificação para as áreas de lazer de duas Casas-Lares em Foz do Iguaçu – PR	ação
2022	Exposição Internacional Brasil, México E Argentina: arquitetura Habitacional de la URSS	evento
2022	Assessoria Tecnológica em Arquitetura, Urbanismo, Paisagem e Planejamento na Trílice Fronteira - LAMAU Laboratório Modelo em Arquitetura e Urbanismo	ação
2022	Estúdio Latino Americano de Moda Relacionado ao projeto de pesquisa e tecnologia social 10Caminhos	ação
2022	Modelagem Digital e Otimização: Ladybug como Suporte ao Projeto Arquitetônico Bioclimático	ação
2022	Formação em leituras territoriais para políticas públicas	curso
2022	Jovens Defensores Populares	curso
2021	MALOCA: Comunicando Ciência a Partir da Fronteira trinacional	ação
2021	Ciclo de palestras: Conforto Térmico e Eficiência Energética de Edificações	evento
2021	Do espaço livre ao espaço apropriado: uma proposta de requalificação para as áreas de lazer de quatro casas-lares em Foz do Iguaçu/PR	ação
2021	Acesso ao belo e ao natural	ação
2020	MALOCA - Popularização da ciência, no território da trílice fronteira	ação
2020	DeTec: Formação Bilíngue em Estudos Sociais e Decoloniais da Tecnologia	ação
2020	Ação Emergencial de Orientação e Assessoria Técnica para o Conforto Ambiental e Sanitário durante a pandemia em Foz do Iguaçu	ação
2020	Escola Popular de Planejamento da Cidade	ação
2020	Revista do Grupo de Pesquisa ¡DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços	ação



2020	Concurso de Ideias: Mobilidade Urbana para Pedestres	evento
2020	Ciclo de palestra: Conforto Térmico e Eficiência Energética de Edificações	evento
2019	Escola Popular de Planejamento da Cidade	ação
2019	Oficina em Produção Audiovisual Participativa com Nilton Rocha no Terreiro Afoxé Ogun Funmilayó, Foz do Iguaçu	curso
2019	Educação para a Ecologia e Sociedade na América Latina	curso
2019	Do espaço livre ao espaço apropriado: uma proposta de requalificação para as áreas de lazer de quatro casas-lares em Foz do Iguaçu	ação
2019	Assessoria Tecnológica gratuita em Arquitetura e Urbanismo na Fronteira trinacional – Laboratório Modelo em Arquitetura e Urbanismo	ação
2019	¡Genial! – formação em estudos decoloniais	curso
2018	O lado negro do Renascimento	curso
2018	Cartografias criativas	ação
2017	Curso de treinamento de mão de obra para construção civil (ênfase em construção de moradia popular)	curso
2017	Mini Curso de Construção com terra – taipa de pilão	curso
2017	Cartografia do Devir no Quilombo de Apepu, Mapeamento de transformações sócio espaciais na arquitetura afro-brasileira	ação
2017	“Reestruturação Urbana e Social da Fronteira: Mapeamentos e Debates”	ação
2017	Assessoria Tecnológica em arquitetura e engenharia para habitação popular	ação
2017	Oficinas de Ecodesign Participativo para a Economia Solidária	curso
2017	Práticas participativas em paisagismo: proposta para a área livre do Colégio Estadual Santa Rita em Foz do Iguaçu	ação
2017	Trato no cafofo: melhorias habitacionais em áreas de interesse social	ação
2017	Assessoria técnica para paisagem e espaço exterior doméstico voltados à habitação, soberania alimentar e regeneração ambiental: Quilombo Manoel Ciriáco dos Santos, Guaíra	ação
2017	Assessoria técnica para paisagem e espaço exterior doméstico voltados à habitação, soberania alimentar e regeneração ambiental: aldeia Itamarã, escola indígena Araju Porã	ação
2017	Assessoria técnica para paisagem e espaço exterior doméstico voltados à habitação, soberania alimentar e regeneração ambiental: Assentamento MST Companheiro Antônio Tavares - ITEPA - Instituto Técnico e Educacional de pesquisa da Reforma Agrária, São Miguel do Iguaçu, Paraná	ação
2016	Cartografia do Devir no Quilombo de Apepu, Mapeamento de transformações sócio espaciais na arquitetura afro-brasileira	ação
2016	Oficinas de Ecodesign Participativo para a Economia Solidária	curso
2016	Curso de Extensão em Direitos Humanos na América Latina	curso
2016	Assessoria Tecnológica em Arquitetura e Engenharia para habitação popular	ação
2016	Plano popular de recuperação das nascentes do córrego Mathias Almada _ EPPC	ação



2016	Economia Solidária, teorias e práticas	curso
2016	Bambu e arquitetura – diversidade e inovação tecnologia regional	ação
2016	Cineclube cinelatinos: imagens da américa-latina a serem decifradas	ação
2016	Cirandas urbanas	ação
2016	Integração, tecnologia e sociedade: a tradução como uma ponte para transmissão de conhecimento na América Latina	ação
2016	Caderno Didático: Conforto Lumínico - Iluminação Natural	publicação
2015	Edificações passivas no mundo e Reabilitação de edificações Antigas	evento
2015	Dia da África	evento
2015	Reestruturação Urbana e Social da Fronteira _ Escola Popular de Planejamento da Cidade	ação
2015	Concurso de fotografia: 'O Meu Olhar em... Ciudad del Este, Puerto Iguázu e Foz do Iguaçu'	evento
2015	Tubos de papelão na arquitetura: viabilidade e possibilidades na região da Fronteira trinacional	ação
2015	Litros de luz: o uso de garrafa PET para iluminação natural	ação
2015	Arquitetura sob uma percepção infantil	ação
2015	Territórios do Saber-Fazer II: Design Participativo, Assessoria e Inclusão social dos "mestres de ofício" da fronteira trinacional Brasil, Argentina e Paraguai	ação
2015	Tijolo de solo-cimento como uma alternativa econômica e sustentável para construção de Habitações de Interesse Social Rural	ação
2015	Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu Etapa II: mapeamento, registro e cadastro de bens	ação
2015	Paisagens urbanas: fronteira trinacional imaginada	ação
2015	Cartografia do Devir no Quilombo de Apepu, Mapeamento de transformações sócio espaciais na arquitetura afro-brasileira	ação
2014	Territórios do Saber-Fazer: Mapeamento, assessoria e inclusão social dos "mestres de ofício" da tríplice Fronteira Brasil, Argentina e Paraguai	ação
2014	Os orixás em terras de mboi: mapeando os espaços e espacializações afro-brasileiras em Foz do Iguaçu	ação
2014	Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu Etapa I: um sistema para mapeamento, registro e cadastro de bens	ação
2014	Paisagens urbanas: Foz do Iguaçu Imaginada	ação

Fonte: NDE (2025) a partir de PROEX UNILA, disponível em [https://sig.unila.edu.br/sigaa/public/extensao/consulta\\_extensao.jsf](https://sig.unila.edu.br/sigaa/public/extensao/consulta_extensao.jsf).

No que tange aos temas preferenciais, em disparado os trabalhos de extensão têm a ver com direito ao território, à moradia e à arquitetura, desenvolvidos especialmente nas áreas mais pobres da cidade. Muitos são interseccionais a questões de gênero e raça, com ações voltadas para mulheres, população negra e também indígena. As escolas públicas também têm sido um local privilegiado dos projetos de extensão do

CAU UNILA, seja para ministrar cursos, oficinas, educação continuada<sup>18</sup>, seja para assessoria técnica concernente à edificação escolar.

Finalmente, amparado em toda a história que nos antecede, o CAU UNILA tem três laboratórios estruturantes de base extensionista: o Canteiro Experimental; o LaPPRAU e o LaMAU. O **Canteiro Experimental** é o lugar da experimentação construtiva dentro do curso, incluindo a exploração de materiais e tecnologias de fácil acesso pela comunidade; o **LaPPrau – Laboratório de Práticas Formativas e Participativas em Arquitetura e Urbanismo** é o laboratório voltado para aprofundar a relação entre arquitetura e pedagogia, seja no desenvolvimento de cursos à comunidade, seja na elaboração de cartilhas e afins, com o intuito de favorecer a apropriação, pela população de seus direitos; já o **LaMau – Laboratório Modelo em Arquitetura e Urbanismo** é o espaço de prestação de serviços técnicos à comunidade, isto é, a assessoria técnica propriamente dita, com foco no atendimento de demandas públicas, coletivas ou comunitárias.

Em consonância com Política de Extensão da UNILA, aprovada em 2021, as atividades de extensão do curso, na forma de prestação de serviços **se caracterizam, necessariamente ter um caráter social e uma finalidade pública, que levem à transformação social**. Igualmente nessa direção, é prioritário ao LaPPRAU uma **atuação junto ao sistema público de ensino**, ainda que suas atividades não se limitem a isso. Ademais, os laboratórios extensionistas do CAU UNILA devem se caracterizar pela construção dialógica do conhecimento, com o objetivo da autonomia e emancipação social. Em outras palavras, não se trata de “levar” conhecimento, mas de construí-lo com a comunidade, conforme os debates na disciplina **Práticas Participativa em Arquitetura e Urbanismo**, que formam a base de apoio teórico-metodológico para as ações de extensão do curso.

---

<sup>18</sup> Ver <https://sinprefi.com.br/sindicato/parceria-entre-sinprefi-e-sesunila-resulta-em-curso-de-formacao-para-professores-da-rede-publica-municipal-de-ensino-de-foz/>

De mesma maneira, tanto os exercícios projetivos dos diversos Ateliês, como os ensinamentos de **Políticas Públicas de Habitação** e a perspectiva crítica peculiar ao curso fornecem ferramentas indispensáveis para a síntese que caracteriza as ações de extensão. Estas, por sua vez, integram o processo formativo de modo orgânico, com vistas a formar profissionais preparados e preparadas para enfrentar os problemas latino-americanos no século XXI, colaborando para desenvolver habilidades nos e nas estudantes para um mercado de trabalho plural que inclua a atuação pública e comunitária.

Por conseguinte, o **público-alvo das ações de extensão do CAU UNILA** é a comunidade da fronteira trinacional e região, prioritariamente os movimentos sociais, as comunidades de bairro, o poder público e as escolas públicas, que já vêm sendo atendidas pelas quase 200 ações de extensão realizadas desde 2012.

Além disso, no que tange aos três laboratórios, estes vêm sendo planejados desde o início do curso, quando foram feitas as negociações e reuniões em diversos departamentos da universidade para defender a importância estrutural destes espaços tanto para atender aos padrões de qualidade exigidos pelo MEC como para a formação do egresso e egressa. Atualmente, o LaMAU está em pleno funcionamento, com uma coordenação eleita pelo colegiado de curso e um regimento interno. O LaPPRAU partilha espaço com o LaMAU, na sede própria da UNILA. Já o canteiro experimental, tem suas atividades realizadas em área designada para este fim no Itaipu Parquetec, onde funciona o curso de arquitetura e urbanismo.

Nos últimos anos, a coordenação do LaMAU e do canteiro experimental, junto à coordenação de curso têm envidado esforços na articulação do laboratório com a prefeitura, com o intuito de impulsionar a ATHIS no município. Merece enfatizar que resulta deste esforço a aprovação da lei municipal 5.008/21, a qual implementa a

assessoria técnica no município. Com a aprovação da lei, o CAU UNILA segue articulando com a prefeitura e com o CAUPR para viabilizar a sua implementação<sup>19</sup>.

Além da lei municipal de ATHIS, é notória a colaboração fundamental de docentes do curso para o acesso a direitos pela população local, por meio do ensino-pesquisa-extensão. Este é o caso da luta por moradia na Ocupação Bubas, maior ocupação urbana do Paraná, que conseguiu uma decisão favorável para permanência no local, em boa parte por conta do trabalho da *Escola Popular de Planejamento da Cidade*<sup>20</sup>, uma ação de extensão do CAU UNILA. Semelhantemente, o material produzido pelos projetos de extensão no Quilombo Apepu<sup>21</sup>, no município vizinho de São Miguel Iguaçu tem sido utilizado na promoção de direitos das comunidades por instituições como a Defensoria Pública do Estado do Paraná. Ainda, os projetos de extensão junto ao Ilê Axé Oju Ogum Funmilayo têm colaborado para estancar o racismo religioso na cidade; outros projetos têm contribuído para embasar debates e ações nos conselhos municipais, como foi o caso da proposta de revisão da legislação municipal para o patrimônio cultural<sup>22</sup>, entre outros.

Finalmente, merece registrar as inúmeras ações extensionistas realizadas no curso sem um vínculo com a PROEX. Muitas vezes, a extensão tem acontecido diretamente a partir das atividades de ensino; vinculadas aos grupos e projetos de pesquisa ou ainda, diretamente a partir de demandas de movimentos sociais e sindicais da cidade. Este é o caso das mais de 120 ações de extensão realizadas por docentes do curso na última década com a realização da exposição pública de trabalhos; organização de páginas web ou site para difusão de conhecimento; publicações de acesso gratuito; oferta de cursos ou oficinas; organização de palestras ou mesas-redondas; ou ainda, a participação em programas locais de rádio e TV, apresentando à população importantes debates relativos à direitos humanos e sociais. Destas, cerca de 34 ações guardam relação com o ensino,

<sup>19</sup> Ver <https://www.caupr.gov.br/?p=30211>

<sup>20</sup> Ver <https://paisagensperifericas.wordpress.com/> e [https://issuu.com/eppc.unila/docs/cartilha\\_final\\_-\\_por](https://issuu.com/eppc.unila/docs/cartilha_final_-_por)

<sup>21</sup> Ver [https://issuu.com/cadernomaloca/docs/caderno\\_maloca\\_n1](https://issuu.com/cadernomaloca/docs/caderno_maloca_n1)

<sup>22</sup> <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/conselho-apresenta-proposta-de-lei-para-o-patrimonio-cultural/>

o que vem acontecendo desde o início do curso, 2012, muito antes do debate sobre curricularização da extensão integrar a agenda da universidade, mostrando o caráter extensionista do CAU UNILA.

Em outras palavras, este foi um decênio intenso pra extensão do CAU UNILA, sempre guiada na perspectiva dos direitos e da construção conjunta com a sociedade. A curricularização da extensão, certamente, potencializa a territorialização do curso na região trinacional.

#### **4.4\_Como submeter uma ação extensão**

Primeiramente, é preciso conhecer os documentos que regem a extensão na UNILA: a Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012); a Política de Extensão Universitária da UNILA (2021); e o Regulamento da Extensão Universitária da UNILA (2022). As ações de extensão devem ser propostas por servidores e servidoras da UNILA, via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), cujos testes iniciais foram feitos em 2014 e, desde 2015, o sistema encontra-se em pleno funcionamento. Assim, todas as ações de extensão são submetidas pelo SIGAA, por meio do módulo “extensão”. A PROEX mantém em sua página vários tutoriais que descrevem, entre outros, o passo a passo para submissão de ações de extensão

É possível cadastrar ações de extensão em seis modalidades: programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviços e publicações, conforme Regulamento da Extensão Universitária da UNILA. No entanto, a modalidade de publicações não está incluída entre as modalidades curricularizáveis.

#### **\_submetendo uma ação de extensão no CAU UNILA**

No CAU UNILA, as demandas da comunidade são organizadas no LaMAU – voltado para a prestação de serviços e no LaPPRAU – afeito à oferta de cursos nas áreas de domínio da arquitetura e urbanismo. A coordenação dos laboratórios tem o papel fundamental de articular as demandas com as disciplinas, a cada semestre, e,

sobretudo, manter o diálogo constante com poder público – prefeituras e entidades de classe, como o CAUBR e o Sindicato dos Arquitetos do Paraná.

Vale salientar, todavia, que a curricularização da extensão no CAU UNILA não ocorre por meio de ações de extensão. Ela é garantida por meio de disciplinas extensionistas, que têm parte ou a totalidade voltada para a atividade extensionista. Toda a carga horária obrigatória exigida pela curricularização é cumprida pelas disciplinas extensionistas obrigatórias.

Além disso, o ou a discente podem participar de ações de extensão que são computadas como atividades complementares. Nota-se, portanto, um viés extensionista bastante presente no CAU UNILA.

## 5\_JUSTIFICATIVA

O PPC do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana se desenvolve a partir de premissas que consideram a história de criação da UNILA, o seu papel de relevância para a integração regional e o caráter inovador requerido para o CAU UNILA, sob a luz das novas complexidades e desafios que se interpõe para a formação do arquiteto e da arquiteta e urbanista em consonância com o século XXI no contexto latino-americano.

No plano Brasil 2022 (BRASIL, 2010), desenvolvido pelo governo federal, diversas são as metas do bicentenário diretamente concernentes ao arquiteto e urbanista: zerar o déficit habitacional brasileiro, urbanizar o universo de assentamentos precários, promover a regularização fundiária de metade do universo de domicílios informais, assegurar 100% de acesso a saneamento ambiental em todas as cidades, implantar corredores de transporte nas cidades com mais de 300 mil habitantes. Além disso, muitas das metas estão indiretamente relacionadas com o universo da arquitetura e urbanismo: aperfeiçoar o arranjo federativo para a implantação de políticas públicas (para habitação, por exemplo); erradicar a extrema pobreza, acelerar a redução da desigualdade na distribuição de renda, universalizar o atendimento escolar de 04 a 17 anos (o que inclui a construção de escolas); universalizar o acesso aos bens e conteúdos culturais a todos os brasileiros (pressupõe um melhor arranjo dos espaços urbanos); titular 100% das terras quilombolas; estruturar a cartografia e o mapeamento da diversidade cultural brasileira.

Alguns debates têm emergido nos últimos anos, no sentido de uma reflexão acerca do sistema de valorização da produção arquitetônica muito mais voltado a projetos autorais de grande porte, ou projetos-monumentos, que inspiram e seduzem os futuros profissionais na direção oposta das amplas necessidades infraestruturais, espaciais e sociais do país (ARANTES, 2012; RONCONI, 2002; WHITAKER, 2011).



As bases atuais do ensino da arquitetura e urbanismo, no mundo todo, foram majoritariamente consolidadas ao longo do último século sob a égide do modernismo e sua forte vocação para a produção industrial inspiradas no modelo bauhausiano. Na virada do século XX para o XXI, outras variáveis e complexidades são acrescidas na produção do espaço construído e habitado, contudo, as alterações no ensino têm acompanhado, de maneira geral, morosamente e de forma marginal tais reconfigurações de cenário.

### **\_breve digressão histórica: situando o CAU UNILA na história do ensino de arquitetura**

No século XIX foram consolidadas duas correntes distintas de ensino de arquitetura e urbanismo: uma com base nas belas-artes e outra nos institutos politécnicos. Esta cisão era bastante clara na França (BENÉVOLO, 1989), modelo que influenciou diretamente o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil (ABEA, 1977). As escolas oriundas das belas-artes defendiam a inserção da área nas artes, enquanto as outras se voltavam para os aspectos tecnicistas dos projetos, filiando a arquitetura e urbanismo às ciências exatas. Esta última acabou por vigorar no país e no cenário internacional por muitas décadas, culminando, no Brasil com a filiação da área ao Conselho Regional das Engenharias e Agronomia – CREA. Além da origem nos institutos politécnicos, o direcionamento definitivo da área para as ciências exatas no século XX deveu-se à consolidação da produção industrial, com o que a arquitetura e urbanismo desenvolveu forte vínculo.

Neste contexto, a centralidade da experiência pedagógica de duas escolas de arquitetura nos anos de 1920, a Bauhaus, na Alemanha, e os VKHUTEMAS, na nascente URSS, foram fundamentais para pautar a relação entre ensino de arquitetura, produção industrial e demanda social. O intercâmbio docente e discente entre ambas foi constante, assim uma proposta curricular inovadora, que respondia às profundas mudanças na técnica e tecnologia pelas quais passava a sociedade

naquele período. É a partir destas escolas<sup>23</sup> que são dados os passos iniciais para o vínculo indiscernível entre arquitetura-arte-indústria-técnica. Em suas matrizes curriculares interessava valorizar o artesanato e os processos industriais.

Não apenas os principais pilares da arquitetura do século XX são consolidados pelos VKHUTEMAS e pela Bauhaus, como também o desenho industrial e o design gráfico têm seu nascimento naquela escola (DROSTE, 2006; JALLAGEAS; LIMA, 2020). É indiscutível no cenário da arquitetura nas décadas de 1920 e de 1930 a importância destas escolas, seus professores, professoras e corpo discente. Muito do que se tem hoje na produção arquitetônica e de cidades germinou naquelas experiências singulares imersas e indiscerníveis do debate arquitetônico de seu tempo, que muito contribuíram para uma reversão da precariedade dos assentamentos urbanos da virada do século XIX, para qual o ensino da Academia era claramente insuficiente em respostas. Os pré-fabricados, os conjuntos habitacionais, os equipamentos urbanos, a cidade racional, a separação do espaço urbano segundo as funções, a valorização das máquinas e do meio de transporte foram as bases centrais do modernismo.

No entanto, todo o engajamento e comprometimento político-social da produção arquitetônica destas décadas são substancialmente alterados no segundo pós-guerra, quando o moderno se torna um “estilo” (KOPP, 1990), sobretudo no ocidente, num mundo já fracionado pela Guerra Fria. Contudo, esta virada nas preocupações centrais do movimento moderno é evidente desde o IV CIAM, realizado em 1934, num contexto de ascensão do nazismo na Europa central, quando Mies van der Rohe recusa-se a compreender o urbanismo como uma questão política, marcando, para Anatole Kopp, “o final de uma época” (KOPP, 1990: 159), na qual “a ‘causa’ de arquitetos e arquitetas “fica sem pátria” (ibidem).

Nas décadas seguintes, há um forte movimento migratório de arquitetos e arquitetas, especialmente para os Estados Unidos. Ao contrário do ambiente europeu no qual é

---

<sup>23</sup> O contexto da Guerra Fria fez com que não fosse divulgado no ocidente a experiência dos VKHUTEMAS, contudo, em seu tempo, a escola soviética reformulou o ensino em arquitetura, exercendo, inclusive, forte influência sobre a sua contemporânea Bauhaus, muito mais conhecida e aclamada no ocidente (JALLAGEAS; LIMA, 2020).

consolidado um modernismo fortemente vinculado ao debate político-social da época, nos EUA, esta é uma arquitetura praticamente marginal. Ademais, que com o fim da guerra afloram claras demarcações geopolíticas mundiais, intensificando, no país, uma patrulha ideológica anticomunista. Neste ambiente, os arquitetos e arquitetas imigrantes, ao serem absorvidos como professores e professoras em importantes escolas de arquitetura evitam debater as demandas sociais e apresentam, aos EUA, apenas os aspectos formais e técnicos do modernismo inovador centro-europeu (ibidem).

A influência econômica, política e cultural dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria na maior parte dos países ocidentais, inclusive na América Latina, pauta muito do debate e da arquitetura nas décadas subsequentes, cuja perspectiva é sintetizada no importante manifesto pós-moderno “Learning from Las Vegas” de Robert Venturi e Denise Scott-Brown, publicado em 1972.

### **e o ensino de arquitetura neste cenário?**

Finda esta breve digressão histórica, fica mais claro compreender outra característica marcante herdada do modernismo diluído de seu debate social inicial, isto é, uma preocupação formal, acompanhada de uma centralização do projeto arquitetônico na prática profissional em detrimento da experimentação construtiva (o canteiro de obras) (RONCONI, 2002) e da reflexão crítica. Esta prática é comumente naturalizada nos cursos de Arquitetura e Urbanismo em finais do século passado, cujo resultado é uma “miragem para o exercício profissional” (ibidem: 38), na qual o estudante, do alto de seu mirante,

só avista a grande obra: grandes museus, grandes parques, grandes projetos (...) isola-se um museu aqui, um parque ali, mas uma vasta extensão do território das cidades permanece abandonada, demanda tão prioritária, mas que não consegue despertar o interesse dos arquitetos (ibidem).

Longe do canteiro de obras, a formação do arquiteto passa a prescindir da prática social inerente à arquitetura (ibidem). O estudante tem um contato teórico com os problemas sociais, mas não a sua vivência e experimentação: “falta o contato com as culturas

construtivas, com as possibilidades econômicas e com a vivência social” (ibidem: 39). Na mesma direção, a excessiva valorização do projeto arquitetônico colabora por afastar o arquiteto e urbanista do pensamento crítico, da sua capacidade de refletir sobre o que faz e mais, de compreender a arquitetura e o urbanismo como ação política.

Ainda que a ruptura com o historicismo/ecletismo da academia tenha sido, de fato, uma conquista da arquitetura moderna para consolidar uma produção em sintonia com o seu tempo/espço, emergem, desde finais do século XX, outras e novas complexidades, para as quais o programa moderno é evidentemente insuficiente e, o pós-moderno, parcial e pouco adequado ao contexto latino-americano. Portanto, passados quase cem anos da primeira escola moderna de arquitetura, do outro lado do Atlântico, quais devem ser as bases para o ensino da arquitetura e urbanismo do século XXI? Como a UNILA se insere neste panorama regional e temporal? Qual seria a necessidade de formação profissional voltada para atender as demandas dos problemas regionais? Como os cursos de arquitetura e urbanismo têm respondido a isso?

O mapeamento realizado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAUBR, em 2013, mostrou que a maior parte dos arquitetos nacionais reside nos grandes centros urbanos, onde também está a maior concentração de escolas de arquitetura (ABEA, 2013). Todavia, dos 80% de municípios brasileiros com menos de 50 mil habitantes, muitos não têm arquitetos ou arquitetas residentes, tampouco nos quadros administrativos municipais. Quem são os e as profissionais à frente da qualificação do ambiente construído nestas localidades? Por sua vez, nas grandes cidades boa parte das construções é irregular e está fora do mercado formal, o que significa que a população não tem acesso a uma moradia de qualidade:

casas construídas sem assistência de um profissional têm quase todas o mesmo vício: são mais caras do que se tivessem sido construídas com a assistência de um profissional, há mais desperdícios e ainda mais, o conforto térmico, tão necessário numa construção habitacional não é tratado tecnicamente (ARRUDA, 2009).

A afirmação do presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas – FNA faz parte do amplo debate ao longo da década passada que culminou na promulgação da lei de Assistência Técnica Gratuita (Lei 11.888/08) <sup>24</sup>.

Neste contexto, uma escola implantada na fronteira trinacional, numa universidade voltada para a integração solidária da América-Latina e Caribe, fundamenta suas bases no objetivo de contribuir para alterar este quadro, por meio de uma “arquitetura política e uma política de arquitetura” (UNILA s/d a) amplamente voltada para as questões latino-americanas de qualificação do seu espaço construído e habitado, ampliando o acesso das populações ao direito à arquitetura, à moradia, à cidade e ao território. Isto significa guiar o seu projeto pedagógico com vistas a formar um arquiteto e uma arquiteta e urbanista que, para além de uma formação generalista típica de um egresso ou egressa do curso de Arquitetura e Urbanismo, seja também preparado e preparada para responder um mercado profissional plural, com crescente demanda para um perfil profissional voltado às especificidades locais/regionais a partir de racionalidades próprias, valorizando técnicas e materiais de fácil acesso e incluindo a importância dos processos participativos nos projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Sob esta perspectiva, o CAU UNILA, orienta-se a partir dos escritos de Paulo Freire (2006), Enrique Dussel (2005 e 2011), Anibal Quijano (2005) e Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006), traduzindo-os para os múltiplos contextos do ensino, da pesquisa e da extensão em arquitetura e urbanismo. De Freire, o curso se propõe a extrair o aporte teórico e metodológico de sua proposta de educação voltada para a libertação dos países pobres, com vistas à emancipação humana. Da obra de Dussel e Quijano, o CAU UNILA ambiciona incorporar o profícuo debate a respeito da reconstrução histórica da Modernidade e da superação do eurocentrismo nas ciências, preparando um egresso e uma egressa que identifiquem as assimetrias de poder entre os povos e os lugares e que sejam capazes de se engajar na construção de uma centralidade

---

<sup>24</sup> Ver item 4.2.

epistêmica em torno da América Latina; de Milton Santos, o curso se apropria da espacialização crítica em torno do conceito de território, de modo a compreender os objetos arquitetônicos, as práticas projetuais e o resultante ambiente construído, como parte da espacialização tanto das culturas quanto das relações entre sociedade e natureza, particularmente aquelas imbricadas com as disputas de poder e com os conflitos em torno do acesso à terra.

Também evidenciam claramente o posicionamento pedagógico-político do CAU UNILA a obra de arquitetos e arquitetas como **Hassan Fathy**, crítico da industrialização da construção e contribuinte de uma visão de arquitetura inclusiva em relação ao mundo rural e aos materiais naturais disponíveis nos diversos contextos regionais e geo-bio-físicos; **Lina Bo Bardi**, em seu diálogo entre o Moderno e o Popular e sua valorização do uso cotidiano dos espaços como inerente à boa prática projetual; **Francis Kéré**, em Burkina Faso ou **Joe Addo**, no Gana, que buscam desenvolver técnicas alternativas de construção que privilegiam os materiais disponíveis localmente, respeitando os saberes construtivos locais; **Armando de Holanda**, **Johan Van Lengen** e **Fruto Vivas**, que do roteiro para construir no nordeste às *casas más sencillas*, partilham seus conhecimentos para construções ambientalmente mais adequadas; **Mina Klabin** e o uso da flora local no paisagismo; **Alejandro Aravena**, no Chile, a **Brigada Acadêmica Interdisciplinária**, no México, a **FUCVAM**, no Uruguai e o **USINA**, no Brasil, cada a seu modo, procurando atender a demanda por moradia das camadas populares; **Carmen Portinho** e inserção das secretarias de habitação nos quadros das prefeituras municipais; **Terezinha Gonzaga** e **Ana Gabriela Godinho Lima**, pioneiras em compreender a importância das clivagens de gênero na arquitetura e no urbanismo; **Joice Berth**, que tem bem pontuado as questões raciais no espaço urbano e **Lesley Lokko**, com sua obra seminal sobre o racismo na área; **Sérgio Ferro**, que buscou compreender o objeto arquitetônico como parte de uma produção de mais-valias sobre o território e exigiu do ofício do arquiteto ousadia poética e prática revolucionária; **Eladio Dieste** e **Solano Benítez**, cujas obras conjugam de diferentes maneiras as escolhas de materiais,

sistemas estruturais e demais decisões projetuais ao desejo por edifícios de fácil execução técnico e de custos finais baixos; **Roberto Segre e Marina Waisman**, que bem compreenderam a importância de um deslocamento epistêmico para compreender a arquitetura latino-americana desde este lugar: a América Latina.

### 5.1. Inserção Regional e Integração Regional

Nos países imediatamente fronteiriços à UNILA (Paraguai, Uruguai e Argentina), apesar de um número relativamente alto de escolas de arquitetura e urbanismo (49), há fortes assimetrias na sua distribuição geográfica, com uma concentração de 78% destes cursos na Argentina. Além disso, 65% destas escolas é privada, voltada diretamente para as demandas do mercado imobiliário e da construção civil.

Em conjunto com um sistema de valorização que mensura o sucesso profissional pela produção autoral “destinada invariavelmente a estratos sociais de alta renda” (WHITAKER, 2011), este cenário de escolas perfiladas majoritariamente pelo mercado privado acaba por definir, em grande medida, um egresso pouco voltado para o atendimento de demandas sociais e/ou públicas.

A **Argentina**, por exemplo, é um país com forte tradição universitária, contando com 38 cursos de arquitetura e urbanismo, a maior parte concentrada no centro-norte do país. Cerca um terço destes cursos estão em instituições públicas, como é o caso da primeira escola, fundada em 1901, integrada à Universidade de Buenos Aires. Mais de meio século depois são criadas novas faculdades, sendo 17 (34%) após os anos 1990. Apesar do grande número de escolas, o país fica atrás do Paraguai no que tange à relação do número de habitantes por escola, conforme mostra a tabela abaixo.

Similarmente, no **Paraguai**, um terço dos cursos está em universidades públicas, sendo a Universidad Nacional de Asunción, a mais antiga. Apesar de ter sido fundada no século XIX, o curso de arquitetura foi criado apenas em 1993. Em 2007, a Universidad Nacional de Villarrica del Espíritu Santo, abre um curso de arquitetura público no interior do país.



UNIDADE TERRITORIAL	N. CURSOS <sup>1</sup>	HABITANTES <sup>2</sup> POR CURSO (MILHAR)
Santa Catarina	62	117
<b>Paraná</b>	<b>87</b>	<b>132</b>
Rio Grande do Sul	68	168
Mato Grosso do Sul	20	140
Brasil	838	252
Paraguai	9	795
Argentina	38	1.194
Uruguai	02	1.765
Região da UNILA [PR, SC, RS, MS, PY, UR, AR]	286	311

Fonte: Organizado pelo NDE, 2025.

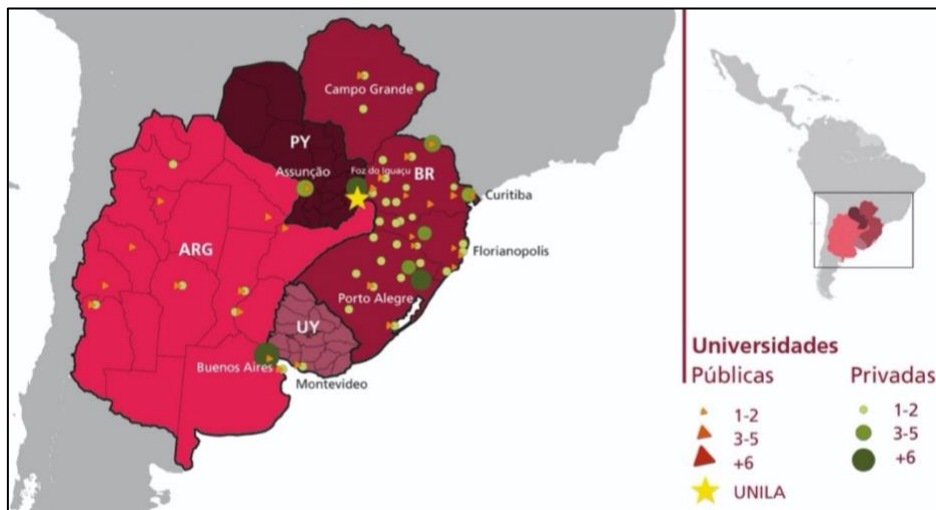
<sup>1</sup> Brasil: E-MEC, 2022; Paraguai: Manduá, n. 411, jul. 2017; Argentina: <https://www.buscouniversidad.com.ar/>; Uruguai, INE, 2020.

<sup>2</sup> Brasil, IBGE, 2020; Paraguai, INE, 2015, estimativa para 2020; Argentina, INDEC, 2010 estimativa para 2020; Uruguai, INE, 2020.

Ainda, desde meados dos anos de 1990, são instaladas novas escolas privadas, três delas localizadas na região da fronteira trinacional (Ciudad del Este, Henandárias e Presidente Franco), todas voltadas claramente para o mercado privado da construção civil. Soma-se, na região fronteiriça, mais um curso, aberto em 2021, pela Universidad Nacional del Este, totalizando quatro cursos paraguaios na região fronteiriça.

Em contraposição, o vizinho **Uruguai** tem um número bastante reduzido de cursos de arquitetura e urbanismo, apenas dois: a faculdade da Universidad de la Republica (UdeLaR), pública, e a privada ORT, ambas na capital. Contudo, este é o país com o ensino formal de arquitetura mais antigo da região de inserção da UNILA, iniciado em 1886, no âmbito da faculdade de Matemática y Ramos Anexos. A faculdade de Arquitetura seria criada duas décadas mais tarde, em 1915.

## ESCOLAS DE ARQUITETURA NA REGIÃO DE INSERÇÃO DA UNILA



Fonte: Elaborado por Oswaldo Freitez com base nos dados fornecidos pelo NDE.

Em que pese a existência dos cursos em quase todos os países da América Latina e Caribe<sup>25</sup>, muitos deles não estão vocacionados ao atendimento das demandas sociais locais e nacionais. Ao contrário, muitas das escolas mais antigas e consolidadas parecem mais focadas no atendimento às demandas usuais da construção civil, já que são apontadas como padrão de referência a partir de critérios mercadológicos<sup>26</sup>, em detrimento de outros critérios de avaliação, como a reflexão crítica; a produção acadêmica e científica; a contribuição dos egressos para melhoria da qualidade de vida e do ambiente construído; o emprego, pesquisa e desenvolvimento de técnicas construtivas de baixo impacto e custo.

No que diz respeito à **região nacional de inserção da UNILA** (estados da região sul e Mato Grosso do Sul), o cenário qualitativo é similar no concernente à vocação dos cursos, embora em números opostos. Houve um enorme crescimento de cursos privados nestes estados nos últimos anos, passando de 65 para 225 registrados no e-MEC em 2022, um aumento de aproximadamente 350%. No mesmo período, não

<sup>25</sup> À exceção de 10 países no Caribe, e também Belize, Guiana, Suriname e Trinidad e Tobago, os quais não têm nenhum curso de Arquitetura e Urbanismo em território nacional.

<sup>26</sup> É o caso do *World's Best Architecture Schools*.

abriram novos cursos nas universidades públicas da região, permanecendo os mesmos 12 cursos desde 2013, sendo 01 no Mato Grosso do Sul, 03 em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e 05 no Paraná. De ressaltar que no município de Foz do Iguaçu existem outros dois cursos de Arquitetura e Urbanismo em instituições privadas (Centro Universitário Dinâmica das Cataratas - UDC e Centro Universitário União das Américas - UniAmérica), enquanto, nas cidades vizinhas no Paraguai, tem outros quatro cursos, um público e três privados.

Há duas décadas, 70% dos cursos de Arquitetura e Urbanismo eram privados no Brasil (RONCONI, 2001), índice que subiu para 83% dez anos depois (ABEA, 2013). Atualmente, apenas 6% dos cursos no Brasil estão em instituições públicas, índice muito menor do que nos países do Cone Sul. Ou seja, dos 719 cursos de Arquitetura e Urbanismo em funcionamento no país, conforme registro do e-MEC no ano de 2022, apenas 71 são gratuitos (Calil, 2025). Não obstante os esforços do governo federal com a abertura de novas universidades públicas, a velocidade de crescimento dos cursos privados foi avassaladora. Alguns estados como Acre, Amapá e Rondônia não contam com nenhum curso em escola pública. Deve-se atentar que as escolas privadas, com raras exceções, caracterizam-se pelo foco natural ao atendimento das demandas empresariais, em detrimento de uma perspectiva de perfil profissional voltado para uma atuação pública, para as comunidades e para as necessidades sociais.

Ademais, a distribuição das escolas no território não obedece a critérios estratégicos com vistas ao desenvolvimento nacional ou ao atendimento de carências locais do profissional arquiteto, arquiteta e urbanista. Ao contrário, a criação de escolas tem sido pautada pela possibilidade de “comercialização” do curso, ou seja, elas estão localizadas preferencialmente nos estados com população de maior renda (RONCONI, 2001). Só no Paraná, em 2022, são 82 cursos privados e apenas 05 públicos: UFPR, UTFPR, UEL, UEM e UNILA, a única universidade pública com curso de arquitetura e urbanismo na mesorregião oeste. A região nacional de inserção da

UNILA (PR, SC, RS e MS), alberga 237 cursos de arquitetura e urbanismo, sendo 94% deles privados. O Rio Grande do Sul é aquele com maior concentração de cursos em instituição privada, dos quatro estados analisados: dos 68 cursos de arquitetura e urbanismo em funcionamento em 2022, 96% é pago.

Estes dados apontam para uma estratégica inserção da UNILA num raio de 300 quilômetros de Foz do Iguaçu como único curso numa instituição pública e gratuita. No cenário nacional, a UNILA é parte de um projeto de interiorização do ensino superior, o qual criou, desde 2003, 14 universidades públicas e 163 novos campi em regiões com poucos ou nenhum curso superior (BRASIL, 2013). Apesar do estado do Paraná contar com 87 cursos de arquitetura e urbanismo, a UNILA é o único gratuito na mesorregião oeste, conforme apontado acima. Em adição, seu perfil de formação generalista com ênfases regionais (ver item 6.1), deve contribuir para suprir a usual lacuna de profissionais interessados, interessadas, vocacionados e vocacionadas para a habitação (compreendida em seu sentido alargado) na região de inserção e, evidente, no contexto do país e da América Latina.

Apesar da lei federal 11.888/08 prever recursos públicos com vistas a assegurar às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação, ainda são poucos os municípios no país a acessar os recursos. Um dos principais fatores a barrar o acesso à verba é a falta de legislação específica nos municípios, que impossibilita a criação do serviço municipal de assistência técnica. Além disso, o desconhecimento da lei por parte dos profissionais é outro fator da falta de utilização da verba federal, conforme evidencia um manual elaborado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, especialmente sobre o tema (IAB, 2010), que continua pautando o trabalho do IAB, FNA, CAUBR e sindicatos estaduais de arquitetos e arquitetas.

Outro dado relevante é a inexistência de arquitetos ou arquitetas em cerca de metade dos municípios paranaenses, seja na condição de servidor ou servidora pública, seja como morador da cidade (NAVOLAR, 2013). Jeferson Navolar, então presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Paraná, julga este dado bastante

preocupante no que se refere à gestão dos territórios municipais. Não por acaso uma das principais bandeiras do conselho profissional em nível estadual é “levar arquitetura a quem não tem” (ibidem), entendendo que as cidades estão sem arquitetura e urbanismo ou sem direito à arquitetura, quadro que merece ser revertido com máxima brevidade. No Brasil, o cenário não é melhor: apenas 33% dos municípios brasileiros têm arquitetos e arquitetas (PINHEIRO, 2012).

Em outras palavras, existe uma demanda nas administrações públicas, nas comunidades e nas cidades paranaenses, brasileiras e latino-americanas para um ou uma profissional capaz de adicionar ao perfil generalista da profissão, habilidades voltadas às questões urbanas, habitacionais em contextos carenciados, equipamentos urbanos, pesquisa de materiais alternativos e técnicas construtivas de baixo custo e adequadas ao local, conservação do patrimônio histórico em consonância com as demandas de moradores e moradoras das zonas de preservação, gestão urbana participativa, projetos participativos, mediação de conflitos, respeito ao ambiente e à paisagem, desenvolvimento de políticas públicas de habitação, territorialização de políticas públicas de um modo geral, urbanização de assentamentos precários, regularização fundiária, saneamento básico, transporte e mobilidade urbana.

Neste sentido, embora existam cursos de arquitetura e urbanismo em número razoável na região de inserção da UNILA, ou mesmo na cidade de Foz do Iguaçu, a implantação do CAU UNILA justifica-se por ser um curso gratuito vocacionado para preparar os futuros e futuras profissionais para o atendimento de um mercado de trabalho plural, isto é, não apenas composto pelo setor privado, mas com demandas cada vez mais significativas do setor público e comunitário.

Ao se falar em saturação do mercado, é preciso distinguir o tipo de mercado: aquele do arquiteto projetista autônomo que atendia somente as camadas elevadas da população, típico do século XX, contrapondo-o ao profissional pronto a contribuir na solução dos problemas espaciais das aglomerações urbanas nas diferentes escalas e características. Um arquiteto que sem deixar de atender o cliente privado possa atender as demandas de toda a sociedade. Nesta forma de atendimento mais amplo é que não somente os cursos, mas também o recém-implantado Conselho de Arquitetura e Urbanismo deve focar sua ação (MARAGNO, 2012: 03)

Se no Brasil o amplo debate em torno da assistência técnica gratuita colabora para evidenciar este mercado crescente, experiências na América Latina como o programa *Arquiteto de Família*, na Argentina e no Uruguai; o *Arquitecto de la Comunidad*, em Cuba; ou as assessorias técnicas no Brasil, como Usina, Gama, Peabiru e outras, demonstram que há uma diversificação das demandas por profissionais, nem sempre levadas em contas na sua formação. A atuação nestas frentes implica no desenvolvimento de habilidades pouco contempladas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, como técnicas e metodologias para a participação popular; desenvolvimento de material pedagógico ou de uma linguagem técnica simplificada para amplo entendimento nos debates comunitários; criatividade na escolha de materiais e técnicas construtivas que atendam as possibilidades econômicas e saberes locais; maior dialogia e reorganização dos canteiros de obra que nem sempre são formados por mão-de-obra experiente ou especializada; capacidade gerir e propor políticas públicas para municípios com enormes fragilidades administrativas, ou então de elaboração de projetos (não arquitetônicos) para acessar verbas públicas ou de financiamentos nacionais e internacionais; capacidade de mediação de conflitos comuns em projetos que envolvem uma ampla gama de atores sociais desde comunidade até ministérios federais, e assim por diante.

Portanto, aparece no Século XXI, uma miríade de novas necessidades de instrumentação profissional voltada para um público que merece ser contemplado pelo direito à arquitetura tanto quando o tradicional mercado imobiliário e da construção civil. É com vistas a incluir estas novas demandas na formação profissional que foi elaborado o projeto político-pedagógico do CAU UNILA, desde a sua primeira versão aprovada em 2014.

## **6\_PERFIL DO CURSO**

O CAU UNILA, tendo por base a missão da universidade voltada para a integração regional, busca formar profissionais bilíngues comprometidos e comprometidas em melhorar a qualidade do espaço construído e habitado latino-americano. O desenvolvimento de suas competências dar-se-á por meio de um aprendizado de base generalista, baseado nas reflexões sobre as práticas vivenciadas ao longo do curso, no qual o projeto arquitetônico/urbanístico é tratado de forma indissociável das suas dimensões sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas, espaciais e ambientais.

No item anterior, foram demonstrados os principais argumentos para a implantação do curso em Foz do Iguaçu, na fronteira trinacional, bem como uma síntese do estado da arte das principais questões acerca da profissão neste início de século. A concentração de cursos nas grandes cidades e regiões mais ricas do país, de certa maneira, acompanha a baixa capilaridade do e da profissional em arquitetura e urbanismo pelo território nacional, cenário similar em boa parte da América Latina. Esta questão é fulcral ao se pensar as estratégias de médio e longo prazo para a qualificação do espaço construído e habitado no país e na sua região de inserção, pois implica alguns aspectos fundamentais no perfil de um curso diante das peculiaridades da UNILA.

Neste sentido, é de suma importância assentar as bases do plano político-pedagógico do curso numa perspectiva crítica, materialista, em diálogo com uma abordagem decolonial, cujos principais pensadores e pensadoras têm estado, nas duas últimas décadas, envolvidos com a produção de teorias apropriadas para pensar as racionalidades do sul<sup>27</sup>. A arquitetura e urbanismo, como demonstrado no item

---

<sup>27</sup> O pensamento decolonial, desenvolvido a partir de meados dos anos de 2000 por teóricos e teóricas, em sua maioria latino-americanos e latino-americanas, compreende o mundo através de suas múltiplas identidades, espaços geográficos e corpos dissidentes, numa denúncia contundente da modernidade ocidental, subjacente ao capitalismo, e sua intrínseca violência colonial, tendo como principais autores e autoras Aníbal Quijano, Catherine Wash, Edgardo Lander, Enrique Dussel, Maria Lugones, Ramón Grosfoguel, Rita Segato, Walter Mignolo e outros e outras.



anterior, têm sido historicamente colonizados por um viés eurocêntrico. De ressaltar que em sintonia com estas preocupações, o 25º Congresso da União Internacional dos Arquitetos<sup>28</sup> de 2014, ocorrido em Durban, na África Subsaariana pela primeira vez desde 1948, teve como tema “Outra Arquitetura” (Other architecture)<sup>29</sup>:

ao explorar Outros Modos de ‘saber’ e ‘fazer’, desvelando as múltiplas vozes da arquitetura, [Durban]2014 deve demonstrar que Arquitetura é tanto espacial e formal quanto é política, ideológica, econômica e teórica – portanto, com o potencial de influenciar o pensamento e as políticas. Emergidos de um século dominado pelas soluções mecânicas e de engenharia e pelas soluções de marketing da cultura de massa, temos a intenção de revisitar os aspectos qualitativos do mundo a nossa volta e, ao fazê-lo, reconhecer que aquilo que construímos não é apenas utilitário mas, de fato, um ato humanitário; um investimento no ambiente e nas pessoas por meio da Arquitetura – refletindo as aspirações, valores e preocupações das populações (UIA, 2013: online, aspas no original, tradução livre)

A partir deste mote central o congresso teve três principais pilares: Ecologia (tempo, evolução e Rio + 20); Resistência (emergência, diminuição da pobreza, economia do espaço); e Valores (prática e ensino). Este último pilar reverbera a importância internacional que a reflexão sobre o ensino de arquitetura e urbanismo adquire neste século. O CAU UNILA faz parte deste debate desde a sua gênese, tendo a responsabilidade diante de seus pares de se posicionar, elaborando e mantendo, efetivamente, uma proposta de curso que almeje contribuir para os rumos do ensino profissional na área. Destarte, o PPC partiu, desde sua primeira versão, das seguintes questões: Como o ensino pode contribuir para um empoderamento local e mudanças significativas na qualidade do ambiente construído latino-americano? Teria o ensino a capacidade de difundir práticas insurgentes de arquitetura e urbanismo?

Em uma direção propositiva e afirmativa, entende-se que o futuro e a futura profissional devem necessariamente em seu processo de formação ser seduzidos e

---

<sup>28</sup> A União Internacional de Arquitetos – UIA é uma organização não-governamental, fundada em 1948, que agrega atualmente mais de um milhão de arquitetos em mais de 124 países, incluindo o Brasil. Com sede em Paris, a UIA tem se voltado a debater a prática e o ensino de arquitetura desde a sua criação, sendo reconhecida pelas Nações Unidas. É em parceria com a UNESCO que a UIA publica e divulga seu documento mais importante dos últimos tempos, a “Carta para a Formação dos Arquitetos”, de 2011, referência internacional para a profissão, adotada, no Brasil, pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU BR e pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo – ABEA.

<sup>29</sup> Maiores detalhes no site do congresso: <http://www.uia2014durban.org>.

seduzidas pelos desafios de trabalhar em contextos de poucos recursos, nos quais a criatividade e múltiplas habilidades são essenciais para um resultado de impacto. Desta maneira, é salutar um ensino cujas bases pedagógicas estão fundadas no reconhecimento da relevância do engajamento a comunidades locais e respeito à diversidade das culturas arquitetônicas no mundo. Por este motivo este PPC visa ampliar o repertório dos e das estudantes, fazendo emergir transversalmente em várias disciplinas as produções e processos arquitetônicos usualmente alijados da produção científica e da produção de sentidos dominantes na área.

Esta perspectiva é contemplada ao longo do eixo de instrumentação crítica e técnica, sobretudo, e em disciplinas optativas específicas como **Arquiteturas Indígenas; Arquiteturas Afro-latinas e Arquiteturas e Cidades Africanas**, bem como naquelas cujo cerne é a produção arquitetônica latino-americana. Ao mesmo tempo, ao ofertar estas disciplinas, o CAU UNILA foi precursor, desde 2014, em atender ao disposto na Lei 11.645/08, que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas. Ainda que não fosse obrigatório, numa Universidade e num curso voltados para a integração regional, faz-se extremamente pertinente a inclusão e valorização de “outras arquiteturas”, isto é, saberes arquitetônicos usualmente desconsiderados pela área. Além disso, este conteúdo é transversal a diversas disciplinas obrigatórias como **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade** e **Canteiro Experimental**.

Igualmente importante neste contexto de redirecionamento internacional das questões valorosas para o ensino de arquitetura e urbanismo é trazer para o âmbito curricular o desenvolvimento de habilidades não previstas para o exercício profissional, o qual tem vindo a apresentar novas demandas nos últimos anos: metodologias para projetos participativos, mediação de conflitos, abordagens pedagógicas adequadas ao amplo entendimento das propostas em arquitetura e urbanismo, e gestão em desenvolvimento de políticas públicas, para citar algumas. Reconhecer o papel significativo do arquiteto e arquiteta e urbanista e prepará-los como agentes facilitadores de processos construtivos e de políticas públicas passa por acolher a

capacidade de produção arquitetônica das comunidades e ampliar a atuação profissional voltada para a produção de espaços qualificados.

A forte presença da autoconstrução na América Latina evidencia que boa parte da população não necessita dos produtos arquitetônicos convencionais (concepção de espaços acabados, conjunto de desenhos técnicos ou construção industrializada), mas de assistência profissional diversificada. Como parte deste público já tem algum domínio dos processos construtivos, a demanda é muito mais por consultas específicas, fornecendo informações acerca de técnicas adequadas, orientando o planejamento e a articulação de ambientes, evitando desperdício na obra e aumentando a qualidade do espaço produzido. Neste sentido, foi amplamente debatida a assistência técnica no primeiro decênio do século XXI, culminando na promulgação da Lei 11.888/08, mencionada nos itens anteriores.

De mesmo modo, as atividades do planejamento urbano que buscam soluções absolutas para os problemas das cidades têm por base uma racionalidade modernista, apoiada no privilégio da técnica em detrimento da negociação, excluindo a participação popular nos processos de decisão e de gestão local. Uma das principais consequências deste modelo (além da perpetuação da segregação socioespacial e racial) é a impossibilidade de implantação de sistemas de gestão e planejamento em pequenas cidades incapazes de arcar com os custos advindos dos grandes planos. Esses municípios de pequeno e médio porte, os quais configuram 96% dos municípios do país, poderiam se beneficiar de soluções simples e localizadas que possuam caráter multiplicador, tendo no arquiteto e na arquiteta e urbanista um parceiro e uma parceira centrais neste processo.

No entanto, tem sido pouco relevante, ou muito pontual, no sistema de ensino, a inclusão de habilidades na formação profissional que facilite ao egresso e egressa lidarem com esta gama diversificada de atuação. Deve-se chamar atenção para o fato de que uma formação voltada a um exercício profissional com base na relação renascentista artista/autor e cliente/mecenas não será de fato, generalista, como

recomenda a carta da UIA/UNESCO (2011), regulamentada no país pela Resolução nº 2/2010, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Ao introduzir disciplinas e possibilidades laboratoriais de exercitar relações e práticas profissionais diversificadas, agora aprofundadas com a curricularização da extensão, o PPC do CAU UNILA propõe uma formação rumo a um processo de projeto mais abrangente e participativo, resgatando o perfil do e da profissional que é envolvido e envolvida com todas as etapas do processo de produção do espaço construído, capaz de interagir de maneira efetiva com os usuários e usuárias desses espaços e com suas demandas, portanto, generalista.

É nesta direção que merecem destaques três laboratórios estruturantes do curso: o **Canteiro Experimental** (que alberga cinco disciplinas e apoia os Ateliês integrados de projeto); o **LaMAU** e o **LaPPRAU**, ambos amparados em programas de extensão universitária<sup>30</sup>. O LaMau é o espaço de prestação de serviços técnicos à comunidade, sob a coordenação de professores ou professoras do curso e com a participação de alunos e alunas que têm a oportunidade de experimentar uma prática profissional voltada para o atendimento de demandas públicas, coletivas ou comunitárias, conforme previsto nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de arquitetura e urbanismo.<sup>31</sup>

Por sua vez, o LaPPrau é o laboratório voltado a oferecer cursos à comunidade ministrados por professores, professoras e alunos ou alunas extensionistas, com vistas ao atendimento de demandas locais de capacitação, desde a formação de mão-de-obra para a construção civil até a inserção, nas escolas, de temas relevantes para o aprofundamento da democracia participativa ou, ainda, à oferta de cursos livres de interesse da comunidade fronteiriça. O LaPPrau significa, em termos de ensino de arquitetura e urbanismo, experimentar uma maior profundidade na relação entre arquitetura e pedagogia, uma vez que as práticas participativas vêm fazendo parte

---

<sup>30</sup> Ver item 16.4.

<sup>31</sup> Ver art. 6º, § 5º, Inciso V.

indiscernível da atuação profissional pelo menos há uma década, desde a aprovação do Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01), sem que os cursos de graduação tenham efetivamente preparado os seus egressos e egressas para as atividades daí decorrentes, como o desenvolvimento de material pedagógico sobre os instrumentos urbanísticos, coordenação de audiências públicas com metodologia e linguagem de fáceis apreensão pelo público não especializado e assim por diante.

Com a inclusão da perspectiva participativa como estruturante na formação profissional, em adição à formação técnica, artística e humanística, o CAU UNILA acredita preparar um arquiteto e uma arquiteta e urbanista de perfil generalista, apto e apta a um exercício profissional adequado às demandas cada vez mais plurais do mercado de trabalho. A matriz curricular do curso, deste modo, oferece uma gama de disciplinas capazes de assegurar uma formação ampla, organizada em seis eixos de instrumentação detalhados nos itens 9.6 e 9.7. Ao ratificar a carta da UIA/UNESCO (2011), o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil reconhece que o seu objetivo principal é formar profissionais generalistas, os e as quais são proporcionalmente mais necessários e necessárias em contextos de maiores dificuldades materiais e econômicas, nos quais o arquiteto ou a arquiteta assume um papel de facilitador ou facilitadora ao invés de provedor ou provedora. A carta da UIA/UNESCO foi elaborada com vistas à

criação de uma rede global de educação de arquitetos, no seio da qual, cada progresso individual possa ser compartilhado por todos e que ela aumente a compreensão de que a formação dos arquitetos é um dos desafios ambientais e profissionais mais significativos do mundo contemporâneo (UIA/UNESCO, 2011: 01)

É consenso internacional a capacidade dos arquitetos e das arquitetas em resolver problemas e assim contribuir significativamente para “a melhoria da qualidade de vida daqueles que não exercem seus plenos direitos de cidadãos e que não estão entre os clientes tradicionais dos arquitetos” (ibidem: 05). Para cumprir dignamente esta tarefa é necessária uma formação ampla que abarque diversas áreas de estudos: artístico-culturais; sociais; ambientais; técnicos; profissionais e de projeto.

No CAU UNILA, a formação generalista é garantida em 57 disciplinas obrigatórias diretamente relacionadas à Arquitetura e Urbanismo, com a adição de mais 06 disciplinas do eixo de estudos latino-americanos. Soma-se a isso um espectro alargado de disciplinas optativas ofertadas pelo CAU UNILA e pelos demais cursos da instituição.

### 6.1\_Perfil generalista com ênfases regionais

No sentido de somar ou aprofundar habilidades no egresso e na egressa do curso e tendo em vista as demandas do mercado de trabalho regional, torna-se indispensável adicionar algumas ênfases regionais na sua formação, sem prejuízo da sua formação generalista. Uma vez que a integração regional é a vocação central da UNILA conforme exposto em seu mote de criação (lei 12.189/10), isto significa para o curso de Arquitetura e Urbanismo, fortalecer “o projeto de implantação da UNILA no contexto regional e urbano, como um instrumento de integração disciplinar e territorial [...] fomentando e participando efetivamente do processo de integração Latino-Americano (CHIESA, 2012: 03). Inserido na vocação maior da instituição, o CAU busca, portanto, a integração regional, por meio de análise, pesquisa, extensão, produção bibliográfica e formação. Neste sentido, o curso apresenta duas ênfases somadas à formação generalista: uma voltada para a **habitação**<sup>32</sup>, compreendida em seu sentido mais amplo, e outra voltada para **as arquiteturas e cidades latino-americanas**.

A questão **habitacional** é enfatizada na formação do egresso do CAU UNILA, na medida em que o espaço de morar em toda a sua complexidade e escala (das casas às cidades) ocupa um lugar central na arquitetura, constituindo a unidade espacial de uma sociedade, cujo conjunto forma comunidades, bairros, cidades, metrópoles. Em outras palavras, a materialização espacial de uma cultura compõe a gramática da sua história e do seu ambiente (ROSSI, 2001). Os hábitos de morar fornecem pistas

---

<sup>32</sup> Referente ao lugar onde se habita, não se confundindo com o objeto arquitetônico, a casa, que o senso comum usualmente trata como sinônimo. A Habitação, portanto, inclui os aspectos locacionais, infraestruturais, culturais, sociais e econômicos relacionados às variáveis edilícias.

acerca do meio físico e das dinâmicas sociais; os materiais utilizados indicam o clima e a disponibilidade de matéria-prima em cada região do globo terrestre.

Além de eixo fundamental para a reflexão e a prática projetiva para uma formação em arquitetura e urbanismo, a questão habitacional é das mais relevantes no continente latino-americano, diretamente relacionada ao exercício profissional do arquiteto e urbanista. A habitação, como direito humano fundamental, é internacionalmente reconhecida, sendo desde 1948 assegurado pelo artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Apesar de ter mais de setenta anos, o tema retorna ao centro do debate mundial, sobretudo, após a II Conferência da UN-Habitat, em Istambul, em 1996. Em 2000, as Nações Unidas designaram uma **Relatoria Especial para o Direito à Moradia Adequada**, cuja responsabilidade foi, nas primeiras gestões, de arquitetos e urbanistas<sup>33</sup>.

A **Carta Mundial pelo Direito à Cidade** (FSM, 2005), amplia o direito à moradia, integrando-o ao direito à cidade<sup>34</sup>. Redigida em consenso por um conjunto de organizações da sociedade atuantes com as questões urbanas, ao ampliar o entendimento do direito à moradia, a Carta busca evitar a perpetuação dos modelos de políticas isoladas de habitação. Para a efetivação ampla e duradoura deste direito, a moradia adequada deve ser uma noção política e cultural de cidadania. Mais ainda, é necessário formar profissionais aptos a dar resposta a tais demandas, trabalhando em conjunto com poder público e com a sociedade como um agente a serviço do atendimento do direito à moradia adequada e do direito à cidade.

Estima-se que 1,1 bilhão de pessoas vive em condições inadequadas de moradia, apenas nas áreas urbanas espalhadas pelo mundo. A falta de habitação condigna pressiona o meio ambiente e aumenta os riscos à saúde pública. Apesar de fundamental, a habitação tem sido imensamente negligenciada enquanto direito

<sup>33</sup> O seu primeiro relator foi o arquiteto indiano Miloon Khotari (2000-2008), seguido da arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik (2008-2014).

<sup>34</sup> Em 2005, o Brasil, através do Ministério das Cidades, aderiu à Carta Mundial do Direito à Cidade (CARTA MAIOR, 2005).



humano. A questão da habitação pode ser considerada, na atualidade, portanto, um dos principais problemas urbanos no mundo e, particularmente, na América Latina. Um quinto da população mundial mora precariamente, um terço das pessoas reside em “favelas” e um a cada 60 habitantes do planeta não tem onde morar (ONU, 2005). Estes dados são alarmantes, evidenciando a relevante função dos arquitetos e arquitetas e urbanistas no que tange à vocação para o atendimento da demanda desta parcela da população mundial.

Na América Latina cerca de 32% da população vive em “bairros marginais” (MENEGA, 2009). O atual estado de pobreza e precariedade habitacional na América Latina não está desconectado da sua história de dominação colonial, vinculada à forte concentração da terra e regimes escravocratas com vistas à manutenção de elites econômicas. Em finais do século XIX, a pequena industrialização impulsionava o início de uma forte migração campo-cidade nas jovens repúblicas latino-americanas, cujos governos pouco ou nada fizeram para atender à crescente demanda habitacional. Cidades como Rio de Janeiro, Montevideo ou Buenos Aires tiveram as suas pessoas pobres acondicionadas em cortiços ou *conventillos*. Num segundo momento, inspirados pelas reformas de Haussmann em Paris, os governos locais investiram no recondicionamento de suas cidades, com base na emergente urbanística moderna, quando foram desenvolvidos o Plano Noel (Buenos Aires), o Plano Fabini (Montevideo), o Plano Prestes Maia (São Paulo), o Plano Pereira Passos e o Plano Agache (Rio de Janeiro). Todos estes planos têm em comum a política do “arrasa-quarteirão”, demolindo grandes áreas urbanas para a construção de *boulevares* e realocando a sua população para áreas mais afastadas, comumente sem qualquer infraestrutura, como foi o caso da ocupação do Morro da Providência no Rio de Janeiro.

Década após década, com a crescente urbanização dos países do continente, a produção do espaço urbano tem obedecido a um padrão similar de segregação socioespacial e racial, com concentração de investimentos públicos em áreas privilegiadas e grande parte da população morando em condições precárias,

usualmente as pessoas não brancas. Este desenho socio-racial do território é tributário da violência colonial. Ademais, o largo contingente populacional, hoje carente por moradia, é reflexo deste último século de políticas pouco voltadas para a população mais pobre, em toda a América Latina e Caribe.

Desta feita, a questão habitacional atravessa diversos eixos de instrumentação e disciplinas do CAU UNILA. As habilidades projetivas desenvolvidas nos Ateliês integrados centram seus esforços no projeto da moradia nos Ateliês **Arquitetura IV e V**, com graus crescentes de complexidade. Igualmente, **Urbanismo II e III** tratam da habitação de interesse social, mostrando a centralidade da questão habitacional para o desenvolvimento urbano e suas implicações nas negociações entre as distintas forças e interesses atuantes. Esta última, ademais, tem na ementa o desenvolvimento de diretrizes para um plano de ação urbana e habitacional. Ainda, no eixo de instrumentação crítica, a habitação é tema central da disciplina **Políticas Públicas de Habitação**.

Sob um entendimento expandido da habitação, os equipamentos locais dizem diretamente respeito à organização da vida cotidiana e ao atendimento das necessidades básicas da população. Por este motivo, os equipamentos locais são o foco em **Arquitetura IV**, pois se inserem igualmente como questão na escala da cidade. As habitações rurais e o planejamento de sua implantação fazem parte de **Planejamento Territorial e Regional**, à semelhança de **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I**, que aborda a diversidade tipológica, construtiva e de hábitos de morar no mundo, e de **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III**, ao debater a centralidade da habitação nos primórdios da arquitetura moderna. Vale mencionar que a disciplina optativa **Ateliê Integrado de Projeto de Interesse Social** foi especificamente proposta como uma disciplina de síntese entre as escalas da cidade e do edifício, voltada para a complexidade da habitação e demais projetos urbanos em contextos carenciados. Merece destaque, por fim, a presença transversal da questão habitacional por diversas disciplinas do curso, como são os casos das disciplinas do eixo de instrumentação técnica, **Ergonomia do Espaço Construído e**

**Habitado e Introdução aos Sistemas Estruturais**, a qual propõe, como atividade de extensão, a difusão e promoção das soluções estruturais com ênfase na pequena escala, como a da moradia.

Dada a especificidade da região de sua implantação, bem como a relevância das múltiplas escalas do fato urbano no Brasil e nos demais países da América Latina, especial atenção deve ser dada no projeto político-pedagógico do curso, às complexidades das cidades de médio e pequeno porte, muitas vezes obliteradas da literatura especializada, sobretudo nas últimas décadas, quando a produção científica se volta para o debate das megacidades. No Brasil, 85% dos municípios têm menos de 20 mil habitantes (IBGE, 2020), isto é, configuram-se como cidades rurais. Ainda, mais de 270 municípios de porte médio, aquelas que têm entre 100 e 500 mil habitantes, configuram uma urbanidade com forte presença do mundo rural (ibidem), incluindo Foz do Iguaçu, merecedora da inserção de suas especificidades no repertório do ensino de arquitetura e urbanismo. Na América Latina e Caribe, a metade da população vive em cidades com menos de 100 mil habitantes (CARPENTIERI, 2012). Estes dados demonstram a necessidade de abranger, no debate sobre as cidades contemporâneas, as complexidades das pequenas e médias cidades. Por este motivo, questões concernentes às pequenas e médias cidades e ao espaço rural serão tratadas, sobretudo, em **Urbanismo II, Estudos do Território e Planejamento Territorial e Regional**, bem como objeto de reflexão ao longo dos Ateliês de Urbanismo, já que a prática projetual incide sobre a realidade local.

Por seu turno, contexto de fronteira de Foz do Iguaçu propicia rico e instigante universo de pesquisa para o curso, de modo que o urbanismo é uma das áreas de conhecimento a fomentar os diálogos do sul, inserindo a UNILA numa ampla rede latino-americana e caribenha da pesquisa em teoria urbana. Em específico, a disciplina optativa **Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional** se debruça sobre a complexidade da região, considerando os povos

originários, as disputas e formação das fronteiras nacionais, os impactos da construção de Itaipu e a relação orgânica cotidiana entre as três cidades fronteiriças.

Finalmente, o aluno e a aluna têm a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos nas **arquiteturas e cidades latino-americanas**, o que se constitui uma segunda ênfase no curso. Além de ser parte inerente da matriz curricular em todos os seus eixos, caso o aluno ou a aluna tenha interesse num maior aprofundamento no tema, pode cursar disciplinas optativas específicas ofertadas pelo CAU UNILA ou, sobre a América Latina, é possível frequentar uma ampla gama de disciplinas vários cursos da universidade. Numa perspectiva de mobilidade docente e intercâmbio com outras instituições latino-americanas, prevê-se uma circulação de docentes dos mais diversos países e especialidades dentro da arquitetura e urbanismo. Por isso, foram incluídos **Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas** e **Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas**, de conteúdo flexível e variável, conforme as especialidades dos e das docentes visitantes.

Inserido numa universidade pública brasileira com o objetivo de integração continental, é sob este viés que o CAU UNILA está estruturado: para a formação de profissionais aptos e aptas a dar respostas para uma produção do espaço construído e da habitação com qualidade em contextos de especificidades econômicas e/ou de recursos materiais, o que deve guiar o ensino, a pesquisa e a extensão do CAU UNILA. Da perspectiva da integração regional, as ênfases regionais propostas pelo CAU UNILA coadunam com um ponto de vista latino-americanista, antirracista e feminista, compreendendo a integração como um meio para a emancipação e autonomia dos povos.

A localização da Universidade na fronteira trinacional entre Brasil, Paraguai e Argentina, na cidade paranaense de Foz de Iguaçu reveste-se de razões claramente de natureza geopolítica e constitui-se um desafio e oportunidade para o curso. A região apresenta fértil terreno para as atividades de pesquisa e extensão relativas aos temas centrais do CAU UNILA, ao mesmo tempo em que da zona de fronteira

emergem as contradições da formação urbana na América Latina, com marcada segregação socioespacial e racial, e cuja escala mediana das cidades da região é favorável a uma maior aproximação universidade-comunidade-administração pública.

Em síntese, o projeto político-pedagógico do curso tem por objetivo guiar uma graduação em Arquitetura e Urbanismo voltada para as especificidades da fronteira trinacional, em consonância com o contexto nacional e a vocação institucional de integração solidária da América-Latina e Caribe, sem prejuízos à formação generalista conforme regulamentada nas resoluções CNE/MEC.

## **6.2\_Ações do curso no atendimento a políticas de formação**

### **6.2.1\_Princípios norteadores para a formação profissional**

Em conformidade com os princípios do Código de Ética da profissão de arquitetura e urbanismo brasileiro (CAU/BR, 2013), o e a profissional formados pela UNILA deve exercer atividades intelectuais de interesse público e alcance social. Para tanto, sua formação possui um conjunto sistematizado de conhecimentos críticos que abrange as artes, as ciências e as técnicas, assim como as teorias e práticas específicas da arquitetura e urbanismo. O e a profissional devem reconhecer, respeitar e defender as realizações arquitetônicas e urbanísticas como parte do patrimônio socioambiental e cultural, devendo contribuir para o aprimoramento deste patrimônio. A formação oferecida pela UNILA tem em vista o desenvolvimento dos conhecimentos profissionais, a preservação da independência de opinião, da imparcialidade, da integridade e da competência profissional, contribuindo para o desenvolvimento do ambiente construído e habitado, para a defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana, conforme expressos na Constituição Brasileira e em diversos tratados internacionais dos quais o país é signatário.

Desde antes da regulamentação profissional no Brasil, nos anos de 1930<sup>35</sup>, a profissão foi marcada por uma separação abissal entre o canteiro e o desenho, entre a atividade profissional da construção e a atividade profissional projetiva, ou, em última análise, entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Esta construção histórica acompanhou a separação de dois diferentes *locus* de produção: o canteiro de obras e o escritório. Tal distinção configurou uma atuação profissional que prestigia e privilegia o segundo, por razões que estão relacionadas à dinâmica do mercado de trabalho capitalista, na qual os e as profissionais com maior nível de formação e com maior acúmulo de conhecimentos teórico-abstratos buscam atuar em *locus* produtivos que promovam maiores vantagens remuneratórias e maior poder político, onde seja possível desenvolver atividades laborais de menor risco à saúde e que exigem menos esforço físico. No caso do setor econômico da construção civil, tais vantagens estão situadas bem longe do canteiro de obras, conforme já explicitado por alguns autores como Sérgio Ferro (2006) e Roberto Santos (2008). A busca por tais trunfos é comum à dinâmica do mercado de trabalho em todos os setores, e resultou, no caso específico em questão, na criação de uma estrutura corporativa assentada e protegida por órgãos de classe profissionais da engenharia e da arquitetura – hoje separados em conselhos distintos –, que com bases regulatórias próprias, voltadas para proteções trabalhistas específicas da categoria, piso salarial, propriedade do conhecimento entre outros benefícios e/ou vantagens relevantes em termos de condições laborais.

No entanto, este processo histórico trouxe consigo uma série de contradições para a prática profissional. A especialização tecno-científica da profissão colaborou com a alienação do trabalho realizado em ambos os *locus* produtivos: trabalhadores do canteiro de obras pouco sabem sobre o que ocorre nos escritórios e vice-versa e há uma alienação do trabalho a ambos profissionais, em seus próprios *locus*. De forma análoga, na escala urbana, o e a urbanista também herdaram e colaboraram para o

---

<sup>35</sup> Ver item 4.2.

desenvolvimento de contradições em sua prática profissional. O desenvolvimento espontâneo das cidades brasileiras ocorreu e ocorre, incontáveis vezes, à margem do que pensam o arquiteto e a arquiteta e urbanista espalhados e espalhadas nas prefeituras e sedes de governo do país<sup>36</sup>, havendo, também, alienação profissional nesta escala de atuação. Um dos resultados é que a arquitetura feita por profissionais se tornou uma atividade desvinculada da produção do espaço cotidiano e popular, consequentemente, configurando uma tendência de prestigiar o espaço excepcional. Gera-se historicamente, portanto, dois modos de operar: um da prática teorizada e institucionalizada dos arquitetos e arquitetas e urbanistas, cujo foco está no projeto e no discurso; e outro, bem mais amplo, da prática pautada na experiência empírica e focada na construção e no uso, por parte da população e de outros e outras profissionais de menor nível de educação formal e formação acadêmica.

Por tais razões, o e a profissional formados e formadas pelo CAU UNILA devem ser preparados e preparadas para enfrentar estas contradições, compreendendo seu percurso histórico e intervindo no mercado de trabalho de forma crítica, reconciliando saberes e reinventando novas formas de se relacionar com os e as colegas de trabalho, inclusive operários e operárias da construção civil e com a sociedade. Esta postura deve dialogar criticamente com a estrutura corporativa da profissão historicamente herdada, sem corrompê-la, enfraquecê-la ou destruí-la, o que feriria seus princípios éticos, porém buscando ampliar os horizontes de atuação, diversificar as visões e concepções da arquitetura e do urbanismo, desmanchar preconceitos e, finalmente, tornar mais coeso e colaborativo o trabalho do conjunto de atores que participam da produção do espaço construído e habitado na América Latina.

Esta divisão social do trabalho que a formação do CAU UNILA procura problematizar vem ao encontro de outro desafio que se apresenta atualmente em relação à realidade profissional: a saturação do mercado de trabalho em grandes centros urbanos do país.

---

<sup>36</sup> Quando há profissionais nas prefeituras, realidade distante da maior parte dos municípios brasileiros, conforme vem apontando o CAUBR, quadro semelhante aos demais países da América Latina.



Além do contraste quantitativo que esta concentração representa, uma vez que faltam profissionais em grandes áreas do território nacional<sup>37</sup>, há um contraste qualitativo: a prática profissional nos municípios de menor porte, que representam a maioria da rede municipal brasileira, não encontra justificativa para a ultra especialização do trabalho. Nas cidades pequenas, nos territórios rurais, nos quilombos, aldeamentos indígenas, nos assentamentos da reforma agrária, a prática profissional exigida é de menor complexidade, devendo lidar com problemas da ordem do dia e demanda menos intermediários – mesmo porque há também escassez da oferta de profissionais de diversas áreas. Estes contextos exigem, portanto, um arquiteto ou arquiteta e urbanista com uma visão mais integrada de saberes, com maior flexibilidade para lidar com as diferentes atividades produtivas, dominando cadeias e fluxos de trabalho como um todo, cognitiva e simbolicamente preparados e preparadas para o trabalho não excepcional, não monumental e de pequeno porte. A complexidade verificada nestes contextos, logo, favorece e melhor se compatibiliza com a formação generalista que se espera do perfil do egresso e da egressa do CAU UNILA.

As disciplinas de **Canteiro Experimental**, em seu conjunto, visam debater e praticar a reconciliação de saberes, do aumento do prestígio e do valor do trabalho realizado no canteiro de obras, complementando os estudos realizados nas disciplinas do eixo de ateliê. Estas, por sua vez, especialmente as disciplinas de **urbanismo** e de **paisagem**, procuram repensar o papel do e da profissional na escala urbana e ambiental, com base nos direitos humanos e numa popularização da comunicação técnica, estreitando o diálogo com as comunidades no desenvolvimento de projetos participativos. Neste mesmo eixo, há uma preocupação constante com relação à acessibilidade e desenho universal, bem como na concepção de espaços inclusivos para crianças e idosos ou idosas. À semelhança, disciplinas do eixo de instrumentação em **crítica e história** se pautam por trabalhar a diversidade dos hábitos de morar e as possibilidades de atuação

---

<sup>37</sup> Ver itens 5 e 8.

profissional também no espaço rural. Em paralelo, o eixo de instrumentação em **leituras e representação** ampliam a capacidade do futuro e futura profissional em representar estes múltiplos ambientes e corpos, debatendo, igualmente, formas populares de traduzir o universo hermético e cifrado dos desenhos arquitetônicos para a população. Por último, as diversas clivagens de gênero e raça na atuação profissional são objeto de reflexões em **Deontologia da Arquitetura e do Urbanismo**.

Em outras palavras, o CAU UNILA é orientado no sentido de formar profissionais éticos, pautados pelos direitos humanos e pela função social da arquitetura; e que aptos e aptas a lidar com a diversidade e complexidades da atualidade.

#### 6.2.2\_Políticas de educação ambiental

A questão ambiental é bastante cara para a formação em arquitetura e urbanismo e, portanto, transversal a todo o PPC e à produção científica e extensionista do CAU UNILA. Notadamente, o atendimento à Política Nacional de Educação Ambiental, expressa no decreto nº 4.281/2002 em convergência a uma compreensão do direito humano a meio ambiente limpo, saudável e sustentável, conforme aprovado pelas Nações Unidas em 08 de outubro de 2021, se materializa nos eixos de Instrumentação em **Estudos Latino-Americanos** e em **Técnica** e no eixo de **Ateliê em Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem** e em **Arquitetura**, cujas disciplinas merecem destaque.

**Fundamentos de América Latina III**, ministrada no 3º semestre do curso, o alunado é apresentado ao debate sobre os modelos de desenvolvimento dos diferentes países da América Latina, tendo o meio ambiente como um dos temas estruturantes da disciplina. No eixo de instrumentação técnica, o debate preservação e impacto ambiental, técnicas e materiais disponíveis localmente, preocupação com o conforto ambiental e eficiência energética aparecem nas disciplinas **Canteiro Experimental I – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares, Instalações Prediais Hidrossanitárias**, bem como é constitutivo da sequência de disciplinas **Eficiência e Conforto Térmico; Eficiência e Conforto Lumínico; Eficiência e**

**Conforto Acústico.** Ainda, as optativas **Conforto Térmico e Eficiência Energética das Edificações** e **Design Participativo e Tecnologia Social**, trazem as preocupações ambientais em seu centro. Nesta última, há uma reflexão fundamental sobre os problemas ambientais advindos da atividade projetiva. Já **Conforto Térmico e Eficiência Energética das Edificações**, é estruturada em torno de debates atuais como arquitetura bioclimática, design passivo e qualificação térmica das edificações.

No eixo de Ateliê em Arquitetura, a qualidade ambiental é um pressuposto projetivo em **Arquitetura V** e **VII**, sendo questões aprofundadas em **Arquitetura IV** e **VI**, as quais preveem no ementário a sensibilização dos e das estudantes para os aspectos do impacto ambiental da atividade projetiva e a adoção de estratégias bioclimáticas de conforto ambiental térmico e lumínico.

Por sua vez, **Urbanismo III** e **IV** e **Estudos do Território**, sob a perspectiva do racismo e da justiça ambiental, trazem questões relacionadas a infraestruturas ecológicas, padrões de infraestrutura e mudanças climáticas, e problematizam as situações de risco dos assentamentos humanos, decorrentes das desigualdades socioambientais. Em **Planejamento Territorial e Regional** há um foco maior no universo rural e nas comunidades tradicionais quilombolas e povos originários indígenas, como populações capazes de ocupar o território numa relação orgânica com a natureza, portanto, com menor impacto ambiental. É também tema da disciplina o debate sobre direitos humanos e processos de injustiça ambiental, ensinando o alunado a realizar avaliação de impactos de grandes projetos infra estruturais e desenvolver estudos de impacto socioambiental.

No que tange a uma relação direta e indiscernível com as questões ambientais, as disciplinas **Paisagem I, II** e **III**, guardam total convergência. Em **Paisagem I**, está posta a contribuição do arquiteto e da arquiteta e urbanista no planejamento e projeto da paisagem, considerando a relação entre a proteção e conservação dos recursos paisagísticos e ambientais e os aspectos socioeconômicos e culturais da população. De igual modo, são valorizados os biomas e ecossistemas latino-americanos no

planejamento e projeto da paisagem. Em **Paisagem II**, estão em pauta: as políticas de preservação ambiental; ecologia da paisagem; mudanças climáticas e os impactos nas paisagens urbanas e rurais; o papel das áreas verdes urbanas e das áreas de importância ambiental e paisagística; os impactos ambientais e recuperação de áreas degradadas. No que tange à legislação ambiental, ela é mais bem estudada em **Paisagem III**, que trata de um parâmetro para o desenho da paisagem e delimitação de áreas de preservação permanentes, centrais na disciplina.

Ademais, temas concernentes a uma melhor relação com a natureza são debatidos a partir da agroecologia alinhados com recentes pesquisas sobre infraestrutura verde e azul em **Urbanismo III** e **Estudos do Território**, debates que vão ao encontro de outros cursos da UNILA como Desenvolvimento Rural, Antropologia e Ciência Política e Sociologia.

Toda esta carga horária dedicada ao estudo ambiental está amparada por uma vasta e atualizada literatura, com destaque para **Heni Acselrad, Joan Alier e Johan Van Lengen**, na perspectiva da justiça ambiental; sobre arquitetura ambientalmente adequada, estão os arquitetos **Fruto Vivas e Armando de Holanda**, com seus roteiros para uma arquitetura localmente adaptada; **John Hertz, Viviane Corner, Marta Romero e Oscar Corbella** fornecem as ferramentas sobre ecotécnicas e arquitetura bioclimática; e, ainda, **Anna Primavesi, Miguel Altieri e Alberto Acosta** amparam as reflexões a partir da agroecologia e do bem viver.

#### REFERÊNCIAS SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL EM DIVERSAS DISCIPLINAS DO CURSO

ACOSTA, Alberto et al. **O Bem Viver**. São Paulo: Autonomina Literária, 2016.  
ACSELRAD, Henri et al. **O que é justiça ambiental?** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.  
ALIER, Joan. **Ecologismo dos Pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.  
ALTIERI, Miguel. **Bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.  
BECKER, Bertha. **A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MINK, Gernot. **Manual de Construção com Terra. Uma Arquitetura Sustentável**. São Paulo: B4, 2015.  
MONTENEGRO, Gildo. **Ventilação e cobertas**. São Paulo: Blucher, 2014.  
PORTOCARRERO, José. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.  
PRIMAVESI, Anna. **Cartilha da Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.  
ROMERO, Marta. **Princípios bioclimáticos para o desenho urbano**. Brasília: UNB, 2013.  
ROMERO, Marta. **A arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: UnB, 2016.

BITTENCOURT, Leonardo; CÂNDIDO, Christhina. **Introdução à ventilação natural**. Maceió: Edufal, 2008.  
CORBELL, Oscar; CORNER, Viviane. **Manual de arquitetura bioclimática tropical para a redução de consumo energético**. Rio de Janeiro: Revan, 2017.  
FRUTO VIVAS. **Las casas más sencillas**. Caracas: Fundación Imprenta de la Cultura, 2011.  
GURGEL, Miriam. **Design Passivo, baixo consumo energético**. São Paulo: Senac, 2012.  
HERTZ, John. **Ecotécnicas em arquitetura**, São Paulo: Pioneira, 1998.  
HOLANDA, Armando. **Roteiro para construir no Nordeste**. Recife: UFPE, 1976.

ROSENDO, Daniela. **Ecofeminismos**. Rio de Janeiro: Apeku, 2019  
SANTOS, José et al. **Paisagem, biodiversidade e cultura**. São Carlos: RiMA, 2012.  
TÂNGARI, Vera. **Águas urbanas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.  
TOMAZ, Plínio. **Aproveitamento de água de chuva**. São Paulo: Navegar, 2003.  
VAN LEGEN, Johan. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Bookman, 2021.

### 6.2.3\_Educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-latina e africana

O PPC do CAU UNILA foi precursor, desde sua primeira versão, em atender ao disposto Resolução MEC nº 1/04, posteriormente regulamentado na lei 11.645/08, que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros. Esta perspectiva é contemplada ao longo do eixo de instrumentação crítica e técnica, tanto em disciplinas obrigatórias como optativas. Mesmo que não fosse obrigatório, numa Universidade e num curso voltados para a integração regional, faz-se extremamente pertinente a inclusão e valorização de “outras arquiteturas”, isto é, saberes arquitetônicos usualmente desconsiderados da no referencial bibliográfico usual na área.

No **eixo de instrumentação crítica**, o debate racial, a luta antirracista e a inserção deste debate no âmbito da arquitetura e do urbanismo são transversais a diversas disciplinas, desde o primeiro semestre do curso, conforme pode ser conferido no ementário. Merecem destaque as obrigatórias **Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II; Arquiteturas Latino-Americanas; e Patrimônio e Políticas de Memória**; e, as optativas **Arquiteturas Afro-latinas<sup>38</sup>; Arquiteturas e Cidades Africanas; Arquitetura, Cidade, Relações Étnicas e de Gênero**.

<sup>38</sup> Anterior “Arquiteturas Afro-Brasileiras”, ampliada para contemplar o debate racial na arquitetura em toda a América Latina.

Em **Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina**, de caráter introdutório à arquitetura, o tema é inserido por meio do panorama construtivo latino-americano, com ênfase, entre outros, na arquitetura africana, afro-latina – incluindo as práticas quilombolas, ribeirinhas, caiçaras e outras - e indígena. Similarmente, o alunado é apresentado ao debate sobre as opressões de gênero, raça e classe materializadas na arquitetura. Em **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I**, parte da disciplina deve ser dedicada a analisar a produção de povos não europeus, tais como os povos ameríndios, africanos, arquitetura indígena e arquitetura quilombola, com destaque para suas práticas construtivas em diálogo com a preservação ambiental. Na sequência, **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II**, dedicada à arquitetura moderna, não é indiferente à questão racial, ao introduzir aspectos sobre as relações de gênero, raça e classe na produção arquitetônica, a partir do modernismo, bem como procura problematizar, em sala de aula, a complexa relação da arquitetura moderna africana com os regimes coloniais.

Em **Arquiteturas Latino-Americanas**, uma disciplina avançada na matriz curricular por exigir maturidade crítica do alunado, especial atenção é dada à arquitetura afro-latina e indígena, além de uma ênfase na interseccionalidade gênero, raça e classe na produção contemporânea da arquitetura latino-americana. Outra disciplina dos últimos semestres, **Patrimônio e Políticas de Memória**, busca problematizar a supervalorização de bens de matriz colonial e a pouca valorização da arquitetura africana, afrodescendente e indígena no patrimônio edificado. Esta questão vem relacionada a uma avaliação das técnicas retrospectivas voltadas para a preservação do patrimônio edificado, as quais usualmente ignoram a preservação da memória de técnicas construtivas tradicionais, especialmente aquelas relacionadas ao povo negro e indígena e ao saber-fazer.

Complementando e aprofundando o debate transversal nas diversas disciplinas obrigatórias do eixo de instrumentação crítica, estão disciplinas optativas específicas para o debate das relações raciais e da história e cultura africana e afro-latina, com



ênfase em arquitetura e urbanismo: **Arquiteturas Afro-latinas<sup>39</sup>; Arquiteturas e Cidades Africanas; Arquitetura, Cidade, Relações Étnicas e de Gênero.**

No eixo de Ateliê em **Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem**, a questão racial integra o escopo dos debates sobre segregação espacial das cidades na disciplina **Urbanismo I, II, III e IV**. Em **Urbanismo IV**, há um aumento da complexidade do debate, para compreender as situações de risco e os assentamentos humanos face as desigualdades socioambientais, raciais e de gênero. Nessa disciplina o alunado é também instrumentalizado para a leitura de dados e indicadores socioeconômicos, raciais e de gênero. As estruturas rurais, que incluem as comunidades tradicionais quilombolas, sob o viés da injustiça ambiental e da avaliação de impactos de grandes projetos infra estruturais, mais incidentes sobre as comunidades não brancas, são o tema de **Planejamento Territorial e Regional**. No caso da optativa **Planejamento Urbano, Mulheres e População LGBTQIAP+<sup>40</sup>**, novamente o cerne passa pelas questões étnico-raciais e pela luta antirracista, tendo em vista o planejamento em contexto de conflitos

No eixo de instrumentação em **Leituras e Representação** e em **Técnica**, também é problematizado o racismo. Em **Meios de Expressão e Representação**, por meio da problematização do desenho humanizado, que usualmente exclui uma diversidade de corpos, e, portanto, especial atenção é dada para a representação das pessoas negras nos desenhos arquitetônicos.

Ainda, integram as ementas deste eixo dezenas de textos a amparar um debate sério, aprofundado e atualizado sobre racismo, África e afro-latinidade, com foco em arquitetura e urbanismo e áreas afins. Autoras e autores como **Abdias do Nascimento, Angela Davis, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Clóvis Moura, Franz Fanon, Lélia Gonzalez e Muniz Sodré** são colocados em diálogo com trabalhos específicos da

---

<sup>39</sup> Anterior “Arquiteturas Afro-Brasileiras”, ampliada para contemplar o debate racial na arquitetura em toda a América Latina.

<sup>40</sup> Sigla que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.



área como os de **Achille Mbembe, Célia Antonacci, Grada Kilomba, Lesley Lokko, Nmandi Elleh, Patrícia Anahory, Sandro Bruschi**, entre outros.

#### REFERÊNCIAS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, HISTÓRIA E CULTURA AFRO-LATINA E AFRICANA EM DIVERSAS DISCIPLINAS DO CURSO

<p>ANJOS, Rafael. <b>Quilombos: Geografia Africana</b>. Brasília: Mapas Ed &amp; Consultoria, 2009.</p> <p>ANTONACCI, Celia. <b>Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea</b>. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.</p> <p>ATHAYDE, Celso et al. <b>Cabeça de Porco</b>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.</p> <p>BRUSCHI, Sandro. <b>Campo e Cidades da África Antiga</b>. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2001.</p> <p>CARNEIRO, Sueli. <b>Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil</b>. São Paulo: Selo Negro, 2011.</p> <p>CHIVALLON, Christine. <b>La diaspora noire des Amériques</b>. Paris: Éditions du CNRS, 2004.</p> <p>CUNHA JR. Henrique. <b>Espaço Público, Urbanismo e Bairros Negros</b>. Curitiba: Appris, 2020.</p> <p>DAVIS, Ângela. <b>Mulheres, Raça e Classe</b>. São Paulo: Boitempo, 2016</p> <p>ELLEH, Nmandi. <b>African Architecture</b>. s/l: McGraw-Hill Professional, 1996</p> <p>ELLEH, Nmandi. <b>Architecture and Power in Africa</b>. Westport: Praeger, 2002.</p> <p>FANON, Franz. <b>Os condenados da terra</b>. Juiz de Fora: editora UFJF, 2013.</p> <p>FANON, Franz. <b>Pele Negra, Máscaras Brancas</b>. Salvador: EDUFBA, 2008.</p> <p>FERNANDES, José et al. <b>Angola no Século XX</b>. Lisboa: Printer Portuguesa, 2010.</p> <p>FERNANDES, José et al. <b>Moçambique 1875/1975</b>. Lisboa: Printer Portuguesa, 2010.</p> <p>FREUND, Bill. <b>The African City</b>. Nova York: Cambridge University Press, 2008.</p> <p>GOMES JR, Jackson et al. <b>Paraná Negro</b>. Curitiba: FUNPAR, 2012.</p> <p>GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. <b>Racismo Territorial</b>. São Paulo: Paco Editorial, 2021.</p> <p>GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. <b>Lugar de Negro</b>. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982</p> <p>GUIMARÃES, Roberta. <b>A Utopia da Pequena África</b>. Rio de Janeiro: FGV, 2014.</p> <p>HEIM, Bruno et al. (org). <b>Direitos dos povos de terreiro</b>. Salvador: Eduneb, 2018.</p> <p>HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. <b>Racismo Ambiental</b>. Rio de Janeiro: FASE, 2006.</p>	<p>LANDER, Edgardo (Org.). <b>A colonialidade do saber</b>. Buenos Aires: CLACSO, 2005.</p> <p>LOKKO, Lesley. <b>White papers, black marks: Architecture, Race, Culture</b>. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2008.</p> <p>MAESTRI, Mário. <b>O Sobrado e o Cativo</b>. Passo Fundo: UPF, 2001.</p> <p>MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês. <b>Moderno Tropical: Arquitetura em Angola e Moçambique 1948-1975</b>. Lisboa: Tinta da China, 2009. MATOS, Denis. <b>A casa do velho</b>. Salvador: Edufba, 2019.</p> <p>MBEMBE, Achille. <b>On The Postcolony</b>. Berkeley: University of California Press, 2001.</p> <p>MEUSER, Phillip; DALBAI, Adil. <b>Sub-saharian Africa: Architectural guide</b>. Berlim: Dom Publishers, 2021.</p> <p>MOASSAB, Andréia. <b>Brasil Periferia(s)</b>. São Paulo: EDUC, 2012.</p> <p>MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org). <b>Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.</p> <p>MOASSAB, Andréia e BASTOS, Tiago. <b>Direito ao território no Quilombo Apepu. Caderno MALOCA n.01</b>, Foz do Iguaçu, setembro de 2020.</p> <p>MOASSAB, Andréia e SANTOS, Maurício. <b>Dicionário de Arquitetura de Terreiros. Caderno MALOCA n.02</b>, Foz do Iguaçu, março de 2021.</p> <p>MOASSAB, Andréia; ANAHORY, Patrícia. <b>Panorama da arquitetura habitacional em Cabo Verde</b>. Praia: UniCV, 2022.</p> <p>MOASSAB, Andréia; BERTHET, Marina. <b>Territórios, cidades e identidades africanas em movimento</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2023.</p> <p>MOURA, Clóvis. <b>Quilombos</b>. São Paulo: Expressão Popular, 2020.</p> <p>NADER, Maria. <b>Gênero e racismo</b>. Vitória: Edufes, 2014.</p> <p>PIETERSEN, Edgar; SIMONE, Abdoumalik (org). <b>Rogue Urbanism: Emergent African Cities</b>. Cidade do Cabo: Jacana Media, 2013.</p> <p>SCHAEWEN, Deidi von et al. <b>African Interiors</b>. Berlim: Taschen, 2008.</p> <p>SCHAVELZON, Daniel. <b>Buenos Aires Negra</b>. Buenos Aires: Emece Editores, 2003.</p> <p>SHIRAIISHI NETO, Joaquim (org.) <b>Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil</b>. Manaus: UEA, 2007.</p>
--	---

HIDSON-WEEMS, Cleonora. <b>Mulherismo Africana</b> . São Paulo: Ananse, 2020.	SLENES, Robert. <b>Na Senzala Uma Flor</b> . Campinas: Unicamp, 2011.
HOOKS, Bell. <b>Ensinando a Transgredir</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2017.	SODRÉ, Muniz. <b>O Terreiro e a Cidade</b> . Mauad X, 2019.
HOOKS, Bell. <b>Olhares Negros</b> . São Paulo: Elefante, 2019.	WEINER, Gunter. <b>Arquitetura Popular Brasileira</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2012.
JESUS, Carolina. <b>Quarto de Despejo</b> . SP: Ática, 2007.	WEIMER, Gunter. <b>Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura</b> . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
KILOMBA, Grada. <b>Memórias da Plantação</b> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.	

#### 6.2.4\_ Educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura indígena

À semelhança do debate étnico-racial voltado para a população negra, o PPC do CAU UNILA foi precursor, desde sua primeira versão, em atender ao disposto na lei 11.645/08, no que tange à história e cultura dos povos indígenas brasileiros, expandindo-as para o debate indígena latino-americano e para a luta antirracista e pela demarcação das terras indígenas. A valorização de outras arquiteturas e uma relação orgânica com a natureza, ensinada por via do conhecimento indígena está presente em disciplinas obrigatórias: **Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Arquiteturas Latino-Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; Urbanismo IV; Estudos do Território; Planejamento Territorial e Regional** e nas optativas: **Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional; e Arquiteturas Indígenas**.

As disciplinas do eixo de instrumentação críticas **Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Arquiteturas Latino-Americanas** integram, no âmbito de um panorama alargado da produção arquitetônica uma ênfase na arquitetura de povos não europeus, tais como os povos ameríndios originários e indígenas, entre outros, com destaque para suas práticas construtivas em diálogo com a preservação ambiental. Em complementação, na disciplina **Patrimônio e Políticas de Memória** é problematizada a noção de patrimônio arquitetônico, a qual historicamente supervaloriza os bens edificados bens de matriz colonial e pouco ou quase nada tocam na arquitetura indígena, africana e afro-latina. De igual modo, é colocado em pauta a falta de registro/preservação da

memória de técnicas construtivas tradicionais, do saber-fazer, especialmente aquelas relacionadas ao povo negro e indígena.

A luta pela terra, que inclui a demarcação de terras indígenas, e as territorialidades latino-americanas, preservação cultural e situação de risco de assentamentos humanos e violação dos direitos humanos são temas de **Estudos do Território; Planejamento Territorial e Regional; e Urbanismo IV**, assim como na optativa **Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional** são debatidos os impactos da construção de Itaipu e a consequente expulsão de camponeses e indígenas na formação do lago. Em adição, há a proposição de exercícios projetivos para agrovilas e aldeamentos indígenas em **Planejamento Territorial e Regional**.

Merece destacar a disciplina optativa específica **Arquiteturas Indígenas**, que propõe um debate sobre a diversidade da disposição territorial das comunidades indígenas, sobre a luta pelo direito ao território, sobre tecnologia e hábitos de morar dos diversos povos indígenas na América Latina. A disciplina avança, ademais, na relação coletiva e não mercantilista dos povos indígenas com o espaço e com o território e a importância desta relação para a preservação ambiental.

Por último, uma literatura atualizada integra as ementas de diversas disciplinas, trazendo autores indígenas como **Ailton Krenak, Daniel Munduruk, Jaider Esbell e Idjahure Kadiwéu**, e antropólogos e antropólogas indigenistas importantes como **Clóvis Brighenti, Catherine Gallois, Luciano Gersen e Marta Amoroso**, junto aos raros trabalhos já publicados sobre arquitetura indígena no país, expressas nos livros de **José Afonso Botura Portocarrero, Gunter Weimer e Johan Van Langen**. Além disso, o curso tem as suas bases epistemológicas assentes junto os chamados pensamentos ameríndios organizados em torno do *Buen Vivir, Ñande Reko e Sumak Kwaysay*.

**REFERÊNCIAS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA EM DIVERSAS DISCIPLINAS DO CURSO**

ALMEIDA, Alfredo et al. (org.). **Caderno de debates Nova Cartografia Social da Amazônia**. Manaus: UEA, 2012.

ALMEIDA, Alfredo et al. (org.). **Povos e comunidades tradicionais**. Manaus: UEA, 2013.

HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. **Racismo Ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, 2006.

KADIWÉU, Idjahure. **Tembetá: conversas com pensadores indígenas**. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.

AMOROSO, Marta et al. <b>Paisagens ameríndias</b> . São Paulo: Terceiro Nome, 2014.	KRENAK, Ailton. <b>Ideias para adiar o fim do mundo</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
AMOROSO, Marta. <b>Terra de índio</b> . São Paulo: Terceiro Nome, 2015.	KRENAK, Ailton. <b>A Vida Não é Útil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
BRIGHENTI Clovi; OLIVEIRA, Osmarina. <b>Imagem e memória dos Avá-Guarani paranaenses</b> . Foz do Iguaçu: Edunila, 2016.	KRENAK, Ailton. <b>O amanhã não está à venda</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2020
CEPAL. <b>Os povos indígenas na América Latina</b> . Santiago: CEPAL, 2015.	KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. <b>Lugares de Origem</b> . São Paulo; Jandaíra, 2021
ESBELL, Jaider. <b>Moquém Surari - Arte Indígena Contemporânea</b> . São Paulo: MAM, 2021.	LUCIANO, Gersen. <b>Os índios do Brasil</b> . Brasília: MEC, 2006.
ESPÍRITO SANTO, Maria. <b>Vasos Sagrados. Mitos Indígenas Brasileiros e o Encontro com o Feminino</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 2010.	MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org). <b>Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo</b> . Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.
FAUSTO, Carlos. <b>Os Índios Antes do Brasil</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 2010.	PORTOCARRERO, José. <b>Tecnologia Indígena em Mato Grosso: Habitação</b> . Cuiabá: Entrelinhas, 2010.
GALLOIS, Catherine. <b>Wajãpi rena: roças, pátios e casas</b> . Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2002.	VAN LENGEN, Johan. <b>Arquitetura dos Índios da Amazônia</b> . São Paulo: B4, 2013.
GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. <b>Racismo Territorial</b> . São Paulo: Paco Editorial, 2021.	WEIMER, Gunter. <b>Arquitetura Indígena</b> . Porto Alegre: Edigal, 2018.

#### 6.2.5\_ Educação sobre relações de gênero e direitos das mulheres, crianças, idosos, idosas e população LGBTQIAP+

O debate feminista é muito presente na UNILA que tem diversos coletivos em torno dos direitos das mulheres e LGBTQIAP+, coletivo de mulheres negras, coletivo de mães e pais da UNILA, coletivos LGBTQIAP+ e, também, mulheres do movimento sindical docente. Durante a greve de 2015, docentes, estudantes e técnicas administrativas em educação problematizaram, no encontro “Mulheres na Universidade”, a participação das mulheres na universidade, concluindo que não era possível debater condições de trabalho e estudo sem uma estrutura institucional de enfrentamento da violência patriarcal no seio da comunidade acadêmica (SCHNEIDER, 2019). O patriarcado, estruturante da sociedade há mais de seis mil anos tem nos seus pilares a apropriação e submissão das mulheres e das pessoas LGBTQIAP+, incidindo no ambiente universitário das mais diversas formas, desde a divisão sexual do trabalho à abusos sexuais, psicológicos e patrimoniais. A falta de política de acolhimento e permanência neste ambiente “representa a morte física e intelectual de mulheres e LGBTQIAP+ estudantes e trabalhadoras” (ibidem: 24).

Nos dois anos seguintes, a construção coletiva da política foi feita nos encontros do Fórum Permanente de Equidade de Gênero na UNILA e em diversos seminários e grupos de trabalho. Ademais, foram realizadas pesquisas em universidades na América Latina que tinham protocolos de enfrentamento da violência baseada no gênero e sexualidade. Finalmente, por demanda das mulheres, a reitoria formalizou uma Comissão Institucional, por meio de portaria, para efetivamente minutar a Política de Equidade de Gênero. Todo esse movimento integrado das mulheres da UNILA resultou na aprovação da Política de Equidade de Gênero da universidade, na 29ª sessão ordinária do CONSUN, em 26 de maio de 2017, a qual recebeu o nome de Martina Piazza Conde, em homenagem à estudante vítima de feminicídio, durante os festejos de carnaval, em 2014.

No CAU UNILA, o debate feminista está presente desde a sua implantação, embora, de certa maneira, com menor centralidade na primeira versão do PPC. Ao longo desta década de curso foram realizados diversos projetos de monitoria, pesquisa, extensão, trabalhos de disciplinas, oficinas e TCCs com o recorte de gênero.

No atual PPC, ora apresentado, as disciplinas obrigatórias **Urbanismo I e IV** trabalham a questão das mulheres na cidade e instrumentalizam o alunado para a leitura de dados e indicadores socioeconômicos, raciais e de gênero. Em convergência, as disciplinas, obrigatórias **Meios de Expressão e Representação e Ergonomia do Espaço Construído e Habitado** têm o corpo como escala de análise, tensionando a usual padronização ao mesmo tempo em que valorizam a diversidade de corpos.

Ademais, há no curso a oferta de disciplinas optativas que aprofundam este debate. A segregação espacial com base em raça e gênero é estruturante de **Arquitetura, Cidade, Relações Étnicas e de Gênero**, mostrando como o desenho androcêntrico, adultocêntrico e racista das cidades: espaço público para os homens; o espaço doméstico para as mulheres; os bairros periféricos para os negros e nenhum espaço para as crianças. Ainda, a disciplina problematiza a centralidade da família



mononuclear heteronormativa nas espacialidades habitacionais, bem como as distinções de gênero no projeto do espaço doméstico. A questão da cidade e das crianças é tema de **Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo e Arquitetura IV**. Em **Urbanismo I, II, III, IV e Planejamento Urbano, Mulheres e População LGBTQIAP+**, o debate é construído a partir de contribuições do feminismo e da luta antirracista e do planejamento em contexto de conflitos.

Ressalta-se, ainda, que as clivagens de gênero, sexualidade e etárias vêm sendo objetos de trabalhos em várias disciplinas e também de TCCs, mostrando o comprometimento do curso em alterar práticas sexistas, machistas e misóginas em arquitetura e urbanismo.

**REFERÊNCIAS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E DIREITOS DAS MULHERES, CRIANÇAS, POPULAÇÃO IDOSA E LGBTQIAP+**

- |  |  |
|--|--|
| AFFONSO, R.; SILVA, P. B. <b>Descentralização e políticas sociais</b> . São Paulo: Fundap/lesp, 1996                 | FINCO, Daniela et al. <b>Sociologia da infância no Brasil</b> . Campinas: Autores Associados, 2011.                            |
| ANJOS, Rafael. <b>Quilombos: Geografia Africana</b> . Brasília: Mapas Ed & Consultoria, 2009.                        | GONZAGA, Terezinha. <b>A cidade e a arquitetura também mulher</b> . São Paulo: Annablume, 2011.                                |
| ARIÈS, Philippe. <b>História social da criança e da família</b> . Rio de Janeiro: LTC, 2006.                         | GONZALEZ, Lélia. <b>Por um Feminismo Afro-latino-americano</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 2020.                                  |
| BECKER, Berta. et al. (Orgs.). <b>Abordagens Políticas da Espacialidade</b> . Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.            | HIDSON-WEEMS, Cleonora. <b>Mulherismo Africana</b> . São Paulo: Ananse, 2020.  |
| Bertrand Brasil, 2005.   | HOOKS, Bell. <b>Ensinando a Transgredir</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2017.   |
| BRASIL. <b>Estatuto da criança e do adolescente</b> . Brasília, 1990.  | KERN, Leslie. <b>Cidade feminista</b> . Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.  |
| BRASIL. <b>Estatuto do Idoso</b> . Brasília, 2013.   | KILOMBA, Grada. <b>Memórias da Plantação</b> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.   |
| BUTLER, Judith. <b>Problemas de gênero</b> . Civilização Brasileira, 2003.   | KOHAN, Walter. <b>Infância. Entre Educação e Filosofia</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2005                                   |
| CAMACHO, Juana. <b>De montes, ríos y ciudades</b> . Fundación Natura, 1999.  | LEITE, Sergio et al. <b>Políticas públicas, atores sociais e desenvolvimento territorial no Brasil</b> . Brasília: IICA, 2011. |
| CARNEIRO, Sueli. <b>Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil</b> . São Paulo: Selo Negro, 2011.                     | LIMA, Ana G. <b>Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX</b> . São Paulo: Altamira Editorial, 2013.            |
| CEPPI, Giulio et al. Crianças, Espaços, Relações: Como Projetar Ambientes para a Educação Infantil. SI: Penso, 2013. | LOEB, Rodrigo; LIMA, Ana. <b>Cidade, gênero e infância</b> . São Paulo: Romano Guerra, 2022.                                   |
| CEVEDIO, Monica. <b>Arquitectura y Género</b> . Barcelona: Icaria, 2010.   | MELO, Paula et al (orgs). <b>Descolonizar o feminismo</b> . Brasília: IFB, 2021.   |
| CONTRERA, Laura, CUELLO, Nicolas (org). <b>Cuerpos sin patrones</b> . Buenos Aires: Madreselva, 2016.                | MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org). <b>Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo</b> . Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.  |
| CORTÉS, José. <b>Políticas do Espaço</b> . São Paulo: Senac, 2008.   | MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida. <b>Arquitetura e Política</b> . São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.                                  |
| CUNHA Jr. Henrique. <b>Espaço Público, Urbanismo e Bairros Negros</b> . Curitiba: Appris, 2020.                      | MÜLLER, Cíntia e CHAGAS, Miriam. <b>Dinâmicas de Cidadania</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2010.                                    |
| CURIEL, Ochy. <b>La nación heteronormativa</b> . Bogotá: Brecha Lésbica, 2013.                                       |  |

<p>DAVIS, Ângela. <b>Mulheres, Raça e Classe</b>. São Paulo: Boitempo, 2016.</p> <p>ESCOBAR, Arturo. <b>Diseño y Autonomia</b>. Universidad del Cauca: Sello, 2016.</p> <p>ESPEL, Carmen. <b>Heroínas del espacio</b>. Valencia: Generales de la Construcción, 2006.</p> <p>DANIEL, Jorge; ANDRES, Pedro. <b>Crítica de la sociedad adultocéntrica</b>. Bogotá: Universidad de la Salle, 2021.</p> <p>ESPÍRITO SANTO, Maria. <b>Vasos Sagrados. Mitos Indígenas Brasileiros e o Encontro com o Feminino</b>. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.</p> <p>FARIA, Ana; FINCO, Daniela. <b>Sociologia da Infância no Brasil</b>. Campinas: Autores Associados, 2020.</p> <p>FEDERICI, Sílvia. <b>Calibã e a Bruxa</b>. São Paulo: Elefante, 2017.</p>	<p>MUXI, Zaida. <b>Mujeres, casas y ciudades</b>. Barcelona: Dpr, 2018.</p> <p>NADER, Maria Beatriz. <b>Gênero e racismo</b>. Vitória: Edufes, 2014.</p> <p>ROSENDO, Daniela. <b>Ecofeminismos</b>. Rio de Janeiro: Apeku, 2019.</p> <p>SCHNEIDER, Graziela. <b>A revolução das mulheres</b>. São Paulo: Boitempo, 2017.</p> <p>SEGATO, Rita. <b>La guerra contra las mujeres</b>. Barcelona: Ariel, 2021.</p> <p>VIGARELLO, Georges. <b>As metamorfoses do gordo</b>. Petrópolis: Vozes, 2012.</p> <p>VON SIMSON, ; NERI, Anita. <b>As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil</b>. Campinas: Alínea, 2015.</p>
--	---

## 6.2.6\_Educação em direitos humanos

Os direitos humanos são estruturantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA, que se fundamenta em torno do **direito à moradia, direito ao território e direito à arquitetura**, conforme explicitado nos itens 4, 5 e 6.1. Somam-se aí, o acolhimento, pelo curso, dos desdobramentos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, conforme registrados em diversos tratados internacionais, como a **Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial** (1965); o **Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais** (1966), que inclui a autodeterminação dos povos e o direito à moradia adequada; a **Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres** (1979); a **Convenção sobre os Direitos da Criança** (1989); o **Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos** (1992); a **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** (2006), além do **Direito Humano a um Ambiente Limpo, Saudável e Sustentável**, reconhecido pelo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas em 2021.

Este conteúdo é transversal ao curso e, igualmente, abarcado diretamente em diversas disciplinas obrigatórias e optativas: **Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo; Políticas Públicas de Habitação; Deontologia; Planejamento Territorial e Regional;**



## **Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional; e Ateliê Integrado de Projeto de Interesse Social.**

Concernente ao direito das mulheres; da criança e do adolescente, da pessoa idosa, negra, indígena, LGBTQIAP+ e com deficiência; a um meio ambiente limpo, saudável e sustentável; à alimentação adequada; são conteúdos acolhido pelas ementas de diversas disciplinas, conforme demonstrado nos itens anteriores, de 6.2.2 a 6.2.5, e, no item seguinte, 6.3.

Por fim, merece enfatizar a inclusão dos Direitos da Natureza, nas disciplinas **Paisagem I, II, III e Urbanismo III**, debate corrente no ambiente unileiro<sup>41</sup>, sobretudo por conta do Novo Constitucionalismo Latino-Americano, isto é, do reconhecimento da natureza como sujeito de direito nas constituições da Bolívia e do Equador. Tal questão vem ganhando relevância também nas Nações Unidas, desde 2009, quando a Harmonia com a Natureza (Harmony with Nature) passou a integrar a agenda da organização por meio da Resolução 64/196<sup>42</sup>.

### **6.3\_Proteção dos direitos da pessoa com transtorno mental, transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual e deficiências múltiplas**

Em conformidade com a Lei Nº 12.764/2012. que estabelece que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista - TEA é considerada deficiente, o CAU UNILA procura se adequar à Lei nº 13.146/2015, lei brasileira de Inclusão, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que prevê, em seu Art. 27 que o direito à educação de pessoas com deficiência deve ser assegurado em

sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais.

<sup>41</sup> Termo corriqueiramente utilizado de forma carinhosa e de identidade de grupo, pela comunidade acadêmica da UNILA.

<sup>42</sup> A partir de 2011, as Nações Unidas anualmente realizam os *Diálogos Interativos da Assembleia Geral sobre Harmonia com a Natureza*, os quais trouxeram à tona a necessidade de se afastar de uma visão de mundo centrada no ser humano e estabelecer uma visão não antropocêntrica ou centrada na Terra. A cada ano, um grupo de especialistas do mundo todo se reúne para elaborar o relatório a subsidiar a Assembleia Geral. Em 2016, o CAU UNILA integrou este grupo com a participação de docente do curso. Mais informações em <http://harmonywithnatureun.org/>.

Em atendimento ao Inciso XIV do referido artigo, que solicita a inclusão em conteúdos curriculares em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento, o CAU UNILA oferece algumas disciplinas que tratam da inclusão. Acessibilidade e desenho universal constam das ementas de **Paisagem II; Arquitetura III, IV, V, VI, VII e VIII**, todas disciplinas obrigatórias e, também, da optativa **Ateliê de Projeto de Interesse Social**. O capacitismo é abordado, ainda, em **Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo**, uma disciplina de início de curso, a preparar o alunado para os trabalhos extensionistas e relacionamento com as comunidades.

Convergentemente, as obrigatórias **Meios de Expressão e Representação e Ergonomia do Espaço Construído e Habitado**, somadas à optativa **Introdução à Leitura e Representação em Arquitetura e Urbanismo** tratam das diversidades de corpos latino-americanos e, evidente, dos corpos com deficiência, problematizando a exclusão espacial destes corpos.

**REFERÊNCIAS SOBRE DIREITOS DAS PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL, TEA, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS**

BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2**. São Paulo: EDUSP, 2001.

CONTRERA, Laura, CUELLO, Nicolas (org). **Cuerpos sin patrones: resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne**. Buenos Aires: Madreselva, 2016.

FERNANDES, Eulália. **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 1997.

MOURA, Marília et al. **Educação para surdos**. São Paulo: Editora Santos, 2008.

ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

No que se refere à infraestrutura e à acessibilidade, as dependências da universidade dispõem das adaptações arquitetônicas e estruturais que viabilizam o acesso da pessoa com deficiência, com amplas escadas, rampas e passarelas, sanitários adaptados, e reserva de vagas no estacionamento. Além dos aspectos arquitetônicos mencionados, toda a comunidade do CAU UNILA tem à disposição a oferta de serviços da *Divisão de Apoio à Acessibilidade e Inclusão de Pessoa com Deficiência*, existente desde 2014, vinculada à Pró-Reitoria de Graduação. São os serviços:

- **Libras:** Somando-se às ações realizadas pela equipe técnica do núcleo, incluem-se as atividades desenvolvidas pelos Tradutores e Tradutoras Intérpretes de Linguagem e Sinais – TILS, assessorando as atividades de ensino, pesquisa e extensão, traduzindo e interpretando artigos, discursos, palestras, aulas expositivas, comentários, explicações, debates, enunciados de questões avaliativas e outras reuniões análogas, livros, textos diversos em idioma, palavras, conversações, narrativas, palestras, atividades didático-pedagógicas em um outro idioma, reproduzindo Libras ou na modalidade oral da Língua portuguesa o pensamento e intenção do emissor.
- **Apoio Psicopedagógico:** tem o objetivo de auxiliar na acessibilidade e inclusão das pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas oriundas dos diversos cursos de graduação da UNILA. Ao elencar as necessidades educacionais dos e das discentes, o serviço de apoio psicopedagógico elabora um orientador à coordenação de curso e corpo docente, com as disposições a respeito da deficiência ou necessidade específica, o desenvolvimento das habilidades, adequações e recursos necessários.
- **Adequação de Materiais:** O serviço tem por objetivo transformar os materiais de leitura inacessíveis aos softwares de leitura, comumente utilizados pelas pessoas com deficiência visual, em materiais capazes de serem lidos por tal tecnologia. Tal adequação é realizada por graduandos e graduandas dos diversos cursos da UNILA, na condição de monitores ou monitoras de ensino para acessibilidade e inclusão, com bolsa, selecionados ou selecionadas mediante edital.
- **Monitoria de Ensino na modalidade de Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência:** programa de bolsas para estudantes da graduação que visa contribuir com a qualidade do ensino-aprendizagem e acolher os e as estudantes PcDs, apoiando seu processo de adaptação acadêmica e de integração ao curso, sobretudo aos às discentes que

necessitam de adequação de materiais didáticos, no sentido de reforçar a equidade de oportunidades acadêmicas<sup>43</sup>.

- **Programa de Apoio ao Desenvolvimento Acadêmico dos Estudantes com Deficiência:** auxílio financeiro instituído pela Resolução COSUEN 16/2018, com a meta de viabilizar o acesso e permanência de estudantes com deficiência na universidade, minimizar os efeitos da desigualdade social por meio de implementação de políticas públicas e estimular a conquista e o exercício da autonomia dos e das estudantes com deficiência da graduação<sup>44</sup>.

Por fim, vale mencionar que a universidade sediou, em 2018, o *Fórum da Inclusão da Pessoa com Deficiência em Foz do Iguaçu e Região*. Desde então, foram intensificadas, as ações institucionais relacionadas às pessoas com deficiência, a saber:

- destinar de vagas exclusivas para pessoas com deficiência em 28 cursos de graduação;
- realização da *Semana da Pessoa com Síndrome de Down*, no mês de março;
- campanhas nas redes sociais de conscientização de combate ao capacitismo;
- oferta regular de curso gratuito de LIBRAS para servidores, servidoras e comunidade externa e, em 2021, abriu o curso, também gratuito, de especialização em LIBRAS;
- divulgação, em LIBRAS e em áudio, de diversos editais da instituição.

---

<sup>43</sup> Ver os relatórios do programa em: <https://portal.unila.edu.br/prograd/programas/monitoria-de-ensino-na-modalidade-de-acessibilidade-e-inclusao-da-pessoa-com-deficiencia>

<sup>44</sup> Ver os relatórios do programa em: <https://portal.unila.edu.br/prograd/programas/programa-de-apoio-ao-desenvolvimento-academico-dos-estudantes-com-deficiencia-pada-pcd>

## **7\_OBJETIVO DO CURSO**

### **7.1\_Objetivo Geral**

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA tem como objetivo formar profissionais bilíngues comprometidos e comprometidas em melhorar a qualidade do espaço construído e habitado latino-americano. O desenvolvimento de suas competências ocorre por meio de um aprendizado de base generalista, baseado nas reflexões sobre as práticas vivenciadas ao longo do curso, no qual o projeto arquitetônico/urbanístico/paisagístico ou produtos do planejamento urbanos e regional ou de crítica de arquitetura e urbanismo é tratado de forma indissociável das suas dimensões sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas, espaciais e ambientais.

### **7.2\_Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos do CAU UNILA são voltados para oferecer formação que:

- torne o egresso e a egressa capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação à concepção, organização e construção do espaço interior e exterior, abrangendo o planejamento, o urbanismo, a edificação, o paisagismo ou a crítica em arquitetura e urbanismo;
- contribua para a promoção da conservação e valorização do patrimônio construído, do equilíbrio do ambiente natural e da utilização racional dos recursos disponíveis;
- auxilie o egresso e a egressa a lidar com a diversidade tanto na concepção de espaços inclusivos como na atuação em sociedade.

## **8\_PERFIL E HABILIDADES DO EGRESSO E DA EGRESSA**

Com profundo entendimento da função social da profissão, o egresso e a egressa da UNILA diferenciam-se pela formação bilíngue em sintonia com as tendências contemporâneas de respeito à diversidade e ambiente, com especial atenção para os desafios dos contextos de carência econômica e/ou de recursos materiais. Preparado e preparada para uma atuação profissional plural, o egresso e a egressa apresentam competências para a qualificação dos espaços e para trabalhar em prol de uma redução das desigualdades socioespaciais e raciais.

Existe um amplo e sólido campo de atuação para o desenvolvimento, concepção, consultoria, coordenação e supervisão técnica em arquitetura, urbanismo, planejamento e paisagismo, nos setores privado, público e comunitário. Atualmente, há uma demanda crescente por profissionais no interior do país e nas administrações municipais, nas mais diversas funções, inclusive para colaborar para uma efetiva territorialização de políticas públicas, conforme arranjo federativo previsto na Carta Magna. O mesmo acontece nos demais países da América Latina, nos quais vastas regiões não têm arquitetos e arquitetas sequer residentes.

Ademais, nas últimas décadas, um novo mercado de trabalho vem se consolidando: a assessoria técnica para associações e ONGs, com a ampliação das políticas públicas voltadas para o setor. Acordos regionais, como o Mercosul, são realidades cada vez mais urgentes, alargando o espectro de atuação de profissionais com as características do egresso e da egressa do CAU UNILA. As principais habilidades desenvolvidas e aprofundadas ao longo do curso compreendem aptidão para:

- compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação à concepção, organização e construção do espaço interior e exterior, abrangendo o planejamento, o urbanismo, a edificação e o paisagismo;
- promover a conservação e valorização do patrimônio construído;
- colaborar com a proteção do equilíbrio do ambiente natural;
- utilizar racionalmente os recursos disponíveis;

- facilitar processos participativos;
- lidar com a diversidade tanto na concepção de espaços inclusivos como na atuação em sociedade;
- compreender e se posicionar criticamente diante das complexidades do mundo contemporâneo;
- comunicar-se fluentemente em português e em espanhol.

Na perspectiva de uma carreira que coadune com a missão de integração solidária da Universidade, que considere o caráter interdisciplinar da produção e análise de objetos arquitetônico-urbanísticos, espera-se que o egresso e a egressa do CAU UNILA atuem de maneira a territorializar e espacializar os conhecimentos apreendidos, dotado de uma visão crítica e apto e apto a contribuir na valorização e visibilidades de saberes, práticas e técnicas locais de habitar e construir. O egresso e a egressa do CAU UNILA, com sólida formação generalista, estão capacitado e capacitada para um exercício profissional em consonância com as especificidades e problemáticas próprias dos contextos latino-americanos, desenvolvendo ao longo do curso pelos menos as seguintes competências e habilidades:

- Compreender a atividade profissional do arquiteto e da arquiteta e urbanista em seu contexto político-ideológico, atento às tomadas de posição inerentes ao exercício profissional;
- Compreender as repercussões sociais, culturais, políticas, ambientais e urbanas de seus projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos, isto é, conhecer os aspectos antropológicos, sociológicos, históricos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas concernentes ao espaço construído e habitado;
- Referenciar suas práticas em sólidos princípios éticos, de modo a gerar produtos e conhecimentos úteis à humanidade;
- Entender e respeitar a diversidade cultural dos mais distintos grupos que compõem a sociedade, exercendo a arquitetura e o urbanismo em prol da emancipação e autonomia dos povos;
- Respeitar os valores históricos e culturais locais, regionais e nacionais;
- Valorizar a arquitetura, o urbanismo e a paisagem como patrimônio coletivo;
- Compreender as imposições conjecturais que afetam a prática profissional, tendo competência para se posicionar por meio da arquitetura e do urbanismo, diante dos assuntos contemporâneos;



- Pautar a sua prática profissional no sentido de colaborar para a diminuição dos níveis críticos de desigualdade e exclusão social no espaço construído e habitado;
- Compreender o caráter multidisciplinar do exercício profissional da arquitetura e urbanismo, integrando técnica, arte e humanidades;
- Considerar o ser humano em seus diversos aspectos como usuário e usuária diretos e indiretos dos projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo;
- Comprometer-se permanentemente com a qualidade do projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico e de planos urbanos, regionais e territoriais;
- Nortear-se pela busca constante da melhoria da qualidade de vida dos e das habitantes dos assentamentos humanos, em especial os e as mais pobres, e da qualidade material do espaço construído e habitado;
- Compreender as questões de preservação da paisagem e de avaliação dos impactos no meio ambiente, com vistas ao equilíbrio socioambiental;
- Ter consciência dos processos políticos envolvendo as esferas pública e privada, os agentes sociais e as tensões relacionadas à produção do espaço construído;
- Entender a prática democrática e os processos participativos como elementos basilares para a construção de uma sociedade mais equilibrada e inclusiva;
- Estabelecer ao longo da vida profissional um diálogo permanente com as mais diversas áreas do conhecimento, entendendo as suas contribuições fundamentais para uma atuação atualizada, inovadora e crítica;
- Conceber projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo considerando as condições históricas, culturais, socioeconômicas, estéticas, técnicas, ambientais e de acessibilidade dos usuários e usuárias, com especial atenção às limitações econômicas e disponibilidade material de seu público;
- Conceber projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo considerando os fatores de custo, de durabilidade, de manutenção e de especificações, bem como os regulamentos legais e as normas técnicas estabelecidas na sua região de atuação profissional, de modos a satisfazer as exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas, ambientais, ergonômicas e de acessibilidade;
- Dominar os conhecimentos especializados para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos para a definição de instalações e equipamentos prediais, para a organização de obras e canteiros e para a implantação de infraestrutura urbana, regional e territorial;
- Conhecer as referências teóricas e históricas das artes e da estética, suscetíveis de influenciar a qualidade da concepção do projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo e em planejamento urbano, regional e territorial;
- Conhecer a teoria e a história da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, considerando sua produção no contexto social, cultural, político e econômico e tendo como objetivo um exercício profissional pautado pela reflexão crítica e a pesquisa permanentes;

- Ter domínio de técnicas e metodologias de pesquisa atualizadas em urbanismo, desenho urbano e planejamento urbano, regional e territorial, bem como a compreensão dos sistemas de infraestrutura e de trânsito, necessários para a concepção de estudos, análises e planos de intervenção no espaço urbano, rural, metropolitano e regional;
- Ter habilidades pedagógicas para a adaptação do discurso técnico em arquitetura e urbanismo ao entendimento popular, com o objetivo de garantir uma real participação das populações em projetos participativos;
- Nortear-se pelo uso da tecnologia em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas dos povos;
- Compreender os sistemas estruturais e ter o domínio da concepção e do projeto estrutural, tendo por fundamento os estudos de resistência dos materiais, estabilidade das construções e fundações;
- Entender as condições climáticas, acústicas, lumínicas e energéticas e o domínio das técnicas apropriadas a elas associadas, de modo a melhor garantir aspectos do conforto do ambiente construído em seus projetos, incluindo soluções de baixo custo e uso de fontes renováveis de energia, aumentando a eficiência;
- Dominar as práticas projetuais e as soluções tecnológicas para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, comunidades, conjuntos urbanos e cidades;
- Ter habilidades de desenho e o domínio da geometria, de suas aplicações e de outros meios de leitura, representação e expressão, tais como perspectiva, modelagem geométrica, maquetes, modelos, imagens virtuais, fotografia e vídeo, com vistas ao processo projetual;
- Conhecer os instrumentais de informática para tratamento de informações, concepção e representação aplicada à arquitetura, ao urbanismo, ao paisagismo e ao planejamento urbano, regional e territorial;
- Ter habilidade na elaboração e interpretação de levantamentos topográficos, com a utilização geoprocessamento, de aerofotogrametria, foto-interpretação e sensoriamento remoto, necessários à organização de espaços em projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo e no planejamento urbano, regional e territorial.

## 9\_ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

### 9.1\_Forma de Curricularização da Extensão

Em atendimento a Plano Nacional de Educação 2014-2024, às Resoluções CNE/CES 07/2018 e 01/2020 e à Instrução Normativa PROGRAD nº 02/2021, o CAU UNILA tem **12,41%** de sua carga horária total destinada à extensão, tendo como estratégia, a proposição de componentes curriculares mistos obrigatórios. Tais componentes curriculares mistos buscam, sempre que possível, uma articulação com dois dos laboratórios do curso, o **LaMAU** e o **LaPPrAU**, os quais atuam, por sua vez, como captadores de demandas de extensão, por meio de programas e projetos de extensão, articulados pelo coordenador ou coordenadora dos respectivos laboratórios. Dito de outra forma, tantos os coordenadores ou coordenadoras dos laboratórios podem articular as demandas da sociedade ali centralizadas com a oferta de disciplinas extensionalizadas a cada semestre ou os professores ou professoras responsáveis por determinado componente pode procurar os laboratórios ou ainda, se preferir, desenvolver a atividade extensionista independente dos laboratórios.

Os componentes curriculares mistos estão alocados em quatro dos seis eixos de conhecimento que organizam o curso. É exceção a disciplina obrigatória “Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina”, que tem sua carga horária integral dedicada à extensão, conforme tabelas abaixo:

EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM CRÍTICA			
Disciplina	Carga Horária	Semestre	Carga Horária Extensão
Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	60	1o	60
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I	45	3o	10
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II	60	4o	14
Arquiteturas Latino-Americanas	45	7o	10
Cidades Latino-Americanas	45	7o	10
Patrimônio e Políticas de Memória	30	8o	7
TOTAL DE CARGA HORÁRIA EM EXTENSÃO			111

EIXO DE ATELIÊ EM PROJETO URBANO, PLANEJAMENTO E PAISAGEM			
Disciplina	Carga Horária	Semestre	Carga Horária Extensão
Urbanismo I	75	3o	35
Estudos do Território	75	4o	35
Urbanismo II	75	5o	35
Urbanismo III	75	6o	35
Políticas públicas de Habitação	45	6o	10
Urbanismo IV	75	7o	35
Planejamento Territorial e Regional	75	8o	35
TOTAL DE CARGA HORÁRIA EM EXTENSÃO			220

EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM LEITURA E REPRESENTAÇÃO			
Disciplina	Carga Horária	Semestre	Carga Horária Extensão
Meios de expressão e Representação	90	1o	24
Poéticas visuais	60	1o	12
Poéticas visuais na América Latina	45	2o	10
Comunicação visual aplicada à Arquitetura e Urbanismo	45	3o	10
Expressão e comunicação em Mídias digitais (CINE)	45	6o	20
TOTAL DE CARGA HORÁRIA EM EXTENSÃO			76

<b>EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO TÉCNICA</b>			
<b>Disciplinas</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Semestre</b>	<b>Carga Horária Extensão</b>
Canteiro Experimental I - Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares	45	3o	6
Topografia aplicada à Arquitetura e Urbanismo	60	4o	8
Introdução aos Sistemas Estruturais	60	4o	8
Canteiro Experimental II - Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normatizadas	45	5o	6
Instalações Prediais Hidrossanitárias	45	5o	6
Eficiência e Conforto Térmico	45	5o	6
Ergonomia do Espaço Construído e Habitado	45	5o	6
Canteiro Experimental III - Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-Fabricados	45	6o	6
Eficiência e Conforto Lumínico	45	6o	6
Instalações Prediais Elétricas	45	6o	6
Concepção e Noção Dimensional de Estruturas	60	7o	8
Canteiro Experimental IV - Planejamento e Gestão de Obras	45	7o	6
Eficiência e Conforto Acústico	30	8o	4
Canteiro Experimental V - Técnicas Retrospectivas	45	8o	6
<b>TOTAL DE CARGA HORÁRIA EM EXTENSÃO</b>			<b>88</b>

Carga Horária Total 3990

Carga Horária de Extensão em Disciplinas Obrigatórias 495

**Porcentagem de Carga Horária em Disciplinas Obrigatórias 12,41%**

Merece destacar que além das disciplinas obrigatórias que cumprem na totalidade as exigências legais de carga horária destinada à extensão, algumas das optativas ofertadas pelo CAU UNILA também apresentam carga horária em atividade de extensão, ampliando a gama de possibilidades para o alunado.

Salienta-se que o alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento de conteúdo, sob orientação docente. De igual modo, prevê-se, sempre que possível, um diálogo com a co

munidade desde o início do planejamento da ação. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo.

Finalmente, a avaliação da extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

## **9.2\_Integração ensino, pesquisa e extensão**

O CAU UNILA se estrutura na integração entre ensino, pesquisa e extensão, para além do cumprimento à legislação e à função social da Universidade, por entender que é fundamental para a formação profissional do futuro egresso e egressa. A maior parte das disciplinas têm em suas ementas a previsão de atividades de extensão integradas, em atendimento à necessidade da curricularização da extensão, conforme já tratados nos tópicos anteriores.

Todavia, cabe salientar que mesmo antes do processo de curricularização, diversos componentes curriculares mantinham contato com atividades de extensão promovidas pelos e pelas docentes responsáveis, sendo que o atendimento ao PNE 2014-2020 colaborou para formalizar e intensificar um curso de perfil claramente extensionista. O LaMAU e o LaPRAU cumprem, destarte papeis organizadores das relações entre extensão e ensino, na medida em que captam demandas da sociedade e as distribuem entre os e as docentes do curso, retroalimentando as atividades de ensino.

Com relação às atividades de pesquisa, o curso conta com docentes que possuem trabalhos de pesquisa consolidados em suas áreas, compondo grupos de pesquisa reconhecidos pela CAPES<sup>45</sup>. As pesquisas estão em grande parte situadas no território da tríplice fronteira ou região, ou versam sobre questões relevantes para compreender a arquitetura e urbanismo na América Latina. Muitas das pesquisas surgiram como demandas observadas em trabalhos de extensão coordenados pelos e pelas docentes ou para embasar as atividades de ensino. O perfil da UNILA exige

---

<sup>45</sup> Ver item 17.1.

pesquisa constante para as atividades de ensino, já que existe bem pouco referencial teórico-metodológico que dê conta da diversidade do continente nas múltiplas dimensões do ensino na área. As atividades de monitoria acadêmica, vinculadas ao ensino, frequentes em diversas disciplinas, resultam em atividades de cunho de pesquisa, inclusive projetos de iniciação científica.

Desta integração entre ensino-pesquisa-extensão têm surgido muitos dos TCCs apresentados no curso.

### **9.3\_Inserção dos conteúdos das Políticas Públicas de Educação nos Componentes**

O CAU UNILA, desde a sua implantação, foi norteado pelas principais questões da atualidade, no que concerne à educação ambiental, em direitos humanos, das relações étnico-raciais e no ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Tal conteúdo é trabalhado transversalmente em todos os eixos do curso, conforme explicitado em detalhes nos itens 6.2.2 a 6.2.6. Retomamos, abaixo, de modo sintético, as disciplinas obrigatórias por tema:

- **Educação Ambiental:** Fundamentos de América Latina III; Canteiro Experimental I – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares; Instalações Prediais Hidrossanitárias; Eficiência e Conforto Térmico; Eficiência e Conforto Lumínico; Eficiência e Conforto Acústico; Arquitetura IV, V, VI e VII; Urbanismo III e IV; Estudos do Território; Planejamento Territorial e Regional; Paisagem I, II e III;
- **Direitos Humanos:** Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo; Políticas Públicas de Habitação; Deontologia; Planejamento Territorial e Regional; Urbanismo I e IV; Meios de Expressão e Representação; Ergonomia do Espaço Construído e Habitado; Arquitetura IV; e Urbanismo III;
- **Relações Étnico-raciais:** Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II; Arquiteturas Latino-Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; Urbanismo I, II, III e IV; Planejamento Territorial e Regional; Meios de Expressão e Representação;
- **História e Cultura Afro-brasileira e Indígena:** Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II; Arquiteturas Latino-Americanas;



Patrimônio e Políticas de Memória; Estudos do Território; Planejamento Territorial e Regional; Urbanismo IV.

Merece ênfase, ainda, algumas optativas que igualmente abordam, muitos como estruturante da disciplina, debates em educação ambiental, direitos humanos, racismo e ensino da história e cultura afro-brasileira, no caso, expandido para a cultura afro-latina, e, por último, história e cultura indígena.

#### 9.4 Libras

Integra as opções de disciplinas optativas a disciplina **LIBRAS**, que aborda os fundamentos filosóficos e sócio-históricos da educação de surdos, as identidades surdas multifacetadas e multiculturais e os estudos linguísticos da língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, incluindo as expressões faciais, gramaticais e afetivas. A disciplina tem por objetivos: ampliar a capacidade comunicativa do alunado; apresentar a comunidade surda e muda, eliminando barreiras de comunicação em todos os níveis da população; garantir um diálogo mais assertivo e justo com a diversidade de pessoas da sociedade e desenvolver a capacidade de pensar gestual e visualmente.

#### 9.5\_A acessibilidade

A acessibilidade é abordada ao longo de toda a matriz curricular na concepção de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagem, de forma integrada com as condições históricas, culturais, socioeconômicas, estéticas, técnicas, ambientais dos usuários e usuárias, com especial atenção às limitações econômicas e disponibilidade material de seu público. Ademais, como já mencionado no item 6.3, acessibilidade e desenho universal constam das ementas de Ergonomia do Espaço Construído e Habitado; Paisagem I e II; Arquitetura III, IV, V, VI, VII e VIII, todas disciplinas obrigatórias e, também, da optativa Ateliê de Projeto de Interesse Social. O capacitismo é tratado, ainda, em Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo e na disciplina optativa Introdução à Leitura e Representação em Arquitetura e Urbanismo.

Ressalta-se que **Ergonomia do Espaço Construído e Habitado** é uma disciplina específica sobre o tema, cujo objetivo é estabelecer a importância da ergonomia e dos

fatores humanos no dimensionamento e no arranjo do ambiente construído, da escala do mobiliário até a urbana, com ênfase na busca de melhorias da habitabilidade dos espaços reduzidos e/ou de escassez econômica, debate incorporado nas diversas disciplinas projetivas dos dois eixos de Ateliê.

Em adição, o **Programa de Apoio ao Desenvolvimento Acadêmico dos Estudantes** com Deficiência destina auxílio financeiro com a meta de viabilizar o acesso e permanência de estudantes com deficiência na universidade. \_Núcleos dos Componentes Curriculares

### 9.6\_Núcleos dos Componentes Curriculares

Os conteúdos curriculares do CAU UNILA estão distribuídos em dois núcleos: de Conhecimentos de Fundamentação e de Conhecimentos Profissionais; e um módulo Trabalho de Curso, em atendimento às Resoluções CNE nº 2, de 2010, e nº 1, de 2021, que institui e altera as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em arquitetura e urbanismo.

Pode-se perceber, no gráfico abaixo, que nos semestres 1º ao 6º, estão alocados os componentes curriculares referentes ao **Núcleo de Conhecimentos de fundamentação**, nos semestres 3º ao 9º os componentes curriculares referentes ao **Núcleo de Conhecimentos Profissionais** e nos semestres 9º e 10º o **Trabalho de Curso**. Em suma, a Estrutura Curricular do CAU está dividida em **seis eixos estruturantes**: (i) Eixo de Instrumentação em Estudos Latino-Americanos; (ii) Eixo de Instrumentação Crítica; (iii) Eixo de Ateliê em Arquitetura; (iv) Eixo de Ateliê em Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem; (v) Eixo de Instrumentação em Leitura e Representação; e (vi) Eixo de Instrumentação Técnica. No item **9.7 Estrutura Curricular**, é apresentada mais detalhadamente, complementada pelo ementário das disciplinas, em anexo, cuja descrição de conteúdo auxilia na compreensão de sua inserção em cada núcleo e em cada eixo estruturante do curso.

NÚCLEOS DE CONHECIMENTO POR SEMESTRE										
	1o sem	2o sem	3o sem	4o sem	5o sem	6o sem	7o sem	8o sem	9o sem	10o sem
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM ESTUDOS LATINO-AMERICANOS										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO CRÍTICA										
EIXO DE ATELÍE EM ARQUITETURA										
EIXO DE ATELÍE EM PROJETO URBANO, PLANEJAMENTO E PAISAGEM										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM LEITURA E REPRESENTAÇÃO										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO TÉCNICA										
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO										

	NÚCLEO DE CONHECIMENTOS DE FUNDAMENTAÇÃO
	NÚCLEO DE CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS
	TRABALHO DE CURSO

As disciplinas do eixo de instrumentação em estudos latino-americano estão todas inseridas no núcleo de conhecimento de fundamentação. Os demais eixos têm disciplinas referentes a ambos os núcleos de conhecimento.

Compõem o **Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação** os componentes curriculares que fornecem o embasamento teórico necessário para que o futuro e futura profissionais possam desenvolver o seu aprendizado, conforme preconizado nas Resoluções CNE nº 2, de 2010 e nº 1, de 2021, que instituem e alteram as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo

Fundamentos de América Latina I, II e III; Espanhol e Português Adicional Básico; Espanhol e Português Adicional Intermediário I; Introdução ao Pensamento Científico; Ética e Ciência; Arquitetura, Cidades e Sociedade na América Latina; Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo; Arquitetura I e II; Meios de Expressão e Representação; Desenho Projetivo I e II; Poéticas Visuais; Poéticas Visuais na América Latina; Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Introdução ao Design de Interiores; e Expressão e Comunicação em Mídias Digitais, **num total de 76 créditos.**

No **Núcleo de Conhecimentos Profissionais**, conforme estabelecido nas diretrizes curriculares nacionais, estão os componentes curriculares destinados à caracterização da identidade profissional do egresso e da egressa: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I, II, III e IV; Arquiteturas Latino-Americanas; Cidades Latino-Americanas; Arquitetura e Utopia Modernista; Estética e Filosofia da Arquitetura; Políticas Públicas de Habitação; Deontologia da Arquitetura e Urbanismo; Patrimônio e Políticas de Memória; Arquitetura III, IV, V, VI, VII e VIII; Urbanismo I, II, III, e IV; Planejamento Territorial e Regional; Estudos do Território; Paisagem I, II e III; Canteiro Experimental I – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares; Canteiro Experimental II – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normatizadas; Canteiro Experimental III – Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-Fabricados; Canteiro Experimental IV – Planejamento e Gestão de Obras; Canteiro Experimental V – Técnicas Retrospectivas; Introdução aos Sistemas Estruturais; Concepção e Noção Dimensional de Estruturas; Topografia Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Geoprocessamento; Eficiência e Conforto Térmico; Eficiência e Conforto Lumínico; Eficiência e Conforto Acústico; Ergonomia do Espaço Construído e Habitado; Instalações Prediais Hidrossanitárias; Instalações Prediais Elétricas; e Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, **totalizando 155 créditos.**

O **Trabalho de Conclusão de Curso - TCC** compreende duas etapas, divididas em TCC I e TCC II, realizadas nos semestres 9º e 10º, com uma carga horária total de 10 créditos.

Somados à interseção dos eixos e disciplinas, os laboratórios **LaMAU** e **LaPPRAU** são constitutivos do modelo pedagógico pautado pela aprendizagem-ação-experimentação. De igual modo é basilar para o CAU UNILA, a implantação do Canteiro Experimental, o qual tem o papel de articular teoria e prática projetiva com a prática construtiva atendendo os diversos componentes curriculares, além daqueles

obrigatórios exclusivamente relacionados ao Canteiro Experimental (ministrados do 3º ao 8º semestre).

O **estágio profissional** segue mesma direção pedagógica, numa perspectiva aprendizagem-ação-experimentação. Não obstante a sua obrigatoriedade conforme diretrizes do MEC, para o CAU UNILA o estágio profissional desempenha um papel central na formação do e da estudante.

Em complementação às disciplinas obrigatórias, o alunado deve cursar um mínimo de 10 créditos em **disciplinas optativas**, ofertadas pelo próprio CAU UNILA ou pelos demais cursos da Universidade, de maneira que a sua formação compreenda também uma trajetória individual eleita por cada um ou uma, conforme seus interesses e perfil.

Finalmente, as atividades complementares integram a formação do egresso do CAU UNILA, constituindo-se importante componente de atualização (participação em congressos e afins), de formação científica (participação em projetos de pesquisa e apresentação de trabalhos) e de ativismo e engajamento sociopolítico (participação e/ou organização de encontros estudantis, político-sociais e outros).

### **9.7\_Estrutura curricular**

Em consonância com as Resolução CNE nº 2, de 17 de junho de 2010 e nº 1, de 26 de Março de 2021, que institui e altera as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, a estrutura curricular do CAU UNILA, com o intuito de cumprir a sua missão pedagógica conforme exposto neste PPC, visa a formar profissionais aptos e aptas à reflexão e proposição crítica e a dar respostas às questões mais complexas da sociedade mediante a síntese, na atividade projetual em diversas escalas – do objeto à cidade e à região – ou nas demais possibilidades laborais que compõem a multiplicidade da atuação do arquiteto e arquiteta e urbanista. Pauta-se, assim, uma estrutura curricular voltada para práticas, proposições de planos e projetos nas diversas escalas, elaborações teóricas, pesquisa, desenvolvimento em ciência, participação popular, tecnologia e inovação, experimentações tecnológicas – sobretudo voltadas para tecnologias de baixo custo e baixo impacto socioambiental,

formulações de processos e métodos, considerando os atuais processos participativos e as múltiplas interfaces de escalas e intervenção. Todas estas perspectivas são articuladas para a formação de um e uma profissionais dotados de capacidade crítica e em respeito às comunidades e aos múltiplos saberes locais.

De maneira sucinta, trata-se de propor o desenvolvimento de uma “arquitetura da autonomia”, “uma arquitetura cidadã”, em sintonia com os trabalhos de Paulo Freire e Milton Santos e com os anseios da Universidade. Com este objetivo, a aprendizagem no CAU UNILA guarda a tradição do ofício de construir e de refletir sobre o que se constrói. Na perspectiva de uma carreira que preserve a missão da universidade e a interdisciplinaridade de seus cursos, são considerados os seguintes princípios em torno dos quais se organizam as disciplinas:

- arquiteturas, populações, identidades múltiplas, diversidade;
- ateliês de projeto: arquitetura, projeto urbano, planejamento e paisagem: projeto e reflexão crítica;
- desafios contemporâneos: superação da modernidade, em sintonia com fatores aliados a pré-condições de novo período; aprofundamento da democracia; crise socioambiental contemporânea; projeto de arquitetura, de cidade, de território, de sociedade e de outras relações homem/natureza/espço;
- arquitetura, cultura e tecnologia: pesquisa tecnológica orientada por projeto social e por políticas que reflitam as relações entre populações, economia, espaços construídos e natureza;
- arquitetura territorial – território praticado; o espaço construído e habitado;
- arquitetura político-social: por uma arquitetura política e uma política de arquitetura.

Tais princípios impõem a permanente articulação entre ensino, pesquisa e extensão como elemento chave da formação universitária, conforme previsto no plano da UNILA. A relação com a comunidade é impulsionada tanto pelos trabalhos de extensão quanto pelo trabalho contínuo das disciplinas no terreno, conforme incentivado pelas ementas. De ressaltar que dois dos laboratórios estruturantes do

curso estão fundamentados na prática extensionista, enraizados na comunidade local: LaMAU e LaPPRAU<sup>46</sup>.

A premissa central do curso, traduzida em sua matriz curricular é formar arquitetos e arquitetas e urbanistas críticos voltados para os problemas latino-americanos no século XXI. Isto significa fornecer as ferramentas aos e às estudantes que os e as capacitem a desconstruir as racionalidades hegemônicas, que se traduzem atualmente, por exemplo, na cultura do concreto-armado, marginalizando outras técnicas e tecnologias construtivas. Ou ainda, presentes na supervalorização do trabalho autoral, aos moldes modernistas, voltados, sobretudo, para grandes obras e para os estratos sociais de renda elevada; uma produção arquitetônica amparada pelos anseios do mercado da construção civil (WHITAKER, 2011: online).

Apontar para outra formação não é tarefa fácil, visto que a própria academia e a literatura especializada estão focadas em estudar, debater e analisar a arquitetura autoral. Este é um desafio acolhido pelo corpo docente do CAU UNILA, cujas primeiras pesquisas resultantes deste esforço têm embasado um ensino voltado para “iluminar também uma outra face da arquitetura e do urbanismo, menos vistosa, menos evidente e menos festejada, mas cuja importância é fundamental para tirar a profissão do complexo impasse em que se encontra” (ibidem). Tal impasse diz respeito a uma arquitetura cultuada internacionalmente, de viés autoral, o qual faz emergir o seu “fracasso social”, isto é, uma arquitetura incapaz de dar resposta a “40% da população urbana vive precariamente, sem arquitetura nem urbanismo” (ibidem).

Desta feita, o CAU UNILA entende que o seu egresso e egressa devem ser capacitado e capacitada, inclusive, para lidar com as complexidades e problemas que assolam a América Latina. Por isso, este PPC se renova e aprofunda as premissas colocadas na sua primeira versão, desenhando uma formação em arquitetura e urbanismo capaz de responder a questões de ordem coletiva, do trabalho em equipe, do acesso a

---

<sup>46</sup> Sobre a infraestrutura do curso e seus laboratórios, ver item 6.



direitos, dos processos participativos, levando em consideração o uso dos materiais de baixo custo e os materiais locais em interatividade com as particularidades socioambientais das diferentes regiões latino-americanas, e apropriando-se das inovações tecnológicas sob o prisma de premissas sociais, da melhoria da qualidade de vida das populações carentes e do desenho de políticas públicas voltadas para este fim. O que significa um compromisso social frente ao ensino-pesquisa-extensão voltado para a autonomia e emancipação social com ênfase na habitação e nos direitos humanos, particularmente no direito ao território, à cidade, à moradia e no direito à arquitetura. A arquitetura e urbanismo são entendidos, neste PPC, portanto, enquanto área do conhecimento que tratam do espaço em sua dimensão social, ou seja, arquitetura como sujeito social, uma arquitetura política. Vale resgatar o histórico e intenção da Carta da UIA/UNESCO (2011) cujo foco na formação generalista visa a justamente uma atenção aos países/regiões de maior pobreza: “o objetivo fundamental da educação é formar o arquiteto com um ‘generalista’. Isso se aplica particularmente para aqueles que trabalham no contexto dos países em desenvolvimento” (UIA/UNESCO, 2011: 01, aspas no original). Isto porque nestes contextos é usualmente escasso e mais difícil contar com múltiplos profissionais, sendo o perfil generalista adequado para que um arquiteto ou arquiteta e urbanista possa assessorar adequadamente as diversas demandas de um projeto completo ou assessoria técnica.

A matriz curricular, nesta direção, se pauta pelo diálogo interdisciplinar e ambiciona a uma produção de conhecimento e ensino transdisciplinares, em respeito ao projeto da própria universidade<sup>47</sup>. A interdisciplinaridade pressupõe o esforço de desenvolver perspectivas teórico-metodológicas comuns. Por sua vez, a transdisciplinaridade

---

<sup>47</sup> A multi, inter e transdisciplinaridade são formas possíveis de articulação entre disciplinas em contraposição à monodisciplinaridade ou especialização estrita. O multidisciplinar é um conjunto de disciplinas estudadas de maneira não-linear, todavia cada uma mantém seu método e teoria, com o objetivo de construir um conhecimento sólido e não correlato, polivalente e eclético. A interdisciplinaridade correlaciona áreas do conhecimento, pressupondo uma perspectiva teórico-metodológica comum. A articulação própria da interdisciplinaridade cria vínculos potencializadores de novas descobertas, disciplinas ou até mesmo áreas do conhecimento. Por sua vez, a transdisciplinaridade ultrapassa o conceito de disciplina, minando as fronteiras disciplinares e a subordinação entre áreas do conhecimento (DOS SANTOS, 2007).

inaugura outro modo de pensar o mundo (MIGNOLO, 2003; SANTOS, 2003; MORIN, 2011), na UNILA convergente com um pensamento crítico latino-americanista.

No CAU UNILA a transdisciplinaridade é parte inerente à abordagem epistêmica de seu projeto pedagógico, cuja perspectiva em médio e longo prazo visa à formação de profissionais preparados e preparadas para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo. Em outras palavras, o CAU UNILA é orientado por uma prática pedagógica direcionada ao respeito dos diversos saberes que compõem a sociedade, com especial atenção àqueles aliados do ensino de arquitetura e urbanismo. Em suma, o CAU UNILA preza a transdisciplinaridade por exigir de seu egresso ou egressa uma atuação para além de uma arquitetura e urbanismo dedicados exclusivamente para a explicação e intervenção em grandes cidades resultantes do paradigma industrial e submissas à hegemonia do concreto. No que tange à interdisciplinaridade, ela é prática tanto ao diálogo interno dos diferentes conhecimentos exigidos ao arquiteto e urbanista quanto no diálogo da arquitetura e urbanismo com outras disciplinas.

Para cumprir seus objetivos, a estrutura curricular do CAU UNILA está organizada em seis eixos estruturantes, conforme mostrado no item 9.6, distribuídos ao longo de dez semestres. Além disso, a estrutura curricular conta com disciplinas optativas, uma disciplina de Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (que tem como objetivo embasar o Trabalho de Conclusão de Curso), Trabalho de Conclusão de Curso I e II, Atividades Complementares e Estágio, somando um total de **3.990 horas**.

ESTRUTURA CURRICULAR										
	1o sem	2o sem	3o sem	4o sem	5o sem	6o sem	7o sem	8o sem	9o sem	10o sem
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM ESTUDOS LATINO-AMERICANOS										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO CRÍTICA										
EIXO DE ATELÊ EM ARQUITETURA										
EIXO DE ATELÊ EM PROJETO URBANO, PLANEJAMENTO E PAISAGEM										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM LEITURA E REPRESENTAÇÃO										
EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO TÉCNICA										
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO										
OPTATIVAS										
<b>Créditos</b>	29	28	29	31	31	29	30	24	25	10
<b>Carga horária</b>	435	420	435	465	465	435	450	360	375	150

Todos os eixos de instrumentação são permeados por disciplinas que compõem os núcleos de conhecimentos de fundamentação e de conhecimentos profissionais<sup>48</sup>. As disciplinas que compõem os eixos gozam de independência, embora estejam previstas inter-relações temáticas entre os eixos. No entanto, os eixos **de Ateliê em Arquitetura** e **Ateliê em Projeto urbano, Planejamento e Paisagem**, buscam a interdisciplinaridade a partir da integração entre os temas, objetos ou problemas, selecionados conjuntamente a cada semestre letivo pelos e pelas docentes responsáveis pelos componentes curriculares. Além disso, componentes curriculares do eixo de instrumentação técnica, como **Instalações Prediais Hidrossanitárias e Elétricas, Concepção e Noção Dimensional e Estrutural e Topografia aplicada à Arquitetura e Urbanismo**, possuem ementas e objetivos coadunados com o que está ocorrendo nos Ateliês a cada semestre. Vale mencionar, ademais, a relação indiscernível entre as disciplinas **Canteiro Experimental** e as disciplinas do **eixo de Ateliê em Arquitetura**.

<sup>48</sup> Ver item 9.6.

Outras disciplinas da matriz curricular desenvolvem-se sob uma ótica interdisciplinar, em especial aquelas oriundas de outras áreas do saber, como é o caso das disciplinas ministradas por docentes das áreas de Geografia (**Geoprocessamento**) e de Cinema e Audiovisual (**Expressão e Comunicação em Mídias Digitais**). Igualmente a interdisciplinaridade é observada nas tangências temáticas a possibilidades de trabalho conjunto entre as diversas disciplinas dos diferentes eixos de instrumentação – com destaque para as disciplinas **Canteiro Experimental**, cujas proximidades são evidentes com as disciplinas de **Arquitetura** e de **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade**. Esta é uma orientação pedagógica fundamental do projeto do curso, com o objetivo permanente de aumentar as interfaces disciplinares.

### **Eixo de Instrumentação em Estudos Latino-Americanos**

No eixo de instrumentação em estudos latino-americanos estão incluídas as disciplinas do ciclo comum da UNILA: **Fundamentos da América Latina, Introdução ao Pensamento Científico, Ética e Ciência e Espanhol/Português Adicional Básico e Intermediário**. Durante os três primeiros semestres na UNILA os e as estudantes são expostos a um convívio multicultural com estudantes e docentes dos diversos institutos da UNILA. Para a formação de um arquiteto e urbanista voltado para a atuação na América Latina, este eixo é definidor de uma perspectiva crítica e multidisciplinar sobre diversos temas de interesse no continente os quais merecem ser detalhados. Todas as disciplinas deste eixo estão inseridas no **núcleo de conhecimentos de fundamentação**.

No primeiro semestre de **Fundamentos da América Latina I** a proposta é compartilhar o caminho histórico que define a especificidade regional, de modo que “os conteúdos foram articulados particularizando marcos históricos que conduzidos como trajetória, permitem tecer uma ponte analítica que vai desde o processo de Colonização até o presente” (UNILA, 2013: 14), cujos temas incluem cultura, arte e política na região. No semestre seguinte, a disciplina é orientada ao entendimento da América Latina como uma região diversa (ibidem), com base no estudo de questões

próprias do continente, desenvolvidas a partir do pensamento político-científico latino-americano. O último módulo da disciplina, em relação direta com a arquitetura e o urbanismo, “tem como finalidade que o estudante atinja uma crítica atual de diversos problemas que concernem ao modelo de desenvolvimento em curso” (ibidem). Desta forma, os conteúdos de **Fundamentos de América Latina III** são organizados em torno de quatro temas distintos: (1) o desenvolvimento das cidades latino-americanas, referente à dinâmica urbana própria da região, abordando desde a especificidade das cidades pré-hispânicas, a criação das cidades coloniais do século XIX, até sua distribuição socioespacial atual; (2) o desenvolvimento rural e a estrutura fundiária na América Latina, detendo-se tanto em sua configuração atual como na correlação de forças que pugna por sua transformação; (3) as grandes obras de infraestrutura; e (4) a biodiversidade na América Latina, a qual por meio do estudo dos biomas e ecossistemas próprios da região aborda desde os problemas de conservação ambiental até iniciativas de emprego de energias renováveis.

Em adição, as disciplinas **Introdução ao Pensamento Científico e Ética e Ciência**, as quais têm por base a Filosofia, visam ao “desmantelamento das pretensões positivistas de querer invadir todas as esferas do conhecimento sob diversas modalidades”, a partir da “perspectiva da descolonialidade, apontando a desmontar a subjetividade do ser e o conhecimento construídos durante o domínio colonial” (ibidem: 09). Em outras palavras, a tarefa filosófica na UNILA busca reformular o lugar geopolítico da Filosofia, considerando as limitações históricas e teóricas da filosofia ocidental (ibidem), introduzindo ao e à estudante de arquitetura e urbanismo as ferramentas metodológicas necessárias para uma abordagem crítica da sua futura área de atuação profissional.

Concluindo o conjunto de disciplinas do eixo de instrumentação em estudos latino-americanos está o **ensino de língua adicional**, isto é, português para os estudantes estrangeiros e estrangeiras e, espanhol, para os estudantes brasileiros e brasileiras. O estudo de idioma, para além de pautar-se o bilinguismo fundante da instituição, é

indissociável da compreensão de cultura, já que “língua e cultura ocupam o mesmo lugar”. Por conseguinte,

o mosaico de percepções (inter)culturais do processo se materializa em mudanças de pensamento, de atitudes, de visões de mundo, fazendo com que professores e estudantes se tornem mais abertos a outros valores culturais, ao que é diferente de si (ibidem: 8 e 9).

Em outras palavras, na chegada à UNILA e ao ambiente universitário é ofertado ao e à estudante “uma base formativa interdisciplinar sustentada na elaboração de pensamento crítico, conhecimento contextual da região latino-americana e entendimento/manejo do espanhol ou português como língua adicional” (ibidem: 10). Esta base de conhecimento crítico latino-americanista adiciona às habilidades usuais do arquiteto e arquiteta e urbanista a capacidade de refletir sobre a sua função social no contexto específico do Brasil e da América Latina, constituindo-se importante instrumental na formação do egresso do CAU UNILA.

### **Eixo de Instrumentação Crítica**

Fazem parte do eixo de instrumentação crítica disciplinas que integram o núcleo de conhecimentos de fundamentação: **Arquitetura, Cidades e Sociedade na América Latina e Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo**; e disciplinas que integram o núcleo de conhecimentos profissionais: **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I, II, III e IV; Cidades Latino-Americanas; Arquiteturas Latino-Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; Deontologia da Arquitetura e Urbanismo; Estética e Filosofia da Arquitetura; e Arquitetura e Utopia Modernista**. Sob a mesma ótica fundante da UNILA, ou seja, o pensamento descolonial, este eixo reúne as disciplinas de embasamento crítico-reflexiva diretamente relacionadas à arquitetura e ao urbanismo, as quais visam a instrumentalizar o estudante para um entendimento da arquitetura como sujeito social e político.

É neste sentido que durante quatro semestres é ministrada a disciplina **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade**, pautada para uma compreensão histórico-política e sociocultural da produção arquitetônica e do espaço construído e habitado

de cada período e lugar dos principais povos, desde a antiguidade até os dias atuais. Busca-se, deste modo, evitar uma leitura estetizante da arquitetura. Especial atenção é dada para à inclusão de saberes construtivos raramente contemplados nas escolas de graduação, como é o caso da arquitetura ameríndia, africana, indígena e quilombola. Atenta-se, ainda, para uma análise sobre como a questão de gênero e etnia tem afetado a historiografia da arquitetura, excluindo ou invisibilizando das publicações determinadas produções e profissionais em favor de uma supervalorização da produção arquitetônica masculina, branca e produzida no norte global (ou sob as suas diretivas). Ademais, todo um semestre é dedicado a aprofundar o debate sobre o modernismo e, sobretudo, a importância que a questão da produção habitacional teve no período, preparando o alunado para a reflexão mais específica sobre a questão habitacional, em Políticas Públicas de Habitação. O ciclo de **Crítica e História da Arquitetura e da Cidade** é concluído com o estudo da arquitetura contemporânea, tendo como pano de fundo pensar sobre qual seria o projeto para a arquitetura do século XXI.

As disciplinas **Estética e Filosofia da Arquitetura e Deontologia da Arquitetura e Urbanismo** visam a amadurecer esta reflexão a partir de outras abordagens: a filosofia e a deontologia, voltadas especificamente para a arquitetura e urbanismo, as quais colocam em pauta, por um lado a epistemologia e por outro a atuação profissional. Isto é, fazer emergir o debate sobre o estado da arte do conhecimento disciplinar e sobre a contextualização da ética normativa profissional.

Por sua vez, a preservação do patrimônio edificado é o foco em **Patrimônio e Políticas de Memória**, num debate paralelo com disciplinas de outros eixos, como **Arquitetura VIII, Urbanismo IV** e a disciplina de **Canteiro Experimental V: Técnicas Retrospectivas**, atendendo, assim, com este conjunto de disciplinas, as exigências das diretrizes curriculares nacionais (Resolução 02/2010, artigo 6º, § 2º) resultantes de um debate amadurecido pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo – ABEA durante os anos 1990 (CUSTÓDIO, 1998).



As disciplinas sobre arquiteturas e cidades latino-americanas estão centradas nas especificidades da produção arquitetônica e do espaço urbano na América Latina inseridas na matriz curricular tanto com carga horária obrigatória quanto como disciplinas optativas, como é o caso de **Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas** e **Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas**, com ementas flexíveis, ofertadas em três semestres distintos.

### **Eixo de Ateliê em Arquitetura**

As disciplinas do eixo de ateliê em Arquitetura são ministradas de forma contínua do 1º ao 8º semestre do curso. Integram o núcleo de conhecimentos de fundamentação as disciplinas **Arquitetura I** e **Arquitetura II**; e integram o núcleo de conhecimentos profissionais as disciplinas **Arquitetura III**; **Arquitetura IV**; **Arquitetura V**; **Arquitetura VI**; **Arquitetura VII** e **Arquitetura VIII**. Nas disciplinas deste eixo são realizadas práticas projetuais de síntese, sendo que nos dois primeiros semestres os Ateliês são voltados para a sensibilização e introdução espacial, focado na escala do edifício, e do 3º ao 8º os Ateliês são focados na compreensão e elaboração de projetos arquitetônicos de diferentes escalas e complexidades.

As disciplinas de **Arquitetura I** e **Arquitetura II** têm o objetivo de desenvolver a compreensão da geometria construtiva, a partir de conteúdos relacionados ao estudo da forma-espaço arquitetônica, das estruturas e tipos arquitetônicos. A disciplina de **Arquitetura III**, por sua vez, trata da iniciação à prática do projeto arquitetônico com conteúdo voltado para a compreensão das metodologias de projeto e suas diferentes etapas, com vistas a subsidiar as demais disciplinas do eixo. A partir da disciplina de **Arquitetura IV** os estudantes passam a elaborar projetos arquitetônicos de diferentes ênfases e complexidades tecnológica, funcional e programática. As disciplinas de **Arquitetura IV** e **VI** tem como foco a proposição de equipamentos urbanos de média e alta complexidade, enquanto as disciplinas de **Arquitetura V** e **Arquitetura VII** tem como foco a proposição de unidades habitacionais unifamiliares e plurifamiliares de pequena escala e de programas habitacionais plurifamiliares de grande escala

respectivamente. Por fim, a disciplina de **Arquitetura VIII** tem como foco a proposição de projetos arquitetônicos de intervenção em edifícios e conjuntos edificados de interesse histórico e cultural. Ao longo dos semestres também são abordados conteúdos que vão deste a compreensão das interações entre utilidade, lugar e tectônica, até a elaboração de projetos arquitetônicos que considerem os aspectos socioculturais, construtivos, estruturais, ambientais, de infraestrutura e de segurança. Destaca-se a introdução ao conteúdo de arquitetura de interiores, abordado na disciplina de **Arquitetura V**, em complementação a disciplina de **Introdução ao Design de Interiores**, ambas ofertadas no 5º período.

### **Eixo de Ateliê em Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem**

Ainda dentro da perspectiva dos Ateliês, paralelamente as disciplinas eixo de Ateliê em Arquitetura, são ministradas as disciplinas do eixo de Ateliê em Urbanismo, Planejamento e Paisagem, do 3º ao 8º semestre do curso, também de forma contínua. Todas as disciplinas desse eixo integram o núcleo de conhecimentos profissionais. São elas: **Urbanismo I, Urbanismo II, Urbanismo III, Urbanismo IV; Estudos do Território; Políticas Públicas de Habitação; Planejamento Territorial e Regional; Paisagem I, II e III**. As disciplinas de **Urbanismo** visam a compreensão das técnicas e métodos de estudo e percepção ambiental em áreas urbanas e rurais de forma interescalar e transtemporal. Prevê resultados propositivos, desde a intervenção projetual até a definição de diretrizes de planejamento e planos. Assim, a disciplina de **Urbanismo I** introduz o e a estudante às leituras territoriais tendo como escala de proposição a rua a quadra/bairro de acordo com contexto real específico. A disciplina de **Urbanismo II** aborda a escala do município, dando ênfase legislação urbanística e aos desafios da regularização fundiária, tendo como proposição diretrizes e planos. A disciplina de **Urbanismo III** busca abordar os principais sistemas de infraestrutura urbana e interações com o ambiente urbano, tendo como proposição diretrizes e planos. A disciplina de **Urbanismo IV** tem como foco o planejamento e o urbanismo a partir da preservação histórica e cultural, intervenções nas áreas estudadas.

Complementarmente, a disciplina de Estudos do Território apresenta uma abordagem sociológica do território, a partir de análises estruturais e do cotidiano. Por fim, a disciplina de **Planejamento Territorial e Regional** busca quebrar com a ideia do urbanocentrismo a partir de uma perspectiva mais ampla do território e da análise conjunta de estruturas urbanas e rurais, de comunidades populares urbanas e de comunidades tradicionais quilombolas e povos originários indígenas, com vistas a elaboração de propostas e desenvolvimento de políticas públicas inclusivas.

As disciplinas de **Paisagem**, por sua vez, buscam abordar as diferentes escalas de estudo e de intervenção da paisagem, considerando, sobretudo, um olhar direcionado aos espaços livres de edificação, públicos e privados, dentro da perspectiva do paisagismo contemporâneo. Para isso, nas disciplinas de **Paisagem I e II** são desenvolvidos projetos de paisagismo intralote e projetos de paisagismo de espaços públicos, como praças e parques, que respondam as necessidades e condicionantes locais, com soluções conceituais, formais, funcionais e técnicas, que qualificam o contexto físico, ambiental, social e cultural. Por fim, a disciplina de **Paisagem III** busca discutir a forma da cidade, a partir da compreensão de seus processos físicos, econômicos, sociais e históricos e da proposição de um projeto de loteamento urbano. Destaca-se que as disciplinas de Paisagem abordam, transversalmente, os temas ligados ao meio ambiente e aos impactos ambientais, nas escalas local e global, e a urgência em buscar uma formação de arquitetos e arquitetas e urbanistas que prezem pela valorização dos biomas e ecossistemas latino-americanos no planejamento e projeto da paisagem.

### **Eixo de Instrumentação em Leitura e Representação**

A partir de uma compreensão da arquitetura e das cidades como texto crítico, este eixo visa a preparar o futuro e futura profissionais a compreender que o desenho e as representações projetuais estão inseridos em contextos histórico-político-culturais e colocam a arquitetura como prática profissional significativa na delimitação identitária dos povos. Portanto, os sistemas de representação em arquitetura e urbanismo são sistemas sógnicos fundamentais tanto para a leitura das realidades quanto para uma

intervenção consciente, esperada do egresso e egressa do CAU UNILA. Compõem este eixo as disciplinas: **Meios de Expressão e Representação; Desenho Projetivo I e II** (com e sem auxílio de computador); **Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Introdução ao Design de Interiores; Expressão e Comunicação em Mídias Digitais; Poéticas Visuais; e Poéticas Visuais na América Latina**. Todas disciplinas do eixo estão inseridas no núcleo de conhecimentos de fundamentação.

Este é o eixo com maior conteúdo voltado para a formação de um sólido acervo imagético e referencial estético e suas técnicas de aplicação, fundamentais na formação e vida profissional do arquiteto e arquiteta e urbanista, uma vez que a sua atuação é uma síntese entre arte, técnica e humanidades. O conteúdo das artes está presente em disciplinas de caráter teórico-metodológico como **Poéticas Visuais e Poéticas Visuais na América Latina**. Além disso, **Tópicos Especiais em Linguagens Artísticas**, disciplina optativa, tem por objetivo ampliar as habilidades expressivas dos e das estudantes.

Ressalta-se que a separação dos eixos é um critério mais de ordem organizacional e menos disciplinar. O ensino da teoria e da prática é uma realidade exercida nos seis eixos pedagógicos. Cada qual opera esta articulação a partir de suas especificidades e temáticas. Destarte, por exemplo, as atividades de “história” podem propor desenhos e análises de projetos de referência na área. De igual modo, “desenho” pode trabalhar temáticas das cidades e assim por diante. Os e as docentes, enquanto articuladores e articuladoras desses conteúdos, têm papel fundamental nas decisões prévias para organização dos semestres letivos, identificando, juntamente com o colegiado do curso, as possíveis interfaces temáticas de conteúdo e de trabalho.

### **Eixo de Instrumentação Técnica**

O **eixo de instrumentação técnica** acolhe e organiza as disciplinas de capacitação técnico-profissional, voltadas para o aprendizado de instrumentos e técnicas e a sua aplicação para a arquitetura e urbanismo: Canteiro Experimental I – Materiais e

Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares; Canteiro Experimental II – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normatizadas; Canteiro Experimental III – Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-Fabricados; Canteiro Experimental IV – Planejamento e Gestão de Obras; Canteiro Experimental V – Técnicas Retrospectivas; Introdução aos Sistemas Estruturais; Concepção e Noção Dimensional de Estruturas; Topografia Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Geoprocessamento; Eficiência e Conforto Térmico; Eficiência e Conforto Lumínico; Eficiência e Conforto Acústico; Ergonomia do Espaço Construído e Habitado; Instalações Prediais Hidrossanitárias; e Instalações Prediais Elétricas. As disciplinas de Canteiro Experimental estão vinculadas ao laboratório de mesmo nome. Todas as disciplinas desse eixo integram o núcleo de conhecimentos profissionais, ofertadas do 3º ao 8º semestre.

Este é o eixo responsável por capacitar o alunado às técnicas do espaço construído, constituindo o momento de aprendizado em desenvolver edificações, compreender sua estrutura, sua composição material, sua relação com o solo e com as fundações, seu impacto ambiental, as culturas e saberes construtivos, os processos e a gestão do trabalho, entre outros aspectos. Dada a sua abrangência, este é um eixo com grande complexidade e diversidade de conteúdo, oriundos da física, da biofísica, da geografia, da engenharia, da ecologia, da matemática e da administração. As disciplinas têm um teor indispensável para o **eixo de Ateliê de Arquitetura**, que ocorre ao longo de todo o percurso formativo.

Em **Canteiro Experimental I a V**, são articulados conhecimentos teórico-práticos atrelados à produção material do ambiente construído, demandando práticas laboratoriais, práticas construtivas com diversas técnicas e materiais de construção e visitas técnicas. As disciplinas relacionadas à estrutura, **Introdução aos Sistemas Estruturais** e **Concepção e Noção Dimensional de Estruturas**, foram remodeladas na revisão do PPC, de forma a explicitar sua adequação ao perfil cognitivo da arquitetura, menos voltado à abstração matemática, e mais próximo à materialidade

das soluções de projeto e de obra, do universo empírico e exploratório, auxiliando o eixo de Ateliê de Arquitetura. As disciplinas **Instalações Prediais Hidrossanitárias e Instalações Prediais Elétricas** foram renomeadas para evitar a interpretação de que são sucessivas e interdependentes, pois possuem conteúdos paralelos e complementares. As disciplinas antes designadas Conforto Ambiental, agora renomeadas como **Eficiência e Conforto Térmico, Eficiência e Conforto Acústico e Eficiência e Conforto Lumínico**, enfatizam a maior amplitude de seus conteúdos, isto é, além do conforto do habitat, é pensado o seu impacto energético, buscando um melhor aproveitamento dos recursos ambientais envolvidos.

### **Disciplinas Optativas**

As disciplinas optativas possibilitam ao e à estudante desenvolver e aprofundar seu conhecimento em algum subcampo específico de escolha livre, em acordo as áreas de interesse de cada um ou uma. A matriz curricular do CAU UNILA tem duas modalidades de optativas: aquelas ofertadas pelo próprio curso e aquelas ofertadas em outros cursos da UNILA.

As optativas ofertadas pelo CAU UNILA somam **55 créditos**, os quais visam a complementar, aprofundar ou apresentar temas específicos da arquitetura e urbanismo que não estão contemplados entre as disciplinas obrigatórias ou merecem maior debate. Muitas das optativas têm o conteúdo flexível dentro de um subtema, de modo a que possam ser ofertadas em acordo com o amadurecimento de pesquisas do corpo docente ou ainda, por professores e professoras visitantes. Nesta categoria de optativas ofertadas pelo CAU UNILA, com conteúdo flexível estão as disciplinas:

- **Seminários de Estudos Especiais** – visa a aprofundar o debate sobre um autor/arquiteto ou obra/projeto;
- **Tópicos Especiais em Linguagens Artísticas** – tem por objetivo desenvolver ou ampliar as habilidades artísticas do alunado, podendo ser ofertada como disciplina prática, para o desenvolvimento de técnicas específicas, ou teórica, para aprofundar os conhecimentos em temas das artes visuais;
- **Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo** – com caráter teórico ou prático/projetual, trata de temas de interesse da área;



- **Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas** – com caráter teórico ou prático/projetual, trata de temas diretamente relacionados à arquitetura na América Latina, relativos a qualquer período histórico, região, tipologia, materiais ou arquitetos/projetos específicos.
- **Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas** – tem por objetivo trazer temas relevantes sobre o contexto urbano na América Latina, concernentes a qualquer período histórico, região, características ou projetos específicos.

Além da modalidade de optativas com conteúdo flexível, são ofertadas optativas com conteúdo fixo, visando consolidar conteúdos significativos para a arquitetura e urbanismo, porém sem o caráter essencial da obrigatoriedade na formação do estudante. As disciplinas optativas de conteúdo fixo são: Introdução à Leitura e Representação em Arquitetura e Urbanismo; Expressão Gráfica em Projetos Arquitetônicos; Representação Técnica em Arquitetura I e II; Projetos BIM na Arquitetura; Técnicas de Geoprocessamento Aplicadas na Leitura da Paisagem Urbana; Arquitetura, Cidade, Relações Étnicas e de Gênero; Expressão Gráfica em Projetos Urbanos e Paisagísticos; Arquiteturas Indígenas; Arquiteturas Afro-latinas; Programação e Design Computacional para Arquitetura; Arquiteturas Subjetivas – Ensaio Projetuais; Conforto Térmico e Eficiência Energética das Edificações; Design Participativo e Tecnologia Social; Mídias Digitais para Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano, Mulheres e População LGBTQIAP+; Projeto Computacional e Tecnologias Digitais: Uso e Crítica no Contexto Latino-Americano; Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional; Arquiteturas e Cidades Africanas; e Ateliê Integrado de Projeto de Interesse Social.

Ademais, integram o leque de escolha livre do alunado do CAU UNILA, uma série de disciplinas ofertadas por outros cursos da UNILA, especialmente, aqueles de áreas correlatas no próprio Instituto Latino Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território ou nos Institutos Latino-Americanos de Arte, Cultura e História e de Economia, Sociedade e Política por meio das quais o e a estudante desenha a sua trajetória de formação mais voltada para os conteúdos humanísticos, político-sociais ou técnicos. Finalmente, merece destaque a optativa de Libras, em atendimento ao



decreto 5.626/05, o qual dispõe sobre a linguagem brasileira de sinais, garantindo o acesso das pessoas surdas à educação<sup>49</sup>.

### 9.8\_Matriz

A matriz curricular do CAU UNILA obedece a Resolução CNE nº 2, de 17 de junho de 2010 e a Resolução CNE nº 1, de 26 de março de 2021, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. A sua proposta é possibilitar a formação do e da estudante, de acordo com o perfil do curso, em um período ideal de 10 semestres para a integralização curricular. Entretanto, outros percursos podem ser escolhidos pelo alunado, desde que não sejam ultrapassados 15 semestres para a integralização do curso. Com o objetivo de incentivar e facilitar os percursos individuais, a matriz curricular conta com poucos encadeamentos de pré-requisitos, permitindo ao e à discente antecipar/adiar disciplinas conforme os seus interesses.

Neste sentido, disciplinas dos diversos cursos da UNILA podem ser cursadas, sendo creditadas como disciplinas optativas aquelas de áreas correlatas no próprio Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território ou nos Institutos Latino-Americanos de Arte, Cultura e História e de Economia, Sociedade e Política sendo creditadas como disciplinas optativas, o que permite ao e à estudante aprofundar os seus conhecimentos naquilo que melhor se encaixe ao seu perfil. **As optativas devem compor um mínimo de 10 créditos, sendo obrigatoriamente 06 cursados no CAU UNILA e 04 créditos nos demais cursos da UNILA.** Assim, ao aluno ao à aluna cujos interesses estão mais voltados ao cálculo e estudo de materiais, são ofertadas disciplinas do curso de **Engenharia Civil em Infraestrutura**. Por outro lado, estudantes mais afeitos e afeitas a aprofundar uma compreensão humanística da intervenção no espaço podem escolher disciplinas dos cursos de **Antropologia, História** e outras do **Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História**.

---

<sup>49</sup> Maiores detalhes sobre as disciplinas optativas podem ser conferidos no Ementário.

Semelhantemente, questões políticas inerentes às escolhas projetuais do arquiteto e arquiteta e urbanista podem ser clarificadas ao frequentar as disciplinas do **Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política**. Se o trânsito multi e transdisciplinar é uma das características do futuro ou da futura profissional da arquitetura e urbanismo, no ambiente acadêmico da UNILA esta é uma condição constitutiva a ser aproveitada pelo alunado do CAU UNILA.

No que tange à matriz curricular específica do curso, em complementação aos itens 9.6 e 9.7, no qual estão expostas as premissas, especificidades curriculares e a separação por núcleos de conhecimentos de fundamentação e profissionais, aqui está detalhada a distribuição da carga horária ao longo dos semestres, permitindo uma maior clareza da distribuição dos eixos:

- **Instrumentação em Estudos Latino-Americanos:** Fundamentos da América Latina I, II e III; Introdução ao Pensamento Científico; Ética e Ciência; e Espanhol/Português Adicional Básico; e Espanhol/Português Adicional Intermediário, ministradas do 1º ao 3º semestre, num total de **30 créditos**.
- **Instrumentação Crítica:** Arquitetura, Cidades e Sociedade na América Latina; Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I, II, III e IV; Cidades Latino-Americanas; Arquiteturas Latino-Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; Deontologia da Arquitetura e Urbanismo; Estética e Filosofia da Arquitetura; e Arquitetura e Utopia Modernista, ministradas do 1º ao 9º semestre, totalizando **37 créditos**.
- **Ateliê em Arquitetura:** composto pelas disciplinas de Arquitetura I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII, ministradas do 1º ao 8º semestre, totalizando **40 créditos**.
- **Ateliê em Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem:** composto pelas disciplinas de Urbanismo I, II, III e IV; Estudos do Território; Políticas Públicas de Habitação; Planejamento Territorial e Regional; e Paisagem I, II e III, ministradas do 3º ao 8º semestre, totalizando **44 créditos**.
- **Instrumentação em Leituras e Representação:** Meios de Expressão e Representação; Desenho Projetivo I e II; Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Introdução ao Design de Interiores; Expressão e Comunicação em Mídias Digitais; Poéticas Visuais; e Poéticas Visuais na América Latina, ministradas do 1º ao 6º semestre, num total de **30 créditos**.

- **Instrumentação Técnica:** Canteiro Experimental I – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares; Canteiro Experimental II – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normatizadas; Canteiro Experimental III – Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-Fabricados; Canteiro Experimental IV – Planejamento e Gestão de Obras; Canteiro Experimental V – Técnicas Retrospectivas; Introdução aos Sistemas Estruturais; Concepção e Noção Dimensional de Estruturas; Topografia Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Geoprocessamento; Eficiência e Conforto Térmico; Eficiência e Conforto Lumínico; Eficiência e Conforto Acústico; Ergonomia do Espaço Construído e Habitado; Instalações Prediais Hidrossanitárias; e Instalações Prediais Elétricas, ministradas do 3º ao 8º semestre, computando **48 créditos**.

A distribuição do total de créditos por eixo pode ser verificada na tabela abaixo:

Eixo	Créditos
Instrumentação em Estudos Latino-Americanos	30
Instrumentação Crítica	37
Ateliê em Arquitetura	40
Ateliê em Projeto Urbano, Planejamento e Paisagem	44
Instrumentação em Leituras e Representação	30
Instrumentação Técnica	48

Além das disciplinas alocadas nos seis eixos, compõe a matriz curricular do CAU UNILA a disciplina de **Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, com 2 créditos, ofertada no 8º semestre, com vista a introduzir o e a estudante ao Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido durante os semestres 9º (TCC 1) e 10º (TCC 2).

A diversidade de escalas próprias da compreensão espacial do arquiteto e arquiteta e urbanista é uma constante em todo o curso. Dito de outra forma, o e a profissional da arquitetura e urbanismo deve compreender diversas escalas de intervenção, leitura e representação, desde objetos, passando pela edificação e alçando uma compreensão espacial na escala da paisagem e da região, conteúdo que perpassa uma diversidade de disciplinas do curso. Soma-se a elas, disciplinas que abordam as problemáticas entre o edifício, a cidade, a paisagem, o território e a região. Outro desafio próprio do perfil do CAU UNILA é incluir um debate alargado sobre as realidades latino-americanas por toda a matriz curricular, não ficando restrita ao eixo de instrumentação em estudos latino-

americanos. Deste modo, os professores e professoras são desafiados e desafiadas a transitar pelas distintas escalas (do edifício à região) e variados contextos do continente, com vistas à formação do e da discente voltada, de fato, para a integração regional e solidária por meio da arquitetura e urbanismo.

Outra característica a destacar no CAU UNILA é a relação indissociável entre teoria-prática-experimentação. Assim, o **Canteiro Experimental** tanto subsidia experimentos de diversas disciplinas como é, ele próprio, foco de disciplinas específicas. A matéria (com seu peso, plasticidade, textura) e o canteiro e suas relações são, portanto, subsídios ao aprendizado e desenvolvimento de uma prática projetual que respeita conhecimentos empíricos e potencialidades concretas dos mais diversos materiais e técnicas construtivas. Da mesma forma, disciplinas do **eixo em Instrumentação Crítica** podem apresentar atividades práticas, propondo ao alunado como a elaboração de maquetes ou visitas técnicas pertinentes aos temas estudados.

Por sua vez, sendo a arquitetura e sua representação (desenho) práticas discursivas e o projeto, uma compreensão e síntese histórico-política e cultural, são desenvolvidas habilidades no corpo estudantil para melhor comunicar arquitetura e urbanismo com a comunidade, exigência cada vez mais urgente, dado o aprofundamento do caráter extensionista do curso.

Dando continuidade à relação teoria-prática, tanto o **LaMAU** como o **LaPPRAU** são espaços a fomentar o intercâmbio com a comunidade local. O primeiro, é facilitador da realização de trabalhos e atividades das disciplinas em extensão, como coordenando projetos de extensão voltados para a assessoria técnica à população local. Em complementação, o **LaPPRAU**, guarda profundo relacionamento com a comunidade, envolvendo, na dialogia teoria-prática, o alunado na elaboração e oferta de cursos de formação e capacitação em temas subsidiários à área, como construção civil, desenho e técnicas de representação, direito à cidade, plano diretor participativo e outros.

Finalmente, as sequências de disciplinas que compõem os eixos curriculares apresentam gradação crescente de complexidade, centrada na amplitude e síntese

de variáveis aliadas a temáticas em que a relação das variadas escalas e o contexto latino-americano estejam sempre presentes. As disciplinas têm seus programas e conteúdos voltados para a resolução de questões locais e regionais, dando, ao e à estudante, a oportunidade de compreender a sua realidade e nela intervir de modo crítico, criativo e inovador, buscando transformá-la, com respeito à diversidade cultural e à sustentabilidade socioambiental.

Vale esclarecer, todavia, não obstante diversas disciplinas do CAU UNILA serem ministradas por docentes lotados em outros cursos da universidade, elas têm suas ementas voltadas para as especificidades da formação em arquitetura e urbanismo, como acontece com **Expressão e comunicação em Mídias digitais** e **Geoprocessamento**, ministradas por docentes dos cursos de Cinema e Audiovisual e Geografia, respectivamente.

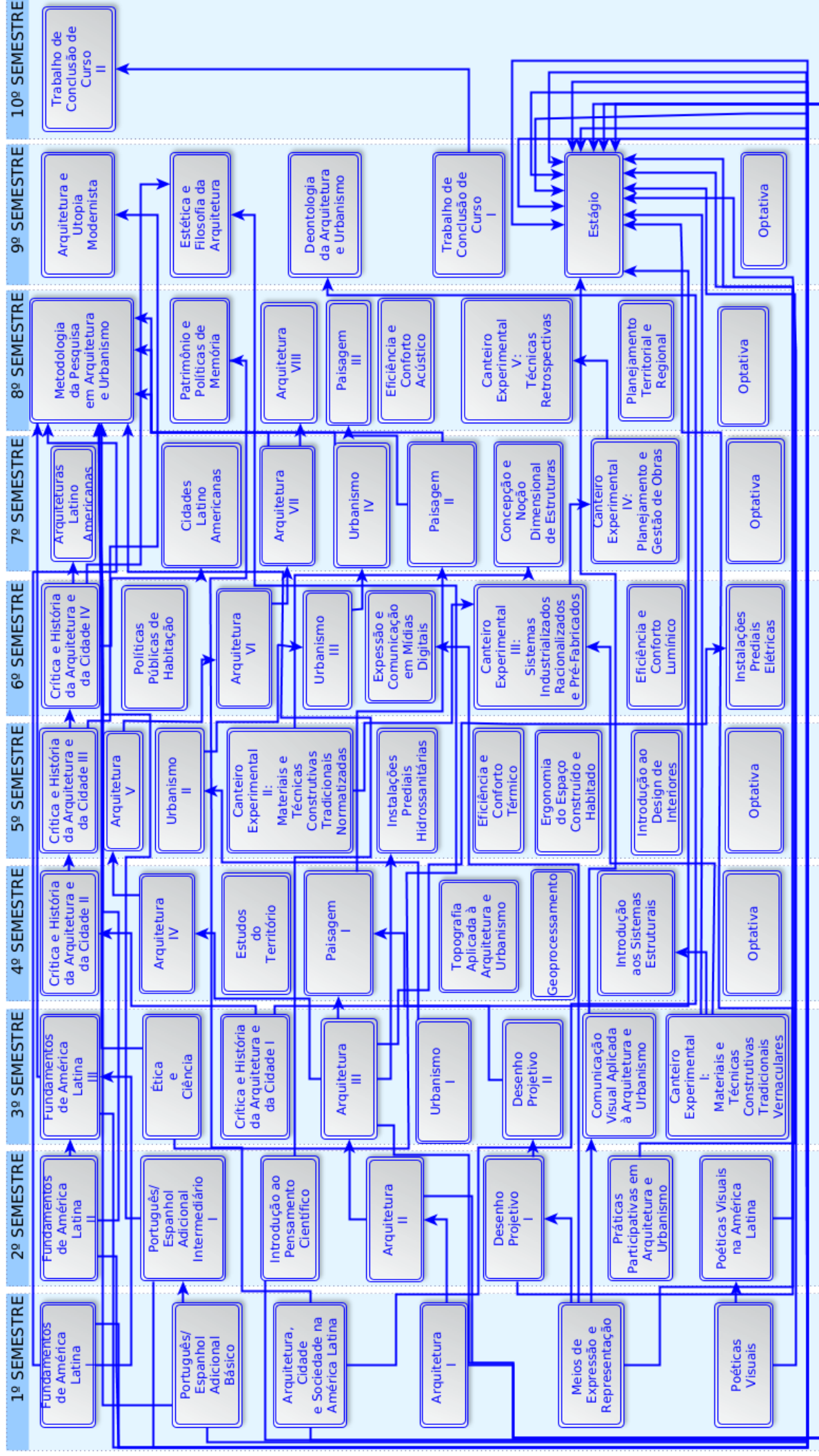
Levando em conta esta apresentação da organização curricular do curso, é apresentada, a seguir, a sua matriz e fluxograma. A ementa completa das disciplinas consta no Anexo.

			Ministério da Educação Universidade Federal da Integração Latino-Americana Pró-Reitoria de Graduação					
ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO								
COMPONENTES CURRICULARES	PRÉ-REQUISITOS (P) / CORREQUISITOS (C)	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA					
			TEÓRICA	PRÁTICA	ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	EXTENSÃO	TOTAL	
1º SEMESTRE								
Fundamentos da América Latina I		2	60	0	0	0	60	
Espanhol / Português Adicional Básico		2	60	0	0	0	60	
Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina		4	60	0	0	0	60	
Arquitetura I		4	15	60	0	0	75	
Meios de expressão e Representação		6	15	75	0	24	90	
Políticas visuais		4	45	15	0	12	60	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		28	285	150	0	36	435	
2º SEMESTRE								
Fundamentos da América Latina II		2	60	0	0	0	60	
Espanhol / Português Adicional Intermediário I	(P) Espanhol / Português Adicional Básico	2	60	0	0	0	60	
Introdução ao pensamento científico		2	60	0	0	0	60	
Práticas participativas em Arquitetura e Urbanismo	(P) Arquitetura I	2	30	0	0	0	30	
Arquitetura II	(P) Arquitetura I	4	15	60	0	0	75	
Desenho projetivo I	(P) Meios de expressão e Representação	4	10	50	0	0	60	
Políticas visuais na América Latina	(P) Políticas Visuais	3	10	35	0	10	45	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		28	275	145	0	10	430	
3º SEMESTRE								
Fundamentos da América Latina III	(P) Fundamentos de América Latina I; (P) Fundamentos de América Latina II	2	30	0	0	0	30	
Ética e Ciência		2	60	0	0	0	60	
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I		4	15	0	0	0	15	
Arquitetura III	(P) Arquitetura II	3	15	60	0	0	75	
Urbanismo I		2	10	0	0	0	10	
Desenho Projetivo II	(P) Desenho Projetivo I	4	10	50	0	0	60	
Comunicação visual aplicada à Arquitetura e Urbanismo	(P) Meios de Expressão e Representação	3	30	15	0	10	45	
Políticas visuais		3	15	30	0	6	45	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		29	205	230	0	16	435	
4º SEMESTRE								
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I	4	46	14	0	14	60	
Arquitetura IV	(P) Arquitetura III	4	15	60	0	0	75	
Estudos do Território		2	10	65	0	35	75	
Paisagem I	(P) Arquitetura III; (P) Desenho Projetivo II	3	15	30	0	0	45	
Topografia aplicada à Arquitetura e Urbanismo		2	30	30	0	8	60	
Geoprocessamento		2	30	30	0	0	60	
Introdução aos Sistemas Estruturais	(P) Canteiro Experimental I: materiais e técnicas construtivas tradicionais vernaculares	4	45	15	0	8	60	
Optativa do CAU UNILA		2	60	0	0	0	60	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		31	191	244	0	65	480	
5º SEMESTRE								
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II	4	60	0	0	0	60	
Arquitetura V	(P) Arquitetura IV	4	15	60	0	0	75	
Urbanismo II	(P) Urbanismo I	2	10	65	0	35	75	
Instalações Prediais Hidrosanitárias	(P) Arquitetura III	3	15	30	0	6	45	
Instalações Prediais Elétricas		3	15	30	0	6	45	
Eficiência e Conforto Térmico		3	35	10	0	6	45	
Ergonomia do Espaço Construído e Habitado		3	30	15	0	6	45	
Introdução ao Design de Interiores		2	15	30	0	0	45	
Optativa de outros cursos		2	15	30	0	0	45	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		31	205	230	0	59	480	
6º SEMESTRE								
Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III	4	60	0	0	0	60	
Políticas públicas de Habitação		3	35	10	0	10	45	
Arquitetura VI	(P) Arquitetura V	5	15	60	0	0	75	
Urbanismo III	(P) Urbanismo II	5	10	65	0	35	75	
Canteiro Experimental III - Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-Fabricados	(P) Canteiro Experimental I: materiais e técnicas construtivas tradicionais vernaculares; (P) Canteiro Experimental II: materiais e técnicas construtivas tradicionais normalizadas	3	15	30	0	6	45	
Eficiência e Conforto Luminoso		3	35	10	0	6	45	
Instalações Prediais Elétricas	(P) Arquitetura III	3	25	20	0	6	45	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		29	225	240	0	63	428	
7º SEMESTRE								
Arquiteturas Latino-Americanas	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV	3	35	10	0	10	45	
Cidades Latino-Americanas	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV	3	35	10	0	10	45	
Arquitetura VII	(P) Arquitetura VI	5	15	60	0	0	75	
Urbanismo IV	(P) Urbanismo III	5	10	65	0	35	75	
Paisagem II	(P) Paisagem I	5	15	60	0	0	75	
Concepção e Noção Dimensional de Estruturas	(P) Canteiro Experimental II - Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normalizadas	4	30	30	0	8	60	
Canteiro Experimental IV - Planejamento e Gestão de Obras	(P) Canteiro Experimental III - Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-fabricados	3	30	15	0	6	45	
Optativa do CAU UNILA		2	60	0	0	0	60	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		30	170	250	0	69	480	
8º SEMESTRE								
Patrimônio e Políticas de Memória	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	23	7	0	7	30	
Arquitetura VIII	(P) Arquitetura VII	5	15	60	0	0	75	
Urbanismo V	(P) Urbanismo IV	5	10	65	0	35	75	
Paisagem III	(P) Paisagem II	3	15	30	0	0	45	
Eficiência e Conforto Acústico		2	15	30	0	0	45	
Canteiro Experimental V - Técnicas Racionalizadas		2	15	30	0	0	45	
Metodologia da Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo	(P) Fundamentos da América Latina I, II e III; Espanhol/Português Adicional Básico; Espanhol/Português Adicional Intermediário I; Introdução ao Pensamento Científico; Ética e Ciência; Arquitetura VII; Urbanismo IV; Paisagem II	2	30	0	0	0	30	
Optativa do CAU UNILA		2	30	0	0	0	30	
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		24	132	198	0	52	380	

9º SEMESTRE							
Arquitetura e Utopia Modernista	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III	3	45	0	0	0	45
Estética e filosofia da Arquitetura	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV; Ética e Ciência	3	45	0	0	0	45
Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	30	0	0	0	30
TCC 1 (atividade)	(P) Arquiteturas Latino Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; (P) Canteiro Experimental V – Técnicas Retrospectivas; (P) Arquitetura VIII; Planejamento Territorial e Regional; Paisagem III; Fundamentos de América Latina III; Português / Espanhol Adicional I; Políticas Públicas de Habitação; Urbanismo IV; Desenho Projeto II; Poéticas Visuais na América Latina; Introdução aos Sistemas Estruturais; Conceção e Noção Dimensional de Estruturas; Instalações Prediais e Hidrossanitárias; Instalações Prediais Elétricas; Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo	5	0	0	0	0	75
Estágio (atividade)	(P) Fundamentos da América Latina I, II e III; Espanhol / Português Adicional Básico e Intermediário I; Introdução ao pensamento científico; Ética e ciência, Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Arquitetura I, II e III; Meios de expressão e Representação; Poéticas visuais; Práticas participativas em Arquitetura e Urbanismo; Desenho projeto I e II; Poéticas visuais na América Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Urbanismo I; Comunicação visual aplicada à Arquitetura e Urbanismo; e Canteiro Experimental I - Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares	10	0	0	150	0	150
Optativa de outros cursos		2	0	0	0	0	30
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		25	120	0	150	0	375
TCC 2 (atividade)	(P) TCC I	5	0	0	0	0	75
Atividades Complementares (atividade)		5	0	0	0	0	75
CARGA HORÁRIA PARCIAL DO SEMESTRE		10	0	0	0	0	150
ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES		5					75
ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES		5					75
ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO							
ATIVIDADES CURRICULARES EXCLUSIVA DE EXTENSÃO - ACEX		0					0
TOTAL DE COMPONENTES OPTATIVOS		10					150
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		3.990					
MINIMA EXIGIDA PELO MEC (HORA)							3.600
TOTAL ESTÁGIO OBRIGATORIO (HORA)		150,0					0
CH MINIMA DE AAC EXIGIDA PELA UNILA (Obs.: Verificar se o curso possui CH diferenciada na DCN e alterar o Campo ao lado, se houver)		75,0					60
TOTAL ESTÁGIO + ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES (HORA)		225,0					798
TOTAL DE CARGA HORÁRIA DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO (HORA)		495					369

DISCIPLINAS OFERTADAS PELO PRÓPRIO CURSO	PRÉ-REQUISITOS (P) / CORREQUISITOS (C)	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA (HORA-AULA)		TOTAL
EMENTAS FLEXÍVEIS			TEÓRICA	PRÁTICA	
Tópicos Especiais em Linguagens Artísticas [1:15 Se Prática] [1:30 Se Teórica]		2	5	25	30
Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo [1:15 Se Prática] [1:30 Se Teórica]		2	10	20	30
Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	30	25	55
Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	30	25	55
Terminário de Estudos Especiais [1:30]		2	30	0	30
EMENTAS FIXAS					
Introdução à Leitura e Representação em Arquitetura e Urbanismo [1:30]		2	30	0	30
Expressão Gráfica em Projetos Arquitetônicos [1:15]		2	5	25	30
Representação Técnica em Arquitetura I [1:15]	(P) Desenho Projeto I	2	5	25	30
Projetos Bim na Arquitetura [1:15]	(P) Desenho Projeto II	4	15	45	60
Técnicas de Geoprocessamento Aplicadas na Leitura da Paisagem Urbana [1:30]	(P) Desenho Projeto II	2	0	30	30
Representação Técnica em Arquitetura II [1:15]	(P) Desenho Projeto I	2	5	25	30
Arquitetura, Cidade, Relações Éticas e de Gênero [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	30	25	55
Expressão Gráfica em Projetos Urbanos e Paisagísticos [1:15]		2	5	25	30
Arquiteturas Indígenas [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	25	5	30
Arquiteturas Afro-Latinas [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	25	5	30
Programação e Design Computacional para Arquitetura [1:15]	(P) Desenho Projeto I; Arquitetura III	2	15	15	30
Arquiteturas Subjetivas – Ensaios Projetuais [1:15]	(P) Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I	2	5	25	30
Conforto Térmico e Eficiência Energética das Edificações [1:30]		2	30	0	30
Design Participativo e Tecnologia Social [1:30]		2	20	10	30
Mídias Digitais para Arquitetura e Urbanismo [1:15]	(P) Expressão e Comunicação em Mídias Digitais	2	15	15	30
Planejamento Urbano, Mulheres e População LGBTQA+ [1:30]		2	30	0	30
Projeto Computacional e Tecnologias Digitais: uso e crítica no contexto Latino-Americano [1:30]	(P) Desenho Projeto I; Arquitetura III	2	30	0	30
Territórios, Espacialidades e Arquiteturas da Fronteira Trinacional [1:30]		2	20	10	30
Arquiteturas e Cidades Africanas [1:30]	(P) Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina	2	30	0	30
Ateliê Integrado de Projeto de Interesse Social [1:15]	(P) Expressão e Comunicação em Mídias Digitais	4	15	45	60
DISCIPLINAS OPTATIVAS OFERTADAS POR OUTROS CURSOS	PRÉ-REQUISITOS (P) / CORREQUISITOS (C)	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA (HORA-AULA)		TOTAL
Libras			TEÓRICA	PRÁTICA TÉCNICO-CIENTÍFICA	
Libras		4	60	0	60
Estado, Industrialização e Sociedade		2	30	0	30
De acordo com o item 9.7 do PPC, no subitem Disciplinas Optativas, integram o leque de escolha livre do aluno do CAU UNILA, uma série de disciplinas ofertadas por outros cursos da UNILA, especialmente, aqueles de áreas correlatas no próprio Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território ou nos Institutos Latino-Americanos de Arte, Cultura e História e de Economia, Sociedade e Política por meio das quais o e a estudante desenha a sua trajetória de formação mais voltada para os conteúdos humanísticos, político-sociais ou técnicos.					





Pré-requisitos

Atividades Acadêmicas Complementares

Atividades Curriculares de Extensão

## **10\_PROCEDIMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO**

### **10.1\_ Sistema de Avaliação do Processo Ensino Aprendizagem - PEA**

O sistema de avaliação do processo de ensino e aprendizagem do CAU UNILA é realizado por meio de diferentes metodologias de avaliação de acordo com o conteúdo e especificidade de cada disciplina. Entre elas, são realizadas avaliações teóricas escritas ou orais, avaliações de atividades práticas, de atividades em grupo, assim como relatórios de atividades complementares, de viagens e visitas técnicas, apresentações de seminários, defesas de trabalhos individuais ou em grupo e análise de artigos, monografias ou relatórios. A verificação do alcance dos objetivos ao longo de cada disciplina é realizada continuamente, enquanto o período letivo transcorre, de acordo com os instrumentos e critérios de avaliação previstos no plano de ensino de cada professor ou professora em suas disciplinas.

Através do processo de avaliação os e as docentes buscam evidências do grau atingido pelos alunos e alunas na aquisição das competências e habilidades previstas para serem adquiridas pelos egressos e egressas. Os indicadores utilizados para a realização da avaliação são, entre outros, os seguintes:

- domínio da bibliografia teórica e metodológica básica;
- capacidade de pesquisa de material complementar;
- capacidade de síntese geral e projetiva;
- competência técnica adequada à natureza dos exercícios propostos;
- capacidade de compreensão espacial;
- capacidade analítico-reflexiva;
- capacidade de relacionar forma-conteúdo;
- capacidade de expressão e representação projetiva e conceitual;
- criatividade e capacidade propositiva;
- qualidade gráfica;
- qualidade projetiva;
- qualidade do desenho e demais meios de representação;
- autonomia intelectual e perspectiva crítica;
- capacidade de diálogo e ação multidisciplinar;

- destreza na comunicação escrita e oral, através de expressão clara, argumentação lógica e coerente;
- competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática projetiva;
- competência técnica para coleta, processamento e análise de dados e indicadores sociais diversos.

A nota mínima para aprovação segue as diretrizes legais aprovadas para os cursos de graduação da UNILA, levando-se em conta, também, a frequência mínima de 75%.

## **10.2\_Sistema de Avaliação do PPC**

O caráter dinâmico de um curso de graduação requer alguns mecanismos de avaliação que permitam uma análise diagnóstica da formação oferecida a fim de identificar desvios dos objetivos pedagógicos e possibilitar a correção de rumos. Desta feita, o CAU UNILA desenha-se sobre um processo permanente de autoavaliação, de forma a aperfeiçoar seus princípios/políticas, conteúdos curriculares e práticas didático-pedagógicas.

O PPC do CAU UNILA não se apresenta como imutável. Constantemente, o projeto em questão deve ser avaliado, o que vem sendo realizado, com vistas à sua atualização diante de transformações do mundo contemporâneo e da área de inserção do curso. A avaliação é considerada como ferramenta que contribui para melhorias e inovações, identificando possibilidades e gerando readequações que visem ao aperfeiçoamento do curso e, conseqüentemente, da formação do egresso e da egressa.

No processo avaliativo do curso, que vem sendo conduzido continuamente, pelo Núcleo Docente Estruturante – NDE e pela coordenação de curso nas reuniões de preparação dos semestres letivos, tem-se considerado:

- A organização didático-pedagógica do curso: administração acadêmica, projeto do curso, atividades acadêmicas articuladas ao ensino de graduação;
- O corpo docente: formação acadêmica e profissional, condições de trabalho; atuação e desempenho acadêmico e profissional;
- A infraestrutura: instalações gerais, Ateliês, biblioteca e laboratórios específicos;
- O acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos e alunas pela Universidade e, especialmente, pela coordenação do curso;

- A avaliação do desempenho discente nas disciplinas, seguindo as normas em vigor;
- A avaliação do desempenho docente;
- A avaliação do curso pela sociedade através da ação-intervenção docente/discente expressa na produção científica e nas atividades concretizadas no âmbito da extensão universitária.

O NDE segue, ainda, em seu processo de avaliação, os critérios propostos pela Comissão Própria de Avaliação da UNILA – CPA, que é parte integrante do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior – SINAES, sendo responsável pela coordenação dos processos internos de avaliação da UNILA.

Importa registrar que nas reuniões docentes de preparação dos semestres letivos diversas questões são apontadas, no sentido de melhorar as disciplinas e as práticas pedagógicas, sempre com acompanhamento do NDE. Sob este viés, ao longo dos últimos anos, tivemos revisão de carga horária de disciplina, reestruturação dos Ateliês e eixos de instrumentação do curso e, ainda, a inserção de disciplinas optativas, que procuram aprofundar temas trazidos tanto pelo corpo discente quanto docente, como foi o caso de Introdução à Leitura e Representação em Arquitetura e Urbanismo; Projetos BIM na Arquitetura; Técnicas de Geoprocessamento Aplicadas na Leitura da Paisagem Urbana; Programação e Design Computacional para Arquitetura; Arquiteturas Subjetivas – Ensaio Projetuais; Conforto Térmico e Eficiência Energética das Edificações; Design Participativo e Tecnologia Social; Planejamento Urbano, Mulheres e População LGBTQIAP+; Projeto Computacional e Tecnologias Digitais: Uso e Crítica no Contexto Latino-Americano; Território, Espacialidades e Arquiteturas na Fronteira Trinacional.

Ademais, numa perspectiva de avaliação continuada do PPC, as experiências didático-pedagógicas levadas a cabo por docentes têm sido objeto de permanente reflexão, registrada em artigos apresentados em encontros científicos sobre ensino, como os *Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo - ENSEA*; *Encontro Nacional de Ensino de Estruturas em Escolas de Arquitetura*; e *Encontro Internacional - A formação Universitária e a dimensão social*

*do profissional.* Além disso, o ensino tem sido levado para debate pelos e pelas docentes do CAU UNILA para os principais congressos na área; ENANPUR, ENANPARQ e ENEPEA. Por último, mas não menos relevante, a sala de aula do CAU UNILA também é motivo de diálogo constante junto a pares na própria Universidade, como foi a ampla participação docente no *I Seminário Permanente Projeto UNILA*, realizado em 2015.

O curso e sua inserção no projeto da UNILA tem sido objeto de reflexões levadas a cabo por diversas professoras e professores. De um modo geral, os artigos e livro publicado apresentam o desafio das disciplinas para integrar os vários contextos da América Latina. Nestas publicações, muitas e muitos docentes já têm conseguido analisar de modo comparado as diferenças e semelhanças entre os diversos países na sua área de pesquisa formando um acervo possivelmente inédito e inovador em arquitetura e urbanismo. Algumas questões ainda raras nos cursos de arquitetura e urbanismo já são corriqueiras nos debates em sala de aula em disciplinas dos seis eixos estruturantes do curso como patriarcado, adultocentrismo, etarismo, capacitismo, LGBTfobia, luta antirracismo, pesquisa-ação e outros.

Ao longo destes anos, os e as docentes do curso têm trabalhado conceitos relevantes e desafiadores para a área a partir da experiência do curso, como é o caso de “paisagismo comestível”, da relação entre tecnologia e racismo, da crítica ao modelo de ensino de estrutura nas escolas de arquitetura, da pesquisa-ação, da etnografia aplicada à arquitetura e do estudo das cores associado ao processo de colonização do gosto. Ao colocar em discussão com pares as práticas didático-pedagógicas do CAU UNILA, o corpo docente colabora para a atualização e constante melhoria das práticas em sala de aula e do PPC.

Finalmente, a autoavaliação tem sido uma práxis tão corrente e basilar para o curso, que emergiu daí a organização do já mencionado livro *Por um Ensino Insurgente em*

*Arquitetura e Urbanismo* (2020)<sup>50</sup>, publicação que coloca em diálogo perspectivas de ensino do CAU UNILA com a de outros professores e professoras expoentes na produção crítica no Brasil e no exterior. Os trabalhos oriundos do CAU UNILA são: “O projeto pedagógico do CAU UNILA, a América Latina e o século XXI”; “O ensino de Arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras”; “Os desafios de introduzir as categorias gênero e raça no ensino de Arquitetura e Urbanismo”; “Decolonizando o ensino de estruturas em arquitetura: uma proposta a partir da experiência na UNILA”; “Ensino de arquitetura e trabalho livre: a experiência didática das disciplinas de canteiro experimental da UNILA”; “Por um ensino de paisagismo crítico e emancipatório na América Latina: um debate sobre tipos e paisagens dominantes e subalternos”; e “Paisagens para a América Latina e o Caribe famintos: paisagismo comestível com base nos direitos humanos e voltado à justiça alimentar”.

Portanto, a avaliação do PPC tem acontecido orgânica e permanentemente, ao longo de mais de uma década de existência do curso, impulsionada pelos desafios impostos pela singularidade da Instituição e pela riqueza de experiências em sala de aula que obrigam, de bom grado, a ressignificar práticas de ensino naturalizadas (e muitas vezes engessadas) noutras partes, as quais se mostram insuficientes para lidar com a diversidade cultural do cotidiano *unilero*, seja nas salas de aula, seja nos projetos de extensão e pesquisa ou no convívio da vida universitária.

### **panorama dos TCCs 2017-2021**

Analisar os Trabalhos de Conclusão de Curso tem sido considerado um método importante de avaliação do PPC. Devido à temática ser de livre escolha do alunado, os TCCs ajudam a verificar o nível de emulação e domínio das ênfases formativas propostas pelo PPC, no corpo discente. A pesquisa procurou verificar se os desígnios do projeto político-pedagógico do curso tiveram resultado, de fato, em desenvolver competências para o exercício profissional em consonância com as especificidades e

---

<sup>50</sup> Livro organizado por Andréia Moassab e Leo Name, professor que fez parte do quadro efetivo do CAU UNILA de 2014 a 2021, quando foi redistribuído para a UFBA.



problemáticas próprias dos distintos contextos latino-americanos. Espera-se que as práticas profissionais experimentadas e vivenciadas empiricamente ao longo do curso, onde o projeto da habitação e da cidade, compreendido na sua dimensão geopolítica, tratado de forma indissociável às suas dimensões sociais, culturais, históricas, econômicas, espaciais e ambientais, estejam assentes e sejam de domínio do alunado. O empenho em fomentar a integração solidária dos povos latino-americanos por meio da arquitetura e urbanismo, no que respeita, particularmente, aos direitos ao território, à cidade e à moradia, é uma meta bastante audaciosa, mesurada, num primeiro momento, pela análise dos trabalhos de conclusão de curso – TCCs e por entrevista ao corpo docente.

De um modo geral, os TCCs têm apresentados temáticas ou abordagens alinhadas à perspectiva crítica do curso, absolutamente vinculadas à realidade da diversidade do corpo discente. Na tabela abaixo constam os títulos dos TCCs disponíveis até abril de 2025, no repositório institucional da UNILA:

CAU UNILA: Trabalhos de Conclusão de Curso – dezembro de 2016 a abril de 2025			
	Nome	País	TCC
1	Aldo Canales	HO	Planificación y turismo: lecturas del territorio del centro histórico del municipio de Valle de Ángeles, Honduras.
2	Alejandra Pintos	PY	Proyecto de complejo cultural: espacio para la enseñanza y presentación de artes escénicas y culturales
3	Alejandro Noguera	PY	Parámetros de Preservación del área Histórica de San Ignacio Guazú
4	Alexis Marcet	CU	Del código al cultivo: diseño computacional como catalizador de cambio social
5	Allan Moreira	BR	Altare, Equilíbrio Sagrado
6	Ana Carolina de Oliveira	BR	Pequeno Manual para Ocupações Urbanas: Autonomia e Resistência para Mulheres
7	Ana Leticia Nanuncio	BR	A territorialidade dos corpos jovens na cidade: um estudo de caso sobre a ocupação contra-hegemônica
8	Ana Letícia Yegros	PY	La recualificación del sistema viário en ciudades intermediarias: estudio de caso Curuguaty, Paraguay
9	Andrea Barreto	PY	Complejo deportivo regional en el área metropolitana de Ciudad del Este, Paraguay
10	Andrea Rodrigues	BR	Cartografia das ausências na fronteira trinacional
11	Angelica Santamaria	CO	Las nieves re-tomada: plan de rehabilitación urbana y de vivienda eje Calle 19, Bogotá-Colombia
12	Anna Beatriz Nascimento	BR	Caminhos para uma arquitetura com bem viver
13	Antonio Garcia	BR	As Cartas Fora do Baralho



14	Bastián Guerra	CH	Creación de módulos estructurales antisísmicos para viviendas populares en Chile
15	Bruna Brauer Braga	BR	Ressignificando paisagens: um olhar para a represa Billings
16	Bruna Probst	BR	Ferramenta projetual de apoio à readequação do espaço habitado em conjuntos habitacionais populares horizontais a partir da coordenação modular
17	Bryan González	EQ	Arquitectura en área de movimientos sísmicos: estudio y propuesta para implantación de viviendas con materiales sismoresistentes en la provincia de Manabí-Ecuador
18	Clerdine Luberisse	HA	Mobilidade e permanência em espaços públicos do Haiti. Desenho para pessoas no centro de Saint Marc
19	Daniella Lopes	BR	Conservatório musical na triplice fronteira
20	Darwin Camacho	PE	Complejo educacional a través de una propuesta de proyecto de Residencia Estudiantil y Escuela Técnica en San José de Lourdes – Perú
21	David Sausa	BO	Ensayo proyectivo de vivienda para la reducción de riesgos y adaptación a las inundaciones en la ciudad de Rurrenabaque – Bolivia
22	Déborah Wollmann	BR	(Re)Florescer: Centro de Apoio Psicológico Infantojuvenil
23	Denise Winckler	BR	O bambu como tecnologia construtiva para espaços públicos livres, destinados à feiras e exposições em Foz do Iguaçu-PR
24	Denise Rigolon	BR	Se as ruas fossem para andar: uma análise propositiva sobre as ruas de Foz do Iguaçu como garantia do direito à cidade.
25	Diana Roa	CO	Hospital Infantil Frontera, Brasil - Paraguay
26	Diana Canales	PE	Mejoramiento térmico de viviendas unifamiliares en la zona altoandina de Perú
27	Diego Lobo	BR	Papo & Yo e a representação da favela no videogame
28	Diego Orlando	PY	Aproveitamento energético do esgoto sanitário doméstico, num modelo de habitação de interesse social, em CDE/PY
29	Douglas Farias	BR	Sistema Espacial Integrado de Serviços Públicos para Foz do Iguaçu - PR
30	Edinson Guerrero	PE	Conforto ambiental y recalificación de los espacios abiertos y cerrados en asentamientos humanos de piura – peru: el caso del asentamiento humano villa sol
31	Eduarda Fank	BR	Casa: uma construção cotidiana
32	Eduardo Gonzalez	VEN	Análisis de impacto ambiental de grandes proyectos de infraestructura próximos al Parque Nacional do Iguaçu: una mirada sensible ante los efectos de la duplicación de la BR 469 sobre la fauna silvestre
33	Elisa Oviedo	PY	Organización físico-territorial e identidad urbana: el diseño urbano en Villa Hayes, Paraguay
34	Emanuel Molina	VEN	Projeto de revitalização de prédios para uso misto em Foz do Iguaçu: integrando a av. Juscelino Kubitschek ao Parque Monjolo
35	Endel Achelus	HA	Arquimanite: Centro de Acolhimento para Imigrantes e Refugiados em Foz do Iguaçu
36	Erica Gomes	BR	Ultrapassando barreiras: parque linear na extensão sanga Santa Rosa
37	Estéfani Marçal	BR	Espaço Lótus - Centro de Acolhimento para Mulheres
38	Favio Irigoyen	PY	Planificación urbana para ciudades de pequeño porte en el Paraguay: planificación urbana para la ciudad de Belén Concepción-Paraguay

39	Fernando Tofanini	BR	Planejamento Territorial e Pequenas Comunidades: Possibilidades para Urubici/SC
40	Fernando Kawaji	BR	Tubos de papelão como material construtivo para uma arquitetura acessível, ecológica e social: projeto de abrigos móveis para a população em situação de rua
41	Gabriele Corrêa	BR	Em Busca do Patrimônio Histórico Arquitetônico de Foz do Iguaçu
42	Geovanny Flores	SAL	Lectura Territorial para Pequeñas Localidades en Situación de Violencia - Caso: Comunidad Romero, El Salvador
43	Gilmar Almeida	BR	Centralidades e Imagens de Fronteira: a relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local
44	Godzer Achelus	HA	Desafios Territoriais e Resiliência Urbana no Haiti: Diretrizes no Contexto Pós-terremoto da Extensão Urbana Canaan, Haiti
45	Gustavo Castillo	BO	La Arquitectura como una identidad cultural: en el caso de la ciudad de Bolivia - La Paz
46	Henry Paúl Sánchez	EQ	El buen vivir em mi hogar: evaluación post-ocupación y propuestas prototipo en el programa de vivienda "Barrio Nuevo Santa Lucía", Salcedo, Cotopaxi, Ecuador
47	Hilary Ortega	EQ	Casa Abrigo Itaverati
48	Irene Mendieta	PY	Sueños y cemento: las voces olvidadas de una zona de construcción en Paraguay
49	Iris Takashima	BR	A casa adaptável o uso da construção em light steel framing como ferramenta para a edificação e ampliação de casas
51	Isadora Rodrigues	BR	Potencial do Espaço Público como Local de Segurança e Apropriação: Proposta de Parque Urbano em Foz do Iguaçu-PR
52	Izabele Sonogo	BR	Centro de atividades para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade
53	Jessica Benitez	PY	Táva Apo - Construir Ciudades. Un Análisis Territorial de Minga Guazú, Paraguay
54	Jéssica Seolin	BR	A bicicleta como meio de transporte: um estudo sobre o Plano de Mobilidade Urbana de Foz do Iguaçu
55	Jessica Oliveira	BR	Arquitetura para o Bem-Estar e Eficiência Organizacional: Estratégias de Intervenção e Participação Ativa na Itaipu Binacional
56	Jhenifer Kava	BR	Exploração sexual em canteiro de obras: O caso da Usina Hidrelétrica de Itaipu
57	Joara Pimentel	BR	Moradia digna é mais que um teto e quatro paredes: o papel da localidade da habilitação social no processo de constituição do direito à cidade
58	Jonathan Villalba	PY	Ciclorruta Guaraní: Propuesta de Ciclovia para Concetar las Ciudades de Hernandarias, Ciudad del Este y Presidente Franco
59	Juan Dalmao	UY	Centro de Enseñanza a la tecnología, comunicación y organización popular
60	Julia Lima	BR	Leitura da Paisagem Cultural de Foz do Iguaçu: Usos e Apropriações da Praça da Paz e Parque Monjolo
61	Karen Galindo	COL	Arquitectura y Pandemia desde una Perspectiva Feminista
62	Karen Aquino	PY	Boulevard Nanduti. Propuesta de Recualificación de la Avenida Choferes del Chaco, Ciudad del Este - Paraguay
63	Katherin Rincon	EQ	Valoración de los Conocimientos Tradicionales de la Población Kichwa en la Arquitectura
64	Laura Acuna	PY	Análisis Territorial Pilar Paraguay
65	Laura Lopez	PY	Caminhos dos encontros: intervenção da ocupação Bubas por meio de acupuntura urbana e urbanismo tático.
66	Leticia Alves	BR	Projeto Colégio Estadual de Desenvolvimento Urbano Alves.

67	Lidia Tellez Ramos	PY	Justicia ambiental y zonas de sacrificio: directrices para el planeamiento físico-territorial de la ciudad de Villa Hayes, Paraguay
68	Lilian Escobar	PY	Centro Comunitario para la Ciudad de San Juan Nepomuceno: Desarrollo Social y Educacional del Paraguay
69	Lucca Grzeczeczen	BR	CAUs, saberes e territórios: espaço[s] de interação para os novos cursos de arquitetura com as comunidades do interior
70	Lucelia Claro	BR	Revitalização do Parque Monjolo Foz do Iguaçu/PR
71	Luis Chura	BO	Cartilha/manual para viviendas adaptadas a deslizamientos en las periferias de la paz/Bolivia.
72	Maicon Rugeri	BR	Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero
73	Marcelo Frare	BR	Habilitação social e integração: o caso da Vila Portes como proposta de interculturalidade na Tríplice Fronteira
74	Soledad Cáceres	PY	Áreas libres y de recreación urbana: el espacio público de recreación en Villa Hayes – Paraguay
75	Maria Teresa Tejada	EQ	Diccionario ilustrado online de mujeres en la arquitectura no se puede: descolonizar sin despatriarcalizar
76	Mariana Gabriel	BR	Arquitetura como estímulo terapêutico em centro-escola de adaptação neurológica total.
77	Mariela Peña	PE	Paisajismos del Sur: Alternativas Paisajísticas para los Espacios Libres de las Barriadas de Lima
78	Mateus Spindula	BR	Ligadonas na tomada do cool da madrugada: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu
79	Mateus Buosi	BR	A residência no cerrado brasileiro a colcha de retalhos cultural e simbólica da casa do sertão aplicada à contemporaneidade
80	Mercedes Ibañez	PE	La colonialidad del poder, el sumak kawsay y la asesoría técnica para el mejoramiento habitacional en viviendas de adobe: el caso San Miguel de el Faique, Huancabamba-Piura, Peru
81	Micaela Ponce	AR	Participación Comunitaria en la Producción de Espacios Públicos Seguros para Mujeres y Niñas: Un estudio a partir del caso de la ciudad de Tostado Santa Fe/ AR
82	Mijael Aguirre (in memoriam)	PE	Los cambios urbanísticos de lima entre los años 1900-1960 por la influencia de la industrialización y las políticas públicas
83	Nicolás Pereyra	UY	Al margen del Paraná: análisis urbano de la región de Foz de Iguazú (BR), Ciudad del Este (PY) y Presidente Franco (PY)
84	Nicole Garay	CH	El cuerpo humano como modelo universal de proyección y construcción del espacio
85	Nicolý Nunes Durães	BR	Um Teatro Municipal para Foz do Iguaçu-PR: um incentivo à música e à cultura
86	Nidia Zarza	PY	La vivienda paraguaya en base a la perspectiva del Nande Rekó: el caso del asentamiento La Candelaria, Dr. Cecilio Báez
87	Noelia Paniagua	PY	Rehabilitación de Centros Urbanos y Derecho a la Ciudad: Habitación Social para Comunidad Maka en el Microcentro de Ciudad del Este
88	Noelia Mallorquin	PY	Panorama sobre los asentamientos precarios de Ciudad del Este: situación de las viviendas en la ciudad invisible
89	Noemi Ledezma	PY	Centro de Desarrollo Comunitario con Técnicas Constructivas de Bajo Impacto Ambiental en el Asentamiento San Miguel, Ciudad del Este – Paraguay
90	Oscar Grisales	COL	PAPU. Parque Agroecológico Polo Universitario. Huertas urbanas y agroecológicas en Foz do Iguaçu. Vivencias y potencialidades
91	Oswaldo Freitez	VEN	Diseñar desde lo subalterno: Lenguaje y representación gráfica en arquitectura

92	Paula Santoro	PY	Recualificación del Paisaje del Asentamiento Senavitat San Miguel, Ciudad del Este / Paraguay
93	Pedro Martins	BR	Centro de Pesquisa Modular Autossuficiente em Marte
94	Pedro Alvarado	PE	Encuentro para la Transformación: Potencialidades de un Espacio Comunitario en la Periferia de Lima - Peru
95	Pedro Placides	BR	Centro De Ressocialização e Acolhimento Temporário: Casa de Passagem para Famílias em Situação de Rua em Foz do Iguaçu
96	Rogelio Noriega	PE	Arquitectura para usuários acometidos por las enfermedades neurocognitivas características de la tercera edad en Arequipa-Perú
97	Ruben Ayala	PY	Parámetros Constructivos para Equipamiento Urbano: El uso de material constructivo alternativo en equipamientos de uso público en Fuerte Olimpo-Paraguay
98	Ruth Cañete	PY	Kuña paraguayi roga: una perspectiva feminista para el albergue de la Universidad Nacional del Este-PY
99	Sara Barboza	BR	Desafios da Efetivação do Direito à Moradia no Oeste Paranaense: o Caso de Cascavel
100	Sergio Bellino	VEZ	Territorios comunales: Insurgencias y desafios del estado comunal a partir de la experiencia en la comuna Batalla de Santa Inés de Maturín, Venezuela
101	Suellen Viana	BR	Biblioteca Parque Conceição Evaristo.
103	Thays Moreira	BR	Ambientes de ensino de arquitetura e urbanismo: análises e proposições para a construção de um espaço pedagógico.
104	Valeria Barreto	BR	Moradia estudantil: uma abordagem a partir da avaliação pós-ocupação.
105	Vanessa Solinger	BR	Espaço Renascer - Centro de Apoio e Acolhimento Oncológico
106	Vanessa Quinones	CO	Mobiliário urbano paisagístico para las ciudades de América Latina sob uma perspectiva de diseños del sur: estudio de caso barrio el salado comuna 13 de Medellín, Colombia
107	Vinícius Silva	BR	Museu de Artes Digitais e Realidade Virtual
109	Vinícius Riquelme	BR	Convivência Intergeracional como Estratégia de Valorização da Pessoa Idosa
110	Vitória Meireles	BR	Formas Precárias do Morar - Um estudo a partir de uma Sociedade Desigual
111	Yuri Alfonso Yang	BR	Abrigo emergencial: solução modular expansível para assistência humanitária

Fonte: NDE (2025) a partir de MOASSAB (2021), com base no repositório da UNILA.

Vale destacar que o pensamento originário latino-americano do *Sumak Kawsay*, *Buen Vivir* e *Ñande Reko* e as teorias feministas abarcam um percentual relevante dos estudos, resultando, inclusive em boas propostas projetivas – não limitados aos debates teóricos. Este é o caso dos trabalhos de, de Mercedes Ibañez, Paul Sanchez e Nidia Zarza, em “La colonialidad del poder, el Sumak Kawsay y la asesoría técnica para el mejoramiento habitacional en viviendas de adobe”; “El Buen Vivir en mi hogar”; e “La vivienda paraguaya en base a la perspectiva del Ñande Rekó”, respectivamente. Tais trabalhos trazem igualmente a questão racial – implícita no acolhimento das epistemologias ameríndias, como estes citados, igualmente presentes em projetos

para comunidades indígenas, como foi o caso de “Rehabilitación de centros urbanos y derecho a la ciudad: habitación social para comunidad Maka en el microcentro de Ciudad del Este, Paraguay”, de Noelia Paniagua. Em direção semelhante e tangencial, pelo menos outros tantos trabalhos, têm como primordial as relações entre arquitetura, cidade e identidade, como é o caso do trabalho de Katherin Rincon, “Valoración de los Conocimientos Tradicionales de la Población Kichwa en la Arquitectura”.

Devemos somar a estes, alguns TCCs com base nas teorias feministas, estabelecendo relações complexas – projetivas e não só – entre as questões de gênero, espaço rural, evasão escolar ou violência espacial, como em “Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero”; “Kuña paraguai roga: una perspectiva feminista para el albergue de La Universidad Nacional del Este-PY”; “Participación Comunitaria en la Producción de Espacios Públicos Seguros para Mujeres y Niñas: Un estudio a partir del caso de la ciudad de Tostado Santa Fe/ AR”; “Pequeno Manual para Ocupações Urbanas: Autonomia e Resistência para Mulheres”; “Arquitectura y Pandemia desde una Perspectiva Feminista”; “Diccionario ilustrado online de mujeres en la arquitectura no se puede: descolonizar sin despatriarcalizar” e “Ligadonas na tomada do cool da madrugada: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu”, de Maicon Rugeri, Ruth Cañate, Micaela Ponce, Ana Carolina de Oliveira, Karen Galindo, Maria Teresa Tejada e Mateus Spíndola, respectivamente.

A escolha do alunado por enfrentar debates desta natureza mostram que mesmo sendo temas aparentemente isolados enquanto disciplinas, não o são enquanto questão, já que gênero e raça aparecem permanentemente no curso de modo transversal, seja pelo esforço de docentes afeitos/as às temáticas, seja por conta do seu PPC ou ainda, devido a tais problemáticas serem bastante presentes na própria universidade, no movimento estudantil e nas disciplinas do Ciclo Comum de Estudos. Com isso, o curso permanece atualizado em relações a temas relevantes para a



sociedade, conseguindo absorvê-los e traduzi-los para o âmbito da arquitetura e do urbanismo.

A habitação, cerne do PPC, é um tema com forte protagonismo nos trabalhos de conclusão de curso, constituindo cerca de metade deles. Vale ressaltar que dos TCCs projetivos que não tratam de habitação, todos propõem equipamentos e espaços de uso público. Outros tantos optaram por se debruçar sobre planejamento urbano, mormente conectado ao direito à cidade, enquanto outros tantos se debruçaram sobre temas relacionados a paisagem, sobretudo ao projeto e análise de espaços livres públicos. Ainda, os estudos de técnicas e tecnologias alternativas ao hegemônico concreto armado e, a preocupação ambiental é protagonista em diversos trabalhos. Destaque-se que nos limitamos a analisar a temática central nos trabalhos, sendo que muitas dessas questões são transversais e integram o escopo total dos trabalhos. Nesse exame panorâmico dos TCCs, é possível afirmar haver uma grande diversidade temática, embora sempre com trabalhos que respondem aos interesses públicos ou coletivos e menos pautas exclusivamente mercadológicas, reflexo, entre outros, do projeto político-pedagógico de curso.

Com relação ao tamanho das cidades trabalhadas, interessa observar que cerca de muitas das escolhas estudantis foi voltada para as pequenas cidades (com menos de 100 mil habitantes) e mais da metade para as cidades médias (entre 100 e 500 mil habitantes), configurando de fato uma interiorização e difusão territorial da prática e pensamento arquitetônico dos egressos e egressas do curso. No que tange aos grandes centros urbanos, há uma gama de cidades de distintos países do continente como Lima, Arequipa, La Paz, Manabí ou Bogotá, colaborando para um imaginário ampliado e múltiplo sobre a realidade urbana latino-americana no acervo do curso.

Por fim, quase a metade dos trabalhos guardam relação com projetos de extensão ou pesquisa de docentes, alimentando a construção de saberes locais ou mesmo atuando diretamente nas comunidades atendidas por projetos de extensão, como os bairros

periféricos de Foz do Iguaçu e Cidade do Leste ou a aldeia Itamarã, comunidade Guaraní da região.

Este tipo de pesquisa continuada tem se configurado como relevante ferramenta a auxiliar o processo de avaliação do PPC, juntamente com a sistematização de dados, sobre os impactos do projeto político-pedagógico do curso sobre a trajetória acadêmica e científica do quadro docente, apresentados a seguir.

### **o impacto do PPC no corpo docente**

Um outro aspecto relevante com relação à formação do alunado é o convívio com a diversidade, fundamental para o aprendizado. Compõem ao ambiente acadêmico do curso pessoas vindas de 16 países distintos<sup>51</sup>: Brasil, Paraguai, Peru, Colômbia, Bolívia, Equador, Venezuela, Argentina, Haiti, Chile, Uruguai, Honduras, Cuba, El Salvador, Nicarágua e, ainda, Gana, na África, obrigando o corpo docente a constantes estudos e atualizações, no sentido de dialogar com os diferentes contextos de origem e realidades em sala de aula. Igualmente relevante é o perfil do corpo docente, com ampla experiência internacional e em diversas regiões do Brasil<sup>52</sup>.

Em 2017, foi realizada uma pesquisa junto ao corpo docente permanente, na qual ficou evidente que o projeto político-pedagógico do curso foi um dos principais motivadores de suas vindas para Foz do Iguaçu. Este fato, *per se*, faz com que praticamente todos professores e professoras do curso tenham projetos de médio e longo prazo para as suas carreiras, a partir da UNILA. Mais de 90% dos e das docentes afirmaram em entrevista, que a vinda para a UNILA foi extremamente impactante para os seus interesses de pesquisa, ensino e extensão. A perspectiva

---

<sup>51</sup> Na UNILA estão presentes 32 nacionalidades, sendo 21 de países latino-americanos.

<sup>52</sup> Embora seja uma meta da UNILA que metade do corpo docente seja estrangeira, os altos custos para realizar provas presenciais dos concursos não têm facilitado a candidatura de docentes residentes em outros países. No CAU, os e as docentes vêm de distintas regiões do Brasil e há uma professora portuguesa no quadro de docentes permanentes.



inovadora e a adaptação ao curso e à instituição podem ser conferidas em seus projetos de pesquisa, ensino e extensão (MOASSAB, 2017).

### **10.3\_Acompanhamento dos egressos e egressas**

Integra a agenda do NDE fazer o acompanhamento dos egressos e egressas do curso. Até o momento, as redes sociais têm sido a melhor ferramenta de contato. Alguns trabalhos científicos têm sido publicados e apresentados, nos quais a perspectiva dos egressos e egressas sobre a sua formação é central. No texto “Território, ambiente e identidade: a importância de Fundamentos de América Latina na formação discente no CAU UNILA” (MOASSAB; FONSECA, 2021)<sup>53</sup>, as autoras Andréia Moassab (CAU) e Ana Sílvia Fonseca (CCE) colhem depoimentos de egressos e egressas sobre o impacto de Fundamentos de América Latina, do Ciclo Comum de Estudos, na formação deles e delas. Ocorridos entre abril e maio de 2021, ex-estudantes do curso vindos e vindas do Equador, Peru, Venezuela, Chile e Brasil destacaram a relevância de FAL tanto na sua formação como para o seu exercício profissional na atualidade. Um dos aspectos mais significativos para todos e todas foi o reconhecer-se latino-americano, como resultado de reflexões e interações nas aulas de FAL e do CCE, em geral. Nomeadamente, no que tange à arquitetura, vários dos entrevistados e entrevistadas enfatizaram como FAL teria sido um pilar a mostrar o valor da diversidade no pensar e no fazer arquitetura e urbanismo, constituindo este um aspecto distintivo positivo da formação na UNILA, em comparação com demais cursos de arquitetura e urbanismo. Vale a pena trazer alguns destes depoimentos:

Em uma área marcada pelo conservadorismo, pelo eurocentrismo e pelo rechaço das minorias políticas, entendo que as disciplinas de FAL contribuem dando um importante passo em direção à formação de profissionais arquitetas e arquitetos, nomeadamente latino-americanas e latino-americanos, que tenham um olhar crítico e sensível aos processos de segregação espacial e de distribuição

---

<sup>53</sup> Ver <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/20035>.

desigual do espaço rural e urbano no continente (Egresso 3, Brasil apud MOASSAB; FONSECA, 2021)

Cada uno venía con su cultura y sus costumbres, pero cuando salimos de nuestros países es cuando nos damos cuenta con más claridad de que a veces algunas cosas no eran tan correctas y no eran como pensábamos. Este quiebre de paradigma y formación de una visión más crítica fue una de las cosas más significativas en la UNILA. Esto es lo que nos hace ser "Unileiro" y ser también Latinoamericanos. (Egresso 4, Venezuela apud MOASSAB; FONSECA, 2021)

FAL fue una gran apertura antes de entrar en los conocimientos específicos del curso. Al final, logramos desarrollar una base crítica y amplia para entender los procesos de una manera más completa, no necesariamente apegada a la idea de Estado-Nación. (Egresso 2, Venezuela apud MOASSAB; FONSECA, 2021)

Fundamentos de América Latina nos entrega la posibilidad de enriquecernos como profesionales, teniendo acceso a información que permite ampliar nuestra visión del mundo (principalmente en América Latina) y de esa forma potenciar nuestro pensamiento crítico. (Egressa 3, Chile apud MOASSAB; FONSECA, 2021)

Estes depoimentos e os trabalhos acadêmicos sobre o curso auxiliam e orientam melhorias em termos didático-pedagógicas e, no próprio PPC, uma vez que amparam decisões sobre continuidade e fortalecimento de determinadas disciplinas e, eventualmente, convergência ou eliminação de outras. Nessa direção, de forma similar, outras reflexões registradas em artigos científicos são importantes balizadores e mecanismos a amparar processos de auto-avaliação e avaliação do PPC.

## **11\_ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES**

Entende-se por Atividades Complementares as atividades relacionadas aos princípios fundamentais do CAU UNILA realizadas pelo discente em áreas afins à sua formação profissional. Um dos princípios básicos a serem seguidos pelo CAU UNILA para a formação do arquiteto e arquiteta e urbanista é a relação profunda entre ensino, pesquisa e extensão. Esta indissociabilidade deve ocorrer dentro das salas de aula, nos planos de cursos desenvolvidos, e em atividades extraclasse, nas quais a prática, a investigação e a descoberta devem fazer parte do universo do estudante, contribuindo para sua formação.

As atividades complementares são uma oportunidade de diversificar e enriquecer a formação do alunado, por meio da sua participação em tipos variados de eventos, como por exemplo, iniciação científica, monitoria, projetos de extensão, projetos multidisciplinares, congressos na área, concursos de arquitetura, colaboração em organização de eventos acadêmicos do CAU UNILA e outros.

Em síntese, são consideradas atividades complementares do CAU UNILA, desde que realizadas na área de conhecimento do curso ou áreas afins:

- monitoria;
- projetos de extensão ou pesquisa;
- participação em projetos extracurriculares;
- publicação de artigos acadêmicos/projeto em revista especializada;
- estágio não obrigatório ou atividade profissional extracurricular;
- participação em associações, conselhos, entidades estudantis, comissões, sindicatos;
- representação estudantil junto aos órgãos da UNILA;
- atividades profissionais extracurriculares;
- participação em eventos, concursos ou exposições;
- apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos;
- apoio a realização de eventos acadêmicos;
- visita técnica ou cultural, incluindo acompanhamento de obras;

- viagem de estudos (desde que extracurricular);
- disciplinas optativas excedentes ou cursadas em outras instituições de ensino superior;
- participação em cursos de curta duração de formação complementar;
- participação em eventos de defesa de trabalho de conclusão de curso, dissertação de mestrado ou tese de doutorado;
- mesário em processo eleitoral brasileiro.

As atividades complementares são previstas no projeto pedagógico do CAU UNILA e incentivadas por meio da atribuição de créditos à carga horária cumprida pelo estudante nas suas realizações. A carga horária mínima exigida do discente de arquitetura e urbanismo da UNILA é de 75 horas (5 créditos), regulamentadas e calculadas conforme tabela de equivalência abaixo, a serem cumpridas ao longo do curso, inclusive durante as férias, desde que respeitados os procedimentos estabelecidos em regulamento próprio de validação.

Atividades	Máximo de Créditos	Créditos
Monitoria	2	01 crédito a cada 60 horas
Participação em projetos de extensão	2	01 crédito a cada 60 horas
Participação em projetos de pesquisa	2	01 crédito a cada 60 horas
Publicação de artigos acadêmicos	3	03 créditos a cada trabalho publicado
Estágio não-obrigatório	2	01 crédito a cada 60 horas
Atividades profissionais extracurriculares	2	01 crédito a cada 60 horas
Integrar associações, conselhos, entidades estudantis, comissões, sindicatos	2	01 crédito a cada ano
Representação estudantil junto aos órgãos da UNILA	2	01 crédito a cada ano
Participação em eventos	2	01 crédito a cada 60 horas de participação como ouvinte
Apresentação de trabalhos em concursos ou exposições	2	01 crédito a cada participação com a apresentação de trabalho
Apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos	2	02 créditos a cada trabalho apresentado
Apoio à realização de eventos	2	01 crédito a cada 20 horas trabalhadas

Integrar Comissão Organizadora de eventos	2	01 crédito por evento
Participação em cursos de curta duração de formação complementar	2	01 crédito a cada 16 horas
Visita técnica ou cultural	2	0,2 créditos a cada visita
Viagem de estudos	2	0,5 créditos a cada viagem não curricular
Disciplinas optativas excedentes e disciplinas livres ou cursadas em outras instituições de ensino superior	3	01 crédito a cada 15 horas
Participação em defesa de TCC, de dissertação de mestrado ou tese de doutorado ou equivalente	2	0,2 créditos a cada defesa
Mesário em processo eleitoral brasileiro	2	1 crédito a cada 20 horas

As atividades complementares do CAU UNILA são regulamentadas nos termos das disposições das diretrizes curriculares para os Cursos de Arquitetura e Urbanismo estabelecidas pelo MEC através da Resolução CNE nº 2, de 17 de junho de 2010. Do mesmo modo, são observadas as condições estabelecidas nos regulamentos da UNILA sobre atividades complementares. Os procedimentos para validação dos créditos atendem regulamento próprio do CAU UNILA.

## 12\_ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO

O estágio obrigatório do CAU UNILA, em conformidade com a lei 11.788/08, é caracterizado como um conjunto de atividades de aprendizagem profissional e cultural proporcionadas ao e à estudante pela participação em situações reais da vida, do ambiente de trabalho e de seu meio. Trata-se de uma ação curricular obrigatória determinante na formação profissional e da cidadania do e da estudante universitário e universitária, realizada sob a orientação de um professor ou professora do CAU UNILA. Igualmente, no local de realização do estágio do aluno e da aluna do CAU UNILA deve existir profissional que esteja apto ou apta a orientar atividades vinculadas à área de arquitetura e urbanismo designado para supervisão da atividade.

Com o intuito de um melhor aproveitamento da oportunidade de estágio, entende-se que o estágio, em qualquer modalidade, não deva ser realizado antes que o aluno ou aluna tenha cursado no mínimo **30% dos créditos do curso**. Isto é, o ou a discente deve ter cursado as seguintes disciplinas obrigatórias: Fundamentos da América Latina I, II e III; Espanhol / Português Adicional Básico e Intermediário I; Introdução ao pensamento científico; Ética e ciência; Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina; Arquitetura I, II e III; Meios de expressão e Representação; Poéticas visuais; Práticas participativas em Arquitetura e Urbanismo; Desenho projetivo I e II; Poéticas visuais na América Latina; Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I; Urbanismo I; Comunicação visual aplicada à Arquitetura e Urbanismo; e Canteiro Experimental I - Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Vernaculares.

Por igual motivo, inclusive, na matriz curricular o Estágio Obrigatório integra as atividades acadêmicas do penúltimo semestre letivo (9o semestre). Os principais objetivos do estágio obrigatório são:

- proporcionar aprendizado comprometido com a realidade socioeconômica e política do país;

- aprimorar as competências dos acadêmicos e acadêmicas no que se refere à análise e à reflexão crítica do campo de atuação do profissional em arquitetura e urbanismo, visando ao aperfeiçoamento do processo de formação profissional;
- promover a integração do curso com os mais variados segmentos do campo profissional que abrangem as atividades do arquiteto e urbanista.
- integrar teoria à prática, por meio da vivência de experiências do mundo do trabalho.

Tendo como um dos principais objetivos uma aproximação e vivência do e da estudante com o seu futuro campo de atuação profissional, o estágio obrigatório deve sempre ser realizado em área compatível com o curso de Arquitetura e Urbanismo, não tendo validade acadêmica ou curricular o exercício de qualquer outra atividade não relacionada a esta área de formação. O estágio obrigatório pode ser realizado em empresas e órgãos públicos, empresas privadas, escritórios, organizações do terceiro setor; laboratórios; escritórios modelos, ou no âmbito de projetos ou disciplinas de extensão. Com vistas a consolidar o perfil do egresso e da egressa do CAU UNILA são incentivados estágios em órgãos públicos ou empresas/escritórios vocacionadas para a habitação e para o desenvolvimento de planos e projetos de interesse públicos ou coletivos.

O estágio obrigatório deve necessariamente contar com docente orientador ou orientadora diretamente relacionado ao aluno ou aluna e um ou uma profissional da área como supervisor ou supervisora do estagiário ou estagiária para acompanhamento do desenvolvimento de suas atividades no local de trabalho.

Para a avaliação do estágio o aluno ou a aluna deve submeter um relatório final ao docente orientador ou orientadora e ao seu supervisor ou supervisora de estágio. É parte integrante do relatório final os apontamentos do supervisor ou supervisora do estagiário concernentes à assiduidade, pontualidade, disciplina, responsabilidade, conhecimento técnico-científico e compreensão da função social de sua atividade. No CAU UNILA o estágio tem duas modalidades, obrigatório e não obrigatório. No caso do estágio obrigatório, vale mencionar que a sua carga horária de desenvolvimento é 10 créditos que devem ser devidamente registrados no histórico escolar dos e das discentes, por meio de componente curricular correspondente.



Ambas as modalidades de estágio e os detalhes concernentes aos procedimentos e critérios de avaliação têm as suas diretrizes estabelecidas em regulamento próprio do CAU UNILA.

### 13\_REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é considerado requisito para a obtenção do grau e diploma no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UNILA. Regulamentado por este capítulo, o TCC deve estar centrado em uma ou mais áreas de formação profissional como atividade de síntese e integração de conhecimento, bem como de consolidação das técnicas de pesquisa, desenvolvimento projetual, argumentação crítica e representação.

O TCC visa a promover, por parte do aluno ou aluna, a síntese dos conteúdos de fundamentos e de conhecimento profissional da arquitetura, do urbanismo e da paisagem, sendo realizado em duas etapas, nos 9º e 10º semestres do curso. Os créditos de TCC totalizam 10, sendo 5 Créditos para TCC I e 5 Créditos para TCC II e dizem respeito exclusivamente ao atendimento individual entre aluno ou aluna e orientador ou orientadora, visando a um desenvolvimento profundo do tema de trabalho proposto. O TCC tem uma disciplina de fundamentação que ocorre no 8º período do curso, denominada **Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, com 2 créditos, tendo como pré-requisitos as disciplinas de Fundamentos da América Latina I, II e III; Espanhol/Português Adicional Básico; Espanhol/Português Adicional Intermediário I; Introdução ao Pensamento Científico; Ética e Ciência; Arquitetura VII; Urbanismo IV; e Paisagem II. Para se matricular em TCC-I, a ou o estudante precisa (a) ter um índice de integralização mínimo de 75%, isto é, deve ter sido aprovado/aprovada em Arquiteturas Latino Americanas; Patrimônio e Políticas de Memória; Canteiro Experimental V – Técnicas Retrospectivas; Arquitetura VIII; Planejamento Territorial e Regional; Paisagem III; Fundamentos de América Latina III; Português / Espanhol Adicional I; Políticas Públicas de Habitação; Urbanismo IV; Desenho Projetivo II; Poéticas Visuais na América Latina; Introdução aos Sistemas Estruturais; Concepção e Noção Dimensional de Estruturas; Instalações Prediais e Hidrossanitárias; e Instalações Prediais Elétricas; (b) estar no quinto ano do CAU UNILA e (c) ter realizado o componente Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e

Urbanismo. O TCC II tem como pré-requisito, para matrícula, a aprovação em TCC I e ter no máximo 6 créditos de disciplinas, optativas e obrigatórias, para cursar em simultâneo. Cabe ao professor orientador ou professora orientadora, antes de assinar o termo de orientação, fazer a conferência do histórico do aluno para verificar se os pré-requisitos de TCC I e II estão sendo atendidos.

O TCC do CAU UNILA é um trabalho individual, podendo ser realizado na modalidade teórica ou teórico-prática, neste caso, consistindo na elaboração/desenvolvimento projetual, envolvendo pesquisa teórica ou aplicada desenvolvida pelo aluno sob a orientação e coorientação de um ou uma professor ou professora vinculado ao curso, com formação em arquitetura e urbanismo, que deve ser apresentado em forma de monografia (quando teórico), ou memorial/relatório e de projeto (quando teórico-prático), devidamente acompanhado do material gráfico necessário para a completa compreensão da proposta, cujo conteúdo mínimo atende a regulamento complementar do TCC.

Sendo uma atividade acadêmica obrigatória determinada pelas diretrizes curriculares nacionais do MEC, o TCC deve refletir:

- a consolidação dos conhecimentos construídos durante o curso de graduação;
- a formação fundamental, técnica e sócio-política;
- capacidade de experimentar e aplicar diferentes recursos teórico-metodológicos,
- contribuindo para o aperfeiçoamento da prática de pesquisa ou criação;
- o aprimoramento da capacidade de análise, interpretação, reflexão crítica,
- sistematização do pensamento, e criação;
- a capacidade de síntese projetual em arquitetura e urbanismo.

O TCC envolve as seguintes etapas, desenvolvidas no transcurso de dois semestres: (1) elaboração e aprovação da proposta (TCC I), teórica ou teórico-prática, por banca específica; (2) execução da proposta e desenvolvimento do projeto arquitetônico, urbanístico ou da paisagem, quando teórico-prática, ou desenvolvimento da pesquisa, quando teórica (TCC II); e (3) aprovação do trabalho final por banca específica. No

caso de trabalhos teórico-práticos o resultado a ser avaliado pela Banca deve ser composto por obrigatoriamente memorial/relatório (cujo conteúdo mínimo deve obedecer ao constante em regulamento próprio) e material gráfico e/ou audiovisual, suficientes para a compreensão do projeto. No caso de trabalhos teóricos, o resultado deve ser uma monografia.

Um dos principais objetivos do TCC é avaliar as condições de qualificação do ou da discente para o acesso ao exercício profissional como arquiteto ou arquiteta e urbanista com o perfil expresso neste PPC, motivo pelo qual a orientação principal deve necessariamente ser feita por um ou uma docente do curso. Tanto o TCC I quanto o TCC II são avaliados por meio de uma banca examinadora. Na primeira etapa a banca é composta por dois membros da UNILA e, na segunda etapa, por três membros/as, incluindo sempre o professor orientador ou a professora orientadora, um ou uma docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA e um convidado ou convidada externo ao curso, podendo ser docente ou profissional com titulação mínima de graduação e experiência na área. Cabe ao professor orientador ou orientadora a organização das bancas. A nota final de cada banca corresponde à média aritmética simples das notas dadas pelos avaliadores ou avaliadoras.

No desenvolvimento do TCC devem ser considerados os conhecimentos adquiridos em diversos eixos de instrumentação estruturantes do CAU UNILA. As propostas devem se constituir em uma síntese dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, justificadas pela compreensão da função social do arquiteto ou arquiteta e urbanista, tomando em conta a vocação da UNILA de integração solidária da América Latina. Como critério de avaliação, os membros e membras das bancas devem levar em conta esta síntese de conhecimentos, a qualidade técnica e científica do trabalho e o envolvimento do ou da discente. Todo TCC deve, obrigatoriamente, ser depositado no Repositório da BIUNILA. Os procedimentos e outros detalhes concernentes estão no **Regulamento Complementar do TCC**, publicado na página do Curso.

## **14\_APOIO AO DISCENTE**

As políticas institucionais de apoio ao e à discente contam com ações de acolhimento, assistência e permanência estudantil, apoio pedagógico, acessibilidade metodológica e instrumental, monitoria, nivelamento, intermediação e acompanhamento de estágios não-obrigatórios remunerados, apoio psicopedagógico, participação em centros acadêmicos ou intercâmbios nacionais e internacionais e outras ações.

Destacam-se os programas desenvolvidos pelo Departamento de Apoio Acadêmico ao Aluno (DAAA/PROGRAD), tais como Programa de Monitoria Acadêmica (PROMA), Programa de Apoio à Participação Discente em Eventos Científicos, Artísticos-Culturais e de Extensão (PAPADE); Programa de Apoio Financeiro a estudantes para realização de pesquisa de campo, visita técnica e viagem de estudos para a realização do trabalho de conclusão de curso de graduação presencial da UNILA (PADTCC); Programa de Apoio a Vivência dos Componentes Curriculares (PVCC); Monitoria de Ensino, na modalidade de promoção da permanência dos e das estudantes indígenas e estudantes refugiados, refugiadas, portadores e portadoras de visto humanitário. A assistência e permanência estudantil conta com as ações promovidas pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e pela Divisão de Apoio à Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência (DAAIPcD).

## **15\_GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO**

A gestão acadêmica do CAU UNILA ocorre via colegiado, composto pelas três categorias da comunidade acadêmica, docentes, discentes e técnicos ou técnicas administrativas em educação, sendo presidido pela coordenação do curso. O colegiado de curso possui um regimento próprio. Todos os e as docentes podem participar do colegiado, cuja renovação da presidência – a coordenação de curso – se acontece por via eleitoral, a cada dois anos.

Auxiliam a coordenação de curso o coordenador ou coordenadora de estágio, do LaMAU e do LaPPRAU. Por sua vez, o trabalho de zelar pelo PPC do curso é feito pelo Núcleo Docente Estruturante – NDE, composto por sete membros ou membras com regimento próprio. A gestão do curso tem acompanhado a trajetória dos e das discentes de forma a melhorar os indicadores de evasão e retenção, debatendo estes e outros problemas nas reuniões do colegiado. Também tem criado meios para favorecer a capacitação e qualificação docente do curso, contribuindo para os afastamentos docentes, especialmente para a realização de doutorado, pós-doutorado ou licença capacitação. A representatividade nos colegiados superiores é sempre buscada com a participação do corpo docente nas disputas pelos cargos de gestão, no âmbito do CITAD, do ILATIT e de demais colegiados superiores.

## **16\_INFRAESTRUTURA**

### **16.1 Ateliês exclusivos**

Os Ateliês constituem-se de salas acessíveis com pranchetas ou mesas grandes e bancadas para permitir a boa realização dos exercícios e processos projetivos que implicam a constante elaboração e reelaboração não apenas de desenhos, mas maquetes, modelos, colagens, experimentações em escala e outros métodos de concepção espacial. Estão atualmente em uso pelo CAU UNILA, no Edifício Barrageiros/PTI, cinco Ateliês com capacidade para 30 alunos cada, com a proporção de 15 alunos ou alunas por professor ou professora, em atendimento às recomendações do MEC. Cada Ateliê é de uso exclusivo de cada turma por um semestre letivo completo, conforme as orientações e recomendações do MEC para a área, transcritas abaixo:

Existem matérias do Currículo que não devem ter seus conteúdos ministrados sem que se propiciem práticas experimentais aos estudantes. Esta necessidade está estreitamente relacionada com as próprias habilidades que devem ser desenvolvidas no curso. Os cursos de Arquitetura e Urbanismo, embora possam genericamente compartilhar certos espaços com outros cursos, necessitam de espaços qualificados, de uso exclusivo, a fim de que os estudantes possam desenvolver seus trabalhos de concepção, sem a interferência de atividades adversas ao curso. Dentre estes espaços está o Ateliê (Sala) de Projetos, que não pode ser aceito como resumindo-se a uma sala com pranchetas de desenho, mas que deve ser um espaço de domínio do estudante, onde os temas em andamento possam ser objeto de exposição, de apresentação e de discussão de casos. Um espaço que proporcione estas condições não pode ser compartilhado por outros cursos. (MEC, 1995: 07, negrito no original)

### **16.2 Salas de aula**

As salas de aula utilizadas pelo CAU UNILA ficam no Edifício Barrageiros/Itaipu Parquetec e são divididas entre aquelas destinadas às atividades teóricas e aquelas destinadas a desenho técnico, que não devem ser confundidas com os Ateliês. Importa registrar que parte das salas de aula de atividades teóricas do curso, se



distingue dos demais cursos da UNILA, na medida em que são necessárias cadeiras e mesas ao invés das usuais carteiras (cadeira com braço acoplado). Tal medida decorre da necessidade de anotar informações por meio de desenho, diagramas e outros meios de representação comuns ao registro de dados em arquitetura e urbanismo. No total das salas teóricas localizadas no Edifício dos Barrageiros/Itaipu Parquetec, duas salas com carteiras e duas com mesas e cadeiras, com capacidade para 48 discentes cada. Com relação às salas de desenho técnico, são utilizadas 2 salas de desenho com 30 pranchetas inclinadas cada, no mesmo edifício.

### **16.3 Biblioteca**

A biblioteca conta com três unidades: a Biblioteca Central (BIUNILA Central), localizada no Itaipu Parquetec, a Biblioteca no Campus Jardim Universitário (BIUNILA JU) e a Biblioteca no Campus Integração (BIUNILA CI), todas na cidade de Foz do Iguaçu. O acervo de livros do CAU UNILA está localizado na Biblioteca Central, que possui acessibilidade universal e conta com diversos exemplares, correspondentes às referências básicas e complementares dos componentes curriculares deste PPC, somados a outras aquisições realizadas por projetos de pesquisa, eventos, doações e outros.

### **16.4 Laboratórios próprios do CAU-UNILA**

#### **16.4.1\_LaMAU Laboratório Modelo em Arquitetura e Urbanismo**

Consiste num espaço adequado para a prestação de serviços técnicos à comunidade, incluindo os equipamentos necessários para a completa realização dos trabalhos. Este laboratório é parte estruturante do CAU UNILA e insere-se em programa extensionista da universidade e deverá ser de fácil acesso pela população. Está instalado no Edifício Almada, com capacidade 11 pessoas e área de 21,79m<sup>2</sup>. Dispõe de microcomputadores distribuídos em 4 estações de trabalho e uma mesa de reuniões para 5 pessoas, com equipamento de projeção com tela.

#### 16.4.2\_ LaPPRAU Laboratório de Práticas Formativas e Participativas em Arquitetura e Urbanismo

Consiste num espaço adequado para o desenvolvimento de atividades de formação e treinamento voltados para a comunidade, incluindo os equipamentos necessários para a realização dos trabalhos. O LaPPRAU é o laboratório voltado para as ofertas de formação livres na área da arquitetura e do urbanismo. Este laboratório é parte estruturante do CAU UNILA e insere-se em programa extensionista da universidade. Está sediado junto à sala onde está o LaMAU, no edifício Almada, onde são desempenhadas as atividades administrativas, e utiliza as salas de aula teóricas mencionadas no item 16.2 para atividades formativas.

O objetivo do LaPPRAU é coordenar a oferta de cursos nas áreas de domínio da arquitetura e urbanismo e a elaboração de material paradidático do tipo cartilha, desdobrável e similares que tenham o objetivo de facilitar a educação popular e a apropriação, pela população, de seus direitos relacionados ao território, à cidade, à moradia e outros temas relevantes concernentes à arquitetura e urbanismo. Ainda, o LaPPRAU se constitui como um espaço importante para preparar os futuros e futuras profissionais para as demandas cada vez mais presentes na atuação profissional em arquitetura e urbanismo, sobretudo com aprofundamento da democracia participativa. Em outras palavras, o Laboratório é o espaço para instrumentalizar o alunado para o preparo de material pedagógico sobre os instrumentos urbanísticos, coordenar de audiências públicas com metodologia e linguagem de fáceis apreensão pelo público não especializado e assim por diante.

Assim como o LaMAU, o LaPPRAU funciona como captador de demandas de extensão, por meio de programas e projetos de extensão, sob a supervisão de seu coordenador ou coordenadora, que deve articular as demandas da sociedade com as disciplinas extensionistas, a cada semestre, e, sobretudo, manter o diálogo constante com poder público – prefeituras e entidades de classe, como o CAUBR e o Sindicato dos Arquitetos do Paraná.

Apesar da institucionalização do LaPPRAU não estar completa, muitas ações extensionistas realizadas pelas e pelos docentes do curso são atividades de formação, voltadas para o público em geral ou escolas, com temas variados, desde tecnologia construtiva, como solo-cimento ou casas de garrafa pet a direitos humanos, questões raciais e gênero.

#### 16.4.3\_Canteiro Experimental

Consiste num espaço ao ar livre adequado às experimentações em tecnologia da construção inerentes ao ofício do arquiteto e urbanista. Atualmente conta com um contêiner para armazenamento de ferramentas e materiais e uma área aberta descoberta de 100 m<sup>2</sup>, localizados junto ao Edifício de Laboratórios do Setor Sul – LATEC do PTI. Compartilha parte das salas deste último, como o Laboratório de Caracterização, Sala de Dosagem, a Câmara Úmida e o Laboratório de Mecânica de Solos, de modo a possibilitar a realização de aulas e experimentações simultâneas. Tem cinco semestres de disciplinas específicas realizadas no laboratório (Canteiro Experimental de I a V) e está disponível para atender a diversas disciplinas, em especial os Ateliês de projeto.

#### 16.4.4\_Oficina de Maquete e Prototipagem Digital

Consiste num espaço adequado e bem ventilado para a elaboração de maquetes e protótipos como atividade de apoio-didático às disciplinas. Atende a diversas disciplinas, em especial os ateliers integrados.

#### 16.4.5\_Laboratório de Tecnologias, Conforto Térmico, Acústico e Iluminação

Sala projetada para a análise de variáveis ambientais e seus efeitos sobre edificações e o meio urbano. Permite o estudo dos principais processos físicos que influenciam o conforto térmico, lumínico e acústico, com o uso de recursos didáticos e instrumentos específicos. Deve contar com ambientes adequados que viabilizem aulas e experimentações simultâneas, atendendo às atividades de ensino, pesquisa e

extensão. O laboratório apoia diversas disciplinas do curso, com destaque para os Ateliês Integrados e a disciplina de Conforto Ambiental.

## **16.5 Laboratórios Compartilhados com o CAU-UNILA**

### **16.5.1\_ Laboratório Geoprocessamento [compartilhado com geografia]**

Consiste num espaço devidamente equipado, localizado no PTI (espaço Barrageiros) que permite a análise de variáveis ambientais e sua ação sobre as edificações e a cidade. Atende a diversas disciplinas, em especial os Ateliês de projeto e as disciplinas de cartografia e geoprocessamento.

### **16.5.2\_ Laboratório de Geomática e Topografia [compartilhado com geografia]**

Consiste num espaço devidamente equipado, localizado no PTI (Bloco 07, Espaço 01, Sala 02), destinado a realizar atividades didáticas vinculadas a levantamentos topográficos. Atende a diversas disciplinas, em especial os Ateliês de projeto e as disciplinas de topografia. Conta com um servidor técnico especializado na área. Sua infraestrutura conta com ambiente climatizado de 67,90 m<sup>2</sup>, equipado com bancadas em granito e armários mdf, banquetas, pias. Conta com os seguintes equipamentos: níveis de precisão; estações totais de topografia; antenas GPS, balizas topográficas; prismas com bastão (Prisma); guarda-sóis; trenas digitais; Estação total robótica de controle e imageamento, entre outros. Capacidade máxima indicada: 25 usuários.

### **16.5.3\_ Informática Aplicada [compartilhado com engenharias]**

O Laboratório de Informática Aplicada está localizado no PTI (bloco 09, espaço 4) e consiste em sala equipada com computadores e programas específicos para arquitetura e urbanismo, observando a proporção de dois alunos por máquina por turma. Além das aulas em laboratório, tem disponibilidade horária para uso livre dos alunos. Atende a diversas disciplinas, em especial os Ateliês de projeto e as disciplinas de desenho projetivo e comunicação visual aplicada à arquitetura e urbanismo.

#### **16.5.4\_ Laboratório Multidisciplinar de Tecnologia [compartilhado com engenharias]**

Espaço adequado para experimentações em materiais e estruturas. Atende a diversas disciplinas, em especial os Ateliês integrados e a disciplina sistemas estruturais I e II. Funciona no PTI (Bloco 07, Espaço 01, Sala 04), com equipamentos e materiais para experimentações em sistema de treinamento em mecânica dos materiais e ensaio de estruturas, solos, hidráulica, termodinâmica, eletrônica e eletrotécnica. A sala consiste num ambiente climatizado com 109,13 m<sup>2</sup>, com bancadas para realizações de projetos e experimentos, quadro branco para aulas teóricas, EPI's, projetor. Capacidade máxima indicada: 20 usuários.

#### **16.5.5\_ Laboratório de Equipamentos Audiovisuais [compartilhado com cinema]**

Espaço adequado e equipado para o manuseio e realização audiovisual que propiciem o subsídio necessário às atividades de pesquisa, extensão, ensino e ensaio no campo da iconografia da arquitetura e urbanismo. Localizado no Jardim Universitário, o ambiente conta com ambiente de 85,41 m<sup>2</sup>, e com equipamentos como Câmeras, Filmadoras, Gravadores de Som, Mesa de Som, Microfones, Kit de Iluminação, Rebatedores, Lentes para câmeras, etc. Atende a diversas disciplinas, em especial os Ateliês de projeto e as disciplinas de expressão e comunicação em mídias digitais e comunicação visual aplicada à arquitetura e urbanismo.

## **17\_POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**

De acordo com a Resolução 016/2014, é considerada meta prioritária da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) a capacitação do seu pessoal no âmbito de uma Política Institucional que enfatize a qualificação e a atualização sistemática dos recursos humanos da Universidade para o exercício pleno e eficiente de suas atividades.

A política de afastamentos para capacitação da UNILA será estabelecida nos seguintes níveis: (i) Atividades de curta duração: congresso, seminário, missão, eventos e outras atividades compatíveis com suas funções; (ii) Cursos de Capacitação; (iii) Cursos de pós-graduação stricto sensu: mestrado e doutorado; e (iv) Estágio pós-doutoral.

Com relação a qualificação dos servidores Técnico-Administrativos em Educação da UNILA, a Resolução 016/2014 estabelece que a Área de Desenvolvimento de Pessoal da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas é o órgão cuja função é planejar, fomentar, acompanhar e avaliar a política de capacitação dos servidores da UNILA, em conjunto com todas as áreas da instituição e, quando couber, com o Comitê de Desenvolvimento de Pessoal (CDP).

Com relação especificamente ao corpo docente, a Resolução nº 35/2021 estabelece que a política de capacitação e qualificação para docentes da UNILA será conduzida pela Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE), que assumirá as funções de planejar, fomentar, acompanhar e avaliar a política de capacitação e qualificação de docentes da UNILA e elaborar a Política Institucional de Desenvolvimento Profissional (PIDP), com assessoria da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) e ouvidas, quando necessário, as demais Pró-reitorias e direções dos Institutos.

## 18\_CORPO SOCIAL

### 18.1. Docentes

O corpo docente efetivo do curso é composto por 16 docentes. Embora a demanda seja por mais docentes, a promulgação da Emenda Constitucional 95, em 2016, e os cortes contínuos na Educação Superior, têm impedido que o curso seja implantado em sua plenitude. De qualquer maneira, o quadro atual atende todas as subáreas do curso. Além disso, cerca de 70% do quadro docente efetivo é composto por doutores e doutoras.

#### CAU UNILA: Corpo Docente – Titulação e Regime Laboral

N	Docente	Titulação	Área	Instituição	Ano	Formação	Regime Laboral
1	Andréia Moassab	Doutorado	Comunicação e Semiótica	PUCSP	2008	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
2	Cecilia Angileli	Pós-Doutorado	Arquitetura e Urbanismo	USP	2012	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
3	Céline Veríssimo	Pós-Doutorado	Urbanismo	UC (Portugal)	2012	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
4	Egon Vettorazzi	Doutorado	Arquitetura	UFRGS	2019	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
5	Fabiana Amaral	Doutorado	Ciências da Comunicação	USP	2011	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
6	Gabriel Cunha	Doutorado	Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo	IAU/USP	2014	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
7	Hel Graf	Mestrado	Construção Civil	UFPR	2011	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
8	Juliana Frigo	Mestrado	Energia na Agricultura	UNIOESTE	2014	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
9	Juliana Rammé	Doutorado	Arquitetura, Tecnologia e Cidade	UNICAMP	2020	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
10	Karine Queiroz	Doutorado	Poscolonialismos e cidadania global	UC (Portugal)	2011	Desenho Industrial	40 h DE
11	Lúcio Freitas	Mestrado	Engenharia Civil	UFMS	2012	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
12	Marcos Britto	Doutorado	Arquitetura e Urbanismo	UFBA	2025	Arquitetura e Urbanismo	40h DE
13	Marcos Vitorino	Mestrado	Arquitetura e Urbanismo	UFF	2011	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE



14	Patricia Zandonade	Pós-Doutorado	Energia	UFABC	2012	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
15	Selma Cardoso	Pós-Doutorado	Arquitetura	UPC (Espanha)	2003	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE
16	Tiago Bastos	Mestrado	Arquitetura e Urbanismo	UFF	2013	Arquitetura e Urbanismo	40 h DE

O corpo docente efetivo do curso tem ampla experiência internacional e em diversas regiões do Brasil, como é o caso do interior da Paraíba, Piauí, Bahia, Amazônia e estados do Sul e Sudeste. Algumas docentes residiram e trabalharam em outros países, como Japão, Malásia, Portugal e Cabo Verde, constituindo um repertório amplo e diversificado no desenvolvimento de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

### 18.2 Técnicos administrativos em Educação

Os servidores técnicos e servidoras técnicas que dão suporte ao curso, fazem parte da Secretaria Acadêmica do Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (SAILATIT), conforme quadro abaixo.

Nº	Nome completo	Titulação	Nível	Cargo / função	Local de atuação
1	Andrea de Chermont Teixeira	Especialização	D	Assistente em Administração	SAILATIT
2	Leandro Bispo Veras	Especialização	E	Técnico em Assuntos Educacionais	SAILATIT
3	Márcia Medeiros	Graduação	D	Assistente em Administração	SAILATIT
4	Rafael Medeiros de Lemos	Especialização	D	Assistente em Administração	SAILATIT
5	Tabata Adrieli Moser Ferreira	Especialização	D	Assistente em Administração	SAILATIT
6	Viviane Gevezier da Costa	Mestrado	E	Técnico em Assuntos Educacionais	SAILATIT

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este projeto político-pedagógico de curso busca atender a demandas locais, regionais, nacionais e internacionais por pessoas habilitadas a melhorar o espaço construído e habitado e a vida das pessoas, no continente latino-americano, sob uma perspectiva dos direitos humanos e de uma práxis ética, fomentando e valorizando a atuação profissional voltada para a administração pública e para o atendimento de demandas sociais no escopo da arquitetura e do urbanismo, além, evidente, a da prática usual em escritório privado e empresas da construção civil.

De igual modo relevante, é fornecer ao egresso e à egressa, as ferramentas críticas para aqueles e aquelas que desejam seguir nos estudos pós-graduados, colaborando, assim, para o avanço da produção científica na área. Neste ponto, merece ênfase os projetos de iniciação científica, muitos dos quais – mas não apenas -, vinculados a quatro grupos de pesquisa coordenados por docentes do curso: **MALOCA – Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul; Patrimônio: Tradição e Modernidade; TIPPA – Territórios Interioranos, Paisagem e Povos na América Latina; e GEPLAN - Grupo de pesquisa Planejamento, Ordenamento e Gestão Territorial e Ambiental**, todos registrados no diretório de pesquisa do CNPq desde 2013, 2019, 2020 e 2019, respectivamente. Ainda, numa estreita relação com os programas de pós-graduação da UNILA, que podem receber os e as egressas em continuidade à graduação, têm em seu corpo docente permanente e colaborador, professores e professoras do CAU UNILA.

Isto significa uma constante atualização da pesquisa, a alimentar os debates em sala de aula da graduação. Ao mesmo tempo, o forte caráter extensionista do curso produz conhecimento oriundo da relação universidade-sociedade, de fundamental importância para formar um egresso e egressa preparados e preparadas para bem atender as diversas demandas sociais em distintos contextos, sobretudo aqueles de

carência econômica e material. Outro ponto relevante, é a dedicação exclusiva da totalidade do corpo docente do CAU UNILA, o que possibilita uma melhor convergência entre a pesquisa e a extensão com o ensino e um maior acompanhamento da trajetória acadêmica de cada estudante.

Finalmente, a relação do corpo docente com a comunidade externa à universidade é permanente, garantindo uma adesão do curso a debates importantes na cidade e na defesa dos direitos humanos da população local e dos direitos da natureza na região. O CAU UNILA fecha o ciclo e cumpre, assim, o seu papel social enquanto curso de arquitetura e urbanismo numa universidade pública, voltada para a integração solidária da América Latina.

## REFERÊNCIAS

- ABEA. **Cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. Atualizado março 2013. Online. Disponível em: <http://www.abea-arq.org.br>. Acesso em 03/05/2013.
- ABEA. **Sobre a história do ensino de arquitetura no Brasil**. São Paulo: ABEA, 1977.
- ANDES. **Proposta do Andes-SN para a Universidade Brasileira**, n.2, 4ª edição revista e atualizada. Brasília: ANDES, 2013.
- ARANTES, Pedro. **Arquitetura na era digital-financeira**. São Paulo: 34, 2012.
- ARRUDA, Ângelo. **Brasileiros têm direito à assistência técnica na moradia**. Publicado: 24.06.2009. Disponível <http://www.fna.org.br/2009/06/24/brasileiros-tem-direito-a-assistencia-tecnica-na-moradia/>. Acesso 14/03/13.
- ASSUMPÇÃO, Thais et al. **Um brinde à extensão universitária**. Revista Práticas em Gestão Pública Universitária, ano 4, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2020. pp. 99-123.
- BASTOS, Tiago. **Autogestão e a luta pela desmercantilização da mercadoria**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.
- BENEVOLO, Leonardo (1989). **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva.
- BOMENY, Helena. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. Disponível <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>. Acesso 16.03.22.
- BRASIL. **Brasil 2022**. Brasília: Presidência da República, 2010.
- BRASIL. País ganha quatro novas universidades federais. **Portal Brasil**. Brasília: Portal Brasil, 2013. Disponível em <http://www.brasil.gov.br>. Acesso 10/07/13.
- CARPENTIERI, Y. **Ciudades grandes, medianas y pequeñas de América Latina**. Disponível [www.educ.ar](http://www.educ.ar). Acesso 31/07/12.
- CARRION, Raul. **Coluna Prestes 90 anos 1924-2014**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2014.
- CARTA MAIOR. Brasil Adere à Carta Mundial das Cidades. **Carta Maior**, 29/01/05. Disponível em [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br). Acesso 10/07/13.
- CAUBR. **56ª Plenária: CAU destinará recursos para assistência técnica de habitação social**. Publicado 01/08/2016. Disponível <https://www.caubr.gov.br/56a-plenaria-cau-destinara-recursos-para-projetos-e-obras-de-assistencia-tecnica/>. Acesso 14/03/22.
- CAUBR. **Resolução nº 52, de 6 de setembro de 2013**. Aprova o Código de Ética e Disciplina do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Brasília: CAUBR, 2013.
- CHIESA, Paulo. **Perfil CAU UNILA | Foz Do Iguaçu-Pr**. Curitiba/Foz do Iguaçu: UFPR/UNILA, 2012. Relatório Interno. Não Publicado.
- CORDEIRO, Caio. **A Reforma Lúcio Costa e o ensino da arquitetura e do urbanismo**. Campo Grande: UFMS, 2015. TD
- CUNHA, Egláisa et al. **Experiências em habitação de interesse social no Brasil**. Brasília: Ministério das Cidades, 2007.
- CUSTÓDIO, Luiz Antonio. Disciplinas de Técnicas Retrospectivas. **Anais XV Encontro Nacional sobre o Ensino de Arquitetura e Urbanismo**. Campo Grande: ABEA, 1998. p 255-258

- DOBRY-PROSANTO, Sylvia. **Para quem e com quem? Ensino de arquitetura e urbanismo**. São Paulo: FAUUSP, 2008. TD.
- DORFMAN, Cesar. **Havana 63**. Porto Alegre: Movimento, 2013.
- DOS SANTOS, Myriam. "Integração e diferença entre campos disciplinares". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 67, p. 51-60, 2007.
- DROSTE, Magdalena (2006). **Bauhaus**. Colônia: Taschen.
- DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e eurocentrismo. LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 55-70.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación**. México: FCE, 2011.
- FATHY, Hassan. **Construindo com o Povo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FERRO, Sérgio. **Arquitetura e Trabalho Livre**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso 01/04/2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FSM. **Carta Mundial pelo Direito à Cidade**. Porto Alegre: V FSM. Disponível em [www.confex.org.br](http://www.confex.org.br). Acesso em 10/07/13.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2020**. Disponível <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=28674&t=resultados>. Acesso 25/06/2021.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- JALLAGEAS, Neide; LIMA, Celso. **VKHUTEMAS**. São Paulo: Kinorurss, 2020.
- KOOP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo, mas sim uma causa**. São Paulo: Nobel, 1990.
- LEHER, Roberto. **A universidade reformanda**. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 8, n. 16, agosto/dezembro de 2013. pp. 305-329.
- LODDI, Laila et al. **Extensão Universitária em Arquitetura e Urbanismo**. VII Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Ouro Preto, 2016.
- MARAGNO, Gogliardo. **Questões sobre a Qualificação e o Ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. XXXI ENSEA. São Paulo: ABEA, 2012.
- MARIANO, Mario. **Universidade e socialismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2022. TD.
- MARIATEGUI, José. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MEC. **Perfis da Área & Padrões de Qualidade: Expansão, Reconhecimento e Verificação Periódica dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo**. Brasília: MEC, 1995.
- MELLO, Bruno. **ATMI: gênese da lei de Assistência Técnica em Habitação Social**. Risco revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo iau-usp, v. 19, 2021. pp. 1-15.
- MENEGA, Elizete. Crise urbana na atualidade. **Encarte Clacso: Cadernos da América Latina**. Cochabamba: CLACSO, 2009.

MENON, Gustavo. **A Reforma de Córdoba, movimentos estudantis e seus impactos para o ensino superior na América Latina**. Revista História da Educação (Online), 2021, v. 25. pp. 1-27.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/projetos globais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOASSAB, Andréia; FONSECA, Ana. **Território, ambiente e identidade**. LANFRI, Nora; DOBRY, Silvia. 50 años del Taller Total. Córdoba: FADU/UNC, 2021. pp. 862-877.

MOASSAB, Andréia. **O curso de arquitetura e urbanismo da UNILA e a integração solidária de Nuestra America**. LANFRI, Nora; DOBRY, Silvia. 50 años del Taller Total. Córdoba: FADU/UNC, 2021. pp. 427-446.

MOASSAB, Andréia. **Por uma arquitetura decolonial. Anais do I Seminário Internacional A Dimensão Social da Formação Profissional**, v.1.nº 2. São Paulo, 2017. pp. 162-184.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

NAVOLAR, Jeferson. Por um ambiente melhor [entrevista]. **Geração Sustentável**, ano 7, ed 33. Curitiba: PSG editora, 2013. pp. 16-20.

OLIVEIRA, Antonio (Org.). **Reforma do Ensino superior e Extensão Universitária**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: [www.onu.org.br](http://www.onu.org.br). Acesso em 10/07/13.

PAULA, João. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Interfaces - Revista de Extensão, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

PEREIRA, Fúlvio. **Exporting Progress**. São Paulo: USP, 2017. TD.

PINHEIRO, Haroldo. **Presidente do CAU/BR abre rodada de palestras no Seminário Internacional**. Publicado em 10.12.12. Disponível <https://www.cau.br/gov.br/presidente-do-cau-br-abre-rodada-de-palestras-no-seminario-internacional/>. Acesso 14/03/13.

POMPEIA, Roberto. **Os Laboratórios de Habitação no ensino da arquitetura**. São Paulo: USP, 2006. TD.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. Abya Yala. **Enciclopédia Latino-Americana**. São Paulo: Boitempo, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

RONCONI, Reginaldo. **Inserção do Canteiro Experimental nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: USP, 2002. TD.

RONCONI, Reginaldo. **Inserção do Canteiro Experimental nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: USP, 2002. TD.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **La reforma universitaria**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

SANTOS, Boaventura. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.



SCHNEIDER, Élen. **Mulheres em greve e algumas condições para a construção da Política Institucional de Equidade de Gênero na UNILA**. Revista Universidade e Sociedade, ano XIX, n. 64, 2019. pp. 20-29.

SOUZA, Gabriella. **Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico na definição de diretrizes para campi universitários no Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 2016. DM.

UIA. **Other Architecture Durban 2014**. Disponível: [www.uia2014durban.org](http://www.uia2014durban.org). Acesso 30/10/13.

UIA/UNESCO. **Carta para a Formação dos Arquitetos**. Tóquio: UIA. 2011.

UNILA (s/d a). **Ementa do Curso de Arquitetura e Urbanismo**. Disponível: [www.unila.edu.br](http://www.unila.edu.br). Acesso 01/03/12.

UNILA (s/d b). **A Vocação da UNILA**. Disponível em [www.unila.edu.br](http://www.unila.edu.br). Acesso 15/04/13.

UNILA. **Política de Extensão Universitária da UNILA**. Foz do Iguaçu: UNILA, 2021. Disponível <https://atos.unila.edu.br/atos/resolucao-n-ordm-37-2021-consun-1318>. Acesso 18/08/2023.

UNILA. **Projeto Pedagógico Ciclo Comum de Estudos**. Foz do Iguaçu: UNILA, 2013.

UNILA. **Regulamento da Extensão Universitária da UNILA**. Foz do Iguaçu: UNILA, 2022. Disponível <https://atos.unila.edu.br/atos/resolucao-n-ordm-1-2022-cosuex-7609>. Acesso 19/08/2023.

UNILA (2014). **Resolução nº 016 de 27 de maio de 2014**. Disponível: <https://portal.unila.edu.br/progepe/areas-da-gestao-de-essoas/carreira/Resoluo0162014.pdf>.

UNILA (2021). **Resolução nº 35, de 16 de novembro de 2021**. Disponível: <https://portal.unila.edu.br/progepe/areas-da-gestao-de-pessoas/carreira/Resoluo352021.pdf>

VERAS, Dimas. **Projeto Rondon e Centro rural universitário de treinamento e ação comunitária**. XXIX Congresso Simpósio Nacional de História. Brasília, 2017. pp. 1-16.

VIEIRA-ROCHA, Eliane. Metodologia adotada para a construção do projeto universitário da UNILA. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, vol. II, n.5. 2011. Disponível em <http://ries.universia.net>. Acesso 05/09/12.

WHITAKER, João. Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. **Arquitextos Vitruvius**. Disponível [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br). Acesso 15/04/13.

SECAFE. **Secretaria de Ações Afirmativas e Equidade de gênero**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. 2024.

CALIL, M. **Currículos-discurso: o ensino de urbanismo nos cursos públicos de arquitetura e urbanismo fluminenses de 1962 a 2023**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2025. TD.



**PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM**

# **ARQUITETURA E URBANISMO**

**grau bacharelado**

## **ANEXO | EMENTÁRIO**

## \_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

07 disciplinas do núcleo de conhecimentos de fundamentação

00 disciplinas do núcleo de conhecimentos profissionais

30 créditos / 1º ao 3º semestre

### Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação

Nome da disciplina: FUNDAMENTOS DE AMÉRICA LATINA I			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Fundamentos de América Latina			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Estudar as principais questões vinculadas à integração da América Latina a partir de diferentes disciplinas e perspectivas a fim de que os alunos e alunas possam elaborar fundamentos críticos sobre a região, a serem utilizados durante seus cursos e vida profissional.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Estudar a disjuntiva entre os processos de integração e desintegração como componentes contraditórios da História da América Latina.</p>			
<p>Bibliografia Básica</p> <p>BETHEL, L. (org). <b>Historia de América Latina. Vols. 1-7.</b> São Paulo/Brasília: EDUSP/FUNAG, 2001.</p> <p>CASAS, A. <b>Pensamiento sobre integración y latinoamericanismo: orígenes y tendencias hasta 1930.</b> Bogotá: Ediciones Ántropos, 2007.</p> <p>ROUQUIE, A. <b>O Extremo-Occidente: introdução à América Latina.</b> São Paulo: EDUSP, 1991.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>CAPELATO, M. H. <b>Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e peronismo.</b> Campinas: Papirus, 1998.</p> <p>CARDOSO, F. H. e FALLETO, E. <b>Dependência e Desenvolvimento em América Latina: ensaio de uma interpretação sociológica.</b> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.</p> <p>DEVÉS VALDÉS, E. <b>Del Ariel de Rodó a la Cepal (1900-1950).</b> Buenos Aires: Biblos, 2000.</p> <p>FERNÁNDEZ RETAMAR, R. <b>Pensamiento de nuestra América: autorreflexiones y propuestas.</b> Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2006.</p> <p>ROUQUIE, A. <b>O Estado Militar na América Latina.</b> São Paulo: Alfa-Omega, 1984.</p>			

Nome da disciplina: <b>FUNDAMENTOS DE AMÉRICA LATINA II</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Fundamentos de América Latina			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Estudar as principais questões vinculadas à integração da América Latina a partir de diferentes disciplinas e perspectivas a fim de que os alunos e alunas possam elaborar fundamentos críticos sobre a região, a serem utilizados durante seus cursos e vida profissional.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Conhecer a diversidade territorial, econômica, cultural e social na região latino-americana, tendo como objetivo analisar as diversas formas de integração. Propiciar espaços de interlocução, com vistas a analisar as trajetórias, experiências de vida e visões de mundo dos e das estudantes.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b> CANCLINI, N. <b>Culturas Híbridas</b>. São Paulo: EDUSP, 1997. FREYRE, G. <b>Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins</b>. Brasília: Ed. UNB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. VASCONCELOS, J. <b>La Raza Cósmica</b>. Barcelona: A. M. Librería, 1926.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b> GERTZ, Clifford. <b>O saber local</b>. Petrópolis: Vozes, 1997. HOPENHAYN, M. <b>Ni apocalípticos ni integrados</b>. San Diego: Fondo de Cultura Económica, 1994 MATO, D.; MALDONADO FERMÍN, A. (org.). <b>Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización</b>. Buenos Aires: Clacso, 2007</p>			
Nome da disciplina: <b>FUNDAMENTOS DE AMÉRICA LATINA III</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: Fundamentos de América Latina I; Fundamentos de América Latina II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Fundamentos de América Latina			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Estudar as principais questões vinculadas à integração da América Latina a partir de diferentes disciplinas e perspectivas a fim de que os alunos e alunas possam elaborar fundamentos críticos sobre a região, a serem utilizados durante seus cursos e vida profissional.

**Objetivos:**

Analisar as especificidades do modelo de desenvolvimento dos diferentes países da América Latina a luz de quatro eixos temáticos: cidade, campo, infraestrutura e meio ambiente.

**Bibliografia Básica:**

ALIER, J. O **Ecologismo dos Pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERNANDES, E. **Regularização de Assentamentos Informais na América Latina**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2011.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

LEMONS, A. et al. **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

RIBEIRO, L.; SANTOS JR, O. (Orgs). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SMOLKA, M; MULLAHY, L. (ed). **Perspectivas Urbanas**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2007.

Nome da disciplina: <b>ESPAÑHOL ADICIONAL BÁSICO</b>			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 06
Área: Letras e Linguística			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 90	Carga horária teórica: 90	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Reconhecimento da diversidade linguístico-cultural latino-americana e introdução do alunado aos universos de expressão em língua espanhola.

**Objetivos:**

Promover o reconhecimento e valorização das variedades linguísticas em espanhol (orais e escritas, regionais, de gênero, de grupo social, de idade etc.), em interface com seu próprio idioma; desenvolver competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfosintáticas, lexicais, semânticas, textual discursivas) e interculturais para interação em situações cotidianas em diferentes contextos sociais e acadêmicos.

**Bibliografia Básica:**

DI TULLIO, A; MALCUORI, M. **Gramática del Español para maestros y profesores del Uruguay**. Montevideo: PROLEE, 2012.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español. Tomo I** Madrid: Edelsa 2003.  
PENNY, R. **Variación y cambio en español**. Versión esp. de Juan Sánchez. Madrid: Gredos, 2004.  
Bibliografia complementar:  
ANTUNES, I. **Gramática e o ensino de línguas**. São Paulo: Parábola, 2007.  
CORACINI, M. **A celebração do outro**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.  
GIL, TORESANO, M. **Agencia ELE Brasil. A1-A2**. Madrid, SGEL, 2011  
MARTIN, I. **Síntesis: curso de lengua española 1**. São Paulo: Ática, 2010.

Nome da disciplina: <b>ESPANHOL ADICIONAL INTERMEDIÁRIO I</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: Espanhol Adicional Básico			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 06
Área: Letras e Linguística			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 90	Carga horária teórica: 90	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Aprofundamento do estudo de aspectos fonéticos, gramaticais, lexicais e discursivos para a interação oral e escrita, em diversos contextos sociais e acadêmicos em espanhol.

**Objetivos:**

Desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação na língua adicional com maior grau de complexidade, em contextos menos familiares e acadêmicos.

**Bibliografia básica:**

AUTIERI, B. et. al. **Voces del sur 2. Nivel Intermedio**. Buenos Aires: Voces del Sur, 2004.  
MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Edusc, 2002.  
VILLANUEVA, Mª L., NAVARRO, I. (eds.). **Los estilos de aprendizaje de lenguas**. Castellón: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 1997.

**Bibliografia complementar:**

CASSANY, D. **Describir el escribir**. Barcelona: Paidós, 2000.  
MARIN, M. **Una gramática para todos**. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.  
MARTIN, I. **Síntesis: curso de lengua española 1**. São Paulo: Ática, 2010.  
MORENO FERNÁNDEZ, M.F. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros, 2000.  
ORTEGA, G.; ROCHEL, G. **Dificultades del español**. Ariel: Barcelona, 1995.

Nome da disciplina: <b>PORTUGUES ADICIONAL BÁSICO</b>			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1

Co-requisitos: não há			Créditos: 06
Área: Letras e Linguística			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 90	Carga horária teórica: 90	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Reconhecimento da diversidade linguístico-cultural latino-americana e introdução do alunado aos universos de expressão em língua portuguesa brasileira.</p> <p><b>Objetivos:</b></p> <p>Promover o reconhecimento e valorização das variedades linguísticas em português (orais e escritas, regionais, de gênero, de grupo social, de idade etc.), em interface com seu próprio idioma; desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfosintáticas, lexicais, semânticas, textuais/discursivas) e interculturais para interação em situações cotidianas em diferentes contextos sociais e acadêmicos.</p> <p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>AZEREDO, J. et. al. <b>Gramática Comparativa Houaiss</b>. São Paulo: Publifolha, 2011. MACHADO, A. et al. <b>Diários de leitura para a revisão bibliográfica</b>. São Paulo, SP: Parábola, 2010. RIBEIRO, D. <b>O povo brasileiro</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>CANCLINI, N. <b>Culturas híbridas</b>. São Paulo: EDUSP, 2000. CRISTÓFARO SILVA, T. <b>Fonética e fonologia do Português</b>. São Paulo: Contexto, 2002. DELL'ISOLA, R.; ALMEIDA, M. <b>Terra Brasil: curso de língua e cultura</b>. Belo Horizonte: UFMG, 2008. MENDES, E. (Coord.). <b>Brasil Intercultural - Nível 2</b>. Buenos Aires, Argentina: Casa do Brasil, 2011. WIEDEMANN, L.; SCARAMUCCI, M. (orgs). <b>Português para falantes de espanhol</b>. Campinas: Pontes, 2008.</p>			

Nome da disciplina: <b>PORTUGUÊS ADICIONAL INTERMEDIÁRIO I</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: Português Adicional Básico			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 06
Área: Letras e Linguística			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 90	Carga horária teórica: 90	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Aprofundamento do estudo de aspectos fonéticos, gramaticais e lexicais e da interação, oral e escrita, em diversos contextos sociais e acadêmicos em português.</p>			

**Objetivos:**

Desenvolver as competências linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas, textual-discursivas) e interculturais para interação na língua adicional com maior grau de complexidade, em contextos menos familiares e acadêmicos.

**Bibliografia básica:**

FARACO, C. A. **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base Editorial, 2003.  
MENDES, E. (Coord.). **Brasil Intercultural - Nível 2**. Buenos Aires, Argentina: Casa do Brasil, 2011.  
ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

**Bibliografia complementar:**

ALMEIDA FILHO, J. (Org.). **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. Campinas: Pontes, 2001.  
AZEREDO, J.; et al. **Gramática Comparativa Houaiss**. São Paulo: Publifolha, 2011.  
CASTILHO, A. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.  
MASIP, V. **Gramática do português como língua estrangeira**. São Paulo: EPU, 2000.  
MAURER, J. et al. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

Nome da disciplina: <b>INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO CIENTÍFICO</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Filosofia			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Aproximação geral dos principais problemas da Filosofia ocidental.

**Objetivos:**

Desenvolver as primeiras habilidades na identificação de diferentes argumentos filosóficos. Possibilitar ao aluno distinguir as variantes das estratégias argumentativas e identificar pontos falhos na formulação e fundamentação de diferentes metodologias de produção do conhecimento. Permitir ao aluno ou aluna identificar como sua área do conhecimento pode contribuir para a integração latino-americana por meio do conhecimento crítico e compartilhado.

**Bibliografia Básica:**

KOYRÈ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1982.  
LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005  
LEHRER, K. et al. **Introducción a los problemas y argumentos filosóficos**. Ciudad de Mexico: UNAM, 2005.

**Bibliografia Complementar:**

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.



CASSIRER, E. **El problema del conocimiento en la Filosofía y en la ciencia modernas**. México: FCE, 1979.  
BUNGE, M. **La investigación científica**. Siglo XXI, 2000.  
VOLPATO, G. **Ciência: da Filosofia à publicação**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Scripta, 2007.  
WESTON, A. **A construção do argumento**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Nome da disciplina: <b>ÉTICA E CIÊNCIA</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Filosofia			Oferta: Ciclo Comum de Estudos (CCE)
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Ciência e modelo societário. Conhecimento e interesse. Descolonização epistêmica na América Latina. Aproximação geral dos principais problemas da Filosofia ocidental.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Reconhecer problemas decorrentes do modelo de sociedade. Examinar a relação entre produção científica, desenvolvimento tecnológico e problemas éticos. Determinar a relação entre justiça e valor social da ciência. Formular propostas para a resolução de dilemas éticos da atualidade na produção e uso do conhecimento usando de ferramentas conceituais provenientes da descolonização epistêmica.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>FOUCAULT, M. <b>Em defesa da sociedade</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2000. HORKHEIMER, M e ADORNO, T. <b>Dialética do Esclarecimento</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. MIGNOLO, W. <b>Desobediência epistêmica</b>. Buenos Aires: Del Signo, 2010.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ELIAS, N. <b>A sociedade dos indivíduos</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. HALL, S. <b>A identidade cultural na pós-modernidade</b>. Rio de Janeiro: DP&amp;A, 2000. PELIZZOLI, M. <b>Correntes da ética ambiental</b>. Petrópolis: Vozes, 2002. ROIG, A. <b>Teoría y crítica del pensamiento latinoamericano</b>. México: Fondo de Cultura Económica, 1981. TAVOLARO, S. <b>Movimento ambientalista e modernidade</b>. São Paulo: Annabume, 2001. ZEA, L. <b>Discurso desde a marginalização e barbárie</b>. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.</p>			

## **\_EIXO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO EM CRÍTICA**

03 disciplinas do núcleo de conhecimentos de fundamentação

11 disciplinas do núcleo de conhecimentos profissionais

42 créditos | 1º ao 9º semestre

### **Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação**

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA, CIDADE E SOCIEDADE NA AMÉRICA-LATINA</b>			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: 60
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Introdução e conceitos fundamentais de arquitetura e urbanismo; introdução e noções de vocabulário e termos técnicos; conteúdos distintos de abordagem arquitetônica; a função social do arquiteto, arquiteta e urbanista; direitos humanos e preservação ambiental; a arquitetura como uma experiência política, sociológica e cultural; desenvolvimento de perspectiva crítica sobre a prática profissional. Panorama do repertório construtivo latino-americano, com foco em técnicas construtivas autóctones, próprias de povos ou lugares específicos e não dominantes no mercado da construção civil. Ênfase na arquitetura africana, afro-latina e indígena. Diversidade e especificidades dos modos de morar; a relação entre habitação e o conceito de família, múltiplo e diverso. Introdução às opressões de gênero, raça e classe materializadas na arquitetura. Uso de repertório interdisciplinar como fonte de conhecimento complementar, tais como literatura, artes, cinema, música, ciências sociais, antropologia etc.</p> <p>A disciplina tem sua carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo sobre arquitetura, cidade e sociedade na América Latina para ser amplamente divulgado na forma de coleção do MUD – Museu Digital da UNILA; exposição física em espaços públicos da região trinacional; ou ainda, resultar em publicação de acesso gratuito, material popular para as redes sociais ou outras mídias sobre o tema, trabalhando a relação teoria-prática-sociedade.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			

#### Objetivos:

Introduzir o alunado ao debate sobre o exercício profissional na área sob a luz da função social do/a arquiteto/a e urbanista, isto é, a importância do/a arquiteto/a e do urbanista no processo de emancipação dos povos e democratização dos espaços. Introdução dos conceitos direitos humanos e preservação ambiental, alinhados com a prática profissional. Debater o conceito de arquitetura para além da necessidade de abrigo, isto é, os espaços do habitar, principal axioma da atuação profissional em arquitetura e urbanismo. Fomentar reflexões sobre questões contemporâneas relacionadas à área, em especial sobre a produção do espaço e da arquitetura como mercadoria, numa perspectiva crítica acerca da instrumentalização histórica da arquitetura como prática de poder, sociedade de consumo e neoliberalismo. Relacionar o debate habitacional à noção de família e sua problematização pela teoria feminista e pelas feministas negras, em específico. Ampliar o repertório dos e das discentes para a diversidade construtiva latino-americana. Debater e apresentar um acervo das diversas tipologias arquitetônicas dos lugares. Explorar outras linguagens e áreas como fonte de conhecimento complementar à arquitetura e urbanismo, de modo a familiarizar alunos e alunas com a busca de informações arquitetônicas em bases diversificadas, em sintonia com a multiplicidade da pesquisa em arquitetura no século XXI. Estudos de Caso.

#### Bibliografia básica:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.  
GUTIÉRREZ, Ramon. **Arquitetura latino-americana**. São Paulo: Nobel, 1989.  
LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005  
LEMONS, Carlos. **Dicionário arquitetura brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2017.  
PAIXÃO, Marcelo. **A Lenda da Modernidade Encantada**. Curitiba: CRV, 2014.  
VAN LENGEN, Johan. **O Manual do Arquiteto Descalço**. São Paulo: Empório do Livro, 2008.

#### Bibliografia complementar:

ATHAYDE, Celso et al. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.  
AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1998.  
BROWNE, Enrique. **Otra arquitectura en América Latina**. Naucalpan: Gustavo Gilli, 1988.  
CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.  
CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre el Colonialismo**. Madrid: Akal, 2006.  
CHING, Francis. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.  
CORTÉS, José. **Políticas do Espaço**. São Paulo: Senac, 2008.  
DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.  
FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: editora UFJF, 2013.  
FATHY, Hassan. **Construindo com o Povo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.  
FAUSTO, Zahar. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.  
FERRO, Sérgio. **O canteiro e o desenho**. São Paulo: Projeto Editores, 1979.  
GONZALEZ, Léila; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.  
JESUS, Carolina de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2007.  
MOASSAB, Andréia e NAME, Leo (org). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020. Disponível: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso 21/08/23.  
MOASSAB, Andréia; VETTORAZZI, Egon (orgs). **Morar na Barranca: Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região trinacional**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2019.  
NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.  
SEGRE, Roberto. **Novas visões na arquitetura na América Latina**. São Paulo: Pini, 1985.  
SOUZA, Neuza. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.  
WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.  
ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Nome da disciplina: <b>PRÁTICAS PARTICIPATIVAS EM ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Debater conceitos de democracia participativa, participação popular, direitos humanos, movimentos sociais, emancipação, empoderamento e o papel do/a arquiteto/a e urbanista neste contexto. Planos e projetos participativos. Estudos de caso. Instrumentos e meios pedagógicos para facilitar e ampliar a compreensão de dados e informações técnicas. Etnocentrismo. Adultocentrismo. Capacitismo. Racismo. Xenofobia. Educação popular. Arte e educação.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Introduzir o alunado às novas complexidades e exigências da atuação profissional no século XXI, numa perspectiva de aprofundamento da democracia. Explorar diferentes abordagens, técnicas e métodos para viabilizar e/ou facilitar a participação popular em planos urbanos e/ou projetos de edificação. Fornecer o embasamento teórico-metodológico para as atividades de extensão.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ACSELRAD, Henri. <b>Cartografias sociais e território</b>. Rio de Janeiro: IPPUR, 2008.</p> <p>DOBRY-PROSANTO, Sylvia. <b>Arquitetura e paisagem, projeto participativo e criação coletiva</b>. São Paulo: Annablume, 2005.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>Educação como prática de Liberdade</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.</p> <p>LUCKESI, Cipriano. <b>Filosofia da Educação</b>. São Paulo: Cortez, 1990.</p> <p>ROSA, Allan da. <b>Pedagogia, autonomia e mocambagem</b>. São Paulo: Polén, 2019.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ANGILELI, Cecília. <b>Paisagens Reveladas</b>. São Paulo: Giostri, 2014.</p> <p>BOAL, Augusto. <b>Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas</b>. São Paulo: Cosac Naif, 2013</p> <p>BOSCH, Eduardo. <b>Caderno de Propostas: Métodos e Atitudes para Facilitar Reuniões Participativas</b>. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2004.</p> <p>BRASIL. <b>Estatuto da cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos</b>. Brasília: CEF/Inst. Polis, 2001.</p> <p>CERVETTO, Renato; LOPÉZ, Miguel. <b>Agite antes de usar: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina</b>. São Paulo: SESC, 2018.</p> <p>DANIEL, Jorge; ANDRES, Pedro. <b>Crítica de la sociedad adultocéntrica</b>. Bogotá: Universidad de la Salle, 2021.</p> <p>LOEB, Rodrigo; LIMA, Ana. <b>Cidade, gênero e infância</b>. São Paulo: Romano Guerra, 2022.</p> <p>SANTOS, Boaventura. <b>Democratizar a Democracia</b>. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.</p> <p>SENNET, Richard. <b>O Artífice</b>. Rio de Janeiro: Record, 2009.</p> <p>WOODSON, Carter. <b>A Deseducação do Negro</b>. São Paulo: Edipro, 2021.</p> <p>SANCHEZ, Felix. <b>Orçamento Participativo: Teoria e Prática</b>. São Paulo: Cortez, 2002.</p>			

SOUZA, Marcelo; RODRIGUES, Glauco. **Planejamento urbanos e ativismos sociais**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.  
WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**. Quito: Editorial Abya-Yala, 2019.

### Núcleo de Conhecimentos Profissionais

Nome da disciplina: <b>CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE I</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 10

#### Ementa:

Teorias e práticas instauradoras da arquitetura e das cidades a partir da antiguidade até a revolução industrial, relacionadas ao contexto histórico e suas condicionantes sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas. Concepções da arte e da arquitetura, práticas construtivas e projetivas, tipologias edilícias e características das cidades e paisagem nestes períodos. Bases teóricas e conceituais da produção arquitetônica/urbanística/paisagística e seu reatamento prático e metodológico no desenvolvimento da atividade projetual. A importância social da produção arquitetônica. Analisar a produção de povos não europeus, tais como os povos ameríndios, africanos e asiáticos, arquitetura indígena e arquitetura quilombola, com destaque para suas práticas construtivas em diálogo com a preservação ambiental.

A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo o vasto panorama arquitetônico dos diversos povos e culturas do globo, para ser amplamente divulgado na forma de colação do MUD – Museu Digital da UNILA, exposição física em espaços públicos da região trinacional ou ainda, resultar em publicação de acesso gratuito, material popular para as redes sociais ou outras mídias sobre o tema, trabalhando a relação teoria-prática-sociedade.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Instrumentalizar o alunado com conhecimentos que possibilitem uma análise crítica da arquitetura e das cidades e a sua importância para compreensão do mundo em seu contexto histórico-político e cultural. A história da arquitetura e da cidade como embasamento crítico para debater a função social do arquiteto e da arquiteta. A disciplina é uma oportunidade de apropriação de imagens paradigmáticas que serão referência no acervo mental do estudante, com destaque para a produção

latino-americana da antiguidade até o século XIX, construindo um lastro de cultura fundamental na formação profissional do arquiteto e da arquiteta e urbanista. Ampliar o repertório estudantil com práticas construtivas anteriores ao uso do concreto armado, em maior sintonia com a preservação ambiental.

**Bibliografia básica:**

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2001.  
GOMES, Marco. **Urbanismo na América do Sul**. Salvador: EDUFBA, 2009.  
GUTIERREZ, Ramon. **Arquitetura Latino-Americana**. São Paulo: Nobel, 1989.  
HARDOY, Jorge. **Ciudades Precolombinas**. Buenos Aires: Infinito, 1999.

**Bibliografia Complementar:**

ALMEIDA, Miguel et al. **A Cidade e suas Histórias**. São Paulo: Lazuli, 2005.  
BASSALO, Celia. **Art Nouveau em Belém**. Brasília: IPHAN, 2008.  
BENÉVOLO, Leonardo. **O Arquiteto e a Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.  
CUNHA, José C. **A história das construções – vol 1**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.  
CUNHA, José C. **A história das construções – vol 2**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.  
FOLLET, Ken. **Os Pilares da Terra**. Rio de Janeiro, Rocco, 2012.  
GUTIERREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Cátedra, 1984.  
KARASCH, Mary. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.  
MAESTRI, Mário. **O Sobrado e o Cativo**. Passo Fundo: UPF, 2001.  
MARINS, Paulo. **Através da Rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX**. São Paulo: Humanitas, 2001.  
MOASSAB, Andréia e BASTOS, Tiago. Direito ao território no quilombo Apepu. **Caderno Maloca** n.1. Foz do Iguaçu: Grupo Maloca, 2020.  
MOASSAB, Andréia e SANTOS, Maurício. Dicionário de arquitetura de terreiros. **Caderno Maloca** n.2. Foz do Iguaçu: Grupo Maloca, 2021.  
MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Editora. 2001.  
PROTZEN, Jean-Pierre. **Arquitectura y Construcción**. Lima: Pontificia Universidad Católica, 2005.  
SNIHUR, Esteban. **O universo missioneiro Guarani**. Buenos Aires: Golden Company, 2007.  
WEIMER, Gunter. **Arquitetura Indígena**. Porto Alegre: Edigal, 2018.  
WEIMER, Gunter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.  
WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Nome da disciplina: <b>CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE II</b>			Semestre letivo: 4º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 46	Carga horária prática: 14	Carga horária em extensão: 14
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Teorias e práticas instauradoras da arquitetura, da paisagem e das cidades a partir do final do século XIX até a crise do movimento moderno, na década de 1960, relacionadas ao contexto histórico e</p>			



suas condicionantes sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas. Concepções da arte e da arquitetura, práticas construtivas e projetivas, tipologias edilícias e características das cidades e paisagem nestes períodos, com ênfase no século XX e no modernismo. Bases teóricas e conceituais da produção arquitetônica/urbanística/paisagística e seu rebatimento prático e metodológico no desenvolvimento da atividade projetual. Arquitetura como materialização espacial de seu tempo e da cultura de um povo. Expoentes da arquitetura moderna internacional, brasileira e latino-americana. Apresentar as relações complexas entre a arquitetura moderna africana e os regimes coloniais. Introduzir o debate sobre gênero, raça e classe na produção arquitetônica, a partir do modernismo.

A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo sobre arquitetura, cidade e sociedade na América Latina para ser amplamente divulgado na forma de colação do MUD – Museu Digital da UNILA, exposição física em espaços públicos da região trinacional; ou ainda, resultar em publicação de acesso gratuito, material popular para as redes sociais ou outras mídias sobre o tema, trabalhando a relação teoria-prática-sociedade.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Instrumentalizar o e a estudante com conhecimentos que possibilitem uma análise crítica e histórica da arquitetura e das cidades e a sua importância para compreensão do mundo contemporâneo. A história da arquitetura e urbanismo como embasamento crítico para debater a função social do arquiteto. A disciplina é uma oportunidade de apropriação de imagens paradigmáticas que serão referência no acervo mental do estudante, com destaque para a produção brasileira e latino-americana no período, construindo um lastro de cultura fundamental na formação profissional do arquiteto e urbanista. Permitir ao alunado a compreensão da produção modernista nas suas várias escalas e contextos, destacando as obras dos principais arquitetos e arquitetas de referência, com atenção à produção brasileira e latino-americana. Dar a conhecer a relação da arquitetura moderna com o regime colonial nos países africanos. Apresentar as clivagens de gênero, raça e classe referentes à produção do espaço construído e habitado e na prática profissional.

#### Bibliografia básica:

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1989.  
GUTIÉRREZ, Ramón (coord.). **Arquitectura latinoamericana en el siglo XX**. Espanha: Lunwerg, 1998.  
LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.  
SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014.

#### Bibliografia complementar:

CEVEDIO, Monica. **Arquitectura y Género**. Barcelona: Icaria, 2010.  
ELLEH, Nnamdi. **Architecture and Power in Africa**. Westport: Praeger, 2002.  
GORELIK, Adrián. **Das vanguardas a Brasília**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.  
HOWARD, Ebenezer. **Cidades Jardins de Amanhã**. São Paulo: AnnaBlume e HUCITEC, 2002.  
LIMA, Ana. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira, 2013.  
MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês. **Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Mocambique 1948-1975**. Lisboa: Tinta da China, 2009.  
REIS FILHO, Nestor. **Dois Séculos de Projeto no Estado de São Paulo**. São Paulo: IMESP, 2010.  
RIBEIRO, Luiz; PECHMAN, Robert (org.). **Cidade Povo e Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.  
SCHNEIDER, Graziela. **A revolução das mulheres**. São Paulo: Boitempo, 2017.  
TOLEDO, Benedito. **São Paulo: Três Cidades em um Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



Nome da disciplina: <b>CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE III</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Arquitetura moderna, sua consolidação e suas contradições. As bases teóricas da arquitetura moderna. Bases teóricas e conceituais da produção arquitetônica/urbanística/paisagística e seu reatamento prático e metodológico no desenvolvimento da atividade projetual. A centralidade da habitação nos primórdios da arquitetura moderna. Os primeiros conjuntos habitacionais e a importância da experiência soviética para a consolidação do modernismo nos anos de 1920. A habitação no centro do programa moderno. A Bauhaus. Os VKHUTEMAS. Os CIAM. Os regimes totalitários e o retorno à tradição. Os principais teóricos: Walter Gropius, Le Corbusier e Anatole Kopp. A cidade modernista. O papel do Estado, aproximações e ambiguidades. Brasília. Modernismo em questão. As mulheres na arquitetura moderna.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Aprofundar o conhecimento do alunado acerca das teorias e práticas da arquitetura moderna: a produção arquitetônica do século XX, dos anos de 1920 a 1960, quando da instauração da crise do modernismo. Consolidar a leitura e compreensão dos principais teóricos do período. Enfatizar a questão habitacional como problemática central do modernismo. Realçar a complexidade do debate no período, com destaque para os anos de 1920 na Alemanha e União Soviética, a década de 1930 nos Estados Unidos, e a profunda relação com estes contextos político-históricos. Dar a conhecer a produção das arquitetas modernistas. Capacitar o e a estudante a analisar a produção arquitetônica (projetos e arquitetos), identificando suas diferenças/semelhanças e inserindo-a no contexto histórico e suas condicionantes sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas. Estudos de caso.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>DROSTE, Magdalena. <b>Bauhaus</b>. Berlim: Taschen, 1994.</p> <p>GROPIUS, Walter. <b>Bauhaus</b>. São Paulo: Perspectiva, 2001.</p> <p>KOPP, Anatole. <b>Quando o Moderno Não Era um Estilo e Sim uma Causa</b>. São Paulo: Nobel, 1990.</p> <p>JALLAGEAS, Neide; LIMA, Celso. <b>VKHUTEMAS: desenho de uma revolução</b>. São Paulo: Kinoruss, 2020.</p> <p>LE CORBUSIER. <b>Por uma Arquitetura</b>. São Paulo: Perspectiva, 1989.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ARGAN, Giulio. <b>Walter Gropius e a Bauhaus</b>. São Paulo: José Olympio, 2005</p> <p>CAMPOS, Pedro. <b>Estranhas Catedrais</b>. Rio de Janeiro: Eduff, 2014.</p> <p>COSTA, Lucio. <b>Arquitetura</b>. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.</p> <p>ESKINAZI, Mara. <b>Interbau Berlin 1957</b>. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.</p> <p>ESPEGEL, Carmen. <b>Heroínas del espacio</b>. Valencia: Generales de la Construcción, 2006.</p> <p>HOLSTON, James. <b>A Cidade Modernista</b>. São Paulo: Cia das Letras, 1993.</p>			

LE CORBUSIER. **Mensagem aos estudantes de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
LIMA, Ana. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira, 2013

Nome da disciplina: <b>CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE IV</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>A crise do modernismo nas décadas de 1960 e 1970. O esvaziamento do programa moderno. Arquitetura Formalista. Pruitt-Igoe. As diversas correntes teóricas, suas diferenças e semelhanças. Bases teóricas e conceituais da produção arquitetônica/urbanística/paisagística e seu reatamento prático e metodológico no desenvolvimento da atividade projetual. Pós-modernismo. Brutalismo. Metabolismo. Modernidade Apropriada. Archigram. Deconstrutivismo. A arquitetura arquetípica de Rossi. A arquitetura e comunicação de Venturi/Scott-Brown. Os anos 80/90. Microarquitetura. City-marketing, projetos de revitalização, processos de gentrificação. New Urbanism. Múltiplas faces da produção contemporânea. As mulheres na arquitetura contemporânea.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Instrumentalizar o alunado com as ferramentas teórico-conceituais para uma reflexão crítica da produção arquitetônica contemporânea nas últimas décadas. Debater a relação indissociável entre mercado e hegemonia na produção arquitetônica. O neoliberalismo e os megaprojetos de intervenção urbana/projetos de revitalização. Estudos de caso no Brasil, América-Latina e Caribe. Analisar a relação entre a mercantilização da cultura e a produção arquitetônica de equipamentos culturais. A ultra valorização da tecnologia. Debater a ausência de um programa/projeto para a arquitetura e suas principais consequências para o continente.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>GHIRARDO, Diane. <b>Arquitetura Contemporânea</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2002. JACOBS, Jane. <b>Morte e vida de grandes cidades</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2007. ROSSI, Aldo. <b>A Arquitetura da Cidade</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2001. VENTURI, Robert. <b>Aprendendo com Las Vegas</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2003.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ARANTES, Otília. <b>Modernismo em Fim de Linha</b>. São Paulo: Edusp, 2001 ARANTES, Otília. <b>O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos</b>. São Paulo: Studio Nobel, 1993. ARANTES, Pedro. <b>Arquitetura Nova</b>. São Paulo: Ed. 34, 2002. BARONE, Ana Claudia. <b>Team 10</b>. São Paulo: Annablume, 2002. BASTOS, Maria A. <b>Pós-Brasília: Rumos da arquitetura no Brasil</b>. São Paulo: Perspectiva, 2003. BASTOS, Maria A.; ZEIN, Ruth. <b>Brasil: Arquiteturas Após 1950</b>. São Paulo: Perspectiva, 2010. CAFÉ, Carlos. <b>Alvaro Siza e Rem Koolhaas</b>. São Paulo: Annablume, 2011. CEVEDIO, Monica. <b>Arquitectura y Género</b>. Barcelona: Icaria, 2010.</p>			

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.  
JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**. São Paulo: Ática, 1997.  
KOURY, Ana Paula. **Grupo Arquitetura Nova**. São Paulo: Edusp, 2003.  
LIMA, Ana. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira, 2013.  
MUXI, Zaida. **Mujeres, casas y ciudades**. Barcelona: Dpr, 2018.  
SEGAWA, Hugo. **Arquitetura Latino-Americana Contemporânea**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2005.  
VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURAS LATINO-AMERICANAS</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 10

**Ementa:**

Panorama da produção arquitetônica ameríndia. Compreensão política da arquitetura. Colonização, Barroco e Missões Jesuítas. Neoclássico e as jovens repúblicas. Arquitetura afro-latina e ameríndia. Arquitetura Moderna e sua relação com o processo de industrialização latino-americano. A produção contemporânea latino-americana, com ênfase na interseccionalidade gênero, raça e classe. A perspectiva latino-americanista na arquitetura.

A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo sobre arquitetura, cidade e sociedade na América Latina para ser amplamente divulgado na forma de colação do MUD – Museu Digital da UNILA, exposição física em espaços públicos da região trinacional; ou ainda, resultar em publicação de acesso gratuito, material popular para as redes sociais ou outras mídias sobre o tema, trabalhando a relação teoria-prática-sociedade.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Fornecer ao alunado as ferramentas conceituais para uma abordagem crítica da arquitetura no Brasil e na América Latina, fomentando a reflexão sobre a produção contemporânea e a relação entre arquitetura, identidade, subalternidade/autonomia.

**Bibliografia básica:**

GUTIÉRREZ, Ramon. **Arquitetura latino-americana**. São Paulo: Nobel, 1989.  
SEGRE, Roberto (org). **América Latina en su arquitectura**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1992.  
SEGRE, Roberto. **América Latina fim de milênio**. São Paulo: Nobel, 1991.  
WAISMAN, Marina. **O interior da história**. Perspectiva, 2013.

**Bibliografia complementar:**

GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.  
HITCHCOK, Henry. **Latin American architecture since 1945**. Nova York: Moma, 1955.  
LIMA, Ana G. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira, 2013.  
MEDRANO, Ricardo. **São Paulo e Buenos Aires**. São Paulo, 2003.  
MONTANER, Josep. **Arquitetura e Crítica na América Latina**. São Paulo: Romano Guerra, 2011.  
MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2007  
NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.  
PRADO, Fernando. **A ideologia do desenvolvimento**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.  
PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. Pontes Editores, 1998.  
RIGOTI, Ana. **Primeros arquitectos modernos en el cono sur**. Rosário: FDEL, 2004.  
ROVIRA, Teresa. **Documentos de arquitectura moderna em América-Latina 1950-1965**. Barcelona: Instituto Catalá de Cooperació Iberoamericana, 2004.  
SEGRE, Roberto. **Arquitetura e Urbanismo da Revolução Cubana**. São Paulo: Nobel, 1987.  
SEGRE, Roberto. **Novas visões na arquitetura na América Latina**. São Paulo: Pini, 1985.  
SNIHUR, Esteban. **O universo missioneiro Guarani**. Buenos Aires: Golden Company, 2007.  
SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Mauad X, 2019.  
SPYER, Tereza. **As conferências pan-americanas (1889-1928)**. São Paulo: Alameda, 2013  
ZEIN, Ruth e Bastos MARIA. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Nome da disciplina: <b>CIDADES LATINO-AMERICANAS</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 10

**Ementa:**

Cidades pré-colombianas e núcleos urbanos pré-cabralinos. Cidades coloniais. Missões Jesuíticas. Os traçados hispânicos e lusitanos. O processo de industrialização e o crescimento dos núcleos urbanos. As intervenções urbanísticas na virada do século XIX. A questão habitacional. A desigualdade e segregação socioespacial. Reforma urbana. A questão fundiária. A mercantilização do espaço urbano. Direito à cidade na América Latina.

A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo sobre arquitetura, cidade e sociedade na América Latina para ser amplamente divulgado na forma de colação do MUD – Museu Digital da UNILA, exposição física em espaços públicos da região trinacional; ou ainda, resultar em publicação de acesso gratuito, material popular para as redes sociais ou outras mídias sobre o tema, trabalhando a relação teoria-prática-sociedade.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Aprofundar, com o alunado, a compreensão sobre o processo histórico de produção das cidades latino-americanas e brasileiras. Explorar as semelhanças e diferenças entre as principais cidades e metrópoles do continente. Fornecer ao alunado um arcabouço crítico-reflexivo sobre o processo de urbanização na América Latina, de modo a habilitá-lo a uma prática profissional mais voltada para a busca de soluções no sentido de diminuição das desigualdades urbana e melhoria das condições de vida nas cidades latino-americanas.

#### Bibliografia básica:

ARANTES, Otília et al. **A Cidade do Pensamento Único**. Petrópolis: Vozes, 2000.  
FRIDMAN, Fania; ABREU, Maurício (Org.). **Cidades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.  
GOMES, Marco. **Urbanismo na América do Sul**. Salvador: EDUFBA, 2009.  
GUTIERREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Cátedra, 1984.  
ROMERO, José L. **Latinoamérica: las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2011.

#### Bibliografia complementar:

ALOMAR, Gabriel (coord). **De Teotihuacán a Brasília**. Madrid: IEAL, 1987.  
ALVA, Eduardo. **Metrópolis (in)Sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.  
ALVES JR, Oswaldo; MONTANDOM, Daniel. **Os Planos Diretores Municipais Pós-Estatuto da Cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.  
ANDRADE, Thompson; SERRA, Rodrigo (orgs). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.  
CARLOS, Ana Fari. **A (Re)produção do Espaço Urbano**. São Paulo: edusp, 1994.  
DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2007.  
FERREIRA, João. **O Mito da Cidade Global**. Petrópolis: Vozes, 2007  
GUTIÉRREZ, Ramón. **Barroco iberoamericano**. Barcelona: Lunwerg, 1997.  
HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.  
MARICATO, Ermínia. **Brasil, Cidades**. Petrópolis: Vozes. 1998.  
REIS, Nestor G. **Evolução Urbana do Brasil 1500/1720**. São Paulo: Pini, 2001.  
ROCHEFORT, Michel. **O desafio urbano nos países do sul**. Campinas: Edições Territorial, 2008.  
SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Husitec, 1994.  
SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.  
SNIHUR, Esteban. **O universo missionário Guarani**. Buenos Aires: Golden Company, 2007

Nome da disciplina: <b>PATRIMÔNIO E POLÍTICAS DE MEMÓRIA</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 23	Carga horária prática: 7	Carga horária em extensão: 7
<b>Ementa:</b> O patrimônio cultural como direito humano. Conceitos de patrimônio cultural. Constituição do patrimônio histórico nacional. A proteção ao patrimônio cultural e arquitetônico no Brasil e na América Latina. A função social da preservação arquitetônica. O patrimônio arquitetônico e a formação de			



identidades nacionais. A supervalorização de bens de matriz colonial e a pouca valorização da arquitetura africana, afro-descendente e indígena no patrimônio edificado. A problematização das técnicas retrospectivas voltadas para a preservação do patrimônio edificado e falta de registro/preservação da memória de técnicas construtivas tradicionais, do saber-fazer, especialmente aquelas relacionadas ao povo negro e indígena. Normativa, políticas, agentes e instrumentos de proteção e preservação do (ou para intervenção no) patrimônio cultural. Gestão do patrimônio cultural. Educação patrimonial.

A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo popular de educação patrimonial, isto é, trabalhar nas escolas públicas, comunidades, conselhos municipais, etc, ou ainda, produzir material popular para as redes sociais e outras mídias sobre o tema.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Compreender a trajetória das políticas públicas de preservação patrimonial na América Latina, no Brasil e no mundo. Avaliar os processos e instrumentos de proteção e preservação do patrimônio cultural. Conhecer os conceitos e os procedimentos de gestão patrimonial. Compreender o patrimônio cultural como direito humano e suas implicações políticas.

#### Bibliografia básica:

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Brasília: IPHAN, 2010.  
CASTRIOTA, Leonardo Barsi. **Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2009.  
HORTA, Maria de Lourdes. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.  
MINC/IPHAN. **Cartas Patrimoniais: Caderno de Documentos n.º 3**. Brasília: MINC/IPHAN, 1995.

#### Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Alfredo et al. (org.). **Patrimônio cultural**. Manaus: UEA, 2013  
ANDRADE, Mario. **O turista aprendiz**. Brasília: IPHAN, 2015.  
CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. IPHAN, DEPRON, 2000.  
DELSON, Roberta. **Novas Vilas para o Brasil Colônia**. Brasília: Alva-Ciort, 1997.  
FONSECA, Maria C. **O patrimônio em processo**. RJ: IPHAN, 1997.  
GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A Utopia da Pequena África. Projetos Urbanísticos, Patrimônios e Conflitos na Zona Portuária Carioca**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.  
KUNYIOSHI, Celina; PIRES, Walter. **Casarão do Chá, Mogi das Cruzes**. São Paulo: CONDEPHAAT, 1984.  
LIMA, Francisca et al. (org). **Bens Móveis e Imóveis Inscrito no Livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1938-2009)**. Brasília: IPHAN, 2009.  
REIS, Nestor. **Quadros da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.  
ROMEU, Gabriela. **Novas (velhas) batalhas: educação patrimonial no contexto das fortificações em Recife**. Brasília: IPHAN, 2019.  
VALLADARES, Lícia (Coord.). **Restauração Urbana**. São Paulo: Nobel, 1990.  
WAISMAN, Marina. **O interior da história**. Perspectiva, 2013.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA E UTOPIA MODERNISTA</b>			Semestre letivo: 9º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 10/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 45	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Imersão territorial na arquitetura moderna. A capital nacional como ícone do urbanismo modernista. A especificidades do modernismo latino-americano. O contexto industrial do século XX e sua profunda relação com a arquitetura Moderna. Brasília como exemplar mundial único da materialização da Carta de Atenas e nos estudos urbanos. Arquitetura moderna e tecnologia do concreto armado. Paisagismo modernista. O eixo monumental. As superquadras. O plano-piloto. As cidades satélites. O canteiro de obras da capital federal. Brasília e a inscrição das contradições do urbanismo latino-americano. As relações entre arquitetura moderna e a (re)produção das desigualdades socioespaciais no Brasil e na América Latina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Possibilitar aos e às estudantes, por meio de uma visita de estudos, uma vivência fundamental de espaço urbano e arquitetônico modernista e dos avanços tecnológicos possibilidades com o advento do concreto armado; o desenho da paisagem e o paisagismo no modernismo. Consolidar as bases para uma leitura crítica deste período fundamental na história da arquitetura e do urbanismo mundiais e, consequentemente, melhor compreender as contradições da atuação profissional na atualidade.</p>			
<p><b>Bibliografia básica</b></p> <p>BRAGA, Milton. <b>O Concurso de Brasília</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2010. GORELIK, Adrian. <b>Das Vanguardas à Brasília</b>. Belo Horizonte: UFMG, 2005. TAVARES, Jeferson. <b>Projetos para Brasília 1927-1957</b>. Brasília: IPHAN, 2014.</p> <p><b>Bibliografia complementar</b></p> <p>ALOMAR, Gabriel (coord). <b>De Teotihuacán a Brasília</b>. Madrid: IEAL, 1987. CAMPOS, Pedro. <b>Estranhas Catedrais</b>. Rio de Janeiro: Eduff, 2014. HOLSTON, James. <b>A cidade modernista</b>. São Paulo: Cia das Letras, 1993. KIM, Lina; WESELY, Michael. <b>Arquivo Brasília</b>. São Paulo: Cosac &amp; Naify, 2010. MOREIRA, Vania. <b>Brasília: a construção da nacionalidade</b>. PAVIANI, Aldo (org.). <b>Brasília: Moradia e Exclusão</b>. Brasília: UNB, 1996. PAVIANI, Aldo et al. (org.). <b>Brasília ideologia e realidade</b>. São Paulo: Edu-Unb, 2010. UNDERWOOD, David. <b>Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil</b>. São Paulo: Cosac &amp; Naify, 2002.</p>			



Nome da disciplina: <b>ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARQUITETURA</b>			Semestre letivo: 9º
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV; Ética e Ciência			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Área: Filosofia			Oferta: ILAESP
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 45	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceitos de estética e filosofia na arquitetura, com ênfase na contemporaneidade e no estudo da arquitetura e do espaço construído. A criação humana, a arquitetura como expressão. A dimensão simbólica do espaço e da arquitetura. A estética dominante euro-ocidental em contraposição a estéticas subalternas. Teorias do Belo. Fenomenologia. Semiótica. Estruturalismo. Desconstrutivismo. Crítica epistemológica. Estética e luta de classes. Estética e decolonialidade.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Fornecer ao aluno e à aluna elementos para a análise crítica da arquitetura enquanto área do conhecimento e como produção simbólica. Desenvolver a capacidade de penetração e análise de textos filosóficos, de exposição e argumentação teóricas, em especial aqueles teóricos de maior influência no pensamento arquitetônico contemporâneo. Permitir ao aluno e à aluna familiaridade com a reflexão estética europeia e suas limitações para avaliação do corpus artístico/arquitetônico latino-americano e habilitá-lo/a a desenvolver e avaliar aspectos e alternativas crítico-estéticas baseadas no corpus artístico/arquitetônico latino-americano aplicados à arquitetura e urbanismo.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BENJAMIN, Walter. <b>A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica</b>. Porto Alegre: L&amp;PM, 2018.          LUKÁCS, Georg. <b>Introdução à estética marxista</b>. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.          MIGNOLO, Walter. <b>Local Histories/Global Designs</b>. Princeton: Princeton University Press, 2000.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>DELEUZE, Gilles. <b>A Lógica dos sentidos</b>. São Paulo: Perspectiva, 2000.          ECO, Umberto. <b>História da Beleza</b>. Rio de Janeiro: Record, 2004.          FOUCAULT, Michel. <b>A Palavra e as Coisas</b>. São Paulo: Martins, 2007.          FOUCAULT, Michel. <b>Nascimento da biopolítica</b>. São Paulo: Martins, 2008.          JAMESON, Fredric. <b>Pós-Modernismo</b>. São Paulo: Atica, 1997.          LANDER, E. (Org.). <b>A colonialidade do saber</b>. Buenos Aires: CLACSO, 2005.          MERLEAU-PONTY, Maurice. <b>Fenomenologia da Percepção</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1999.          MIGNOLO, Walter. <b>La idea de América Latina</b>. Barcelona: Gedisa, 2007.          PANOFSKY, Erwin. <b>Significado nas Artes Visuais</b>. São Paulo: Perspectiva, 2002.          PEIXOTO, Nelson. <b>Paisagens Urbanas</b>, São Paulo: Senac, 1996.          PULS, Maurício. <b>Arquitetura e Filosofia</b>. São Paulo: Annablume, 2006.          SOLIS, Dirce. <b>Desconstrução e Arquitetura</b>. Rio de Janeiro: Uape, 2010.          ZEVI, Bruno. <b>Saber Ver a Arquitetura</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2009.</p>			

Nome da disciplina: <b>DEONTOLOGIA DA ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: 9º
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América-Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Função social do arquiteto e urbanista. Direitos Humanos. Ética profissional. O e a profissional como classe trabalhadora. Identidade profissional. Clivagens de gênero e raça na atividade profissional. O Canteiro e o desenho. Histórico do desenvolvimento da profissão no Brasil e na América Latina; regulamentação da profissão; criação dos Órgãos de classe, CREA, CAU, IAB e sindicatos; os congressos panamericanos de arquitetura. A formação profissional. Evolução das Condições de trabalho. O e a profissional para o século XXI. A relação com a população.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Refletir criticamente sobre a produção projetiva, sua inserção no processo de produção capitalista e o produto do trabalho profissional sob a lógica da mercadoria, a prática profissional do arquiteto, da arquiteta e do urbanista num mercado de trabalho competitivo, conflituoso e desigual e as contradições éticas relevantes neste contexto. Compreender as clivagens de gênero e raça na atuação profissional. Refletir sobre o que é ser arquiteto, arquiteta e urbanista no século XXI, como o e a profissional da área podem colaborar para a integração latino-americana e a questão do direito à arquitetura num contexto de tensão entre os interesses coletivos e privados.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ARTIGAS, Vilanova. <b>A Função Social do Arquiteto</b>. São Paulo: Nobel, 1989. FERRO, Sérgio. <b>Arquitetura e trabalho livre</b>. São Paulo: Cosac &amp; Naify, 2006. FREIRE, Paulo. <b>Educação como prática de Liberdade</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CAUBR. <b>Censo dos arquitetos e urbanistas do Brasil</b>. Brasília: CAUBR, 2015. FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia da Autonomia</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. IAB. <b>Manual para a implantação da assistência técnica pública e gratuita a famílias de baixa renda para projeto e construção de habitação de interesse social</b>. Brasília: IAB, 2010. INEP. <b>Trajetória e Estado da Arte da Formação em Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Volume X: Arquitetura e Urbanismo</b>. Brasília: INEP/CONFEA, 2010. MELLO, Bruno (org). <b>Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul: Memórias de quatro décadas (1973-2013)</b>. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2014. PIAZZA, Gilberto. <b>Fundamentos da ética e exercício profissional</b>. Porto Alegre: CREA/RS, 2000. RISTOFF, Dilvo e SEVEGNANI, Palmira. <b>Universidade e Compromisso Social</b>. Brasília: INEP, 2006. STEVENS, Garry. <b>Um círculo privilegiado</b>. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.</p>			

## \_EIXO DE ATELIÊ EM ARQUITETURA

02 disciplinas do núcleo de conhecimentos de fundamentação

06 disciplinas do núcleo de conhecimentos profissionais

48 créditos | 1º ao 8º semestre

### Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA I</b>			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Geometria construtiva aplicada à arquitetura. Geometria construtiva bidimensional e tridimensional: módulos (2D/3D) e composições modulares; decomposição e recomposição de figuras planas e sólidos; relações entre formas e entre forma e espaço; cheios e vazios; luz e sombra; superfície, textura e cor. Conteúdos semânticos da forma-espaço arquitetônica.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Desenvolver no alunado noções de espacialidade e tridimensionalidade; exercitar a compreensão espacial e habilidades expressivas por meio da forma, luz e textura.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BAKER, Geoffrey. <b>Le Corbusier: Uma análise da forma</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1998. CHING, Francis. <b>Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2008. GOMES FILHO, João. <b>Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma</b>. São Paulo: Escrituras, 2003.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ARNHEIM, Rudolf. <b>Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora</b>. São Paulo: Pioneira, 1998. MONTENEGRO, Gildo. <b>Geometria descritiva</b>. São Paulo: Edgard Blücher, 1991. MUNARI, Bruno. <b>Fantasia: Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1981 ROCHA, Paulo Mendes. <b>Maquetes de papel</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2007. OSTROWER, Fayga. <b>Criatividade e Processo de Criação</b>. Petrópolis: Vozes, 2009.</p>			

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA II</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: ARQUITETURA I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Espaço arquitetônico e escala humana. Relações forma-espaço-estrutura. Natureza das estruturas arquitetônicas; tipologia das estruturas arquitetônicas; relações entre forma e tipo; noções de estabilidade; relações espaço interior/espaço exterior: opacidade e transparência, vedações e aberturas. Mecânica dos Materiais: Conceitos básicos (massa; volume; densidade; pressão; força; torque; centro de massa; centro de gravidade). Propriedades mecânicas (elasticidade; plasticidade; dureza; ductibilidade; tenacidade; resiliência). Esforços mecânicos (tração; compressão; cisalhamento; flexão; torção; flexo-torção; flambagem).</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Introduzir a complexidade do valor arquitetônico nas formas e a sua relação a escala humana; aproximação à mecânica dos materiais.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CAVALCANTI, L. <b>As preocupações do belo</b>. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995. KNOLL, Wolfgang; HECHINGER, Martin. <b>Maquetes Arquitetônicas</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2003. MILLS, Criss. <b>Projetando com maquetes</b>. Porto Alegre: Bookman, 2007.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>CUNHA, José Celso. <b>A História das Construções vol. I e II</b>. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. CUNHA, José Celso. <b>A História das Construções vol. II e IV</b>. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. GOMES FILHO, João. <b>Gestalt do Objeto</b>. São Paulo: Escrituras, 2003.</p>			

#### Núcleo de Conhecimentos Profissionais

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA III</b>		Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: ARQUITETURA II		Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há		Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo		Oferta: ILATIT

Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
----------------------------	---------------------------------	---------------------------------	---

**Ementa:**

Iniciação à prática do projeto arquitetônico: desenvolvimento de projetos arquitetônicos de complexidade tecnológica/funcional/programática elementar, considerando de forma preliminar, os principais aspectos humanos, sociais e físico-ambientais condicionantes da arquitetura: programa de necessidades (função/utilidade), variáveis fisiológicas e ergonômicas, organização de fluxos e organização espacial (modelos de funcionamento), adequação ao sítio. Introdução à acessibilidade e desenho universal em arquitetura de espaços de uso comum e ao direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável. Métodos compositivos de interpretação e produção do espaço e da forma; sua percepção e descrição; metodologia de projetos de arquitetura.

**Objetivos:**

Introduzir o alunado no processo projetivo em arquitetura: o processo criativo e o croqui; aspectos operacionais no processo projetual; programa de necessidades; partido arquitetônico. Capacitar para a elaboração de estudo preliminar. Sensibilizar para a importância da acessibilidade e desenho universal.

**Bibliografia Básica:**

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.  
COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPE, 2013.  
MAHFUZ, Edson. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.  
NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2013.

**Bibliografia complementar:**

HERTZ, John. **Ecotécnicas em arquitetura**. São Paulo: Pioneira, 1998.  
HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.  
MONEO, Rafael. **Inquietação Teórica e Estratégia Projetual, na obra de oito arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.  
ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.  
GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.  
REIS, Antônio. **Repertório, análise e síntese**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.  
TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA IV</b>			Semestre letivo: 4º
Pré-requisitos: ARQUITETURA III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de equipamentos urbanos de média complexidade tecnológica/funcional/programática. Aprofundamento da abordagem dos condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, com ênfase nas interações entre utilidade, lugar e tectônica que regem as decisões projetuais em arquitetura. Acessibilidade e desenho universal. Etarismo. Adultocentrismo. Direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável. Metodologia de projetos de arquitetura.

**Objetivos:**

Desenvolver práticas e metodologias projetivas na escala do edifício de média complexidade e sua relação com o urbano. Fornecer embasamento teórico para decisões projetuais.

**Bibliografia básica:**

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.  
HERTZ, John. **Ecotécnicas em arquitetura: Como projetar nos trópicos úmidos do Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1998.  
REBELLO, Yopanan. **A concepção estrutural e arquitetura**. São Paulo: Zigurate, 2000.  
SILVA, Elvan. **Uma Introdução ao projeto arquitetônico**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.  
VITRUVIO. **Tratado de Arquitetura**. São Paulo: Martins, 2007.

**Bibliografia complementar:**

COELHO NETTO, Jose. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2012  
LOEB, Rodrigo; LIMA, Ana. **Cidade, gênero e infância**. São Paulo: Romano Guerra, 2022.  
DANIEL, Jorge; ANDRES, Pedro. **Crítica de la sociedad adultocéntrica**. Bogotá: Universidad de la Salle, 2021.  
MONTENEGRO, Gildo. **A invenção do projeto**. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.  
ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.  
RASMUSSEN, Steen. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.  
SEGRE, Roberto; OHTAKE, Ricardo. **Oscar Niemeyer: 100 anos 100 obras**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2007.  
TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.  
VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.  
VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA V</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: ARQUITETURA IV			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
<b>Ementa:</b>			



Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de unidades habitacionais unifamiliares e plurifamiliares de pequena escala. Aprofundamento da abordagem dos condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, com ênfase nos aspectos socioculturais, construtivos e de qualidade ambiental, com atenção ao direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável, que regem o projeto arquitetônico da moradia, nas suas dimensões individuais e coletivas. Introdução à arquitetura de interiores. Introdução à acessibilidade e desenho universal em arquitetura habitacional.

**Objetivos:**

Desenvolver habilidades projetivas para atendimento de demandas a partir de contextos espaciais, sociais e econômicos existentes. Introduzir o tema de métodos e práticas em projetos participativos. Sensibilizar para os aspectos do impacto ambiental da atividade projetiva. Sensibilizar para a importância da acessibilidade e desenho universal na arquitetura habitacional.

**Bibliografia básica:**

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.  
LEMONS, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.  
RODRIGUES, Arlete. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2003  
RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

**Bibliografia complementar:**

ALUCCI, Márcia et al. **Implantação de Conjuntos Habitacionais**. São Paulo: IPT, 1986.  
BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.  
FRUTO VIVAS. **Las casas más sencillas**. Caracas: Fundación Imprenta de la Cultura, 2011.  
HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste**. Recife: UFPE, 1976.  
ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.  
ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.  
SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.  
TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.  
VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA VI</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: ARQUITETURA V			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de equipamentos regionais de alta complexidade tecnológica/funcional/programática. Aprofundamento da abordagem dos condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, com ênfase nos aspectos funcionais, construtivos e de qualidade ambiental; particularmente a resolução de fluxos e organização espacial (layout), a definição dos sistemas estrutural e construtivo, a adoção de estratégias bioclimáticas de conforto ambiental térmico e lumínico, e a definição de instalações e equipamentos de higiene, saneamento



e segurança; com atenção ao direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável e à acessibilidade e desenho universal.

**Objetivos:**

Desenvolver habilidades projetivas pertinentes à complexidade dos equipamentos regionais, desde o desenvolvimento dos programas; desenvolver métodos e práticas para uma ampla compreensão do público-alvo/usuário/a.

**Bibliografia básica:**

ANDO, Tadao. **Tadao Ando: Arquiteto**. Ed. Bei, 2010.

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.

HERTZ, John. **Ecotécnicas em arquitetura**. São Paulo: Pioneira, 1998.

**Bibliografia complementar:**

IRIGOYEN, Adriana. **Wright e Artigas - Duas viagens**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.

LELE. **Arquitetura - Uma experiência na área de saúde**. São Paulo: Romano Guerra, 2012.

MONEO, Rafael. **Inquietação Teórica e Estratégia Projetual, na obra de oito arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RASMUSSEN, Steen. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Mauro; BURZTYN, Ivani (Orgs.). **Saúde e arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004.

TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA VII</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: ARQUITETURA VI			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de programas habitacionais plurifamiliares de grande escala em ambiente construído. Considerando os condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, e aprofundando os aspectos socioculturais, construtivos e de qualidade ambiental que regem o projeto arquitetônico da moradia, nas suas dimensões individuais e coletivas, preservando o direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável. Arquitetura de interiores em contextos adversos. Acessibilidade e desenho universal.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p>			

Desenvolver habilidades projetivas para atender contextos pré-existentes com limitações espaciais e econômicas e habilidades técnicas para soluções construtivas e infraestruturais/instalações prediais.

**Bibliografia básica:**

CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.  
BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.  
RODRIGUES, Arlete. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2003.  
RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

**Bibliografia complementar:**

BONDUKI, Nabil. **Habitação e autogestão**. Rio de Janeiro: FASE, 1992.  
ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.  
ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.  
SANTOS, André et al. **Laboratório de projeto integrado e participativo para requalificação de cortiço**. São Paulo: FAUUSP, 2002.  
TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.  
VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.  
WERNER, Edmundo et al. **Pluralismo na habitação**. São Paulo: Annablume, 2001.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA VIII</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: ARQUITETURA VII			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de intervenção em edifícios e conjuntos edificados de interesse histórico e cultural, considerando, além dos condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, as técnicas e recomendações específicas de restauro e conservação de bens culturais edificados, garantindo, ao mesmo tempo, acessibilidade e desenho universal e cuidando para minimizar os impactos ambientais

**Objetivos:**

Desenvolver habilidades projetivas para intervenção em edifícios históricos; refletir, a partir da atuação projetiva, sobre a definição de valor histórico em arquitetura e a relação arquitetura-identidade.

**Bibliografia básica:**

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2004.  
CAMBIAGHI, Silvia. **Desenho universal: Métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Senac, 2017.

CHUVA, Marcia. **A Invenção do Patrimônio**. Brasília: IPHAN, 1995.  
ZANCHETTI, Silvio (org.) **Gestão do patrimônio cultural integrado**. Recife: UFPE, 2002.

Bibliografia complementar:

GALVÃO, Marco (org.) **Casas do Patrimônio**. Brasília: IPHAN, 2010.

INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA. **Corredor Cultural como recuperar, reformar ou construir seu imóvel**. Rio de Janeiro: Rio Arte, IPLANRIO, 1985.

IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1995.

KATINSKY, Júlio. **Um Guia para História da Técnica no Brasil Colônia**. São Paulo: FAU/USP, 1979.

MENDES, Marylka; BAPTISTA, Antônio. **Restauração: ciência e arte**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1996.

ORNSTEIN, Sheila et al. **Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

TORTOSA, Lourdes. **Ergonomia y discapacidad**. Valencia: IBV, 1999.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

## \_EIXO DE ATELIÊ EM PROJETO URBANO, PLANEJAMENTO E PAISAGEM

00 disciplinas do núcleo de conhecimentos de fundamentação

09 disciplinas do núcleo de conhecimentos profissionais

40 créditos | 3º ao 8º semestre

### Núcleo de Conhecimentos Profissionais

Nome da disciplina: <b>URBANISMO I</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35
<p>Ementa:</p> <p>Técnicas e métodos de percepção e estudo do espaço urbano. Levantamento das formas de produção e apropriação do espaço urbano formal e informal. Levantamento e análise de indicadores socioeconômicos e demográficos, dados históricos de ocupação, dados da organização político-administrativa, uso e ocupação do solo, mobilidade, equipamentos, infraestrutura, gabarito das construções. Técnicas de levantamentos de campo em urbanismo com contribuições da educação popular. Introdução à Morfologia Urbana e ao desenho urbano participativo. Projeto da rua a quadra/bairro em acordo com contexto real específico. Abordagens interseccionais de classe, raça e gênero para o desenvolvimento de estudos e proposições no espaço urbano. A extensão universitária</p>			

será incluída a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, bem como com movimentos sociais e comunidades, com o enfoque em desenvolvimento de material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Introduzir o aluno e a aluna a práticas e metodologias projetivas na escala urbana; apresentação das diversas complexidades e conceitos relacionados. Introduzir a elaboração e utilização de mapas. Explorar e possibilitar a compreensão das diversas fontes de dados disponíveis. Desenvolver habilidade projetiva na escala da rua a quadra/bairro, considerando complexidades de execução e adequação da proposta em termos culturais, ambientais, sociais e econômicos.

#### Bibliografia básica:

BRASIL. **Estatuto da cidade**. Brasília: CEF/Inst. Polis, 2001.  
CARLOS, Ana. **Os caminhos da Reflexão sobre Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.  
DEL RIO, Vicente. **Desenho Urbano**. São Paulo: Pini, 1995.  
DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho Urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.  
DEL RIO, Vicente e SIEMBIEDA, William. **Desenho Urbano Contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.  
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.  
SOUZA, Marcelo; RODRIGUES, Glauco. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais**. São Paulo: Unesp, 2004.  
PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar**, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.

#### Bibliografia complementar:

ANGILELI, Cecília. **Paisagens Reveladas**. São Paulo: Giostri, 2014.  
BOURDIEU, Pierre et al. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.  
CALVINO, Ítalo. **A Cidade Invisível**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.  
CORRÊA, Roberto. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.  
CORTÉS, José. **Políticas do Espaço**. São Paulo: Senac, 2008.  
DOBRY-PROSANTO, Sylvia. **Arquitetura e paisagem, projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume, 2005.  
FERRARA, Lucrécia. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.  
GONZAGA, Terezinha. **A cidade e a arquitetura também mulher**. São Paulo: Annablume, 2011.  
GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.  
LAMAS, José. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2004.  
LANG, Jon. **Urban Design**. Amsterdam: Elsevier, 2005.  
MASCARÓ, Juan. **Manual de Loteamentos e Urbanização**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.  
MÜLLER, Cíntia; CHAGAS, Miriam. **Dinâmicas de Cidadania**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.  
OLIVEIRA, Dennison. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: UFPR, 2000.  
RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas Cidades**. Rio de Janeiro: Record, 1996.  
SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2005.

Nome da disciplina: <b>URBANISMO II</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: Urbanismo I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35
<p><b>Ementa:</b></p> <p>As principais correntes urbanísticas do pré-urbanismo progressista ao planejamento participativo. Análise crítica de projetos de renovação/revitalização urbana e de processos de gentrificação e segregação socioespacial. A complexidade das cidades pequenas e médias. Instrumentos urbanísticos contemporâneos. Planos diretores. Estatuto da Cidade. Territórios comunais. Reforma urbana. Função social da propriedade. Habitação de interesse social. Regularização fundiária. Estudos de caso na América Latina e Caribe. Abordagens interseccionais de classe, raça e gênero para o desenvolvimento de estudos e proposições no território. Atividade extensionista a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, com movimentos sociais e comunidades, enfocando em desenvolvimento de material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Instrumentalizar os alunos e alunas ao pensamento crítico sobre os distintos resultados socioespaciais resultantes das diversas correntes urbanísticas. Explorar as relações indissociáveis entre mercado e correntes urbanísticas, bem como a relação entre gestão do território, especulação imobiliária e segregação socioespacial e racial, além de refletir questões que envolvem gênero e sexualidades. Demonstrar a centralidade da questão habitacional para o desenvolvimento urbano e suas implicações nas negociações entre as distintas forças e interesses atuantes. Explorar as potencialidades e limitações do processo participativo em planejamento urbano. Desenvolvimento de diretrizes para um plano de ação urbana e habitacional e ou plano diretor.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>BONDUKI, Nabil. <b>Origens da Habitação Social no Brasil</b>. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.</p> <p>CUNHA, Egláisa et al. (orgs). <b>Experiências em Habitação de Interesse Social no Brasil</b>. Brasília: MCid, 2007.</p> <p>HARVEY, David. <b>A Produção Capitalista do Espaço</b>. São Paulo: Annablume, 2005.</p> <p>LEFEBVRE, Henri. <b>O Direito à Cidade</b>. São Paulo: Centauro, 2001.</p> <p>PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. <b>Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar</b>, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.</p> <p>SANTOS, Milton. <b>Metamorfoses do Espaço Habitado</b>. São Paulo: Edusp, 2008.</p> <p>SOUZA, Marcelo Lopes. <b>Mudar a Cidade</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.</p>			

SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008.

Bibliografia complementar:

ANGILELI, Cecília. **Chão**. Curitiba: Appris, 2022.

ALVES, Johana et al (orgs). **Comunalizar el poder: Claves para la construcción del Socialismo Comunal**. Caracas: Fundación Rosa Luxemburgo, 2016.

ARANTES, Otilia. **Urbanismo em Fim de Linha**. São Paulo: Edusp, 1998.

DUARTE, Fábio. **Planejamento Urbano**. Curitiba: IBPEX, 2007.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FERREZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GABBERT, Karin; MARTÍNEZ, Alexandra. **Venezuela desde adentro**. Quito: Fundación Rosa Luxemburgo, 2018.

GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. **Racismo Territorial**. São Paulo: Paco Editorial, 2021.

GONZAGA, Terezinha. **A cidade e a arquitetura também mulher**. São Paulo: Annablume, 2011.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Peter. **Urbanismo: Cidade do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990.

HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. **Racismo Ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, 2006.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MCID. **Plano Diretor**. Brasília: Ministério das Cidades, 2004.

ROLNIK, Raquel (coord). **Estatuto da cidade**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SERRES, Michel. **Atlas**. Paris: Julliard, 1994.

VENEZUELA. **Ley Orgánica de las Comunas**. Caracas: Gaceta Oficial n. 6.011 de 21 de dezembro de 2010.

Nome da disciplina: <b>URBANISMO III</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: Urbanismo II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35

Ementa:

Principais sistemas de infraestrutura urbana e interações com o ambiente urbano. Sistemas de Saneamento Básico. Energia e Iluminação Pública. Sistemas de Arborização. Marcos regulatórios e padrões de consumo. Equidade de acesso e justiça ambiental. Infraestruturas ecológicas: padrões de infraestrutura e mudanças climáticas. Infraestrutura verde e azul. Agroecologia. Exercícios de cunho conceitual e prático em nível de estudo preliminar. Abordagens interseccionais de classe, raça e gênero para o desenvolvimento de estudos e proposições no espaço urbano. Atividade extensionista a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, com movimentos sociais e comunidades, enfocando em desenvolvimento de material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.



O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Proporcionar aos discentes o estudo de temas relacionados à infraestrutura urbana e sua interface com os padrões urbanos latino-americanos e caribenhos. Desenvolver bases para propostas de sistemas e tecnologias contextualizadas para cidades, comunidades e meio ambiente.

#### Bibliografia básica:

HELLER, Leo. **Abastecimento de água para consumo humano**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.  
MASCARÓ, Juan; YOSHINAGA, Mário. **Infraestrutura urbana**. Porto Alegre: Editora +4, 2005.  
WALDMAN, Mauricio. **Lixo: cenários e desafios**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.  
PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar**, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.

#### Bibliografia complementar:

ALTIERI, Miguel. **Bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.  
CANHOLI, Aluísio. **Drenagem urbana e controle de enchentes**. São Paulo: Oficinas de Textos, 2005.  
MASCARÓ, Juan; MASCARÓ, Lucia. **Vegetação Urbana**. Porto Alegre: Editora +4, 2010.  
MASCARÓ, Lucia. **A Iluminação do Espaço Urbano**. Porto Alegre: Editora +4, 2006.  
MERLINKSKY, Gabriela. **Toda ecología es política**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.  
PHILIPPI JR, Arlindo (Org.) **Saneamento, saúde e ambiente**. Barueri: Manole, 2004.  
PRIMAVESI, Ana. **Cartilha da Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.  
VASCONCELLOS, Eduardo. **Transporte Urbano, espaço e equidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

Nome da disciplina: <b>URBANISMO IV</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Urbanismo III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35

#### Ementa:

Planejamento e urbanismo a partir da preservação histórica e cultural. Delimitação de áreas e conjuntos culturais e históricos. Políticas públicas e instrumentos de preservação. Territorialidades latino-americanas e preservação cultural. Demarcação e luta pela terra de territórios indígenas, quilombola, povos de terreiro e outros. Estudos de caso na América Latina e Caribe. Atividade extensionista a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, com movimentos sociais e comunidades, enfocando em desenvolvimento de material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.



O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Por em debate as especificidades, potencialidades, limitações e proteção de sítios e conjuntos históricos; refletir sobre a definição de valor histórico e cultural em arquitetura e urbanismo. A relação entre território e identidade. Desenvolver análise crítica sobre os projetos urbanísticos em centros históricos. Desenvolver bases para propostas de preservação/ativação de patrimônio histórico e cultural levando em conta valores contextualizados para os povos da América Latina e Caribe.

**Bibliografia básica:**

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Liberdade, UNESP, 2001.  
FINGER, Anna et al. **Normatização de Cidades Históricas**. Brasília: IPHAN  
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.  
PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar**, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.

**Bibliografia complementar:**

BONDUKI, Nabil. **Intervenções Urbanas na Recuperação de Centros Históricos**. Brasília: IPHAN, 2010.  
CASTRO, Sonia. **O Estado na preservação de bens culturais**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.  
FONT, Joan. **Geopolítica identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.  
GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. **Racismo Territorial**. São Paulo: Paco Editorial, 2021.  
JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.  
RIBEIRO, Rafael. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

Nome da disciplina: <b>ESTUDOS DO TERRITÓRIO</b>			Semestre letivo: 4º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35

**Ementa:**

Sociologia do território. Análises estruturais: globalização e seus impactos nas cidades; sociedade de consumo e transformações urbanas, padrões de ocupação do solo, densidade urbana, perfis populacionais, padrões de crescimento urbano, as situações de risco e os assentamentos humanos, desigualdades socioambientais, raciais e de gênero, dinâmicas urbanas e rurais. Bem-viver. Análises do cotidiano: lugar e cotidiano, território e o saber local, memória nas cidades, elementos afetivos e sensíveis da vida cotidiana das cidades. Cartografias sociais, mapas mentais, estudos cartográficos territoriais, estudos etnográficos. Atividade extensionista a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, com movimentos sociais e comunidades, enfocando em desenvolvimento de

material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Apresentar ao alunado referencial teórico e temas pertinentes à sociologia urbana e do território. As relações de poder constitutivas da constante produção do espaço urbano e do rural. Problematicar a produção de conhecimento na e sobre a cidade e o território. Instrumentalizar o e a estudante para a leitura de dados e indicadores socioeconômicos, raciais e de gênero, para a produção de cartografias sociais, mapas mentais e esquemas cartográficos territoriais. Apresentar abordagens não mercantis sobre o território. Sensibilizar e instrumentalizar o e a estudante para o reconhecimento dos territórios a partir da memória e de estudos de cunho etnográfico.

#### Bibliografia básica:

ACSELRAD, Henri (org). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.  
ACSELRAD, Henri et al. **O que é justiça ambiental?** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.  
ADOLFO, Luiz. **Globalização e Estado Contemporâneo**. São Paulo: Memória Jurídica, 2001.  
ALIER, Joan. **Ecologismo dos Pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.  
PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar**, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.

#### Bibliografia complementar:

ACOSTA, Alberto et al. **O Bem Viver**. São Paulo: Autonomina Literária, 2016.  
ALTIERI, Miguel. **Bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.  
BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.  
BOURDIEU, Pierre (org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.  
ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.  
GONZAGA, Terezinha. **A cidade e a arquitetura também mulher**. São Paulo: Annablume, 2011.  
GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.  
LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.  
LÓPEZ, Pabel; BETANCOURT, Milson. **Conflictos territoriales y territorialidades en disputa**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.  
MORISAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.  
PRIMAVESI, Ana. **Cartilha da Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.  
RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.  
RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Porto Alegre: LPM, 1979.  
ROSENDO, Daniela. **Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis**. Rio de Janeiro: Apeku, 2019.  
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.  
SINGER Paul. **Economia Política de Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.  
SOUZA, Marcelo; RODRIGUES, Glauco. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais**. São Paulo: Unesp, 2004.

Nome da disciplina: <b>POLÍTICAS PÚBLICAS DE HABITAÇÃO</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 10
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Direitos humanos, direito ao território, direito à cidade e direito à moradia. A territorialização das políticas públicas. A questão habitacional na América Latina. Conflitos urbanos, moradia e política de habitação. A luta das mulheres pelo direito à moradia. Políticas e programas habitacionais. Estudos de caso. Acesso à terra, políticas de solo e segregação socioespacial na América Latina. Brasil: Reforma Urbana e Estatuto da Cidade: Balanço de uma Década. Cuba pós-revolução: outra perspectiva para a habitação. Industrialização e habitação: das vilas operárias às cidades-empresa. A arquitetura modernista e os grandes conjuntos habitacionais. Do direito à cidade ao direito à arquitetura. Arquitetura, cidade e financiamento habitacional. A financeirização da política habitacional. Novos paradigmas: mutirão, auto-gestão e assistência técnica gratuita. A disciplina tem parte da carga horária voltada para extensão no sentido de produzir conteúdo sobre direitos humanos, direito ao território, direito à cidade e direito à moradia, voltado para a educação popular, isto é, trabalhar nas escolas públicas, comunidades, conselhos municipais, entre outros, ou ainda, produzir material popular para as redes sociais e outras mídias sobre o tema.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Analisar, com o alunado, em perspectiva histórica distintas políticas habitacionais na América Latina. Constituir um arcabouço teórico-prático para o corpo de discente, de modo a prepará-lo a participar do desenvolvimento de políticas públicas de habitação de interesse social e outras correlatas, desde a arquitetura de programas ao projeto habitacional. Dar a compreender a centralidade da luta das mulheres pela moradia.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ARAVENA, Susana et al. <b>La vivienda, entre el derecho y la mercancía las formas de propiedad en América Latina</b>. Montevideo: Trilce, 2014.</p> <p>BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana P. <b>Os pioneiros da habitação social no Brasil – vol 1 a 3</b>. São Paulo: Ed. Unesp/SESC, 2014.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>AIH. <b>Políticas alternativas de vivienda en América Latina y el Caribe</b>. Buenos Aires: Cooperativa Chilavert, 2013.</p>			

BASTOS, Tiago. **Autogestão e a luta pela desmercantilização da moradia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

BONDUKI, Nabil. **Habitar São Paulo**. São Paulo: Liberdade, 2000.

BRITTO, Alfredo. **Pedregulho**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

GONZAGA, Terezinha. **A cidade e a arquitetura também mulher**. São Paulo: Annablume, 2011.

GONZALEZ, Gustavo. **Una história de FUCVAM**. Montevideo: Trilce, 2013.

HEIN, Cleonice et al. **Mulheres da união em luta**. São Paulo: UMM, 2020.

HUGUENIN, João. **O território do Homem Comum**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

KERN, Leslie. **Cidade feminista**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LÓPEZ, Pabel; BETANCOURT, Milson. **Conflictos territoriales y territorialidades en disputa**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

MARICATO, Ermínia. **Habitação e Cidade**. São Paulo: Atual, 2019.

MOASSAB, Andréia; VETTORAZZI, Egon (orgs). **Morar na Barranca: Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região trinacional**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2019.

MORAES, Lúcia; VIEIRA FILHO, Josué. **Políticas sociais urbanas**. Goiânia: PUC Goiás, 2013.

MUXI, Zaida. **Mujeres, casas y ciudades**. Barcelona: DPR, 2018.

RANGEL, Ignácio. **Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SOZA, Sergio. **La producción de la vivienda en America Latina y Caribe**. Santiago: CEPAL, 1996.

Nome da disciplina: <b>PLANEJAMENTO TERRITORIAL E REGIONAL</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 65	Carga horária em extensão: 35

**Ementa:**

Introdução à área de planejamento regional e territorial e aos tipos de planos. Introdução às técnicas e metodologias de pesquisa em planejamento regional e territorial. Análise da estrutura urbana e rural de pequenos e médios municípios. Estudos sobre estruturas rurais, estruturas urbanas, comunidades populares urbanas, comunidades tradicionais quilombolas, povos originários indígenas. Luta pela terra. Políticas nacionais/regionais/internacionais e seus impactos locais, violação de direitos humanos e processos de injustiça ambiental. Processos para a viabilização de propostas e desenvolvimento de políticas públicas inclusivas. Avaliação de impactos de grandes projetos infra estruturais e estudos de impacto socioambiental. Estudos de caso na América Latina e Caribe. Desenvolvimento de plano regional ou plano de desenvolvimento territorial sustentável ou projeto do espaço rural, agrovilas, aldeamento indígena, comunidades quilombolas e outros. Atividade extensionista a partir de parcerias com setores técnicos e gestores públicos, com movimentos sociais e comunidades, enfocando em desenvolvimento de material técnico de levantamento, leitura e diretrizes urbanísticas e de planejamento para o território delimitado.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No

entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Apresentar aos discentes a complexidade metodologias de análise interestelar, transtemporal, e interdisciplinar do espaço na escala regional. Conhecer, compreender e interpretar o território e as suas inter-relações com fatores sociais, econômicos, históricos, culturais e ambientais. Apresentar as especificidades do espaço interiorano rural e urbano e a complexidade dos municípios de pequena e média escala. Conhecer o quadro de instrumentos jurídicos para o planejamento e gestão pública e do território. Possibilitar a compreensão sobre as transformações territoriais decorrentes de grandes investimentos e implantação de obras e seus impactos socioambientais. Habilitar o alunado à análise e avaliação da boa distribuição e dos impactos das políticas públicas no território e a desenvolver estudos, análises e planos de intervenção no espaço regional (urbano e rural).

#### Bibliografia básica:

AFFONSO, R.; SILVA, P. B. **Descentralização e políticas sociais**. São Paulo: Fundap/lesp, 1996.  
BECKER, Bertha. et al. (Orgs.). **Abordagens Políticas da Espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.  
Bertrand Brasil, 2005.  
BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e desenvolvimento**. Campinas: Unicamp, 2012.  
KRAMBECK, Christian. **Planejamento Territorial Rural**. Florianópolis: UFSC: 2007.  
PROJECTARE REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Dossiê: Territórios interioranos e modos de morar**, Pelotas-RS, v. 1, n. 11, 2021.  
VEIGA, José. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

#### Bibliografia complementar:

ANGILELI, Cecília. **Chão**. Curitiba: Appris, 2022.  
BECKER, Bertha. **A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.  
CARLOS, Ana Fani. **Espaço Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.  
CARLOS, Ana Fani; LEMOS, Amália. **Dilemas Urbanos**. São Paulo: Contexto, 2005.  
DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli. **O Processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.  
FIRKOWSKI, Olga (Org.). **Transformações Territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.  
HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.  
LEITE, Sergio et al. **Políticas públicas, atores sociais e desenvolvimento territorial no Brasil**. Brasília: IICA, 2011.  
LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco. **Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.  
LÓPEZ, Pabel; BETANCOURT, Milson. **Conflictos territoriales y territorialidades en disputa**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.  
MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.  
PIQUET, Rosélia. **Cidade-Empresa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.  
PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília: PNUD, 2003.  
RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Urbanidade e Vida Metropolitana**. Rio de Janeiro: Jobran, 1996.  
SOUZA, Marcelo. **A prisão e a ágora**. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2006.  
VEIGA, José. **A face rural do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.



Nome da disciplina: <b>PAISAGEM I</b>			Semestre letivo: 4º
Pré-requisitos: Arquitetura III e Desenho Projetivo II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A paisagem e sua conformação: aspectos históricos e principais conceitos. As escalas de estudo e de intervenção da paisagem. A contribuição do arquiteto e urbanista no planejamento e projeto da paisagem, considerando a relação entre a proteção e conservação dos recursos paisagísticos e ambientais e os aspectos socioeconômicos e culturais da população. A paisagem e o paisagismo contemporâneo. Elementos estruturadores da paisagem. Percepção ambiental. Projetos paisagísticos para espaços livres de edificação no contexto latino-americano. Relação entre o espaço edificado e os espaços livres de edificação. Compreensão dos elementos naturais da paisagem (vegetação, topografia, solo, drenagem, clima, etc.). Valorização dos biomas e ecossistemas latino-americanos no planejamento e projeto da paisagem. Identidade visual e legibilidade em projetos de paisagismo. Técnicas de representação em projetos de paisagismo. Projeto de paisagismo intralote.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Compreender os conceitos e elementos que formam a paisagem urbana contemporânea. Compreender a paisagem como resultante de processos conjuntos de ordem ambiental, socioeconômica, cultural e política. Introduzir o debate referente à relação entre os elementos naturais e o ambiente construído, com ênfase na valorização dos aspectos locais e na apropriação dos usuários.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ABBUD, Benedito. <b>Criando paisagens</b>. São Paulo: SENAC, 2010.</p> <p>FARAH, Ivete; SCHLEE, Mônica. <b>Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil</b>. São Paulo: SENAC, 2010.</p> <p>WATERMAN, Tim. <b>Fundamentos de paisagismo</b>. Porto Alegre: Bookman, 2010.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>PRONSATO, Sylvia. <b>Arquitetura e Paisagem: projeto Participativo e Criação Coletiva</b>. São Paulo: Annablume: 2005.</p> <p>LIRA FILHO, José Augusto de. <b>Paisagismo: elaboração de projetos de jardins</b>. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012.</p> <p>LORENZI, Harri. <b>Árvores Brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas e arvores nativas do Brasil</b>. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.</p> <p>LORENZI, Harri. <b>Plantas ornamentais no Brasil Arbustivas, herbáceas e trepadeiras</b>. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.</p> <p>SILVA, Antonio Carlos. <b>Desenho de vegetação em arquitetura e urbanismo</b>. São Paulo: Blucher, 2013.</p>			

Nome da disciplina: <b>PAISAGEM II</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Paisagem I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 05
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 75	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 60	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A paisagem urbana e o sistema de espaços livres de edificação. Conceito e histórico de espaço público de lazer. O conceito de praça e parque na cidade contemporânea, suas tipologias e seus papéis na qualificação do espaço urbano. As características da forma urbana e seus reflexos no uso e apropriação dos espaços públicos de lazer. Ecologia da paisagem. As mudanças climáticas e os impactos nas paisagens urbanas e rurais. Políticas de preservação ambiental. O papel das áreas verdes urbanas e das áreas de importância ambiental e paisagística. Impactos ambientais e recuperação de áreas degradadas. Iluminação pública, arborização urbana e mobiliário urbano. Desenho universal e acessibilidade. Estudos de caso latino-americanos. Anteprojeto paisagístico de praça ou parque, que responda às necessidades e condicionantes locais, com soluções conceituais, formais, funcionais e técnicas, que qualifiquem o contexto físico, ambiental, social e cultural.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Introduzir conceitos e métodos que apoiem o projeto de espaços públicos de lazer. Abordar questões referente ao uso e apropriação da população, a partir compreensão das com especificidades culturais, sociais, materiais e ambientais da comunidade local.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b> CAMPOS, Ana Cecília. <b>Sistemas de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagens</b>. São Paulo: FAUUSP, 2011. MACEDO, Sílvio; ROBBA, Fabio. <b>Praças Brasileiras</b>. São Paulo: IMESP, 2002. GOMES, Marcos Antônio. <b>Os parques e a produção do espaço urbano</b>. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b> MOTTA, Flávio. <b>Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem</b>. São Paulo: Studio Nobel, 1984. ALIATA, Fernando. <b>A paisagem como cifra de harmonia: Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico</b>. Curitiba: UFPR, 2008. MACEDO, Sílvio. <b>Parques urbanos no Brasil = Brazilian urban parks</b>. São Paulo: USP, 2010. TÂNGARI, Vera. <b>Águas urbanas uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado</b>. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007. SANTOS, José Eduardo dos. SILVA, Carolina Joana da. MOSCHINI, Luiz Eduardo. <b>Paisagem, biodiversidade e cultura</b>. São Carlos: RIMA, 2012. SANTOS, Rozely. <b>Planejamento ambiental: teoria e prática</b>. São Paulo: Oficina de textos, 2009.</p>			



Nome da disciplina: <b>PAISAGEM III</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: Paisagem II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Os elementos que formam a paisagem urbana e seus padrões morfológicos. Os processos de expansão urbana e os conceitos de parcelamento do solo e de loteamento urbano. A interface entre o planejamento e o projeto da paisagem urbana. Tipologias de traçado urbano e de estrutura fundiária. Compreensão dos elementos naturais na elaboração de um projeto de loteamento urbano: áreas verdes, hidrografia, topografia e condições climáticas. Legislação urbana e ambiental e seus parâmetros no desenho da paisagem: áreas de preservação permanentes, hierarquia do sistema viário, uso do solo urbano e parcelamento do solo. Compreensão da distribuição equitativa dos equipamentos urbanos. Impacto da expansão urbana nas condições de mobilidade urbana. Noções de drenagem e saneamento básico. Anteprojeto de loteamento urbano que considere os aspectos históricos, legais, socioeconômicos, culturais e ambientais da área de intervenção.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Estimular a reflexão crítica sobre a formação e transformação da paisagem urbana e o impacto na vida cotidiana da população e no seu direito à cidade. Fomentar a discussão sobre a responsabilidade social do arquiteto e urbanista nos processos de expansão urbana e no modo de morar e de viver da população.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>DEL RIO, Vicente. <b>Desenho urbano contemporâneo no Brasil</b>. Rio de Janeiro: LTC, 2018.          GEHL, Jan. <b>Cidade para pessoas</b>. São Paulo: Perspectiva, 2013.          MASCARÓ, Juan. <b>Loteamentos urbanos</b>. Porto Alegre: Mosquatro, 2005.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ACIOLY JR, Claudio. <b>Densidade urbana um instrumento de planejamento e gestão urbana</b>. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.          CARLOS, Ana et al. <b>A produção do espaço urbano</b>. São Paulo: Contexto, 2014.          LANG, Stefan. <b>Análise da paisagem com SIG</b>. São Paulo: Oficina de textos, 2009.          MASCARÓ, Juan. <b>Infraestrutura da paisagem</b>. Porto Alegre: Editora +4, 2008.          MASCARÓ, Lucia. <b>Vegetação urbana</b>. Porto Alegre: Mosquatro, 2015.          ROMERO, Marta. <b>Princípios bioclimáticos para o desenho urbano</b>. Brasília: UNB, 2013.</p>			

## \_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO EM LEITURA E REPRESENTAÇÃO

07 disciplinas do núcleo de conhecimentos de fundamentação

00 disciplina do núcleo de conhecimentos profissionais

27 créditos | 1º ao 6º semestre

### Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação

Nome da disciplina: <b>MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO</b>			Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 06
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 90	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 75	Carga horária em extensão: 24
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Desenho de observação e de memória. Croquis e perspectivas à mão livre. Visão volumétrica: profundidade, forma e formato, cheios e vazios. Hierarquia de traços. Luz e sombra. Diferentes técnicas de representação gráfica do objeto arquitetônico e das paisagens construídas e naturais. Proporções, escalas e percepção dimensional do espaço. Aspectos plásticos dos elementos e representação de cores, texturas e materiais. Humanização e escala humana. Diversidade de corpos; diferentes gramáticas de corpos latino-americanos. Atividades de extensão a partir da oferta de cursos, palestras, oficinas e/ou exposições que abordem temáticas referentes à ementa da disciplina em comunidades interessadas ou bairros na região trinacional, considerando, o princípio da interação dialógica troca de saberes entre docentes, discentes e comunidade. Tais atividades visam valorizar as diversas representações de espaços, habitações e cenas do cotidiano urbano.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Aprofundar os fundamentos teóricos e práticos da expressão e representação gráfica voltada para a arquitetura e o urbanismo. Dar ênfase ao raciocínio espacial através da perspectiva, dos croquis à arte final. Buscar um distanciamento crítico em relação a processos de fabricação de imagens. Investir na abertura e na imaginação como formas de ampliar a percepção e o conhecimento sobre o espaço.</p>			

**Bibliografia Básica:**

CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. **Desenho para Arquitetos**. Porto Alegre: Bookman, 2012.  
DOYLE, Michael. **Desenho a cores**. São Paulo: Bookman, 2002.  
PARRAMON EDICIONES. **Fundamentos do Desenho artístico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

**Bibliografia Complementar:**

CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolas (org). **Cuerpos sin patrones: resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne**. Buenos Aires: Madreselva, 2016.  
EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do Cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.  
FARRELLY, Lorraine. **Técnicas de Representação**. São Paulo: Bookman, 2011.  
LEGGIT, JIM. **Desenho de arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2004.  
SCHENK, Leandro. **Os croquis na concepção arquitetônica**. São Paulo: Annablume, 2010.  
TIBURI, Marcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/ Desenho**. São Paulo: SENAC, 2010.

Nome da disciplina: <b>DESENHO PROJETIVO I</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: Meios de Expressão e Representação			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 50	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Desenho: tipos, traços, linhas e técnicas. Instrumentos e materiais de desenho. Pranchas, dimensões e formatos do papel. Escalas. Letra técnica. Símbolos e convenções gráficas. Cotas. Representação gráfica em nível de estudo preliminar e anteprojeto: plantas baixas, cortes, elevações, implantação, planta de cobertura, situação e locação. Perspectivas cilíndricas e cônicas com uso de instrumentos.

**Objetivos:**

Proporcionar o aprendizado com o rigor necessário para leitura e representação projetual, em conformidade às Normas Técnicas vigentes. Fornecer arcabouço de conceitos do desenho projetivo e sua aplicabilidade em projetos. Desenvolver o traçado à mão e a capacidade de desenhar com o uso correto de instrumentos manuais de desenho. Trabalhar de forma prática e aplicada, com o nível de detalhamento exigido pelas etapas de projeto a serem representadas.

**Bibliografia Básica:**

ABNT. **NBR 16861**. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.  
CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. **Desenho para Arquitetos**. Porto Alegre: Bookman, 2012.  
MONTENEGRO, Gildo. **A Perspectiva dos Profissionais**. São Paulo: Edgard Blücher, 2010.

**Bibliografia Complementar:**

BORTOLUCCI, Maria Angela. **Desenho, teoria & prática**. São Carlos: SAP/EESC/USP, 2005  
CHING, Francis. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000  
CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. **Representação Gráfica para Desenho e Projeto**. São Paulo: Gustavo Gili, 2001.  
MONTENEGRO, Gildo. **Desenho Arquitetônico**. São Paulo: Edgar Blucher, 2001.  
VIZIOLI, Simone et al. **Desenho arquitetônico básico**. São Paulo: PINI, 2010.

Nome da disciplina: <b>DESENHO PROJETIVO II</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: Desenho Projetivo I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 50	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Representação gráfica em nível de projeto executivo e detalhamento. Desenho de sistemas de circulação vertical (escadas e rampas), de esquadrias e de coberturas. Desenho com auxílio do computador. Introdução à modelagem gráfica tridimensional. Introdução ao BIM – <i>Building Information Modeling</i>.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Proporcionar o aprendizado com o rigor necessário para leitura e representação projetual, em conformidade às Normas Técnicas vigentes. Fornecer arcabouço de conceitos do desenho projetivo e sua aplicabilidade em projetos. Desenvolver a habilidade de representar projetos com o uso de processos e recursos computacionais. Trabalhar de forma prática e aplicada, com o nível de detalhamento exigido pelas etapas de projeto a serem representadas.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ABNT. <b>NBR 16861</b>. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.</p> <p>CHING, Francis; SALVATERRA, Alexandre. <b>Representação Gráfica em Arquitetura</b>. Porto Alegre: Bookman, 2011.</p> <p>CHING, Francis. <b>Técnicas de Construção Ilustradas</b>. Porto Alegre: Bookman, 2016.</p> <p>LITTLEFIELD, David. <b>Manual do arquiteto</b>. Porto Alegre: Bookman, 2011.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BERETTA, Giovana; MAZARO, Giovana. <b>Apostila AutoCAD</b>. Campo Grande: GB cursos, 2019.</p> <p>CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. <b>Desenho para Arquitetos</b>. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p> <p>MONTENEGRO, Gildo. <b>Desenho Arquitetônico</b>. São Paulo: Edgar Blucher, 2001.</p> <p>MONTENEGRO, Gildo. <b>Ventilação e Cobertas</b>. São Paulo: Edgar Blucher, 2019.</p>			

Nome da disciplina: <b>POÉTICAS VISUAIS</b>		Semestre letivo: 1º
Pré-requisitos: não há		Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há		Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo		Oferta: ILATIT

Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 45	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 12
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Análise da produção de arte e suas imagens a fim de compreender conceitos, discursos e linguagens que ajudaram na conformação da cultura visual do ocidente. Fatores geradores da cultura ocidental. Abordando aspectos de diferentes culturas tais como, Mesopotâmia, Egito, Grécia, África, Eurásia, época medieval, entre outros. Gênese e origem da modernidade artística. Vanguardas artísticas. Arte contemporânea. Relações entre arte, cidade e arquitetura. Atividades extensionistas voltadas para a oferta de oficinas, palestras ou mini-cursos, para escolas municipais e estaduais da região trinacional e/ou comunidade latino-americana em geral, com conteúdo pertencente à ementa da disciplina, elaborados com a participação de discentes, Difusão e democratização de saberes produzidos no interior da universidade. Construção de valores cidadãos na prática discente.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Fornecer ao aluno e à aluna os elementos constituidores da estética, a partir do conhecimento de obras visuais que formaram a cultura plástica no ocidente, dando-lhe as condições analíticas para o entendimento da iconografia do contexto universal da cultura.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ARAÚJO, Emanuel. <b>Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão</b>. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013.</p> <p>BENJAMIN, Walter. <b>A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica</b>. Porto Alegre: L&amp;PM, 2018.</p> <p>GOMBRICH, Ernst. <b>A História da Arte</b>. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ADES, Dawn. <b>Arte na América Latina</b>. São Paulo: Cosac Naify, 1997.</p> <p>ANTONACCI, Celia. <b>Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea</b>. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.</p> <p>ARCHER, Michael. <b>Arte Contemporânea</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>ARGAN, Giulio. <b>Arte Moderna</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.</p> <p>BASBAUM, Ricardo. <b>A Arte Contemporânea Brasileira</b>. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.</p> <p>BELLUZZO, Ana Maria (org). <b>Modernidade</b>. São Paulo: Unesp, 1990.</p> <p>BURKE, Edmund. <b>Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Ideias do Sublime e do Belo</b>. Campinas: Papirus, 1993.</p> <p>ECO, Umberto. <b>História do Feio</b>. Rio de Janeiro: Difel, 2007.</p> <p>FABRIS, Annateresa. <b>Modernidade e Modernismo no Brasil</b>. Campinas: Mercado das Letras, 1994.</p> <p>GREEMBERG, Clement. <b>Arte e Cultura, Ensaios Críticos</b>. São Paulo: Ática, 2001.</p> <p>PEIXOTO, Nelson. <b>Intervenções Urbanas: Arte/Cidade</b>, São Paulo, ed. Senac, 2002.</p>			

Nome da disciplina: <b>POÉTICAS VISUAIS NA AMÉRICA LATINA</b>			Semestre letivo: 2º
Pré-requisitos: Poéticas Visuais			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 35	Carga horária em extensão: 10
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Análise da imagem e da iconografia na América Latina, nos diversos períodos e povos do continente; ênfase na produção moderna e contemporânea. Atividades de extensão voltadas à difusão dos conhecimentos trabalhados na disciplina e construção de novos saberes a partir da interação dialógica com a comunidade externa da região trinacional. Organização de exposições, cadernos projetivos com técnicas poéticas latino-americanas, itinerários criativos e/ou oficinas temporárias de arte, design e cultura latino-americana.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Oferecer noções do desenho do objeto. Organização de exposições, cadernos projetivos com técnicas poéticas latino-americanas, itinerários criativos e/ou oficinas temporárias de arte, design e cultura latino-americana com a comunidade.</p>			
<p><b>Bibliografia básica</b></p> <p>ADES, Dawn. <b>Arte na América Latina</b>. São Paulo: Cosac Naify, 1997.</p> <p>ANTONACCI, Celia. <b>Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea</b>. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.</p> <p>BELLUZZO, Ana Maria (org). <b>Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina</b>. São Paulo: Unesp, 1990.</p> <p>ESCOBAR, Arturo. <b>Autonomía y Diseño</b>. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.</p> <p><b>Bibliografia complementar</b></p> <p>BASBAUM, Ricardo. <b>A Arte Contemporânea Brasileira</b>. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.</p> <p>BONSIEPE, Gui. <b>El diseño de la Periferia..</b> Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.</p> <p>CCBB. <b>Por ti América: arte pré-colombiana</b>. Rio de Janeiro: Pancrom, 2005.</p> <p>FERNÁNDEZ, Silvia; BONSIEPE, Gui. <b>Historia del diseño en América Latina y el Caribe</b>. São Paulo: Blucher, 2008.</p> <p>FLUSSER, Vilém. <b>Uma filosofia do Design</b>. Lisboa: Relógio D'água. 2010.</p> <p>MORAIS, Frederico. <b>Artes plásticas na América Latina</b>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.</p> <p>QUIJANO, Anibal. <b>Modernidad, identidad y utopía en América Latina</b>. Lima: Sociedad y Política, 1988.</p> <p>SONDEREGUER, Cesar. <b>Manual de Diseño precolombino y su análisis morfológico</b>. Buenos Aires, Nokuto: 2003.</p>			



Nome da disciplina: <b>COMUNICAÇÃO VISUAL APLICADA À ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: Meios de Expressão e Representação			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 10
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A comunicação visual como discurso e texto. A relação entre conteúdo e forma. Imagem, representação e identidade. Noções de forma, cor e tipografia. Design e Linguagem Visual. Comunicação Visual no Século XX Introdução à semiótica. Introdução a programas gráficos. Atividades de extensão voltadas para a organização de exposições, feitura coletiva e dirigida de cadernos, fanzines, aplicativos, mídias, itinerários criativos e/ou oficinas temporárias de arte, objetivando a difusão dos conhecimentos trabalhados na disciplina e a interação com a comunidade externa da região trinacional.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Instrumentalizar os alunos e alunas nos mais diversos meios e linguagens para apresentação de seus projetos. Diagramação gráfica. Composição. Uso das cores. Equilíbrio texto/imagem. Apresentar as potencialidades dos diferentes meios para comunicar ideias/projetos. Elaboração de trabalhos práticos (indicado que estejam conectados a trabalhos de outras disciplinas).</p>			
<p><b>Bibliografia básica</b> LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer. <b>Novos Fundamentos do Design</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2008. LUPTON, Ellen. <b>Pensar com Tipos</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2012. SAMARA, Timothy. <b>Elementos do Design</b>. Porto Alegre: Bookman, 2010.</p> <p><b>Bibliografia complementar</b> ELAM, Kimberly. <b>Geometria do design</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2023. LUPTON, Ellen et al. <b>ABC da Bauhaus</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2012. PEVSNER, Nicolau. <b>Os Pioneiros do Desenho Moderno</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1995. PURVIS, Alston e MEGGS, Philip. <b>História do Design Gráfico</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2013. STOLARSKI, André et al. <b>O Design Gráfico Brasileiro</b>. São Paulo: Cosac Naify, 2012.</p>			



Nome da disciplina: <b>INTRODUÇÃO AO DESIGN DE INTERIORES</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Conceituação, teoria e instrumentalização de processos de criação, projeção e representação de espaços residenciais e comerciais interiores. Desenvolvimento de projetos de design de interiores de pequeno porte para a experimentação prática das fases de desenvolvimento de design: briefing e programa de necessidades, conceituação de projeto de interiores, concepção de espacialidade (nichos, áreas de circulação, iluminação, acessibilidade e adaptabilidade), planejamento de fases de implementação, projeto de orçamento, MoodBoard, pranchas de interiores e outras formas de comunicação visual com o cliente, projeto executivo e memorial descritivo.

**Objetivos:**

Familiarizar o alunado ao projeto de interiores e suas especificidades com vistas a um bom aproveitamento espacial, sobretudo em espaços diminutos e da moradia, buscando bem escolher e utilizar materiais acessíveis e de baixo-custo.

**Bibliografia básica:**

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços. guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais**. Senac: São Paulo, 2013.

KARLEN, Mark. **Planejamento de espaços internos**. Porto Alegre: Bookman. 2010.

SAMARA, Timothy. **Elementos do design**. Porto Alegre: BookMan, 2010

**Bibliografia Complementar:**

FERNÁNDEZ, Silvia; BONSIEPE, Gui. **História del diseño en América Latina y Caribe**. São Paulo: Blucher, 2008.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**. São Paulo. Escrituras, 2009.

PEDROSA, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac, 2014.

TREGENZA, Peter. **Projeto de iluminação**. Porto Alegre, Bookman, 2015.

Nome da disciplina: <b>EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO EM MÍDIAS DIGITAIS</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: Meios de Expressão e Representação			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Cinema e Audiovisual			Oferta: ILAACH

Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 20
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Introdução à mídia digital, convergência de mídias. Noções técnicas de produção de fotografia, áudio e de vídeo. Movimentos de câmera. Os elementos da fotografia: luz, fotometragem, enquadramento, profundidade de campo, foco e momento decisivo – sua inter-relação na transformação dos recursos técnicos e estéticos da linguagem aplicados à arquitetura e urbanismo. Projetos multiplataformas e transmídia. Atividades de extensão voltadas à interação com a comunidade externa, da região trinacional, a partir da organização de exposições, cadernos, fanzines, aplicativos, mídias, itinerários criativos e/ou oficinas temporárias de arte que busquem a difusão de técnicas estudadas em aula e a produção de material junto à comunidade.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Introduzir o aluno e a aluna aos principais recursos de mídia digital para a realização de trabalhos em arquitetura e urbanismo desde a fase de registro (fotografia, áudio e vídeo) e concepção até a representação de projetos e propostas. Apresentar os procedimentos técnicos da fotografia e do vídeo. Instrumentalizar os alunos para uma análise crítica sobre mídias digitais, convergências das mídias e narrativas multiplataformas/transmídias como instrumentos de conhecer e conceber arquitetura e cidades. Contextualizar as reflexões da imagem fixa e em movimento enquanto expressão artística, cultural e política: conceito, estética e narrativa. Desenvolver atividade prática de experimentação da fotografia fixa e em movimento dentro e fora da sala de aula.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica</b> BARTHES, Roland. <b>A Câmara Clara</b>. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. JOLY, Martine. <b>Introdução à Análise da Imagem</b>. Campinas: Papirus, 1996. ROUILLE, André. <b>A fotografia: entre documento e arte contemporânea</b>. São Paulo: Senac, 2009.</p> <p><b>Bibliografia complementar</b> ASSIS DE LUCA, Luiz Gonzaga. <b>A hora do cinema digital</b>. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009. CANEVACCI, Massimo. <b>A Cidade Polifônica</b>. São Paulo: Studio Nobel, 1993. FLUSSER, Vilém. <b>A Filosofia da Caixa Preta</b>. São Paulo: Sinergia/ Relume Dumará, 2009. MOASSAB, Andréia. <b>Brasil Periferia(s)</b>. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2012. NAME, Leonardo. <b>Geografia Pop: o Cinema e o Outro</b>. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013. PARENTE, André (org). <b>Imagem-Máquina</b>. São Paulo: Editora 34, 1993. PEIXOTO, Nelson. <b>Paisagens Urbanas</b>, São Paulo: Senac, 1996.</p>			

## **\_EIXO DE INSTRUMENTAÇÃO TÉCNICA**

01 disciplina do núcleo de conhecimentos de fundamentação

15 disciplinas do núcleo de conhecimentos profissionais

52 créditos / 3º ao 8º semestre

### **Núcleo de Conhecimentos Profissionais**

Nome da disciplina: <b>CANTEIRO EXPERIMENTAL I – MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS VERNACULARES</b>			Semestre letivo: 3º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 6
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Materiais e técnicas de construção tradicionais, vernáculos. Propriedades mecânicas e aplicações dos materiais naturais, em fundações, estruturas e vedações, divisórias e forros, revestimentos, pinturas e impermeabilização. Resistência e durabilidade dos materiais e sistemas tradicionais, vernáculos. Execução, ensaios e observação de técnicas construtivas tradicionais, vernáculos. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção das técnicas construtivas tradicionais vernáculos. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Construir com o/a discente, potencializado pelas atividades extensionistas, o conhecimento das características e propriedades dos diversos materiais de construção tradicionais, vernáculos, possibilitando escolhas adequadas aos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Proporcionar fundamentos teóricos e práticos para a execução e construção tradicionais e vernáculos, considerando os fatores de durabilidade, de manutenção e de especificações, de modo a satisfazer</p>			

exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas e ambientais. Transmitir conhecimentos, aos discentes e à sociedade, da aplicação dos materiais nas fases de fundação, estrutura e acabamento.

**Bibliografia básica:**

MINK, Gernot. **Manual de Construção com Terra**. Uma Arquitetura Sustentável. São Paulo: B4, 2015.  
VAN LEGEN, Johan. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Bookman, 2021.  
WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. Vol I e II. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

**Bibliografia complementar:**

FATHY, Hassan. **Arquitetura para os Pobres**. Uma Experiência no Egito Rural. Lisboa: Dinalivro, 2009.  
GERE, James. **Mecânica dos Materiais**. Rio de Janeiro, Thomson, 2003.  
HIBBELER, Russel. **Resistência dos Materiais**. São Paulo: Pearson Education, 2004.  
WEIMER, Gunter. **Arquitetura Indígena**. Porto Alegre: Edigal, 2018.  
YAZIGI, Walid. **A Técnica de edificar**. São Paulo: Pini, 1999.

Nome da disciplina: <b>CANTEIRO EXPERIMENTAL II – MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS NORMATIZADAS</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 6
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Materiais e técnicas de construção tradicionais normatizadas. Propriedades mecânicas e aplicações dos materiais tradicionais normatizados, compostos e sintéticos em fundações, estruturas e vedações, divisórias e forros, revestimentos, pinturas e impermeabilização. Resistência e durabilidade dos materiais e sistemas tradicionais normatizados. Execução, ensaios e observação de técnicas construtivas normatizadas. As atividades de extensão terão como característica a difusão e promoção das técnicas construtivas tradicionais vernaculares. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção das técnicas construtivas tradicionais vernaculares. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<b>Objetivos:</b>			

Construir com o/a discente o conhecimento das características e propriedades dos diversos materiais de construção tradicionais normatizados, possibilitando escolhas adequadas aos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Proporcionar fundamentos teóricos e práticos para a execução e construção tradicionais normatizadas, considerando os fatores de durabilidade, de manutenção e de especificações, de modo a satisfazer exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas e ambientais. Transmitir conhecimentos da aplicação dos materiais nas fases de fundação, estrutura e acabamento.

**Bibliografia básica:**

AZEREDO, Hélio. **O Edifício até sua cobertura**. São Paulo. Edgard Blücher, 1977.  
AZEREDO, Hélio. **O edifício e seu acabamento**. São Paulo: Edgard Blücher, 1989.  
BAUER, Falcão. **Materiais de construção. Vol I e II**. São Paulo: LTC, 2000.

**Bibliografia complementar:**

BOTELHO, Manuel H. C. **Concreto armado eu te amo para arquitetos**. São Paulo: Blucher, 2016.  
CHING, Francis. **Técnicas de construção ilustradas**. Porto Alegre: Bookman, 2001.  
MOHAMED, Gihad. **Construções em alvenaria estrutural**. Materiais, projeto e desempenho. São Paulo: Blucher, 2021.  
MOLITERNO, Antônio. **Caderno de Projetos de Telhados em Estruturas de Madeira**. São Paulo: Blucher, 2010.  
PHILLIPS, David; MEGUMI, Yamashita. **Detalhes Construtivos da Arquitetura Contemporânea com Concreto**. São Paulo: Bookman, 2012.

Nome da disciplina: <b>CANTEIRO EXPERIMENTAL III – SISTEMAS INDUSTRIALIZADOS, RACIONALIZADOS E PRÉ-FABRICADOS</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: Canteiro Experimental I: materiais e técnicas construtivas tradicionais vernaculares; Canteiro Experimental II: materiais e técnicas construtivas tradicionais normatizadas			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 6

**Ementa:**

Sistemas racionalizados e industrializados de construção. Coordenação modular, standardização e pré-fabricação. Sistemas de ciclos abertos e fechados de industrialização da construção. Sistemas de componentes: componentes industrializados de metal, de madeira, de concreto, de argamassa armada, de vidro e outros materiais e compostos. Materiais de isolamento térmico e acústico. Tendências e perspectivas da industrialização da construção - novos materiais e componentes construtivos. Ensaio e observação de técnicas construtivas e componentes industrializados. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção dos sistemas construtivos industrializados, racionalizados e pré-fabricados. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Construir com o/a discente o conhecimento dos processos de industrialização, racionalização e pré-fabricação dos componentes e dos edifícios. Proporcionar fundamentos teóricos e práticos sobre os processos de industrialização, racionalização e pré-fabricação dos componentes e dos edifícios.

**Bibliografia básica:**

ADDIS, Bill. **Edificação: 3000 anos de projeto, engenharia e arquitetura**. São Paulo: Bookman, 2009.  
FERRAZ, Marcelo. **João Filgueiras Lima: Lelé**. São Paulo: Blau / Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2001.  
GREVEN, Hélio; BALDAUF, Alexandra. **Introdução a Coordenação Modular da Construção no Brasil: Uma abordagem atualizada**. Porto Alegre: ANTAC, 2007

**Bibliografia complementar:**

BOLSONI, Fernando. **Introdução ao Sistema Wood Frame**. Joinville: Clube de autores. 2021.  
FERRO, Sergio. **Arquitetura e Trabalho Livre**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.  
GROPIUS, Walter. **Bauhaus Novarquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.  
CACHIM, Paulo. **Construção em Madeira**. Ribeirão Preto: Agrobok, 2014.  
Vários autores. **Vivendas pré-fabricadas**. FKG, 2020.  
VASCONCELLOS, Augusto. **O Concreto no Brasil: Pré-Fabricação, monumentos e fundações**. São Paulo: Nobel.

Nome da disciplina: <b>CANTEIRO EXPERIMENTAL IV – PLANEJAMENTO E GESTÃO DE OBRAS</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Canteiro Experimental III – Sistemas Industrializados, Racionalizados e Pré-fabricados			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 6

**Ementa:**

Introdução ao planejamento e gestão de obras em contratos convencionais de responsabilidade profissional e de assistência técnica. Custo das decisões arquitetônicas. Técnicas de especificação, controle de qualidade, planos de manutenção e orçamento. Organização espacial de canteiros de obra (layout). Introdução à gestão de pessoas (mão-de-obra). Gestão do processo: organização de etapas e cronogramas, logística de materiais e equipamentos. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção das técnicas de planejamento e gestão de obras. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público



nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Construir com o/a discente a compreensão da importância do fator econômico nas decisões projetuais, do gerenciamento de obras e de pessoas, do planejamento e da administração no ramo da construção civil. Ampliar a compreensão das etapas do processo construtivo.

**Bibliografia básica:**

FORMOSO, Carlos et al. **Gestão da Qualidade na Construção Civil: uma Abordagem para Empresas de Pequeno Porte**. Porto Alegre: UFRGS, NORIE.

GOLDMAN, Pedrinho. **Introdução Planejamento e Controle de Custos na Construção Civil**. São Paulo: PINI, 2004.

LIMMER, Carl. **Planejamento, Orçamentação e Controle de Projetos e Obras**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

**Bibliografia complementar:**

BAUER, Falcão. **Materiais de construção**. Vol. I e II. São Paulo: LTC, 2000.

BRUSCHI, Denise et al. **Manual de saneamento e proteção ambiental para os municípios**. Cidade: Fundação Estadual do Meio Ambiente, 1995.

GOMIDE, Tito et al. **Técnicas de Inspeção e Manutenção Predial**. São Paulo: PINI, 2006.

JURAN, Joseph. **Qualidade desde o projeto: os novos passos para o planejamento da qualidade em produtos e serviços**. São Paulo: Pioneira, 1992.

MASCARÓ, Juan. **O custo das decisões arquitetônicas**. Porto Alegre: Mais Quatro Editora, 2006.

SINGER, Paul. **Economia Política de Urbanização**. São Paulo: Contexto.

Nome da disciplina: <b>CANTEIRO EXPERIMENTAL V – TÉCNICAS RETROSPECTIVAS</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: Canteiro Experimental IV - Planejamento e gestão de obras			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 6
<b>Ementa:</b> Métodos e técnicas de levantamento e intervenção em edificações de valor histórico – diretrizes e recomendações das cartas patrimoniais. Documentação e levantamentos. Identificação de danos. Técnicas de restauro, recuperação e conservação de materiais e sistemas construtivos tradicionais			

(vernáculos e normatizados), racionalizados e industrializados. Restauro, proteção e manutenção de pinturas e revestimentos. Técnicas de impermeabilização e proteção de fachadas e coberturas. Valorização dos processos imateriais da construção arquitetônica (saber-fazer). Estratigrafia aplicada à arquitetura. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção das técnicas retrospectivas e a troca de saberes técnicos tradicionais. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Instrumentalizar o/a discente quanto a intervenções em edificações de relevância artística, histórica e/ou cultural. Conhecer os processos de identificação dos agentes ambientais e de diagnóstico de patologias, bem como a tecnologia de prevenção, manutenção e recuperação de sistemas construtivos tradicionais (vernáculos e normatizados), racionalizados e industrializados.

#### Bibliografia básica:

D'ORSAT, Angelis. **Guia para o Estudo Metodológico dos Monumentos e de suas Causas de Deterioração**. ICCROM, s/d.  
DEL RIO, Vicente (org). **Arquitetura: Pesquisa & Projeto**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.  
MENDES, Marylka; BAPTISTA, Antônio. **Restauração: ciência e arte**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1996.

#### Bibliografia complementar:

CÁNOVAS, Manuel. **Patologia e Terapia do Concreto Armado**. São Paulo: PINI  
BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. São Paulo: Ateliê, 2005.  
GONZAGA, Armando. **Madeira: uso e conservação**. Brasília, IPHAN / Monumenta, 1ª edição.  
IPHAN. **Roteiro para Apresentação de Projeto Básico de Restauração do Patrimônio Edificado**. (Versão Revisada). Rio de Janeiro: DEPROT / IPHAN, 2000.  
KANAN, Maria Isabel. **Manual de conservação e intervenção em argamassas e revestimentos à base de cal**. Brasília: IPHAN / Programa Monumenta, 2008.  
MAYUMI, Lia. **Taipa, Canela-Preta e Concreto: Estudo sobre o Restauro de Casas Bandeiristas**. São Paulo: Romano Guerra, 2008.

Nome da disciplina: <b>INTRODUÇÃO AOS SISTEMAS ESTRUTURAIS</b>	Semestre letivo: 4º
Pré-requisitos: Canteiro Experimental I: materiais e técnicas construtivas tradicionais vernaculares	Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há	Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo	Oferta: ILATIT

Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 45	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 8
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceituação e tipologia das fundações, contenções e sistemas estruturais. Estruturas de grandes vãos, grande altura e estruturas antissísmicas. Classificação dos elementos e vínculos estruturais. Conceitos de equilíbrio e resistência. Propriedades mecânicas e aplicações dos materiais estruturais. Estudo de cargas e esforços internos e externos: cargas concentradas e distribuídas, esforços simples (compressão, tração, flexão e torção) e esforços combinados. Tensões e deformações dos elementos e vínculos estruturais. Carregamento e escoamento de cargas e esforços internos e externos. Estruturas isostáticas e hiperestáticas. Determinação de esforços externos e internos. Ação dos ventos e contraventamento em grandes estruturas. Sinistros estruturais. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção dos sistemas estruturais, e das soluções estruturais com ênfase na pequena escala, como a da moradia. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Orientar o aluno ou aluna ao reconhecimento e visualização espacial dos sistemas estruturais. Viabilizar a Percepção qualitativa do comportamento estrutural: do equilíbrio, esforços solicitantes e tensões.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>CHING, Francis et al. <b>Sistemas estruturais ilustrados</b>. São Paulo: Bookman Editora, 2009.</p> <p>CAPUTO, Homero. <b>Mecânica dos solos e suas aplicações</b>. Rio de Janeiro: LTC, 2007</p> <p>SALVADORI, Mário. <b>Por que os edifícios ficam de pé</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2006.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>MORAES, Marcello. <b>Estruturas de fundações</b>. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1976.</p> <p>PETRUCCI, Eládio. <b>Materiais de Construção</b>. Rio de Janeiro: Globo, 1980.</p> <p>REBELLO, Yopanan. <b>Fundações: guia prático de projeto</b>. São Paulo: Zigurate, 2008.</p> <p>ROCHA, Anderson. <b>Resistência dos Materiais</b>. Rio de Janeiro: Científica.</p> <p>ROCHA, Anderson. <b>Teoria e Prática das Estruturas. Vol. I</b>. Rio de Janeiro: Científica, 1973.</p>			
Nome da disciplina atual: <b>CONCEPÇÃO E NOÇÃO DIMENSIONAL DE ESTRUTURAS</b>			Semestre letivo: 7º
Pré-requisitos: Canteiro Experimental II – Materiais e Técnicas Construtivas Tradicionais Normatizadas			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1

Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 8

**Ementa:**

Interfaces entre projeto arquitetônico e projeto estrutural. Leitura e representação de projetos estruturais: nomenclatura, simbologia e linguagem gráfica. Noção de pré-dimensionamento e detalhamento de elementos e vínculos estruturais. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção dos sistemas estruturais, suas noções dimensionais com ênfase na pequena escala, como a da moradia. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Fomentar a compreensão inter-relacionada dos critérios de projeto com o partido estrutural e os métodos construtivos. Contribuir para a concepção arquitetônica da forma.

**Bibliografia básica:**

REBELLO, Yopanan. **A Concepção estrutural e a arquitetura**. São Paulo: Zigurate, 2001.  
PFEIL, Walter. **Estruturas de Aço**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.  
PFEIL, Walter; PFEIL, Michelle. **Estruturas de Madeira**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.  
SÜSSEKIND, José. **Curso de Análise Estrutural**. Vol.1. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

**Bibliografia complementar:**

GORFIN, Bernardo; OLIVEIRA, Myriam. **Estruturas Isostáticas**. Rio de Janeiro: LTC, 1979  
POLILLO, Adolpho. **Mecânica das Estruturas**. Rio de Janeiro: Científica, 1977.  
POLILLO, Adolpho. **Dimensionamento de Concreto Armado**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Científica, 1980.  
POLILLO, Adolpho. **Exercícios de Hiperestática**. Rio de Janeiro: Científica, 1982.  
ROCHA, Aderson. **Concreto Armado**, Vol. 1. São Paulo: Nobel, 1983.

Nome da disciplina: <b>TOPOGRAFIA APLICADA À ARQUITETURA E URBANISMO</b>	Semestre letivo atual: 4º
Pré-requisitos: não há	Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há	Créditos: 04

Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: 8

**Ementa:**

Forma e dimensão da Terra. Sistemas de coordenadas. Medições de ângulos e distâncias. Declinação magnética. Instrumentos topográficos. Planimetria: poligonais e irradiações. Altimetria: curvas de nível e perfis. Locação de projetos. Parte prática da topografia com a realização de levantamentos e exercícios no terreno. Instrumentos topográficos. Levantamentos topográficos planimétricos e altimétricos. Locação de projetos. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção das técnicas topográficas aplicadas à Arquitetura e Urbanismo. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Habilitar o aluno ou aluna para a elaboração de levantamentos topográficos cadastrais para a realização de projetos de arquitetura, de urbanismo e de paisagismo.

**Bibliografia básica:**

ALVAREZ, Adriana et al. **Topografia para Arquitetos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.  
COMASTRI, José; TULER, José. **Topografia – altimetria**. Viçosa: UFV, 1999  
ERBA, Diego (Org.). **Topografia para estudantes de arquitetura, engenharia e geologia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

**Bibliografia complementar:**

BORGES, Alberto. **Exercícios de Topografia**. São Paulo: Edgard Blucher, 1975.  
BORGES, Alberto. **Topografia. Volume 2**. São Paulo: Edgard Blucher, 2013.  
CASACA João et. al. **Topografia Geral**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.  
LOCH, Carlos; CORDINI, Jucilei. **Topografia Contemporânea**. Florianópolis: UFSC, 1995.  
McCORMAC, J. **Topografia**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

Nome da disciplina: <b>GEOPROCESSAMENTO</b>	Semestre letivo atual: 4º
Pré-requisitos: não há	Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há	Créditos: 04

Área: Geografia			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Introdução ao geoprocessamento. Sistemas de Informações Geográficas (SIG). Cartografia aplicada a SIG. Criação e gerenciamento de banco de dados geográficos. Princípios acerca de Sistemas Globais de Navegação por Satélite (GNSS). Fundamentos de sensoriamento remoto e processamento digital de imagens. Tópicos de análise espacial.

**Objetivos:**

Introduzir conceitos fundamentais dos Sistemas de Informações Geográficas e Geoprocessamento. Habilitar para o tratamento e a análise de dados de sensoriamento remoto. Apresentar procedimentos de análise espacial em ambiente digital. Desenvolver a habilidade de coleta de dados geográficos, bem como, seu manuseio em ambiente digital.

**Bibliografia básica:**

LONGLEY, P. et al. **Sistemas e ciência da informação geográfica**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ALMEIDA, C. et.al. **Geoinformação em urbanismo: cidade real x cidade virtual**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

MOREIRA, M., **Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação**. São José dos Campos: INPE, 2001.

**Bibliografia complementar:**

BUZAI, G.; BAXENDALE, C. **Análisis Socioespacial con Sistemas de Información Geográfica. Tomo 1**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2011.

BUZAI, G.; BAXENDALE, C. **Análisis Socioespacial con Sistemas de Información Geográfica. Tomo 2**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012.

MIRANDA, J. **Fundamentos de Sistemas de Informações Geográficas**. Brasília: Embrapa, 2005.

MOREIRA, M. **Fundamentos do Sensoriamento Remoto**. Viçosa: UFV. 2005.

Nome da disciplina: <b>EFICIÊNCIA E CONFORTO TÉRMICO</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 6
<b>Ementa:</b>			



Clima e arquitetura. Variáveis de conforto ambiental: temperatura, umidade e ventilação. Processos de transmissão de calor e caracterização térmica dos espaços. Ventilação natural e insolação – trajetória solar, carta solar, sombreamento. Estratégias bioclimáticas, eficiência energética e condicionamento térmico natural. Movimentos da terra (dia, noite, estações do ano). Absorção, dissipação e transferência de calor. Conservação de energia. As atividades de extensão têm como característica a difusão, promoção e troca de conhecimento através da realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

#### Objetivos:

Desenvolver com os alunos e alunas as ferramentas necessárias para a produção de projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos em consonância com os fatores bioclimáticos. Demonstrar a relação indiscernível entre clima e arquitetura e a importância de garantir, por meio do projeto arquitetônico/urbanístico, o conforto térmico das edificações e do ambiente urbano. Aprofundar o debate sobre eficiência energética na arquitetura e no conjunto urbano. Introduzir noções de termodinâmica aplicadas à arquitetura e urbanismo. Apresentar a influência do Sol e do movimento e geometria da Terra no clima. Discutir a estreita faixa na Terra que caracteriza o ambiente habitável. Introduzir os conceitos básicos de termodinâmica associados aos efeitos da temperatura na matéria e a absorção, dissipação e transferência de calor.

#### Bibliografia básica:

BITENCOURT, L. **Uso das cartas solares: diretrizes para arquitetos**. Maceió: Edufal, 2005.  
BITENCOURT, L.; CANDIDO, C. **Introdução à ventilação natural**. Maceió: Edufal, 2005.  
BROW, G.; DEKAY, M. **Sol, vento e luz**. Porto Alegre: Bookman, 2004.  
COSTA, E. **Física aplicada à construção: conforto térmico**. Curitiba: Edgard Blucher, 1991.  
HALLIDAY, D. **Fundamentos de física volume 2**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.  
ROMERO, M. **Princípios bioclimáticos para o desenho urbano**. São Paulo: Projeto, 1988.

#### Bibliografia complementar:

FROTA, A.; SCHIFFER, S. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Nobel, 1988.  
HERTZ, J. **Ecotécnicas em Arquitetura**. São Paulo: Pioneira, 1998.  
LAMBERTS, R. et al. **Eficiência energética na arquitetura**. São Paulo: PW, 1997.  
MASCARÓ, L. **Energia na edificação**. São Paulo, Projeto. 1985.  
MASCARÓ, L. **Luz, clima e Arquitetura**. São Paulo, Nobel. 1983.  
RIVERO, R. **Arquitetura e clima**. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1986.

Nome da disciplina: <b>EFICIÊNCIA E CONFORTO LUMÍNICO</b>	Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: não há	Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há	Créditos: 03

Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 35	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: 6
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceitos básicos sobre luz, iluminação e reprodução da luz. Grandezas fotométricas, ofuscamento e exigências de conforto lumínico. Iluminação natural: qualidade, as fontes de luz natural, componentes e sistemas de iluminação natural nas edificações. Iluminação artificial: Lâmpadas e luminárias. Métodos de cálculo e análise da iluminação artificial e natural - projeto e cálculo. Poluição Luminosa. O efeito da luz na saúde humana. As atividades de extensão têm como característica a difusão, promoção e troca de conhecimento através da realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Desenvolver com os alunos e alunas as ferramentas necessárias para a produção de projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos em consonância com os fatores lumínicos. Demonstrar a importância de garantir, por meio do projeto arquitetônico/urbanístico/paisagístico, o conforto lumínico das edificações e do ambiente urbano. Discutir a poluição luminosa e os efeitos da luz no corpo e na saúde humana.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ABNT. NBR 5413 <b>Iluminância de interiores</b>. Rio de Janeiro, 1991.</p> <p>ABNT. NBR 15215-1 <b>Iluminação natural - Parte 1, 2, 3 e 4</b>. Rio de Janeiro, 1991.</p> <p>BITENCOURT, L. <b>Uso das cartas solares: diretrizes para arquitetos</b>. Maceió: Edufal, 2005.</p> <p>BROW, G.; DEKAY, M. <b>Sol, vento e luz: estratégias para projeto de arquitetura</b>. Porto Alegre: Bookman, 2004.</p> <p>VIANNA, N., GONÇALVES, J. <b>Iluminação e Arquitetura</b>. São Paulo: Geros, 2001.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>HALLIDAY, D. <b>Fundamentos de física volume 4</b>. Rio de Janeiro: LTC, 2012.</p> <p>LAMBERTS, R. et al. <b>Eficiência Energética na Arquitetura</b>. São Paulo: ProLivros, 2004.</p> <p>OSRAM. <b>Manual luminotécnico prático</b>. Disponível: <a href="https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Livros/ManualOsram.pdf">https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Livros/ManualOsram.pdf</a>. Acesso 21/08/23.</p> <p>PALHARES, F. <b>Conforto Térmico: Introdução ao Conforto Ambiental</b>. Campinas: E-Labora, 2005.</p> <p>PHILIPS GLOEILAMPENFRABRIEKEN. <b>Manual de iluminação</b>. Amsterdã: Philips Lighting Division, 1981.</p> <p>PUPO, R. <b>Conforto Visual: Introdução ao Conforto Ambiental</b>. Campinas: E-Labora, 2005.</p>			
Nome da disciplina: <b>EFICIÊNCIA E CONFORTO ACÚSTICO</b>			Semestre letivo: 8º

Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 24	Carga horária prática: 6	Carga horária em extensão: 4
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Acústica física: natureza do som, fontes sonoras, exigências de conforto acústico. Fenomenologia do espaço acústico: reverberação, transmissão, ressonância, difração. Acústica arquitetônica: exigências geométricas do espaço acústico, materiais e técnicas para o controle e condicionamento acústico de ambientes. Ruídos: fontes, materiais e técnicas de controle. Noções de acústica urbana. Instrumentos e mecanismos para quantificar o som. Onda sonora, produção, propagação e isolamento. Limites de percepção e tolerância do som. As atividades de extensão têm como característica a difusão, promoção e troca de conhecimento através da realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Debater os efeitos do som sobre a saúde e o conforto das pessoas. Possibilitar ao aluno compreender a propagação do som nas edificações e nos espaços urbanos e os seus efeitos. Fornecer as instrumentações técnicas básicas para uma adequação sonora dos ambientes arquitetônicos. Introduzir os conceitos de produção, propagação e isolamento do som. Apresentar instrumentos e mecanismos para quantificar o som. Discutir o funcionamento da audição e limites de percepção e tolerância humana. Possibilitar ao aluno compreender a propagação do som nas edificações e nos espaços urbanos e os seus efeitos.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>BISTAFA, S. <b>Acústica aplicada ao controle de ruído</b>. São Paulo: Edgar Bluecher, 2006. CARVALHO, R. <b>Acústica Arquitetônica</b>. Brasília: Thesaurus, 2006. COSTA, E. <b>Da Acústica técnica</b>. São Paulo: Edgar Blucher, 2003.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>AMORIM, A., LICARIÃO, C. <b>Conforto Acústico: Introdução ao Conforto Ambiental</b>. Campinas. <b>Material de Apoio, FEC/UNICAMP: e-Labora, 2005.</b> CARVALHO, B. <b>Acústica Aplicada à Arquitetura</b>. Ed. Freitas Bastos, São Paulo, 1967. DE MARCO, C. <b>Elementos de acústica arquitetônica</b>. São Paulo: Nobel, 1982. HALLIDAY, D. <b>Fundamentos de física volume 2: gravitação, ondas e termodinâmica</b>. Rio de SOUZA, L. et al. <b>Be-a-bá da Acústica Arquitetônica: ouvindo a arquitetura</b>. São Carlos: Edefscar, 2006.</p>			

Nome da disciplina: <b>ERGONOMIA DO ESPAÇO CONSTRUÍDO E HABITADO</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: 6
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Análise ergonômica de uma situação adequada ao contexto latino-americano. Análise ergonômica da atividade real. Antropometria e Biomecânica. Fatores cognitivos. Aplicação da ergonomia no espaço urbano. Projeto ergonômico do espaço habitado com ênfase em acessibilidade e mobiliário. As atividades de extensão têm como característica a difusão, promoção e troca de conhecimento através da realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Estabelecer a importância da ergonomia e dos fatores humanos no dimensionamento e no arranjo do ambiente construído. Demonstrar a coerência da relação entre o mobiliário e o espaço construído. Instigar o aluno e instrumentalizá-lo para a busca de melhorias da habitabilidade dos espaços, com ênfase em espaços reduzidos e/ou de escassez econômica. Estimular a percepção do impacto das características físicas do ambiente sobre o desempenho, a satisfação e a segurança do usuário. A acessibilidade como inclusão espacial e social. Preparar o aluno e aluna para projetos de mobiliário urbano, com especial atenção para uso de materiais locais e de fácil manutenção.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>ABNT. <b>NBR 9050/04</b>. São Paulo, 2004. BRASIL. <b>Decreto Federal 5.296/04</b>. Brasília, 2004. NEUFERT, Ernst. <b>Arte de projetar em arquitetura</b>. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2013.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>FOLZ, R. <b>Mobiliário na Habitação Popular</b>. São Carlos: Rima, 2003. GURGEL, M. <b>Projetando espaços: Guia de arquitetura de interiores para áreas residências</b>. São Paulo: SENAC, 2003. KARLEN, M. <b>Planejamento dos espaços internos – com exercícios</b>. São Paulo: Bookman Editora, 2010. PEDROSA, I. <b>Da cor a cor inexistente</b>. Rio de Janeiro: Leo Cristiano, 1989. SANTOS, M. <b>Móvel moderno no Brasil</b>. São Paulo: Studio Nobel/ EDUSP, 1995.</p>			

Nome da disciplina: <b>INSTALAÇÕES PREDIAIS HIDROSSANITÁRIAS</b>			Semestre letivo: 5º
Pré-requisitos: Arquitetura III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 25	Carga horária prática: 20	Carga horária em extensão: 6
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Sistema de aproveitamento de águas pluviais. Sistemas de tratamento e reaproveitamento de águas usadas. Sistemas prediais de tratamento de esgotos. Armazenamento e destinação de resíduos sólidos. Organizar e distribuir os elementos e equipamentos e sistemas de abastecimento, distribuição de água e tratamento de esgoto. Instalações hidrossanitárias básicas e especiais: de água fria e quente, de esgoto, e de águas pluviais. Equipamentos hidrossanitários. Instalações de combate a incêndio. Noções de instalações de gás. Armazenamento e destinação de resíduos sólidos. Normas técnicas, legislação e documentação específica. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção dos conhecimentos de instalações prediais hidrossanitárias aplicados à Arquitetura e Urbanismo. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.</p> <p>O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Preparar o/a discente para o projeto de instalações hidrossanitárias e de segurança. Prepará-lo/a para a reflexão do impacto das instalações hidrossanitárias na concepção de projetos e dos impactos ambientais de armazenamento e destinação de resíduos sólidos.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>CREDER, Hélio. <b>Instalações Hidráulicas e Sanitárias</b>. Rio de Janeiro: LTC, 1992.</p> <p>JORDÃO, Eduardo; PESSOA, Constantino. <b>Tratamento de Esgoto Doméstico</b>. Rio de Janeiro: ABES, 2005.</p> <p>MANCUSO, Pedro; SANTOS, Hilton (org.). <b>Reuso de Água</b>. São Paulo: Monole, 2003.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>ANDRADE, José. <b>Instalações hidráulicas e de gás</b>. Rio de Janeiro: LTC, 1980.</p>			

MACINTHYRE, Archbald. **Instalações Hidráulicas: Prediais e Industriais**. Rio de Janeiro: LTC, 1996. ROMÉRO, Marcelo et al. **Curso de gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2004. TOMAZ, Plínio. **Aproveitamento de água de chuva**. São Paulo: Navegar, 2003. VIANNA, Marcos. **Instalações hidráulicas prediais**. Belo Horizonte: COTEC, 1984.

Nome da disciplina: <b>INSTALAÇÕES PREDIAIS ELÉTRICAS</b>			Semestre letivo: 6º
Pré-requisitos: Arquitetura III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 25	Carga horária prática: 20	Carga horária em extensão: 6

**Ementa:**

Equipamentos e instalações elétricas, de comunicação, de transporte, de segurança e condicionamento térmico das edificações. Instalações equipamentos básicos e especiais de distribuição, medição e geração de luz e força. Locação de pontos de comunicação e lógica. Locação de equipamentos de segurança. Normas técnicas, legislação e documentação específica. As atividades de extensão têm como característica a difusão e promoção dos conhecimentos de instalações prediais elétricas e de comunicação aplicados à Arquitetura. As atividades podem estar vinculadas à assessoria técnica (nos termos da Lei 11.888/2008), ao treinamento de mão de obra, à realização de cursos, palestras e/ou oficinas, exposições, apresentações e podem se efetivar em parceria ou direcionadas a outras universidades, a empresas públicas ou privadas, ao setor público nas três esferas, a ONGs, a comunidades urbanas ou rurais, a movimentos sociais, entidades profissionais e de classe entre outros/as.

O alunado tem papel ativo nas disciplinas extensionistas, sob orientação docente. O diálogo com a comunidade, sempre que possível, acontece desde o início do planejamento da atividade. No entanto, em algumas ações como exposições e publicações, a comunidade está presente como público-alvo. A avaliação da atividade de extensão integra os planos de ensino, sendo coincidente com os processos avaliativos da disciplina.

**Objetivos:**

Instrumentar o/a discente para o projeto de instalações elétricas e de segurança. Preparar para a reflexão do impacto das instalações elétricas na concepção de projetos.

**Bibliografia básica:**

CARVALHO JR, Roberto. **Instalações elétricas e o projeto de arquitetura**. São Paulo: Blucher, 2010. CREDER, Hélio. **Instalações elétricas**. Rio de Janeiro: LTC, 1995. STOECKER, Wilbert; JONES, Lerold. **Refrigeração e Ar Condicionado**. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1985.

**Bibliografia complementar:**

LIMA FILHO, Domingos. **Projetos de Instalações Elétricas Prediais**. São Paulo: Érica, 1997. MAMEDE FILHO, João. **Instalações Elétricas Industriais**. Rio de Janeiro: LTC, 1987. MOREIRA, Vinícius. **Iluminação Elétrica**. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.



ROSA SANTANA, C. **Instalações Elétricas Hospitalares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.  
SILVA, Mauri. **Luz, Lâmpadas e Iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.

## **\_FUNDAMENTAÇÃO PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

A disciplina de Metodologia de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo tem como objetivo auxiliar na formulação de um pré-projeto de pesquisa, que subsidiará o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso I e II, previstos nos semestres 9º e 10º.

Nome da disciplina: <b>METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: 8º
Pré-requisitos: Fundamentos da América Latina I, II e III; Espanhol/Português Adicional Básico; Espanhol/Português Adicional Intermediário I; Introdução ao Pensamento Científico; Ética e Ciência; Arquitetura VII; Urbanismo IV; Paisagem II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Reflexão e análise dos principais conceitos da constituição da ciência, da filosofia e da arte enquanto objetos do pensamento e prática social. Ênfase no estado atual da reflexão sobre o conhecimento, visando a sua aplicação na arquitetura e urbanismo.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Instrumentalizar o alunado para a formulação e estudos dos fundamentos teóricos, metodológicos e documentais que norteiam um projeto de pesquisa em arquitetura e urbanismo. Estabelecer o tema, fundamentação teórica e metodológica, bem como condicionantes necessárias ao conhecimento científico/acadêmico do projeto de pesquisa. Desenvolver de forma crítica e consciente o projeto de pesquisa a partir da temática proposta pelo aluno; identificar potencialidades e relevância. Verificar possibilidades de relacionar o TCC com projetos de extensão ou pesquisa.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ECO, Umberto. <b>Como se Faz uma Tese</b>. São Paulo: Perspectiva, 199</p> <p>SANTAELLA, Lúcia. <b>Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado</b>. São Paulo: Hacker, 2001.</p>			

SERRA, Geraldo. **Pesquisa Em Arquitetura e Urbanismo: Guia Prático para o Trabalho de Pesquisadores em Pós-Graduação**. São Paulo: EDUSP, 2006.

Bibliografia Complementar:

BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

KATINSKY, Júlio. **Pesquisa Acadêmica na FAUUSP**. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINEZ, Alfonso. **Ensaio sobre o Projeto**. Brasília: Editora da UnB, 2000.

SANTOS, Boaventura. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

## **\_DISCIPLINAS OPTATIVAS OFERTADAS PELO CAU UNILA**

As optativas ofertadas pelo CAU UNILA visam a complementar, aprofundar ou apresentar temas específicos da arquitetura e urbanismo que não estão contemplados entre as disciplinas obrigatórias. Dos 10 créditos em disciplinas optativas, 06 devem necessariamente ser cumpridos em disciplinas optativas ofertadas pelo CAU UNILA.

Entre as disciplinas optativas estão aquelas de conteúdo fixo e aquelas de conteúdo flexível. Elas foram criadas para permitir a oferta dentro de um subtema de interesse do curso no semestre ou em acordo com o amadurecimento de pesquisas do corpo docente ou ainda, por professores ou professoras visitantes. Por este motivo as ementas abaixo relacionadas, quando das disciplinas optativas de conteúdo flexível, não definem a priori a bibliografia, sendo esta especificada no plano de ensino momento de proposição da disciplina, nas reuniões docentes de preparação do semestre. Integram este grupo de disciplinas: **Seminários de Estudos Especiais; Tópicos Especiais em Linguagens Artísticas; Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo; Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas e Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas.**

### **disciplinas optativas de conteúdo flexível**

Nome da disciplina: **TÓPICOS ESPECIAIS EM LINGUAGENS ARTÍSTICAS**

Semestre letivo: não há

Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1 se prática e 30/1 se teórica
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b> Exercitar múltiplas linguagens artísticas, em termos práticos ou teórico-prático, que colaborem para o amadurecimento estético e capacidade crítica voltadas para arquitetura, cidades e paisagem. Aprimorar a linguagem própria e diversificada para representação do espaço.</p> <p><b>Objetivos:</b> Desenvolver, com os alunos e alunas, as suas habilidades artísticas por meio de exercícios e reflexão de nível elementar/intermediário.</p> <p>Bibliografia definida com o plano de aulas detalhado.</p>			

Nome da disciplina: <b>TÓPICOS ESPECIAIS EM ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1 se prática e 30/1 se teórica
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 10	Carga horária prática: 20	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b> Tratar de temas relevantes para a arquitetura e urbanismo, inserido no programa temático do semestre. A disciplina poderá ser teórica, prática ou teórico-prática.</p> <p><b>Objetivos:</b> Aprofundar as habilidades projetivas e a capacidade crítica do estudante, relevantes na sua trajetória.</p> <p>Bibliografia definida com o plano de aulas detalhado.</p>			

Nome da disciplina: <b>TÓPICOS ESPECIAIS EM ARQUITETURAS LATINO-AMERICANAS</b>	Semestre letivo: não há
--	-------------------------

Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Questões concernentes às arquiteturas latino-americanas. Tema variável conforme a temática geral do semestre.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Aprofundar o conhecimento dos alunos e alunas sobre especificidades das arquiteturas latino-americanas.</p>			
<p>Bibliografia definida com o plano de aulas detalhado, entre as seguintes opções:</p> <p>ALOMAR, Gabriel (coord). <b>De Teotihuacán a Brasília</b>. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1987.</p> <p>BOLLINGER, Armin. <b>Así Construían los Inkas</b>. Cochabamba/La Paz: Editorial Los Amigos del Libro, 1997.</p> <p>BROWNE, Enrique. <b>Otra arquitetura en America Latina</b>. Naucalpan: Gustavo Gili, 1988.</p> <p>BULLRICH, Francisco. <b>Nuevos caminos de la arquitectura latinoamericana</b>. Barcelona: Blume, 1969.</p> <p>CAMACHO, Juana. <b>De montes, ríos y ciudades: Territorios e identidades de la gente negra en Colombia</b>. Fundación Natura, 1999.</p> <p>DEL VALLE, Jorge. <b>Renacientes del Guandal, Grupos negros de los ríos Satinga y Sanquianga</b>. Bogotá: Universidad Nacional Sede Medellín y Proyecto BIOPACÍFICO, 1996.</p> <p>GAUTA, José Rozo. <b>Espacio y tempo entre los muiscas</b>. Bogotá: Editorial el Buho, 1997.</p> <p>GUTIÉRREZ, Ramón (coord.). <b>Arquitectura latinoamericana en el siglo XX</b>. Barcelona: Lunwerg, 1998.</p> <p>GUTIERREZ, Ramón. <b>Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica</b>. Madrid: Cátedra, 1984.</p> <p>GUTIÉRREZ, Ramón. <b>Barroco iberoamericano: de los andes a las pampas</b>. Barcelona: Lunwerg, 1997.</p> <p>HARDOY, Jorge. <b>Ciudades Precolombinas</b>. Buenos Aires: Infinito, 1964.</p> <p>HOCHULI, Stanforde. <b>Eladio Dieste</b>. San Francisco: Chronicle Books, 2004.</p> <p>MOSQUERA, Claudia et al. <b>Afrodescendientes en las Américas</b>. Bogotá: UN-ICANH-IRD-ILSA, 2002.</p> <p>OSLENDER Ulrich. <b>Comunidades Negras y espacio en el Pacífico colombiano Hacia un giro geográfico en el estudio de los movimientos sociales</b>. Bogotá: ICANH, 2008.</p> <p>PROTZEN, Jean-Pierre. <b>Arquitectura y Construcción: Incas en Ollantaytambo</b>. Lima: Pontificia Universidad Católica, 2005.</p> <p>RANGEL, Rafael; SEGRE, Roberto. <b>Arquitectura Latino-Americana. Tendencias Arquitectónicas y Caos Urbano em América Latina</b>. México: Gustavo Gili, 1986.</p> <p>ROCA, Miguel Angel. <b>The architecture of Latin America</b>. Londres: Academy Press, 1995.</p> <p>SEGAWA, Hugo. <b>Arquitectura latinoamericana contemporánea</b>. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.</p> <p>SEGRE, Roberto et al. <b>Historia de la Arquitectura y del Urbanismo: América Latina y Cuba</b>. Habana: Pueblo y Educación, 1986.</p> <p>SEGRE, Roberto. <b>América Latina fim de milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura</b>. São Paulo: Nobel, 1991.</p>			

SEGRE, Roberto. **Novas visões na arquitetura na América Latina: conversas latino americanas**. São Paulo: Pini, 1985.  
TOCA, Antonio e FIGUEROA, Anibal. **México: nueva arquitectura**. México: Gustavo Gili, 1991.

Nome da disciplina: <b>TÓPICOS ESPECIAIS EM CIDADES LATINO-AMERICANAS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Questões concernentes às cidades latino-americanas. Tema variável conforme a temática geral do semestre.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Aprofundar o conhecimento dos alunos e alunas sobre especificidades do contexto urbano latino-americano.</p>			
<p>Bibliografia definida com o plano de aulas detalhado, entre as seguintes opções:</p> <p>ALOMAR, Gabriel (coord). <b>De Teotihuacán a Brasília</b>. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1987.</p> <p>ANDREWS, George. <b>Maya Cities: Place Making and Urbanization</b>. Norman: University of Oklahoma Press, 1975.</p> <p>DI FILIPPO, Armando. <b>Raíces historicas de las estructuras distributivas de america latina</b>. Santiago: Naciones Unidas, 1977.</p> <p>DIEGO, Estrella. <b>Contra el Mapa: Disturbios en la Geografia Colonial de Occidente</b>. Madri: Siruela.2008</p> <p>GARC, Eduardo. <b>La ciudad y los otros Quito 1860-1940</b>. Quito: Flacso, 2008.</p> <p>GILBERT, Alan; WARD, Peter. <b>Asentamientos populares versus poder del Estado: tres casos latinoamericanos</b>. Mexico: G. Gilli, 1987.</p> <p>GORELIK, Adrián. <b>Das vanguardas a Brasília. Cultura urbana e arquitetura na América latina</b>. Belo Horizonte: UFMG, 2005.</p> <p>GUTIERREZ, Ramón. <b>Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica</b>. Madrid: Cátedra, 1984.</p> <p>GUTIÉRREZ, Ramón. <b>Barroco iberoamericano: de los andes a las pampas</b>. Barcelona: Lunwerg, 1997.</p> <p>HARDOY, Jorge (ed.). <b>Urbanization in Latin America: Approaches and Issues</b>. New York: Anchor Books.1975.</p> <p>HARDOY, Jorge e MORSE, Richard (ed.). <b>Rethinking the Latin American City</b>. Washington: The John Hopkins University Press, 1990.</p> <p>PROTZEN, Jean-Pierre. <b>Arquitectura y Construcción: Incas en Ollantaytambo</b>. Lima: Pontificia Universidad Católica. 2005.</p> <p>RANGEL, Rafael; SEGRE, Roberto. <b>Arquitectura Latinoamericana</b>. México: Gustavo Gili, 1986.</p> <p>ROMERO, José Luis. <b>Latinoamérica: las ciudades y las ideas</b>. México: Siglo Veintiuno Editores, 1976.</p>			

SABLOFF, Jeremy. **The Cities of Ancient Mexico**. Londres: Thames & Hudson, 1994.  
SCHÁVELZON, Daniel. **Ciudad y territorio entre los mayas: historia de las teorías sobre el espacio urbano**. Buenos Aires: Ediciones Fadu, 2008.

Nome da disciplina: <b>SEMINÁRIO DE ESTUDOS ESPECIAIS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Estudo de um autor, autora, arquiteto, arquiteta ou obra/projeto relevante para a arquitetura e urbanismo, em sintonia com as áreas temáticas das demais disciplinas do semestre.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Aprofundar a compreensão de temas relevantes na trajetória do e da estudante.</p>			
Bibliografia definida com o plano de aulas detalhado.			

## **\_disciplinas optativas de conteúdo fixa**

Nome da disciplina: <b>INTRODUÇÃO À LEITURA E REPRESENTAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Introdução à representação gráfica em arquitetura, urbanismo e paisagismo. As diferentes escalas utilizadas na representação de projetos e planos em arquitetura e urbanismo. Desenhos e maquetes feitos à mão e no computador: principais métodos e técnicas e seus usos no exercício projetivo em arquitetura e urbanismo. Escalas e humanização. A diversidade de corpos; corpos latino-americanos;</p>			



corpos gordos, velhos, com deficiência, negros, crianças LGBTQIAP+. A importância da representação gráfica na compreensão do projeto e da execução da obra e na comunicação entre o arquiteto e a arquiteta e urbanista e o usuário e usuária. Técnicas mistas para representação gráfica da paisagem urbana e do objeto arquitetônico. Representação gráfica em arquitetura e urbanismo em contextos de limitação material e econômica na América Latina. Realização de seminários sobre os diferentes temas abordados na disciplina.

**Bibliografia básica:**

CHING, Francis. **Representação gráfica em arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2011.  
DOYLE, Michael. **Desenho a cores técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores**. Porto Alegre: Bookman, 2002.  
HUTCHISON, Edward. **El dibujo en el proyecto del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

**Bibliografia complementar:**

CHING, Francis. **Desenho para arquitetos**. Porto Alegre: Bookman, 2012.  
FORSETH, Kevin. **Projetos em arquitetura**. São Paulo: Hemus, 2004.  
JUROSZEK, Steven. **Dibujo y Proyecto**. Madrid: GG, 2013.  
MONTENEGRO, Gild. **A invenção do projeto a criatividade aplicada em desenho industrial, arquitetura, comunicação visual**. São Paulo: Blucher, 2015.  
SILVA, Jonathas. **Desenho como questionamento**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Nome da disciplina: <b>EXPRESSÃO GRÁFICA EM PROJETOS ARQUITETÔNICOS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Representação e expressão gráfica para projetos de arquitetura. O croqui, perspectivas e vistas axonométricas aplicadas à elaboração e comunicação projetual.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Explorar e ampliar o conhecimento prático de técnicas de expressão gráfica em relação à prática projetual. Comparar e trabalhar variadas formas e estilos de representação utilizados por expoentes da profissão, enfatizando a visualização de espaço, volume e propósito projetual no contexto da arquitetura e do urbanismo.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CHING, Francis. <b>Desenho para arquitetos</b>. Porto Alegre: Bookman, 2012. DOYLE, Michael. <b>Desenho a cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores</b>. São Paulo: Bookman, 2002. LEGGIT, Jim; SALVATERRA, Alexandre. <b>Desenho de arquitetura</b>. Porto Alegre: Bookman, 2004.</p>			

**Bibliografia Complementar:**

FARRELLY, Lorraine. **Técnicas de Representação**. São Paulo: Bookman, 2011.  
IFA. **Arquitetura na História em Quadrinhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.  
PARRAMON, E. **Fundamentos do Desenho artístico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
SCHENK, Leandro. **Os croquis na concepção arquitetônica**. São Paulo: Annablume, 2010.  
TIBURI, Marcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/ Desenho**. São Paulo: SENAC, 2010.

Nome da disciplina: <b>REPRESENTAÇÃO TÉCNICA EM ARQUITETURA I</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Sistemas de representação especializados da arquitetura e seus códigos. Plantas baixas, cortes, elevações, planta de locação e cobertura, planta de situação. Diagramas e vistas isométricas. Informática aplicada ao projeto e à representação deste.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Aprofundar o domínio das técnicas e convenções de representação gráfica de projetos de arquitetura. Aprimorar o traço e a capacidade de desenhar. Coordenar as capacidades de desenho manual com o uso mais avançado de ferramentas digitais.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ABNT. <b>Coletânea de normas de desenho técnico</b>. São Paulo: SENAI, 1990. MOTENEGRO, G. <b>Desenho Arquitetônico</b>. São Paulo: Edgar Blucher, 1978. OBERG, L. <b>Desenho Arquitetônico</b>. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CHING, F; JUROSZEK, S. <b>Desenho para Arquitetos</b>. Porto Alegre: Bookman, 2012. CHING, F. <b>Representação Gráfica em Arquitetura</b>. Porto Alegre: Bookman, 2000. FARRELLY, L. <b>Técnicas de Representação</b>. São Paulo: Bookman, 2011. LEGGIT, J. <b>Desenho de arquitetura: técnicas e atalhos que usam tecnologia</b>. Porto Alegre: Bookman, 2004. MEDEIROS, L. <b>Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando</b>. Santa Maria: sCHDs Editora, 2004.</p>			
Nome da disciplina: <b>PROJETOS BIM NA ARQUITETURA</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1

Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 45	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Fundamentos e conceitos da Modelagem Paramétrica e da metodologia BIM (Building Information Modeling) para concepção e representação de projetos arquitetônicos. Ferramentas, compatibilização de projetos complementares e interoperabilidade. Normas e leis aplicáveis. Situação do BIM no Brasil e no mundo, tendências, vantagens, dificuldades e limitações. Exemplos (casos) de projetos BIM na arquitetura. Desenvolvimento prático com software Autodesk Revit Architecture (versão educacional).

**Bibliografia básica:**

EASTMAN, C. et al. **Manual de BIM**. Porto Alegre: Bookman, 2014.  
FLORIO, W. Contribuições do Building Information Modeling no processo de projeto em arquitetura. **III Encontro de Tecnologia da Informação na Construção Civil**, Anais, Porto Alegre, 2007.

**Bibliografia complementar:**

COATES, P. et al. The limitations of BIM in the architectural process. **International Conference on Sustainable Urbanism**, 1, Anais, Hong Kong, 2010.  
EASTMAN, Chuck et al. **BIM handbook**. Hoboken: J. Wiley & Sons, 2010.  
PRATINI, E.; SILVA JR., E. (Org.). **Criação, representação e visualização digitais**. Brasília: UNB, 2012.

Nome da disciplina: <b>TÉCNICAS DE GEOPROCESSAMENTO APLICADAS NA LEITURA DA PAISAGEM URBANA</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo II			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: não há	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Introdução ao Sistema de Informação Geográfica (SIG). Geoprocessamento aplicado à leitura da paisagem urbana. Tipos de dados espaciais e banco de dados. Métodos para obtenção de dados cartográficos públicos. Transformação de dados em DXF para dados SHAPE. Georreferenciamento de imagens. Elaboração de mapas temáticos. Simulações e análises da paisagem urbana.

**Bibliografia básica:**

FITZ, P. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.  
LANG, S. et al. **Análise da paisagem com SIG**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.  
SOUSA JR., A. et al. **Geoprocessamento e análise do espaço urbano**. Ponta Grossa: Atena, 2020.

Bibliografia complementar:

MIRANDA, J. **Fundamentos de sistemas de informações geográficas**. Brasília: EMBRAPA, 2015.  
MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2013.  
MOURA, A. **Geoprocessamento na Gestão e Planejamento Urbano**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.  
MOURA, A. **Tecnologias de Geoinformação para Representar e Planejar o Território Urbano**. Rio de Janeiro: Interciência, 2016.  
FERREIRA, G. **Moderno Atlas Geográfico**. Curitiba: Moderna: 2016.

Nome da disciplina: <b>REPRESENTAÇÃO TÉCNICA EM ARQUITETURA II</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há

Ementa:

Sistemas de representação especializados de projetos de arquitetura e seus códigos. Ferramentas da informática aplicadas à representação gráfica da arquitetura.

Objetivos:

Aprofundar o domínio das ferramentas digitais de representação gráfica em arquitetura e urbanismo, coordenando-as criativamente com o desenho manual e croquis.

Bibliografia Básica:

ABNT. **Coletânea de normas de desenho técnico**. São Paulo: SENAI.  
MOTENEGRO, Gildo. **Desenho Arquitetônico**. São Paulo: Edgar Blucher.  
OBERG, L. **Desenho Arquitetônico**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Bibliografia Complementar:

CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. **Desenho para Arquitetos**. Porto Alegre: Bookman, 2012.  
CHING, Francis. **Representação Gráfica em Arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2000.  
FARRELLY, Lorraine. **Técnicas de Representação**. São Paulo: Bookman, 2011.  
LEGGIT, Jim. **Desenho de arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2004.  
MEDEIROS, Lúgia. **Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando**. Santa Maria: sCHDs Editora, 2004.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURA, CIDADE, RELAÇÕES ÉTNICAS E DE GÊNERO</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1

Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 25	Carga horária prática: 5	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A segregação socioespacial e sua relação com a segregação racial e de gênero. O desenho androcêntrico e racista das cidades: espaço público para os homens; o espaço doméstico para as mulheres; os bairros periféricos para os negros. Racismo territorial. Racismo Ambiental. A casa, a família e as distinções de gênero no espaço doméstico. Feminismo.</p> <p><b>Objetivos:</b></p> <p>Fomentar a reflexão e o debate sobre as demarcações socioespaciais na sociedade e o papel da arquitetura e do urbanismo em reforçá-las ou refutá-las.</p> <p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>CORTÉS, José. <b>Políticas do Espaço</b>. São Paulo: Senac, 2008. DAVIS, Ângela. <b>Mulheres, Raça e Classe</b>. São Paulo: Boitempo, 2016 GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. <b>Racismo Territorial</b>. São Paulo: Paco Editorial, 2021. GONZAGA, Terezinha. <b>A cidade e a arquitetura também mulher</b>. São Paulo: Annablume, 2011. HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. <b>Racismo Ambiental</b>. Rio de Janeiro: FASE, 2006.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ANJOS, Rafael. <b>Quilombos: Geografia Africana</b>. Brasília: Mapas Ed &amp; Consultoria, 2009. CAMACHO, Juana. <b>De montes, ríos y ciudades</b>. Fundación Natura, 1999. CARNEIRO, Sueli. <b>Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil</b>. São Paulo: Selo Negro, 2011. CEVEDIO, Monica. <b>Arquitectura y Género</b>. Barcelona: Icaria, 2010 CUNHA Jr. Henrique. <b>Espaço Público, Urbanismo e Bairros Negros</b>. Curitiba: Appris, 2020. CURIEL, Ochy. <b>La nación heteronormativa</b>. Bogotá: Brecha Lésbica, 2013. ESPEL, Carmen. <b>Heroínas del espacio</b>. Valencia: Generales de la Construcción, 2006 ESPÍRITO SANTO, Maria. <b>Vasos Sagrados. Mitos Indígenas Brasileiros e o Encontro com o Feminino</b>. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. FEDERICI, Sílvia. <b>Calibã e a Bruxa</b>. São Paulo: Elefante, 2017. FERREIRA, Claudio (org). <b>Debate Social e Construção do Território</b>. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 91. Coimbra: CES, 2010. GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. <b>Lugar de Negro</b>. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. GONZALEZ, Lélia. <b>Por um Feminismo Afro-latino-americano</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. HIDSON-WEEMS, Cleonora. <b>Mulherismo Africana</b>. São Paulo: Ananse, 2020. HOOKS, Bell. <b>Ensinando a Transgredir</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2017. HOOKS, Bell. <b>Olhares Negros</b>. São Paulo: Elefante, 2019. KERN, Leslie. <b>Cidade feminista</b>. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. KILOMBA, Grada. <b>Memórias da Plantação</b>. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LANDER, Edgardo (Org.). <b>A colonialidade do saber</b>. Buenos Aires: CLACSO, 2005. LOEB, Rodrigo; LIMA, Ana. <b>Cidade, gênero e infância</b>. São Paulo: Romano Guerra, 2022. MATOS, Denis. <b>A casa do velho</b>. Salvador: Edufba, 2019. MOASSAB, Andréia; BASTOS, Tiago. <b>Direito ao território no Quilombo Apepu. Caderno MALOCA n.01</b>, Foz do Iguaçu, setembro de 2020.</p>			

MOASSAB, Andréia; SANTOS, Maurício. Dicionário de Arquitetura de Terreiros. **Caderno MALOCA n.02**, Foz do Iguaçu, março de 2021.  
MOASSAB, Andréia. **Brasil Periferia(s)**. São Paulo: EDUC, 2012.  
MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020. Disponível: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso 21/08/23.  
MÜLLER, Cíntia; CHAGAS, Miriam. **Dinâmicas de Cidadania**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.  
MUXI, Zaida. **Mujeres, casas y ciudades**. Barcelona: Dpr, 2018.  
SCHNEIDER, Graziela. **A revolução das mulheres**. São Paulo: Boitempo, 2017.  
SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Barcelona: Ariel, 2021.

Nome da disciplina: <b>EXPRESSÃO GRÁFICA EM PROJETOS URBANOS E PAISAGÍSTICOS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Representação e expressão gráfica para projetos na escala da paisagem e do desenho urbano. O croqui, perspectivas e vistas axonométricas aplicadas à elaboração e comunicação projetual.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Introduzir técnicas de expressão gráfica em escala paisagística e urbana. Comparar e trabalhar variadas formas e estilos de representação utilizados por expoentes da profissão, enfatizando a visualização de espaço, volumetria e propósito projetual no contexto do urbanismo e paisagismo.</p>			
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CHING, Francis; JUROSZEK, Steven. <b>Desenho para Arquitetos</b>. Porto Alegre: Bookman, 2012. FARRELLY, Lorraine. <b>Técnicas de Representação</b>. São Paulo: Bookman, 2011. LEGGIT, Jim. <b>Desenho de arquitetura</b>. Porto Alegre: Bookman, 2004.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ABBUD, Benedito. <b>Criando Paisagens</b>. São Paulo: Senac, 2006. DOYLE, Michael. <b>Desenho a cores</b>. São Paulo: Bookman, 2002. PARRAMON, E. <b>Fundamentos do Desenho artístico</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2008. SCHENK, Leandro R. <b>Os croquis na concepção arquitetônica</b>. São Paulo: Annablume, 2010. TIBURI, Marcia; CHUÍ, Fernando. <b>Diálogo/ Desenho</b>. São Paulo: SENAC, 2010.</p>			



Nome da disciplina: <b>ARQUITETURAS INDÍGENAS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 25	Carga horária prática: 5	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>A diversidade da disposição territorial das comunidades indígenas. A distribuição espacial dos espaços de morar. Os espaços comuns. Materiais e técnicas construtivas. Tecnologia indígena. O direito ao território. Povos indígenas na América Latina e a luta pela terra. A relação coletiva e não mercantilista com o espaço e com o território. Arquitetura e preservação ambiental. Direito humano a um ambiente limpo, saudável e sustentável.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Valorizar a arquitetura indígena. Aprofundar o debate sobre temporalidade, valor imaterial e o saber-fazer na arquitetura. A distribuição espacial como estratégia. A relação com o ambiente e com os materiais. Ampliar o conhecimento sobre tecnologia indígena e seus hábitos espaciais. Conscientizar o e a estudante sobre a luta pela demarcação das terras indígenas e sobre a preservação da natureza integrante do <i>ethos</i> indígena.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>BRIGHENTI, Clóvis; HECK, Egon. <b>O Movimento Indígena no Brasil</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2021.          FAUSTO, Carlos. <b>Os Índios Antes do Brasil</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.          KRENAK, Ailton. <b>Ideias para adiar o fim do mundo</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.          PORTOCARRERO, José. <b>Tecnologia Indígena em Mato Grosso: Habitação</b>. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.          VAN LENGEN, Johan. <b>Arquitetura dos Índios da Amazônia</b>. São Paulo: B4, 2013.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. <b>A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.          ALMEIDA, Alfredo et al. (org.). <b>Povos e comunidades tradicionais</b>. Manaus: UEA, 2013.          AMOROSO, Marta et al. <b>Paisagens ameríndias</b>. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.          AMOROSO, Marta. <b>Terra de índio</b>. São Paulo: Terceiro Nome, 2015.          BRIGHENTI Clóvis; OLIVEIRA, Osmarina. <b>Imagem e memória dos Avá-Guarani paranaenses</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2016          CEPAL. <b>Os povos indígenas na América Latina</b>. Santiago: CEPAL, 2015.          ESBELL, Jaider. <b>Moquém Surari - Arte Indígena Contemporânea</b>. São Paulo: MAM, 2021.          GALLOIS, C. <b>Wajãpi rena: roças, pátios e casas</b>. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2002.          KADIWÉU, Idjahure. <b>Tembetá: conversas com pensadores indígenas</b>. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.          KRENAK, Ailton. <b>A Vida Não é Útil</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.          KRENAK, Ailton. <b>O amanhã não está à venda</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2020          KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. <b>Lugares de Origem</b>. São Paulo: Jandaíra, 2021          LUCIANO, Gersen. <b>Os índios do Brasil</b>. Brasília: MEC, 2006.</p>			

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite**. São Paulo: Peirópolis, 2001.  
RICARDO, Fany. **Povos Indígenas no Brasil 2011/2016**. São Paulo: ISA, 2017.  
TERENA, Nani et al. **Véxoa: Nós sabemos**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2020.  
VALE, Raul. **Desmatamento evitado (REDD) e povos indígenas**. São Paulo: ISA, 2010.  
VELAZQUEZ, Amadeo. **Pueblo Enxet: la búsqueda de una tierra**. Asunción: Fondec, 2005.  
VIDAL, Lux. **Grafismo Indígena**. São Paulo: Studio Nobel, 2007.

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURAS AFRO-LATINAS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 25	Carga horária prática: 5	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Materiais e tecnologias construtivas de origem africana na América Latina. Racismo territorial. Racismo ambiental. Valorização do saber construtivo da população negra. Arranjos espaciais da população negra. Arquitetura e territórios de quilombos, mocambos, palenques, cimarrones. Territórios e espaços afrorreligiosos. Arquitetura ribeirinha. Comunidades extrativistas; piscatórias; marisqueiras; sertanejas e outras. Arquitetura, identidades e etnicidades.

**Objetivos:**

Problematizar as invisibilidades deliberadas produzidas na literatura dominante em arquitetura e urbanismo sobre tecnologias, materiais e espacialidades da população negra trazida forçadamente para as américas. O sistema de produção de sentidos e a exclusão das pessoas negras na arquitetura latino-americana, tanto da sua produção atual e contemporânea, quanto sua colaboração para a história da arquitetura. A relevância do tema para o debate da produção arquitetônica contemporânea e o ensino de arquitetura.

**Bibliografia básica:**

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.  
GOMES, Aramis; MELLO, Leonardo. **Racismo Territorial**. São Paulo: Paco Editorial, 2021.  
HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. **Racismo Ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, 2006.  
PAIXÃO, Marcelo. **A lenda da modernidade encantada**. Curitiba: CRV, 2020.  
WEINER, Gunter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014.

**Bibliografia complementar:**

ALMEIDA, Alfredo et al (org.). **Caderno de debates Nova Cartografia Social da Amazônia**. Manaus: UEA, 2012.  
ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Madrid: Capitán Swing, 2016  
BARRETO, Demis. **Arquitetura Popular do Brasil**. Bom Texto, 2010.  
BELTRAMIN, Fabiana. **Sujeitos Iluminados**. São Paulo: Alameda, 2013.  
CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011  
CHIVALLON, Christine. **La diaspora noire des Amériques**. Paris: Éditions du CNRS, 2004.

DOURADO et al. (org). **Patrimônio cultural**. Manaus: UEA, 2013.  
FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.  
GOMES JR, Jackson et al. **Paraná Negro**. Curitiba: FUNPAR, 2012.  
HEIM, Bruno et al. (org). **Direitos dos povos de terreiro**. Salvador: Eduneb, 2018.  
HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. **Racismo Ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, 2006.  
MAESTRI, Mário. **O Sobrado e o Cativo**. Passo Fundo: UPF, 2001.  
MAGLIA, Graciela; MONINO, Yves. San Basilio de Palenque.  
MATOS, Denis. **A casa do velho**. Salvador: Edufba, 2019.  
MOURA, Clóvis. **Quilombos**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.  
SCHAVELZON, Daniel. **Buenos Aires Negra**. Buenos Aires: Emece Editores, 2003.  
SHIRAISHI NETO, Joaquim (org.) **Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil**. Manaus: UEA, 2007.  
SLENES, Robert. **Na Senzala Uma Flor**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.  
WEINER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Nome da disciplina: <b>PROGRAMAÇÃO E DESIGN COMPUTACIONAL PARA ARQUITETURA</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo I; Arquitetura III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 15	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Definições sobre o uso computacional em concepção e desenvolvimento de projetos de arquitetura. Introdução à programação para arquitetura através de linguagens de programação visual para CAD e BIM. Uso de ferramentas de simulação e otimização de projetos. Visualização e extração de dados de projeto através da programação.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Introdução ao pensamento em algorítmico de projeto e noções básicas de programação visual para CAD e BIM. Familiarizar o discente com os métodos, processos e ferramentas para aplicar o potencial computacional em projetos de arquitetura e design.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>MITCHELL, W.; CELANI, G. <b>A lógica da arquitetura: projeto, computação e cognição</b>. Unicamp, 2008. TERZIDIS, K. <b>Algorithmic Architecture</b>. First Edit ed. Oxford: Elsevier, 2006. WOODBURY, R. <b>Elements of parametric design</b>. Nova York: Routledge, 2010.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>TEDESCHI, A. <b>Parametric Architecture with Grasshopper</b>. Brienza: Le Penseur, 2011.</p>			

Nome da disciplina: <b>ARQUITETURAS SUBJETIVAS – ENSAIOS PROJETUAIS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Crítica e História da Arquitetura e da Cidade I			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 5	Carga horária prática: 25	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Tratar da subjetividade no processo projetual em arquitetura através do desenvolvimento de ensaios/estudos preliminares com temas de livre escolha sob três eixos condutores: Arquitetura da Forma, Arquitetura do Sentimento e Arquitetura Fantástica, abordando temas como Gestalt do Objeto, Semiótica e a Fenomenologia do Espaço. A utilização de conceitos, que se relacionam às ambiências e subjetividade em arquitetura, como subsídio à formulação de projetos arquitetônicos diversos.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Auxiliar no desenvolvimento do processo projetivo discente quanto a materialização e espacialização de conceitos subjetivos, através de ensaios projetuais e seminários expositivos.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>BACHELARD, G. <b>A Poética do espaço</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2005. GOMES FILHO, J. <b>Gestalt do objeto</b>. São Paulo: Escrituras, 2000. LIMA, M. <b>Percepção Visual Aplicada a Arquitetura e Iluminação</b>. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b></p> <p>TEIXEIRA NETTO, J. <b>A Construção do Sentido na Arquitetura</b>. São Paulo: Perspectiva, 2002.</p>			

Nome da disciplina: <b>CONFORTO TÉRMICO E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DAS EDIFICAÇÕES</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p>			

Conforto térmico e a eficiência energética das edificações. Arquitetura bioclimática. Design passivo. Qualificação térmica das edificações. Atuação profissional especializada em conforto térmico e a eficiência energética das edificações.

**Objetivos:**

Ampliar as discussões sobre o conforto térmico e a eficiência energética das edificações para complementar a formação de discentes e profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil. Promover a interação e a troca de saberes entre diferentes áreas de conhecimento, no caso específico a Arquitetura e Urbanismo e a Engenharia Civil, em prol de um objetivo que atenda a qualificação térmica das edificações. Possibilitar o contato dos discentes e profissionais locais com especialistas, brasileiros ou estrangeiros, em áreas que envolvam o conforto térmico e a eficiência energética das edificações. Fomentar a ampliação do debate entre o meio acadêmico e profissional.

**Bibliografia básica:**

CORBELLA, O.; CORNER, V. **Manual de Arquitetura Bioclimática tropical para a redução de consumo energético**. Rio de Janeiro: Revan, 2017.  
FROTA, A. B.; SCHIFFER, S. R. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Nobel, 2009.  
FRUTO VIVAS. **Las casas más sencillas**. Caracas: Fundación Imprenta de la Cultura, 2011.  
HOLANDA, A. de. **Roteiro para construir no Nordeste**. Recife: UFPE, 1976.

**Bibliografia complementar:**

BITTENCOURT, L.; CÂNDIDO, C. **Introdução à ventilação natural**. Maceió: Edufal, 2008.  
ROMERO, M. **A arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: UnB, 2016.  
GURGEL, M. **Design Passivo, baixo consumo energético**. São Paulo: Senac, 2012.  
MONTENEGRO, G. **Ventilação e cobertas**. São Paulo: Blucher, 2014.  
VAN LENGEN, J. **O Manual do Arquiteto Descalço**. São Paulo: Empório do Livro, 2008.

Nome da disciplina: <b>DESIGN PARTICIPATIVO E TECNOLOGIA SOCIAL</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 20	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Explorar as potencialidades dos conceitos e debate de ideias que se inserem por uma ação militante de arquitetos, arquitetas, designers e demais militantes na solução de problemas relacionados ao desenho de objetos e mobiliário. Arts and Crafts. Deutsche Werkbund. Bauhaus. VKHUTEMAS. Sociedade de consumo e impacto ambiental. A instrumentalização do design pelo capitalismo. Design social. Tecnologia social. Ecodesign. Economia solidária. Diálogos do Sul.

**Objetivo:**

Compreender a ação participativa, o ativismo e a militância no Design na história e a sobreposição do valor de troca ao valor de uso no produto do design. Dimensionar os problemas ambientais

advindos da atividade projetiva. Colaborar para uma atuação profissional voltada para as demandas sociais.

**Bibliografia básica:**

ESCOBAR, Arturo. **Diseño y Autonomia**. Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.  
JALLAGEAS, Neide; LIMA, Celso. **VKHUTEMAS**. São Paulo: Kinoruss, 2020.  
NEDER, Ricardo. **Teoria Crítica da Tecnologia Experiência Brasileira**. Brasília: UNB, 2013.  
NEDER, Ricardo. **A gambiarra e o panóptico: ensaios CTS sobre a moralidade da tecnologia**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.

**Bibliografia complementar:**

BONSIEPE, Gui. **El diseño de la Periferia**. Mexico: Gustavo Gilli, 1985.  
BOSCH, Eduardo. **Caderno de Propostas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2004.  
BROSE, Markus. **Metodologia Participativa**. Porto Alegre. Tomo. 2010.  
DROSTE, Magdalena. **Bauhaus**. Berlim: Taschen, 1994.  
FERNANDEZ, Silvia; BONSIEPE, Gui. **Historia Del Diseño en América Latina y el Caribe**. Curitiba: Bucher, 2008.  
FUAD-LUKE Alastair. **Design Activism**. Londres: Routledge, 2009.  
GERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.  
NEDER, Ricardo; MORAES, Raquel. **Para onde vai a universidade diante da política de ciência e tecnologia no Brasil?** Brasília: OMTSAL, 2017.  
PAPANEK, Victor. **Design for the real World**. Chicago: Chicago Review Press, 2005.  
PARTER, Ruben. **Políticas do design**. São Paulo: Ubu, 2020.  
SANTOS, Boaventura. **Democratizar a Democracia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.  
SENNET, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Nome da disciplina: <b>MÍDIAS DIGITAIS PARA ARQUITETURA E URBANISMO</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Expressão e Comunicação em Mídias Digitais			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 03
Área: Cinema e Audiovisual			Oferta: ILAACH
Carga horária total: 45	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 30	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A cultura digital e suas possibilidades: arte digital, vídeo, net-arte. Narrativas a partir de fotografia, vídeo e/ou animação como meio de registro, representação e memória para projetos voltados para o campo da arquitetura e urbanismo. Roteiro e suas características a partir da mídia utilizada. Documentação e suas ferramentas: storyboard, storyreel, timeline, interação entre as mídias. As mídias digitais como possibilidade de criação artística em arquitetura e urbanismo.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Ampliar o repertório técnico do aluno para o uso das mídias digitais em arquitetura e urbanismo, especialmente fotografia, vídeo e/u animação. Aprofundar seus conhecimentos em roteiro para diferentes mídias. Apresentar ao aluno as ferramentas de documentação e apresentação de um</p>			



roteiro: storyboard, storyreel, timeline. Aprofundar os procedimentos e as dinâmicas de interação entre as mídias.

**Bibliografia Básica:**

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.  
MELLO, Chistine. **Extremidades do Vídeo**. São Paulo: Senac, 2008.  
SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

**Bibliografia Complementar:**

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.  
DOMINGUES, Diana. **Arte, ciência e tecnologia**. São Paulo: UNESP, 2009.  
MOASSAB, Andréia. **Brasil Periferia(s)**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2012.  
NAME, Leonardo. **Geografia Pop: o Cinema e o Outro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.  
PEIXOTO, Nelson. **Intervenções Urbanas: Arte/Cidade**, São Paulo: Senac, 2002.

Nome da disciplina: <b>PLANEJAMENTO URBANO, MULHERES E POPULAÇÃO LGBTQIAP+</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30 /1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Colonialidade e descolonização. Pensamento decolonial. Lutas em defesa do território. Questões étnico-raciais, pensamento e prática sobre a cidade. Abordagens de gênero. Interseccionalidade no pensamento e prática sobre a cidade. Corpo enquanto escala de análise. Mulheres e população LGBTQIAP+. Contribuições do feminismo, da luta antirracista e do planejamento em contexto de conflitos. Experiências contra-hegemônicas de planejamento. Ferramentas e metodologias cartográficas contra-hegemônicas e sua contextualização no campo dos ativismos digitais.

**Objetivos:**

Aproximar estudantes do campo dos estudos de gênero relacionado ao planejamento urbano e às cidades. Apresentar a importância do tema para os mais diferentes setores da sociedade contemporânea. Conformar um olhar crítico sobre o planejamento urbano e sua relação com questões relativas às mulheres e à população LGBTQIAP+ nos diversos contextos culturais e econômicos presentes na América Latina.

**Bibliografia básica:**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Civilização Brasileira, 2003.  
CORTÉS, José. **Políticas do Espaço**. São Paulo: Senac, 2008.  
GONZAGA, Terezinha. **A cidade e a arquitetura também mulher**. São Paulo: Annablume, 2011.  
MELO, Paula et al (orgs). **Descolonizar o feminismo**. Brasília: IFB, 2021

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e Política**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.

Bibliografia complementar:

CAMACHO, Juana. **De montes, ríos y ciudades: Territorios e identidades de la gente negra en Colombia**. Fundación Natura, 1999.

FERREIRA, Claudio (org). Debate Social e Construção do Território. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 91. Coimbra: CES, 2010.

LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MÜLLER, Cíntia; CHAGAS, Miriam. **Dinâmicas de Cidadania: Abordagens Etnográficas sobre a Diversidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

NADER, Maria Beatriz. **Gênero e racismo**. Vitória: Edufes, 2014.

NASCIMENTO, Alcileide; LUZ, Noemia. **As Mulheres na Cidade do Recife**. Recife: Edufrpe, 2015.

TEDESCHI, Antonio. **Hacer historia de una frontera: mujeres, géneros, feminismos**. Dourados: UFGD, 2018.

Nome da disciplina: <b>PROJETO COMPUTACIONAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS: USO E CRÍTICA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Desenho Projetivo I; Arquitetura III			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Contexto histórico e estado da arte do uso de computação em projetos de arquitetura. Pensamento computacional e tecnologias digitais aplicadas ao desenvolvimento de projeto, representação e produção arquitetônica na América-Latina e Caribe. Potencialidades e limitações das ferramentas computacionais no âmbito do Sul Global e das logics de mercantilização de soluções de projetos.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Situar o alunado sobre potenciais e limitações das ferramentas computacionais, à luz das revisões epistemológicas para pensar a partir do sul global. Fomentar discussões analítico-críticas acerca da aplicação tecnológica e sua mística do desenvolvimento.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>ARANTES, Pedro. <b>Arquitetura na era digital-financeira</b>. São Paulo: 34, 2012.</p> <p>SANTOS, Boaventura. <b>A cruel pedagogia do vírus</b>. São Paulo: Boitempo, 2020.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>MITCHELL, William. <b>A lógica da arquitetura: projeto, computação e cognição</b>. Campinas: Unicamp, 2008.</p> <p>SANTOS, Boaventura. <b>Conhecimento prudente para uma vida decente</b>. São Paulo: Cortez, 2018.</p>			

Nome da disciplina: <b>TERRITÓRIOS, ESPACIALIDADES E ARQUITETURAS DA FRONTEIRA TRINACIONAL</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 20	Carga horária prática: 10	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Povos originários na região fronteiriça. As disputas e formação das fronteiras nacionais. Fluidez, trânsitos e cotidianos fronteiriços. A relação entre as três cidades ontem e hoje. Os impactos da construção de Itaipu. A expulsão de camponeses e indígenas na formação do lago. Direitos humanos e políticas públicas na fronteira. Os hábitos de morar dos povos da fronteira.</p> <p><b>Objetivos:</b></p> <p>Valorizar a história da região trinacional; conscientizar sobre a formação e disputas em torno do território fronteiriço. Envolver os e as estudantes nos debates sobre os impactos da construção da Usina de Itaipu no território e nas populações que aqui residiam. Fomentar uma necessária compreensão integrada da região para o desenvolvimento de políticas públicas transnacionais e o acesso a direitos.</p> <p><b>Bibliografia básica:</b> MOASSAB, Andréia; VETTORAZZI, Egon. <b>Morar na Barranca: Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região trinacional</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2019. PORTO, Liliana et al. (org). <b>Memórias dos povos do campo no Paraná Centro-Sul</b>. Curitiba: ITCG, 2013.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b> BRIGHENTI Clovi; OLIVEIRA, Osmarina. <b>Imagem e memória dos Avá-Guarani paranaenses</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2016 COLOGNESE, Silvío; CARDINI, Eric. <b>As ciências sociais nas fronteiras</b>. Cascavel: JB, 2014. MACHADO, Ada; GUIMARÃES, Isabel. <b>Mídia, noticiabilidade e ambivalência</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2016. MOASSAB, Andréia e BASTOS, Tiago. <b>Direito ao território no quilombo Apepu</b>. Caderno Maloca n.1. Foz do Iguaçu: Grupo Maloca, 2020. MOASSAB, Andréia e SANTOS, Maurício. <b>Dicionário de arquitetura de terreiros</b>. Caderno Maloca n.2. Foz do Iguaçu: Grupo Maloca, 2021. OLIVEIRA, Nara. <b>Foz do Iguaçu intercultural</b>. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012.</p>			
Nome da disciplina: <b>ARQUITETURAS E CIDADES AFRICANAS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Arquitetura, Cidade e Sociedade na América Latina			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02

Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há
<p>Ementa:</p> <p>Panorama das arquiteturas e cidades africanas, com ênfase em questões contemporâneas e na África sub-sahariana. O uso dos materiais, os hábitos de morar, a adaptação ao clima. As contradições da arquitetura moderna em África. Arquitetura e colonialismo. Arquitetura e pós-colonialismo. A genealogia das cidades africanas do pré ao pós-colonial. Arquitetos africanos. Arquitetas africanas.</p>			
<p>Objetivos:</p> <p>Introduzir o aluno e a aluna no universo da arquitetura e cidades africanas, com o intuito de ampliar o horizonte do seu repertório. Problematicar as invisibilidades deliberadas produzidas na literatura dominante em arquitetura e urbanismo. A relevância da arquitetura africana para o debate contemporâneo. As questões tangenciais ao contexto latino-americano. Diálogos do sul.</p>			
<p>Bibliografia básica:</p> <p>BRUSCHI, Sandro. <b>Campo e Cidades da África Antiga</b>. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2001. ELLEH, Nnamdi. <b>Architecture and Power in Africa</b>. Westport: Praeger, 2002. MBEMBE, Achille. <b>On The Postcolony</b>. Berkeley: University of California Press, 2001. LOKKO, Lesley. <b>White papers, black marks: Architecture, Race, Culture</b>. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2008.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ANTONACCI, Celia. <b>Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea</b>. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021. ELLEH, Nnamdi. <b>African Architecture: Evolution and Transformation</b>. s/l: McGraw-Hill Professional, 1996. FERNANDES, José et al. <b>Angola no Século XX</b>. Lisboa: Printer Portuguesa, 2010. FERNANDES, José et al. <b>Moçambique 1875/1975</b>. Lisboa: Printer Portuguesa, 2010. FREUND, Bill. <b>The African City</b>. Nova York: Cambridge University Press, 2008. MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês. <b>Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Mocambique 1948-1975</b>. Lisboa: Tinta da China, 2009. MEUSER, Phillip; DALBAI, Adil. <b>Sub-saharian Africa: Architectural guide</b>. Berlim: Dom Publishers, 2021. MOASSAB, Andréia; ANAHORY, Patrícia. <b>Panorama da arquitetura habitacional em Cabo Verde</b>. Praia: UniCV, 2022. MOASSAB, Andréia; BERTHET, Marina. <b>Territórios, cidades e identidades africanas em movimento</b>. Foz do Iguaçu: Edunila, 2023. Disponível: <a href="https://editora.unila.edu.br/edunila/catalog/book/128">https://editora.unila.edu.br/edunila/catalog/book/128</a>. Acesso 21/08/23. PIETERSEN, Edgar; SIMONE, Abdoumalig (org). <b>Rogue Urbanism: Emergent African Cities</b>. Cidade do Cabo: Jacana Media, 2013. SCHAEWEN, Deidi von et al. <b>African Interiors</b>. Berlim: Taschen, 2008.</p>			

Nome da disciplina: <b>ATELIÊ INTEGRADO DE PROJETO DE INTERESSE SOCIAL</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: Expressão e Comunicação em Mídias Digitais			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 15/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Arquitetura e Urbanismo			Oferta: ILATIT
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 15	Carga horária prática: 45	Carga horária em extensão: não há
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Ateliê integrado de urbanismo e arquitetura voltados para população de baixa renda. Reflexão sobre projeto de arquitetura e urbanismo enquanto produto subordinado à organização social. Aspectos legislativos da habitação e espaços urbanos de interesse social. Métodos e práticas participativas em arquitetura e urbanismo. O projeto de habitação, da paisagem, urbanístico e paisagístico em contextos de limitação econômica/material/espacial. Arquitetura de interiores em contextos de limitação econômica/material/espacial. Acessibilidade e desenho universal. Acessibilidade e desenho universal. Direitos humanos. Políticas públicas.</p>			
<p><b>Objetivos:</b></p> <p>Aprofundar as habilidades projetivas para atender as demandas da população de baixa renda no que diz respeito a planejamento de ZEIS, habitação, paisagismo, urbanismo e outros relativos ao exercício da arquitetura e urbanismo.</p>			
<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>DOBRY-PROSANTO, Sylvia. <b>Arquitetura e paisagem, projeto participativo e criação coletiva</b>. São Paulo: Annablume, 2005.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia do Oprimido</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.</p> <p>FRUTO VIVAS. <b>Las casas mas sencillas</b>. Caracas: El Pero y la Rana, 2011.</p> <p>VAN LENGEN, Johan. <b>O Manual do Arquiteto Descalço</b>. São Paulo: Empório do Livro, 2008.</p> <p>LIVINGSTON, Rodolfo. <b>Arquitectos de família</b>. Buenos Aires: Nobuko, 2006.</p> <p>HOLANDA, Armando. <b>Roteiro para construir no nordeste</b>. Recife: Cepe, 2018.</p> <p>GONZAGA, Terezinha. <b>A cidade e a arquitetura também mulher</b>. São Paulo: Annablume, 2011.</p> <p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AIH. <b>Políticas alternativas de vivienda en América Latina y el Caribe</b>. Buenos Aires: Cooperativa Chilavert, 2013.</p> <p>ANGILELI, Cecília. <b>Paisagens Reveladas</b>. São Paulo: Giostri, 2014.</p> <p>ARAVENA, Susana et al. <b>La vivienda, entre el derecho y la mercancía las formas de propiedad en América Latina</b>. Montevideo: Trilce, 2014.</p> <p>BASTOS, Tiago. <b>Autogestão e a luta pela desmercantilização da moradia</b>. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.</p> <p>BROWNE, Enrique. <b>Otra arquitectura en América Latina</b>. Naucalpan: Gustavo Gilli, 1988.</p> <p>CAMPOS, Andreilino. <b>Do Quilombo à Favela</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.</p> <p>CUNHA, Egláisa et al. (orgs). <b>Experiências em Habitação de Interesse Social no Brasil</b>. Brasília: Ministério das Cidades, 2007.</p> <p>FATHY, Hassan. <b>Construindo com o Povo</b>. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.</p>			

FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.  
GONZALEZ, Gustavo. **Una história de FUCVAM**. Montevideo: Trilce, 2013.  
GORDILHO-SOUZA, Ângela. **Limites do Habitar**. Salvador: EDUFBA, 2008.  
HEIN, Cleonice et al. **Mulheres da união em luta**. São Paulo: UMM, 2020.  
LEMONS, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.  
MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020. Disponível: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso 21/08/23.  
HUGUENIN, João. **O território do Homem Comum**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.  
MOASSAB, Andréia; VETTORAZZI, Egon (orgs). **Morar na Barranca: Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região trinacional**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2019.

## **\_DISCIPLINAS OPTATIVAS DO CAU OFERTADAS POR OUTROS CURSOS DA UNILA**

Integram as opções de disciplinas optativas a disciplina LIBRAS, cuja ementa segue abaixo.

Nome da disciplina: <b>LIBRAS</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: não há
Co-requisitos: não há			Créditos: 04
Área: Educação			Oferta: ILAACH
Carga horária total: 60	Carga horária teórica: 60	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

### **Ementa:**

Fundamentos filosóficos e sócio históricos da educação de surdos: História da educação de surdos. Sociedade, cultura e educação de surdos no Brasil. As identidades surdas multifacetadas e multiculturais. Modelos educacionais na educação de surdos. Estudos Linguísticos da língua Brasileira de Sinais: Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares: sistema fonológico, morfológico, sintático e lexical da LIBRAS, bem como, o uso de expressões faciais gramaticais e afetivas (nível iniciante). Didática e Educação de Surdos: Processo de Aquisição da Língua materna (L1) e da Língua Portuguesa (L2) pelo aluno surdo. As diferentes concepções acerca do bilinguismo dos surdos. O currículo na educação de surdos. O processo avaliativo. O papel do intérprete de língua de sinais na sala de aula. Legislação e documentos. Prática de compreensão e produção da LIBRAS, através do uso de estruturas em funções comunicativas: Morfologia, sintaxe, semântica e a pragmática da LIBRAS. Aprimoramento das estruturas da LIBRAS. Escrita de sinais. Análise reflexiva da estrutura do discurso em língua de sinais e da variação linguística (nível intermediário).



**Objetivo:**

Ampliar a capacidade comunicativa do alunado. Apresentar a comunidade surda e muda, eliminando barreiras de comunicação em todos os níveis da população. Garantir um diálogo mais assertivo e justo com a diversidade de pessoas da sociedade. Desenvolver a capacidade de pensar gestual e visualmente.

**Bibliografia básica:**

BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.  
CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2**. São Paulo: EDUSP, 2001.  
QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

**Bibliografia complementar:**

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.  
FERNANDES, Eulália. **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.  
GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 1997.  
MOURA, Marília et al. **Educação para surdos**. São Paulo: Editora Santos, 2008.  
SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

Nome da disciplina: <b>ESTADO, INDUSTRIALIZAÇÃO E SOCIEDADE</b>			Semestre letivo: não há
Pré-requisitos: não há			Nº máximo de alunos/as/professor/a: 30/1
Co-requisitos: não há			Créditos: 02
Área: Ciência Política e Sociologia			Oferta: ILAESP
Carga horária total: 30	Carga horária teórica: 30	Carga horária prática: não há	Carga horária em extensão: não há

**Ementa:**

Dos processos de independência na América Latina até a construção da Nova Ordem Mundial. As transformações na economia, política e sociedade nos séculos XIX e XX. Formação dos Estados-Nações. Industrialização e avanço imperialista do capitalismo. Revolução Russa. Regimes totalitários. II Guerra Mundial. Guerra Fria. A industrialização dependente da América Latina. Impérios coloniais contemporâneos na África e na Ásia. América Latina e o Ocidente na época contemporânea.

**Objetivos:**

Fornecer aos alunos e alunas uma visão geral das principais transformações do mundo contemporâneo à luz de uma abordagem múltipla (histórica, sociológica, política, econômica) entre os séculos XIX e XXI, com ênfase nos processos de industrialização e na geopolítica do capital. Compreender a estruturação e definição das condicionantes históricas e materiais da realidade contemporânea, com especial atenção para os principais fatos relacionados ao ambiente construído latino-americano.

**Bibliografia básica:**

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina, a América Latina após 1930**. São Paulo/Brasília: Edusp-FUNAG, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. São Paulo, Global Editora, 2021.

HOBSBAWM, Eric. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

PAIXÃO, Marcelo. **A lenda da modernidade encantada**. Curitiba: CRV, 2020.

Bibliografia complementar:

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. São Paulo: UNESP, 1996.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

BORON, Atilio. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina**. s/l: CLACSO, 2003. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/>>.

DABÈNE, Oliver. **América Latina no século XX**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

FERRO, Marc. **História das Colonizações**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PRADO, Fernando. **A ideologia do desenvolvimento**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.



---

**PROJETO DE CURSO Nº 1/2025 - CAU (10.01.06.04.04.03.01)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

**(Assinado digitalmente em 10/11/2025 19:20 )**

**GABRIEL RODRIGUES DA CUNHA**

**COORDENADOR(A) DE CURSO - TITULAR**

**CAU (10.01.06.04.04.03.01)**

**Matrícula: ###389#1**

Visualize o documento original em <https://sig.unila.edu.br/documentos/> informando seu número: **1**, ano: **2025**, tipo:  
**PROJETO DE CURSO**, data de emissão: **10/11/2025** e o código de verificação: **b6c1b044e5**